

**Sarah Teixeira Soutto Mayor**

**O CARNAVAL DE OURO PRETO:**  
mercado e tradição (1980-2011)

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

2012

**Sarah Teixeira Soutto Mayor**

**O CARNAVAL DE OURO PRETO:**

mercado e tradição (1980-2011)

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação - Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação

Linha de pesquisa: Lazer, História e Memória

Orientador: Dr. Victor Andrade de Melo

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

2012

M473c Soutto Mayor, Sarah Teixeira  
2012 O carnaval de Ouro Preto: mercado e tradição (1980-2011). [manuscrito] / Sarah Teixeira Soutto Mayor– 2012.  
201 f., enc.:il.

Orientador: Victor Andrade de Melo

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 189-201

1. Lazer - Teses. 2. Carnaval - Teses. 3. Ouro Preto (MG) – Teses. 4. Mercado – Teses. 5. Turismo – Teses. I. Melo, Victor Andrade de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.  
III.Título.

CDU: 379.8(815.1)

**Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer**  
Área Interdisciplinar

---

Dissertação intitulada *O carnaval de Ouro Preto mercado e tradição (1980-2011)* de autoria da mestranda **Sarah Teixeira Soutto Mayor** defendida e aprovada em 29 de fevereiro de 2012, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Victor", written over the printed name.

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (Orientador)  
Escola de Educação Física e Desportos  
Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFMG

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Helder", written over the printed name.

Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
Universidade Federal de Minas Gerais

A handwritten signature in black ink, appearing to read "M. Rosa", written over the printed name.

Profa. Dra. Maria Cristina Rosa  
Departamento de Educação Física.  
Universidade Federal de Ouro Preto

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus irmãos e, em especial, à minha mãe, pelo apoio incondicional e pela presença iluminada em todos os momentos deste trabalho.

Ao Professor Victor, pela orientação atenciosa e afetuosa e pela grande contribuição à minha formação acadêmica.

Aos pesquisadores e amigos do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF-UFMG), por me acolherem neste espaço tão rico em conhecimentos e experiências.

Aos integrantes do Projeto “Educação dos sentidos na história: o tempo livre como possibilidade de formação”, pelo aprendizado que este grupo me proporcionou e me proporciona e pelas contribuições valiosas ao meu trabalho.

Aos funcionários da Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa e aos funcionários do jornal O Liberal, pela receptividade e disponibilidade em me ajudar durante a pesquisa.

À Cinira, secretária do curso, pelo cuidado, carinho e atenção durante todo o processo.

E por fim, agradeço aos grandes amigos que fiz no mestrado, em especial, à Carol, Sheyla, Bira, Léo, Aline e Giselle, pela partilha de conhecimentos, histórias, angústias e, principalmente, pelos encontros, viagens, festas e conversas jogadas fora nos botecos e em cada cantinho da UFMG. Com certeza, estas pessoas fizeram cada dia desse mestrado valer mais à pena.

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo compreender as principais transformações do carnaval da cidade de Ouro Preto, em um período compreendido entre os anos de 1980 e 2011, relacionadas, especialmente, às iniciativas mercadológicas percebidas ao longo dessas três décadas e aos discursos vinculados à ideia de tradição. A escolha da temporalidade da pesquisa observou acontecimentos específicos da cidade de Ouro Preto, como a sua elevação à Patrimônio Cultural da Humanidade em 1980, e um contexto mais amplo de inserção da festa, como a consolidação, a partir da década de 1990, das indústrias do lazer e do entretenimento no Brasil. Para o alcance do objetivo proposto, foi realizada pesquisa bibliográfica, por meio do diálogo com referenciais teóricos que abordam questões-chave para a compreensão do objeto, e pesquisa documental. Esta última contou, principalmente, com o estudo de dois jornais: o jornal Estado de Minas, escolhido por sua representatividade no cenário mineiro, e o jornal O Liberal, eleito por ser um dos principais veículos de comunicação da história recente de Ouro Preto. O trabalho foi dividido em três capítulos, observando acontecimentos importantes no carnaval da cidade, que serviram como marcos para pensar as mudanças da festa. Do início dos anos 1980 ao ano de 2011, transformações significativas aconteceram na estrutura do carnaval e nas formas de veiculação pelos jornais. De um carnaval fortemente construído pela população local, vivenciado nas ruas da cidade e com pouca expressão midiática nos anos iniciais da pesquisa, a festa ouro-pretana tornou-se, nos anos 2000, um carro-chefe de veiculação da festa carnavalesca em Minas Gerais. No decurso das três décadas pesquisadas, cresceram, consideravelmente, os investimentos privados na conformação e divulgação do carnaval e a promoção do turismo por meio da festa, ocasionando a necessidade de novas formas de organização e divulgação. Em meio a diversas manifestações criadas ou mantidas na temporalidade estudada, como a janela elétrica, a janela erótica, as escolas de samba e os blocos caricatos, como o Zé Pereira dos Lacaios e a Bandalheira, emergiu, na última década, um novo formato para o carnaval. Com a justificativa inicial de proteção ao patrimônio e de segurança aos foliões, surgiram grandes *shows* promovidos pela Prefeitura Municipal em pontos afastados do centro histórico, culminando na criação do Espaço Folia, em 2006: uma área própria para grandes eventos, privada e com a cobrança de ingressos por meio da aquisição do abadá. Este fato contribuiu para a consolidação da cultura carnavalesca republicana como o principal símbolo da festa na cidade, veiculada como uma de suas mais legítimas tradições. Percebeu-se, pelas fontes, uma forte intenção em tornar o carnaval de Ouro Preto o principal de Minas Gerais e em destacá-lo entre as demais festas do interior brasileiro. Nesse processo, a ideia de tradição, primeiramente ligada a uma noção de antiguidade das manifestações, intrínseca no próprio sentido de existência da festa, passa a servir a três funções principais: justificativa das transformações; elo entre um mercado global que começava a se consolidar na festa e ao passado que a legitimava; e diferencial para um carnaval tornado produto. Assim, pode-se concluir que a ideia de tradição foi essencial para as mudanças percebidas no carnaval da cidade, justamente (e, paradoxalmente) pela imutabilidade conferida ao passado e por certo consenso de que tradição não se discute.

Palavras-chave: Carnaval, Ouro Preto, Mercado, Tradição.

## ABSTRACT

The present work's goal is to comprehend the main transformations of carnival in the city of Ouro Preto related specially to the marketing initiatives perceived over these three decades and to the speeches related to the idea of tradition, in a period between 1980 and 2011. The choice of the research temporality has observed specific events in the city Ouro Preto, such as its promotion to World's Cultural Heritage in 1980, and a broader context of insertion of the party as the consolidation of the leisure and entertainment industries in Brazil in the 1990's. To reach the proposed goal, a literature search was performed through the dialogue with theoretical references that address key issues for understanding the object, and also a documentary research. This last one counted mainly on the study of two newspapers: the *Estado de Minas*, chosen due to its representation in the scenario of Minas Gerais, and the *O Liberal*, elected for being one of the main media of Ouro Preto's recent history. This work was divided in three chapters, noting important events in the city's carnival that served as landmarks to consider the changes in the party. From early 1980 to the year 2011, significant changes occurred in the structure of carnival and in the ways it was published by the papers. From a carnival strongly built by the local population, experienced in the streets of the city and with little media expression in the early years of the research, the party in Ouro Preto became, in 2000, a flagship of the carnival party publication in Minas Gerais. During the three decades surveyed, the private investments in shaping and disseminating the party grew considerably; the promotion of tourism through the party gained a lot of strength, resulting in the need for new forms of organization and dissemination. Among various manifestations created or maintained in the temporality studied, such as the electrical window, the erotic window, the samba schools and the ludicrous blocks (groups) – as *Zé Pereira dos Lacaíos* and the *Bandalheira* – a new format for the party emerged in the last decade. With the initial justification of protecting the heritage and offering security to the revelers, the City came up with big concerts that took place in locations that were far away from the historical center, culminating in the creation of the *Espaço Folia* in 2006, a proper area for larger events, closed and with an entrance fee charged in the form of an *abadá* (a special type of shirt). This fact contributed to the consolidation of the carnival culture held in the students houses as the main symbol of the party in the city, conveyed as one of its most authentic traditions. It was noticed, through the sources, a strong intention of making Ouro Preto's the main carnival in Minas Gerais and highlighting it among the other parties of the Brazilian interior. In this process, the idea of tradition, first linked to a notion of the age of the manifestations, intrinsic in the very meaning of the existence of the party, starts to serve to three main functions: justification of the changes; a link between a global market that was beginning to consolidate itself in the party and the past that legitimized it; differential of a carnival that became a product. Therefore, we can conclude that the idea of tradition was essential for the perceived changes in the city's carnival, precisely (and paradoxically) by the immutability conferred to the past and by some consensus that tradition is not discussed.

Key-words: Carnival, Ouro Preto, Market, Tradition

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
1.1 Percursos metodológicos .....	15
1.2 As fontes e os procedimentos .....	19
1.3 Os jornais como fontes .....	25
1.4 O jornal Estado de Minas .....	29
1.5 O jornal O Liberal .....	32
<b>2 A TRADIÇÃO COMO INTEGRAÇÃO: OS ANOS INICIAIS DA DÉCADA DE 1980</b> <b>.....</b>	<b>36</b>
2.1 Os primeiros anos da década de 1980 e suas principais manifestações .....	42
2.1.1 As escolas de samba .....	43
2.1.2 O Zé Pereira dos Lacaio.....	49
2.1.3 Os bailes nas ruas e nos clubes e os blocos caricatos.....	59
2.2 A coluna “Carnaval etc. e tal” .....	65
<b>3 A TRADIÇÃO COMO IDENTIDADE: MEADOS DA DÉCADA DE 1980 A</b> <b>MEADOS DOS ANOS 1990 .....</b>	<b>75</b>
3.1 O desenvolvimento do turismo e a (re) construção do carnaval.....	78
3.2 Dos clubes para as ruas, dos bailes populares para o som mecânico: A música baiana entra em cena.....	94
3.2.1 A janela elétrica.....	95
3.2.2 A janela erótica.....	98
3.3 O Zé Pereira e as escolas de samba: um reinado a perigo.....	100
<b>4 A TRADIÇÃO COMO PRODUTO: OS ANOS FINAIS DA DÉCADA DE 1990 A</b> <b>2011 .....</b>	<b>108</b>
4.1 A criação do Espaço Folia.....	125
4.2 A invenção de uma nova tradição: a cultura carnavalesca republicana .....	130
4.3 A relação mercado – tradição no carnaval ouro-pretano: tensões .....	147
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>182</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>189</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O início de minhas pesquisas com o carnaval foi motivado, primeiramente, pelo corpo. Na festa ouro-pretana, da qual participo desde criança, a percepção da importância que o corpo adquiria nas relações construídas entre as diversas pessoas, tornando-se um dos principais meios de troca social naquele momento efêmero, unida, posteriormente, à percepção de uma crescente intervenção mercadológica na própria conformação da festa e dos corpos que nela se encontravam, chamavam a minha atenção. Não podia, assim, ignorar as íntimas relações entre a construção de um corpo para a vivência da festa, sobretudo o jovem, relacionado ao próprio mercado que se desenvolvia em Ouro Preto.

Destas inquietações, surgiu a pesquisa intitulada “Lazer, corpo e mercado: um estudo sobre a juventude do carnaval de Ouro Preto”, realizada em 2009, em que procurei compreender como o ideal de juventude relacionava-se a um mercado do divertimento que se expandia em Ouro Preto e como o corpo jovem emergia, assim, como uma das principais mercadorias vendidas/consumidas nesta festa<sup>1</sup>.

Entre propagandas, patrocínios e promessas de diversão, o corpo aparecia ditando os ritmos de uma festa jovem, que se fazia presente, entre outras situações, nas megaproduções baianas e nos abadás fosforescentes que coloriam as ruas. O grande investimento mercadológico percebido no carnaval de Ouro Preto no ano em questão, importado por empresas particulares renomadas e com o apoio da Prefeitura Municipal, tinha dois fortes pontos de propaganda.

O primeiro era a “juvenilização” da festa, com uma valorização das práticas consideradas jovens e vivenciadas, em grande medida, pelos sujeitos que se identificam com essa condição sociocultural. Esse conceito, abordado por Dayrell; Gomes (sd.), aponta uma supervalorização atual das características e valores ligados à juventude, como a energia e a estética corporal, ou mesmo, a busca do novo que, segundo os autores, nunca foram tão louvados, num processo que “juveniliza” a própria sociedade. Dessa forma, a relação da festa com o público e uma conformação criada por meio de um ideal jovem, conferia-lhe um status dentro de uma relação de consumo, em que as características para se pertencer a essa condição “privilegiada” da sociedade, encontravam-se à venda no mercado da festa.

Já, o segundo ponto forte de propaganda, parecia contrastar com o primeiro, pois se referia à tradição do carnaval, ou melhor, a uma ideia de tradição construída para o

---

<sup>1</sup> Monografia orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Rosa, 2009.

carnaval. O que, para mim, mostrou-se interessante e acabou motivando a realização dessa pesquisa foi a constatação de que, dentre os diversos produtos oferecidos, também se encontravam à venda a participação em vários blocos e até no “tradicional”<sup>2</sup> desfile pelas ruas da cidade.

Assim, a festa do ano de 2009, que tinha como suas principais atrações *shows* de bandas musicais de renome nacional em espaços fechados, desfiles privados de blocos no espaço “público” das ruas e pacotes de festas nas diversas repúblicas estudantis, procurava manter um vínculo com um passado anunciado. A noção de tradição, estampada nos *folders*, *flyers*, *outdoors* e *sites* na internet, aparecia como uma das principais formas de propaganda do carnaval, principalmente nas veiculadas pelas repúblicas, que se tornaram, no presente, não apenas a maior expressão da cultura jovem em Ouro Preto, mas a grande referência do carnaval da cidade.

Mas, o mais importante a ser observado, é que a importação de outros contextos para Ouro Preto não se fazia de forma descontextualizada. A avalanche de atrações superpostas por um mercado do divertimento tentava, sempre que possível, relacionar-se com a tradição, mesmo que de forma superficial. O passado da cidade era vendido com o formato atual dos abadás. Jovens “republicanos” perceberam o valor material e simbólico dos blocos que criaram e passaram a vender o carnaval de suas repúblicas tendo como mote os vínculos de uma tradição de outrora, reinventada e reescrita para conferir valor às suas manifestações/mercadorias. Do mesmo modo atuava também o poder público, representado pela Prefeitura Municipal, que também estampava em *outdoors*, *flyers* e *sites*, as raízes históricas da festa.

A partir dessas constatações, algumas questões começaram a ser pensadas: Que tradição seria essa? Como as transformações percebidas atualmente foram se consolidando no carnaval da cidade? Quais interesses e motivações permeiam a construção de uma nova festa, relacionada às intervenções mercadológicas percebidas no período da pesquisa, pautada na noção de passado e em uma ideia de tradição?

Assim, essas inquietações suscitaram o interesse em buscar, em um passado histórico recente, elementos que possibilitassem a compreensão das principais transformações ocorridas no carnaval da cidade de Ouro Preto, da década de 1980 ao ano de 2011, que se relacionassem às influências mercadológicas iniciadas e/ou consolidadas nesse período, assim

---

<sup>2</sup> Dizeres encontrados em alguns dos panfletos dos blocos caricatos analisados durante a pesquisa já citada, realizada no carnaval da cidade em 2009.

como, aos discursos construídos a partir da ideia de tradição, a fim de problematizar os impactos dessa relação na construção da festa.

Essas questões foram ao encontro de uma constatação que também se revelou motivadora para a realização dessa pesquisa: a escassez de estudos sobre o carnaval ouro-pretano e sobre o carnaval no estado mineiro, de forma geral. A grande totalidade dos trabalhos difundidos sobre esta festa ocupa-se, principalmente, do carnaval carioca, pernambucano ou baiano. Podem ser citadas como exemplos, obras importantes que são referência no país, como o livro “Carnavais e outras frestas”, organizado por Maria Clementina Pereira Cunha, em 2002. Dos doze artigos produzidos por diversos autores da área, metade trata do carnaval carioca, três da festa na Bahia, um refere-se a Porto Alegre e outros dois a carnavais estrangeiros, Veneza e Nova Orleans.

Outros livros e artigos de grande destaque entre os estudiosos do carnaval também priorizam a festa carioca, como o clássico “História do carnaval carioca” de Eneida de Moraes, o “Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca em 1880 e 1920”, da já citada Maria Clementina Cunha, o livro de Felipe Ferreira, “Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas”, “As escolas de samba do Rio de Janeiro”, de Sérgio Cabral e “Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile”, de Renata Gonçalves de Sá. Outras obras relevantes, embora estudem o carnaval em outros contextos, têm o cenário carioca como o principal de suas análises, como o livro de Maria Isaura Pereira de Queiroz, “Carnaval brasileiro, o vivido e o mito” e “O livro de ouro do carnaval brasileiro”, de Felipe Ferreira, que retrata, brevemente, o carnaval em Recife, Olinda, Salvador, São Paulo e Porto Alegre. Evidente que essas não são as únicas obras sobre a festa carnavalesca, mas, pela representatividade que possuem entre os estudiosos na área, a ausência do carnaval mineiro demonstra uma grande lacuna nos estudos que se ocupam dessa manifestação.

Longe de desconsiderar a importância da cidade do Rio de Janeiro para o carnaval brasileiro, outras cidades do país também têm esta festa como parte importante de sua história. Em Ouro Preto, o carnaval é considerado uma das principais manifestações de uma vasta cultura festiva. No livro “Ouro Prêto”, de Henrique Barbosa da Silva (1969) as festas são retratadas em meio a outros costumes da cidade, destacando-se as de cunho religioso, como a Semana Santa, a festa Junina, a de São Jorge e as realizadas no Morro do Cruzeiro e de São Sebastião.

Também a autora Antônia Reis Duarte (2009), relata em sua tese “Desenvolvimento do turismo cultural da cidade histórica de Ouro Preto (Minas Gerais –

Brasil), Patrimônio da Humanidade”, várias festividades religiosas, que remontam aos princípios do século XVIII. Citou a Semana Santa e o Corpus Christi, celebradas até os dias atuais, com a presença de grande número de turistas, e destacou o Triunfo Eucarístico, “procissão religiosa que levou o Santíssimo da Igreja do Rosário à Matriz do Pilar, em 1733” (*idem*, p.290). Esta celebração também foi amplamente citada nos jornais pesquisados, até como uma das influências da cultura carnavalesca da cidade, referindo-se às alegorias que eram utilizadas no cortejo. Duarte (*ibidem*) também cita em seu trabalho outras festas que, segundo ela, possuíam bastante relevância naquele período, como o entrudo, “festividade portuguesa que se celebrava antes da Quaresma e que com o passar do tempo originaria o carnaval”.

A existência de um bloco centenário, o Zé Pereira dos Lacaios, criado em 1867 pelos empregados do Palácio do Governo da então capital da província mineira, ainda hoje ativo, é um dos indícios da longa trajetória desse costume que, segundo alguns autores, é ainda mais antigo que a data de fundação deste bloco, remetendo aos primórdios da chegada do entrudo no Brasil e em Minas Gerais. Araújo (2008) relata que, em 1829, o município torna-se a primeira cidade mineira a proibi-lo em sua legislação. Nos estudos de Silva (1969), o festejo já era ameaçado pelas autoridades nos anos de 1734 e 1735. Destas constatações, percebe-se a longevidade dessa prática na cultura ouro-pretana.

Rosa (1998), também relata uma grande quantidade de festas realizadas na cidade, demonstrando a sua permanência ao longo dos anos. Entre festas de pequeno porte, destaca as religiosas realizadas em vários bairros de Ouro Preto e em seus distritos. Já, em se tratando das festas de grande porte, destaca a Semana Santa, o Doze de Outubro (aniversário da Escola de Minas) e o carnaval, períodos que, segundo a autora, são marcantes para a cidade, atraindo grande quantidade de pessoas. A dissertação da referida autora, que teve como objetivo compreender as interações entre turistas e moradores no carnaval de Ouro Preto, nos anos de 1997 e 1998, é um dos poucos trabalhos encontrados que abordam esta festa.

Alguns outros propõem outras possibilidades de estudo, como a dissertação de Tânia Fedotovas Lopes (2004), intitulada “Ouro Preto: o drama social do direito ao patrimônio”, que objetivou compreender a relação entre patrimônio e turismo, por meio do carnaval e da semana santa. Já o livro “Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX”, de Patrícia Vargas Araújo (2008) retrata diferentes formas de divertimento no estado mineiro no período proposto, problematizando a progressiva substituição do entrudo, festejo considerado incivilizado, pelo carnaval, símbolo de modernidade e progresso nos finais do século XIX e início do século XX. Ouro Preto aparece

em várias citações da autora, referentes, principalmente, ao entrudo na antiga capital. O já citado livro “Ouro Preto” (SILVA, 1969), trata de várias questões referentes à cidade, como sua história, seus aspectos urbanos, sua religiosidade, seu cotidiano, costumes e formas de diversão, entre elas, também o entrudo e o carnaval.

Outro ponto importante a ser considerado é que grande parte dos trabalhos pesquisados que tem como temática principal o carnaval, de forma geral, referem-se ao século XIX e início do século XX, como demonstrado na breve explanação anterior de obras representativas nos estudos da área, o que confirma a necessidade de ampliação do olhar sobre essa festa para outros tempos.

Assim, o período escolhido para esta pesquisa visa contribuir com novos olhares sobre o carnaval brasileiro, principalmente, em se tratando de uma questão bem atual que é a organização cada vez mais empresarial da festa. Foi pensado em função do contexto histórico da cidade de Ouro Preto, do seu carnaval na temporalidade em questão e do próprio lazer, enquanto momento mais propício para a realização da festa.

Como observa Melo (2003), as preocupações com o lazer em nosso país, começaram, timidamente, a fazer parte dos programas governamentais na década de 1980, já a partir de 1990, o autor sugere a definitiva consolidação, no Brasil, da “indústria do lazer e entretenimento”. Essa constatação é importante não somente para auxiliar na definição do marco desta pesquisa, mas também para pensar o quanto pode ser recente a estruturação de um mercado específico para a festa, embora seja preciso reconhecer que a relação do carnaval com o mercado, provavelmente, tenha se iniciado bem antes. Outros estudiosos que se ocuparam da temática do lazer ou do tempo livre em nosso país, tais como Werneck; Isayama (2001), Rosa (2007) e Marcelino (2008) também pontuam a força de um atual investimento mercadológico nos momentos de lazer, que vem se tornando, notadamente, tempo e espaço de consumo, ainda que esta não seja a única possibilidade.

Pensando nessas relações, a escolha pela década de 1980 como marco inicial, também considerou o fato de ter sido, neste ano, a elevação da cidade de Ouro Preto à Patrimônio Cultural da Humanidade<sup>3</sup>, ocasião que imaginei ter sido motivadora de um grande crescimento dos investimentos econômicos no município e do turismo, assim como também, da difusão de discursos relacionados à ideia de tradição.

---

<sup>3</sup>Ouro Preto foi a primeira cidade brasileira elevada à Patrimônio Cultural da Humanidade em 05/09/1980. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12622&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>>. Acesso em: 27 set. 2010.

Ciente de que não existiria um ano chave para se iniciar a pesquisa, capaz de responder com clareza o objetivo proposto, atentei-me a estes vestígios iniciais, consciente também do que pondera Bloch (2001, p.70): “[...] no imenso tecido de acontecimentos, [...] que se compõem o destino de um grupo humano, o indivíduo percebe apenas um cantinho, estreitamente limitado por seus sentidos e sua faculdade de atenção [...]”.

Assim, consciente das limitações de meu estudo, do “cantinho” que me seria possível desvendar, por meio de fragmentos de um “fenômeno em si impossível de captar” (BLOCH, 2001, p.73), proponho discutir as transformações do carnaval ouro-pretano nesses trinta anos, por meio da ideia de tradição e de sua veiculação. Esta ideia, intimamente relacionada ao passado, pode ser utilizada para fins e intencionalidades diversas e, por este motivo, interessa para este trabalho a sua associação com as mudanças percebidas na festa, principalmente as que se relacionam com as intervenções mercadológicas.

Por esta razão, a ideia de tradição aqui apresentada, pretende se aproximar da ideia de discurso, que legitima ações/práticas na tentativa de perpetuar determinados aspectos relacionados a um passado, por vezes, inventado. Nesse caso, o critério de permanência de qualquer manifestação em uma longa duração tem se mostrado limitado para compreender o objeto proposto, mesmo que, frequentemente, o tempo seja utilizado como legitimador das ações. Em primeiro lugar porque seria difícil precisar com clareza qual seria a quantidade de tempo suficiente para alguma prática ser considerada tradição, ainda mais se pensarmos que a própria tradição pode se modificar, mesmo que se fundamente na paralisia relacionada ao passado. Mesmo concordando que as tradições são menos flexíveis que os costumes, pois funcionam como elemento de coesão de uma sociedade, como apontado por Hobsbawm (1997), mudanças, a meu ver, por menor que sejam, são inevitáveis e, muitas vezes, forçadas por algum interesse.

Em segundo lugar, precisar a tradição pelo tempo gera alguns impasses, como por exemplo, por que algumas práticas que tem uma longa duração não são consideradas como tradicionais? Por que existem manifestações que são antigas e se mantêm ao longo dos anos e não carregam o peso do rótulo “tradicional”? Outras questões importantes a serem consideradas em relação à tradição são apontadas por Melo (2006, p.34) quando o autor fala da necessidade de alguns questionamentos acerca de sua natureza:

Quem estabelece o que é tradição? O que chamamos de tradição? Como chegou a ser assim denominada? Como se anexam valores positivos ou negativos a determinadas manifestações? Por que algumas são tidas como positivas enquanto outras não [...]?

Nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre o que legitima e perpetua uma tradição em determinados contextos históricos e o que a diferencia de algo que não seja considerado tradicional, pensando em uma definição para além das noções de tempo. Hall (2006) também observa que a tradição está muito mais relacionada às formas de associação e articulação dos seus elementos do que com a mera persistência das velhas formas. Assim, os elementos da tradição podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância.

A partir desta ideia central, o trabalho foi dividido em três capítulos, procurando estabelecer um diálogo entre as transformações observadas e os discursos fundados na ideia de tradição vinculada à festa e à própria cidade de Ouro Preto. O primeiro capítulo, intitulado “A tradição como integração: os anos iniciais da década de 1980”, apresenta as principais manifestações que se faziam presentes no carnaval neste período, com um destaque especial ao bloco Zé Pereira dos Lacaios, às escolas de samba e as relações de ambos com o carnaval carioca nos séculos XIX e XX.

Destacam-se, também, outras características gerais da festa ouro-pretana, que oferecem indícios de sua pouca representatividade no jornal Estado de Minas naquele período, assim como, de uma pequena popularidade no cenário mineiro e nacional, constatações importantes para pensar as transformações que viriam nos próximos anos. Neste capítulo, pode-se perceber a ideia de tradição fortemente vinculada às manifestações criadas na cidade, relacionada a uma noção de longevidade, intrínseca no próprio sentido de existência da festa. Poucos eram os investimentos mercadológicos e as interferências externas, ficando a organização da festa mais a cargo dos próprios moradores e do poder público.

O segundo capítulo, intitulado “A tradição como identidade: meados da década de 1980 a meados dos anos 1990”, aborda, de forma semelhante ao capítulo anterior, as principais manifestações presentes e as características gerais da festa, procurando, assim, estabelecer diálogos com o período antecedente. Destaca-se, neste momento, um possível início da transição das influências do carnaval carioca, mais bem representado pelas escolas de samba, para um modelo de carnaval baiano, fruto do sucesso das caixas de som colocadas nas ruas, a “janela elétrica”. A participação de empresas privadas, como patrocinadoras ou apoiadoras da festa, começa a ganhar destaque, aumentando-se, consideravelmente, a divulgação do carnaval ouro-pretano nos jornais. Outras manifestações começam a ser mais enfatizadas, como os blocos, com expressivo aumento na divulgação pelos meios de comunicação pesquisados.

Discute-se, também, a importância do turismo para a construção de uma identidade fortemente relacionada à história da festa e da cidade, fundamentais para justificar as mudanças almejadas e para a legitimação do carnaval enquanto possibilidade de desenvolvimento turístico em Ouro Preto. A tradição passa a ser veiculada como uma marca de toda manifestação carnavalesca que se produz na cidade, servindo como incentivo para novos investimentos.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado “A tradição como produto: os anos finais da década de 1990 a 2011”, estabelece-se um diálogo mais amplo entre as transformações percebidas ao longo das três décadas. Problematizam-se as mesmas características gerais destacadas anteriormente, mas a ênfase volta-se para a emergência da cultura republicana como o principal símbolo do carnaval, relegando a um segundo plano, as outras manifestações. Mudanças bastante significativas na sua promoção e organização transformam a festa em um grande evento, com diversas justificativas que se valem, paradoxalmente, de um “resgate” da tradição e de proteção do patrimônio. Nesse momento, há uma massiva participação de empresas privadas e o carnaval ouro-pretano, bastante coadjuvante na década de 1980, passa a ser veiculado como o principal carnaval mineiro.

Neste capítulo, discute-se a importância da veiculação da ideia de tradição na consolidação das transformações que a festa sofreria nos últimos anos da pesquisa, resultando em três importantes funções construídas ao longo das décadas: justificativa para as mudanças; elo entre um mercado global que começava a se consolidar na festa e ao passado que a legitimava; diferencial para um carnaval tornado produto.

Durante a realização da pesquisa, procurei perceber os diálogos presentes na relação mercado – tradição sem apostar, ingenuamente, em um poder de escolha igualitário dos diversos grupos envolvidos e em condições semelhantes de apropriação das diversas estratégias mercadológicas. Considerei o que alguns estudiosos problematizaram, como Featherstone (1995), Vaz (2006) e Baudrillard (2007), para os quais o lazer ou tempo livre é, de certa forma, fortemente influenciado pela cultura do consumo e pelos esquemas de “subjetivação contemporânea” da indústria do entretenimento (VAZ, 2006). Vejo, assim, a importância desses apontamentos para a problematização das ações e dos interesses de um mercado, que, não raro, encaramos como naturais, como “um novo elemento que respiramos” (JAMESON, 2006, p.135). A meu ver, não se pode negar que essas questões estão presentes, ignorá-las seria retirar o objeto de sua realidade e “romantizá-lo”.

Mas, por outro lado, esta interpretação não se mostrou como única possibilidade durante a pesquisa e, por esse motivo, considero também as reflexões de autores que

compartilham de opiniões diversas, não necessariamente opostas aos citados anteriormente. Neste sentido, acredito que as relações construídas não podem ser vistas apenas por uma direção, desconsiderando o poder de reação e de resistência das pessoas que participam e constroem a festa, mesmo que seja necessário avaliar as limitações de cada grupo específico.

A realização da pesquisa fez emergir, em inúmeras situações, a pergunta feita por Canclini (2003, p.262), ao problematizar a relação entre mercado e comunidades locais: “Onde reside o poder”? A atenção para a ação efetiva das pessoas, que não estão alheias aos processos de intervenção, foi de grande importância para a análise das fontes da pesquisa. Conforme aponta Ginzburg (1989, p.187), “[...] uma visão rigidamente hierárquica se desmorona no choque com a adversidade social e cultural [...]”. Outros autores como Thompson (1987), Hall (2006) e Melo (2003; 2006), mesmo trabalhando com pressupostos teóricos- metodológicos e temporalidades diferentes, também apontaram a necessidade de ampliação do olhar sobre os sujeitos e sobre seu poder de ação frente às investidas de instituições que tem interesses pautados na passividade e na conformidade.

Estes apontamentos demonstram a complexidade do estudo de qualquer manifestação humana, de uma cultura que “oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro do qual se exercita a liberdade condicional de cada um” (GINZBURG, 2006, p.27). Por meio destes diálogos e destas tensões que o trabalho se constrói.

## **1.1 Percursos metodológicos**

Em relação à compreensão do momento de lazer do ponto de vista histórico, Werneck (2003, p.65) aponta que ainda há muito a ser explorado, o que, segundo a autora, representa um desafio em nosso meio, “tradicionalmente alheio à importância e à necessidade da realização de pesquisas de abordagem histórica com enfoque aprofundado, criterioso e crítico.” Melo também ressalta que essa é uma das “facetas mais frágeis da produção brasileira sobre os objetos esporte e lazer” (2009, p.9).

O autor também observa que, “no âmbito da pesquisa histórica, a possibilidade de considerar os momentos de diversão como objeto de estudo melhor se configura com a emergência da nova história cultural” (2009, p.9). Para Burke (2008), um dos aspectos mais característicos desta nova abordagem foi a virada em direção à antropologia. A noção de cultura, no plural, passa a ser central, não se reduzindo a um reflexo da sociedade. O termo,

em outras épocas empregado para se referir a uma “alta cultura”, passa a incluir o cotidiano, com seus costumes, valores e modos de vida, abordando noções como, significado, práticas, representações e símbolos (BURKE, 2008). Segundo o autor, esse novo estilo de história cultural deve ser visto como uma resposta à expansão dos domínios da cultura e da ascensão do que passou a ser conhecido como “teoria cultural”. Assim, Burke (2008) aponta uma coincidência no desenvolvimento desse novo domínio com o desenvolvimento dos estudos culturais na Grã-Bretanha (p.31).

Ginzburg (1989, p.172) também ressalta que a antropologia ofereceu aos historiadores “não só uma série de temas largamente descuidados no passado [...], mas qualquer coisa de muito mais importante; um quadro conceitual de referência, do qual se começam a entrever os contornos”. Também Boutier; Julia (1998, p.24) reconhecem que a história foi levada a “redefinir problemáticas, métodos e objetos face às ciências sociais e humanas”.

Houve, assim, um alargamento do campo de pesquisa dos historiadores, evidenciado, principalmente, na renovação temática, como ressalta Luca (2008). A autora cita como exemplos desse movimento pesquisas que passaram a incluir o inconsciente, o mito, as mentalidades, o corpo, as festas, aspectos do cotidiano, entre outros.

Thompson (1987), ao propor o estudo do processo de (auto) formação da classe operária inglesa, também chamou a atenção para a importância da compreensão do “submundo dos sem linguagem articulada”, das feiras, do circo, da vida da taberna e as formas como se conservavam ali certos valores e a própria capacidade para a diversão. Assim, o autor demonstrou a importância do estudo das várias possibilidades de uso do tempo livre para a compreensão da dinâmica cultural de uma sociedade.

Em se tratando do próprio carnaval enquanto possibilidade de estudo, Burke (2008), referindo-se à noção de polifonia de Bakhtin, chama a atenção para a importância da expressão das muitas vozes diferentes que ocorrem nesse tempo/espaço, “jocosas e agressivas, altas e baixas, masculinas e femininas”, em vez de reduzir a festa a uma “simples expressão da subversão popular” (p.72). Neste sentido, Barros (2009, p.73) ressalta, ainda, que esta busca pelas múltiplas vozes torna-se também importante não apenas “para identificar a interação e o contraste entre estratos culturais diversificados no interior de uma mesma sociedade, mas para examinar o diálogo ou o ‘choque cultural’ entre duas culturas [...]”.

Araújo (2008, p.17), que também credita à atenção recebida pela cultura na produção historiográfica das últimas décadas o reconhecimento da riqueza das manifestações festivas enquanto objeto de estudo, chama a atenção para a relevância da compreensão dos

significados da festa para o “próprio desvendar das diferenças, dos contrastes e dos conflitos da vida social”. Para a autora (2008, p.26), a festa possui uma multiplicidade de usos, de sentidos e intenções, permitindo:

acessar a esfera do simbólico e do imaginário de uma sociedade e de uma cultura. Espaços prechos de significados, no interior dos quais os indivíduos criam redes de sentido para seu viver em coletividade, para compreender o universo que os rodeia e preencher de significação sua própria existência.

Frente a essas considerações, concordo também com a aceção de Magnani (2003), para quem as festas e as diversas formas de entretenimento, assim como outras tradições populares, tornam-se espaços fecundos para a análise dos processos de mudança dos modos de vida da sociedade. Assim, podem oferecer um novo olhar que ultrapassa o mundo do trabalho e da política, concentrados em estratos estanques da vida social, possibilitando a compreensão das relações, dos aspectos simbólicos, dos significados e das contradições em sua relação constante com o cotidiano “formal”.

Para além da legitimidade dos conteúdos estudados, Viera (2007, p.13) ressalta o debate sobre as fontes, de grande importância para se pensar esta pesquisa. O autor aponta o movimento de renovação historiográfica como uma possibilidade de rever as concepções e as formas de produzir saber histórico, que, no caso, implicou na “exploração de novos objetos, novos tipos de documentos e teorias antes distantes da área”.

Assim, ao optar pela história, acredito que novos elementos podem ser oferecidos, não somente pela possibilidade da compreensão de uma cultura carnavalesca construída no passado, mas, principalmente, nas suas relações e tensões constantes com a atualidade, com uma história que também se faz no presente.

Pensando na especificidade desse objeto, o duplo movimento pensado por Bloch (2001), em que passado e presente se interpenetram, importantes para qualquer pesquisa histórica segundo o autor, torna-se essencial pelo reconhecimento de que as inquietações do presente são ponto de partida para o estudo do passado e, também, parte do seu próprio objeto. Desta forma, esta opção vai ao encontro da própria necessidade da pesquisa, que visa compreender a constituição de um processo atual, dialogando com o que consiste a festa hoje e considerando um momento específico vivido pelo lazer, pelo entretenimento e pelo carnaval no contexto nacional e na cidade de Ouro Preto.

Ao partir da compreensão do presente como uma reflexão histórica do que se vive (Machado, 2010) ou de uma “história do nosso próprio tempo” (Hobsbawm, 1998, p.244),

concordo com a sugestão de Bebiano (sd.) sobre esse tempo, que, segundo o autor, não pode ser encarado como mero lugar de passagem entre um antes e um depois, como um intervalo. Ao contrário, precisa ser compreendido como um campo de forças gerado pela iniciativa do pensamento humano. Ainda em relação à especificidade dessa abordagem, o autor traz outra questão importante: a aproximação do pesquisador ao seu objeto de estudo.

Bebiano (sd, p.7) observa que, durante muito tempo, existiu a ideia de que era necessário afastar, o máximo possível, o historiador de seu objeto de análise, de forma a tornar este, supostamente, menos permeável aos ímpetos da subjetividade. O autor questiona a possibilidade de alguma vez ter existido um discurso histórico distanciado, o que também é abordado por Rioux (1999), para quem o argumento da falta de recuo não se sustenta, pois é o próprio historiador que cria sempre, em todos os lugares e por todo o tempo, esse recurso.

Bloch (2001, p.61) descreve o momento presente como uma “fase de pouca extensão no vasto escoamento do tempo”, que abarca em seu desfecho os próprios dias em que vivemos e é afetada, em relação a nós, “por um coeficiente muito forte de espontaneidade”. O autor, ao defender a compreensão do presente como objeto histórico, aponta como um de seus argumentos a incapacidade de obter um limite preciso entre o atual e o inatual, que, segundo ele, “está longe de se ajustar necessariamente pela média matemática de um intervalo de tempo” (p.61). Da mesma forma, apontam Bernstein; Milza (1999, p.128), a inexistência de “clivagens permitindo separar uma história do passado de uma história do presente, porque não há entre elas nenhuma solução de continuidade”.

Bloch (2001) observa, ainda, que da investigação sobre o remoto à investigação sobre o passado muito recente a diferença seria apenas de grau, não atingindo o fundo dos métodos e, por isso, não deixando de ser importante. Mas, esse reconhecimento não a isenta de algumas especificidades, como apontado por Le Goff (1999, p.101), as quais procurei me atentar durante o trabalho com as fontes:

ler o presente, o acontecimento com uma profundidade histórica suficiente e pertinente; manifestar quanto às fontes o espírito crítico de todos os historiadores segundo os métodos adaptados[...]; não se contentar em descrever e contar, mas esforçar-se para explicar; tentar hierarquizar os fatos, distinguir o incidente do fato significativo e importante, [...] integrá-lo numa longa duração e numa problemática na qual todos os historiadores de ontem e de hoje, do outrora e do imediato, se reúnam.

Berstein; Milza (1999, p.129) também contribuem para pensar a especificidade do estudo que se situa na “emergência de fenômenos de longa duração no seio do presente”. Segundo os autores, ele tem por função principal “modificar permanentemente os significados

destes [fenômenos], mudando as perspectivas segundo as quais os consideramos, procurando no passado novos objetos de estudo em função das preocupações do presente [...]”.

Chauveau; Tétard (1999, p.31) também acreditam que a história não deve se constituir apenas pelo estudo do tempo considerado passado, mas, ao contrário, também pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente. Para os autores um dos fatores que distingue o historiador do presente de um “medievalista” ou um “modernista” seria a possibilidade de (re) conhecer ou imaginar aquilo de que fala, “investindo-o de uma presença física real”. Defendem, ainda, o fato de o historiador ser, cada vez mais, parte integrante do contemporâneo – “porque a força da história passadista, factual e historicista se esfumaça diante de uma demanda social insistente, resolutamente ancorada no presente e no modo ‘interpretativo’” (p.35). Nessa direção, Rioux (1999, p.49) também contribui para pensar a legitimidade deste estudo, pois, segundo o autor, tem a mesma missão de “mostrar evidências científicas das verdades materiais diante do esquecimento, da amnésia ou do delírio ideológico”.

## **1.2 As fontes e os procedimentos**

Visando alcançar o objetivo proposto pelo trabalho, foram priorizados dois tipos de pesquisa: bibliográfica e documental. A primeira compreendeu a seleção e o estudo de referenciais teóricos que dialogam com questões-chave da temática proposta, como mercado e entretenimento, a noção de tradição e a festa carnavalesca em uma inserção mais ampla, observando, também, outras questões surgidas no decorrer da pesquisa, como o turismo.

Na pesquisa documental, o jornal foi escolhido como fonte principal, pensando nas inúmeras possibilidades que o estudo das reportagens veiculadas sobre o carnaval, no período proposto, poderia oferecer para a compreensão das transformações da festa, assim como, dos discursos produzidas ao longo dos anos para (re) construí-la a partir de interesses diversos.

Foram analisados dois jornais, o Estado de Minas e O Liberal. O primeiro foi escolhido por ser considerado o jornal de maior representatividade no cenário mineiro na temporalidade proposta pela pesquisa; já o segundo, por se constituir como principal veículo de comunicação da cidade de Ouro Preto em sua história recente.

Ambos possuem exemplares que abarcam, em conjunto, toda a temporalidade desse estudo, e estão disponíveis para consulta na Hemeroteca da Biblioteca Pública de Belo

Horizonte, na sede do Jornal Estado de Minas na mesma cidade, na Biblioteca Pública de Ouro Preto e na sede do Jornal O Liberal, na cidade de Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto. O Jornal Estado de Minas possui exemplares referentes a todos os anos das três décadas propostas para a pesquisa, já O Liberal possui edições a partir de 1988, ano de sua criação.

Em razão do grande número de exemplares disponíveis, principalmente em se tratando do Estado de Minas que é de circulação diária, foram pesquisadas as edições dos meses de janeiro, fevereiro e março, pensando em um período mais abrangente de ocorrência do carnaval. Vale ressaltar que esta escolha não impediu que outros meses fossem consultados quando as necessidades da pesquisa exigiram.

Também foram utilizadas como fontes, as Agendas Culturais, um material impresso que consiste em um veículo de informação do município, produzido pela iniciativa privada em parceria com a Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Este material, de distribuição gratuita, tem como objetivo divulgar a programação de festas e demais eventos que acontecem na cidade, além de serviços diversos. Seguindo os mesmos pressupostos do jornal, foram pesquisados os meses de janeiro, fevereiro e março, dos anos de 1992 (ano de sua criação) a 2011. Foram observadas, principalmente, as programações do carnaval em cada ano, visando identificar as principais transformações ao longo do tempo pesquisado. As Agendas estão disponibilizadas para consulta na Biblioteca Pública de Ouro Preto.

Outros materiais e documentos encontrados durante a pesquisa passaram a ser utilizados como fontes, como programações avulsas e folhetos publicitários, assim como, fotografias do meu acervo pessoal, retiradas em algumas edições da festa. Também foram consultados diversos *sites*, como o da Prefeitura Municipal e de vários blocos da cidade.

Na Biblioteca Pública de Ouro Preto também foram encontradas reportagens diversas relacionadas ao carnaval, provenientes de vários veículos de comunicação e inseridas na temporalidade da pesquisa, constituindo-se, assim, em outras fontes para o trabalho. Em se tratando dos jornais de veiculação nacional, foram encontradas reportagens do Jornal do Brasil e da Folha de São Paulo. Já em relação ao estado mineiro, foram encontradas reportagens dos jornais Diário da Tarde, O Tempo e Hoje em dia. Em se tratando, especificamente, da cidade de Ouro Preto e região, a pesquisa passou a contar também com exemplares dos jornais Tribuna Livre, Ponto Final, O Inconfidente, Galilé, Folha Metropolitana, Tribuna de Mariana, Opção regional, O Tempo dos Inconfidentes, Jornal do Povo e Jornal Ouro Preto.

Na pesquisa com os jornais, procurei seguir alguns procedimentos para a seleção e organização das fontes. Sobre o carnaval de Ouro Preto, quaisquer possibilidades de

reportagens, de textos e de informações diversas foram selecionadas, observando-se variadas formas de apresentação e inserção nos jornais, como notícias, crônicas, colunas de opinião, notas informativas, propagandas, entre outros. Nos diferentes recursos jornalísticos, observei vários fatores, como a sua disposição no conjunto do jornal e da página onde se inseriam, a presença de fotos, as manchetes e o conteúdo geral de cada material selecionado.

A observação dessas características aliou-se a outro dado importante, mas que, isolado, não bastaria para compreender as transformações da festa: a quantidade de reportagens e de outros recursos textuais pesquisados que se referiam ao carnaval ouro-pretano em cada um dos dois principais jornais e nos demais encontrados durante a pesquisa (TABELA 1):

**TABELA 1**  
**Número de fontes pesquisadas – Carnaval de Ouro Preto**

<b>Jornal</b>	<b>Quantidade</b>
Estado de Minas	269
O Liberal	169
Outros jornais encontrados durante a pesquisa	50
<b>Total</b>	<b>488</b>

FONTE: Elaboração da autora

Para cada fonte pesquisada, foi realizado um fichamento com o intuito de mapear as principais informações contidas em cada uma delas, facilitando, assim, a análise posterior dos dados. Neste processo, foram observados evidências e indícios que poderiam contribuir para a compreensão das transformações da festa ao longo dos trinta anos de produção jornalística. Concordando com Ginzburg (1991, p.156), para quem “o conhecimento histórico é indireto, indiciário e conjectural”, procurei me atentar aos detalhes presentes em cada reportagem/produção textual, criando categorias de análise para cada década, a fim de tentar reconstruir possíveis fatos e transformações.

Os principais pontos observados dividiram-se em três grupos: 1) elementos textuais (observação do conteúdo geral do texto); 2) forma de apresentação no contexto de veiculação da notícia específica (lugar ocupado dentro do conjunto das notícias de uma mesma sessão, presença de fotos, propagandas associadas e, também, de manchetes referentes ao tema); 3) forma de apresentação no contexto geral do veículo pesquisado (lugar ocupado pelas notícias referentes ao carnaval ouro-pretano dentro dos jornais, de forma geral). Os três grupos aplicaram-se apenas aos dois principais jornais pesquisados, o Estado de Minas e o

Liberal. Nos outros, encontrados no decorrer da pesquisa, puderam ser observados apenas os elementos do grupo 1, já que as reportagens foram encontradas desconectadas do contexto geral de produção de cada veículo.

Por meio desses pontos citados, categorias de análise foram criadas a partir do próprio contato com as fontes e do que elas ofereciam como possibilidades para pensar o objeto da pesquisa. Os principais indícios considerados foram: presença de empresas e patrocinadores na organização/promoção da festa; procura de foliões pela cidade; lugar ocupado pelo carnaval de Ouro Preto dentre os outros carnavais de Minas Gerais e do país; a associação da festa com o turismo; mudanças significativas na organização e nas estratégias de promoção do carnaval; os discursos produzidos em torno da ideia de tradição.

A observação dessas categorias chamou a atenção para o entendimento de um contexto mais amplo de inserção do carnaval ouro-pretano, como a realização da festa em outras cidades e o que acontecia, de modo geral, na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais e no país, no período pesquisado. Mesmo não constituindo objetivo principal da pesquisa e reconhecendo os limites em analisar um contexto tão amplo de produção e inserção da festa, julguei importante tentar localizar o objeto no seu tempo específico.

Concordando com Bloch (2001), parto, assim, da premissa de que um fenômeno histórico não pode ser explicado fora do estudo do seu momento e de que, para descobrir o significado de um fato é preciso relacioná-lo ao seu ambiente social, político, econômico e cultural específico (CANNADINE, 1997). Também para Le Goff (2003) a história é contextual e a sua finalidade seria tornar inteligível o processo histórico e sua regularidade, com a valorização tanto das diferenças quanto das semelhanças na descoberta de uma lógica. Importante destacar que, para o autor, o contexto comporta também o acaso, um elemento constitutivo do processo histórico e da sua inteligibilidade.

Ao refletir sobre as festas, dentre as quais se inclui o carnaval, Cunha (2002, p. 12), aponta que elas têm “[...] mesmo sob uma aparente semelhança, dia hora, sujeitos e vários predicados transitórios, significados mutantes e (inevitavelmente) polissêmicos, capazes de expressar a mudança e o movimento.” Ainda para a autora, entender a festa nesta perspectiva é ir à busca dos conflitos, da constituição de relações, do diálogo social “tenso e intenso” (p.17).

Assim, foi inevitável associar os discursos, as imagens e as representações veiculadas sobre o carnaval ouro-pretano ao que se passava no país na especificidade da temporalidade estudada, mesmo considerando os limites dessa tentativa de apreensão. A atenção a essas possibilidades fez emergir novas questões para a pesquisa e a importante

confirmação de que qualquer teoria só pode ser mobilizada a partir do que proporcionam as fontes, sendo, portanto, construída e reconstruída durante todo o processo de trabalho.

Desta preocupação, é que o turismo surgiu como um tema importante para se pensar o objeto da pesquisa. A constatação de que, nos anos 1980, houve uma grande tentativa de desenvolver esse setor no país como uma das formas de movimentar a economia nacional, bastante abalada naquele período, possibilitou pensar, também, as transformações sofridas pelo carnaval ouro-pretano, um dos atrativos turísticos da cidade. E da mesma maneira, outras questões também emergiram no contato com as fontes e foram se mostrando importantes para a compreensão do objeto proposto. A tabela a seguir traz um demonstrativo do número de fontes mobilizadas para o entendimento do contexto em que o carnaval ouro-pretano se situava (TABELA 2).

TABELA 2

**Outras fontes mobilizadas para a pesquisa - Jornal Estado de Minas e jornal O Liberal**

<b>Turismo (1)</b>	188
<b>Carnaval geral (2)</b>	423
<b>Contexto da época (3)</b>	178
<b>Coluna Carnaval etc. e tal (4)</b>	64
<b>Total</b>	853

FONTE: Elaboração da autora

Sobre o tema “turismo” (1), foram selecionadas quaisquer produções jornalísticas relacionadas ao desenvolvimento e à promoção do turismo no Brasil, em Minas Gerais e em Ouro Preto, dirigidas, ou não, ao carnaval ouro-pretano. O tema “carnaval geral” (2) envolveu a seleção de fontes que abordaram a realização da festa carnavalesca em outras cidades do país, principalmente do estado mineiro. A análise dessas fontes foi importante, dentre outros fatores, para pensar o lugar ocupado pelo carnaval ouro-pretano na veiculação das notícias sobre a festa em comparação com outras cidades mineiras, um dos indícios mobilizados para compreender o seu crescimento no decorrer dos anos.

Sobre o “contexto da época” (3) foram mobilizadas fontes que ajudaram a compreender a situação econômica, política e social do país, do estado e da cidade de Ouro Preto ao longo das três décadas pesquisadas, com o intuito de situar as manifestações estudadas em um tempo e em um lugar concreto de produção. Já a “Coluna Carnaval etc. e tal” (4) reuniu fontes produzidas durante a década de 1980, escritas por um colunista do jornal Estado de Minas que se dedicava a noticiar a realização dos festejos carnavalescos nas cidades mineiras. A sua separação do tema “carnaval geral” deve-se à sua importância para

pensar as principais manifestações que aconteciam naquele período, incluindo Ouro Preto, e para compreender as representações que giravam em torno do carnaval, de forma geral, indo ao encontro da temática “contexto da época”.

Importante esclarecer a quantificação das fontes. As tabelas são apenas um demonstrativo de um processo de seleção para a pesquisa. Embora em alguns momentos o aumento significativo no número de reportagens de um ano para o outro ou de uma década para outra tenha contribuído para compreender mudanças importantes na festa, é importante destacar que os números por si só não são capazes de fornecer nenhuma conclusão.

Por esse motivo, não foi apresentada, detalhadamente, a quantidade de fontes utilizadas em cada veículo para cada tema criado e em cada ano, pois, estes números precisam ser compreendidos em um contexto específico, com a problematização de outros fatores. Por exemplo, o aumento do número de reportagens sobre o carnaval ouro-pretano de um ano para o outro em um dado jornal, embora seja uma informação importante, não significa que a festa tenha adquirido maior visibilidade e representatividade, pois os conteúdos das mesmas podem ser repetitivos, apontar para outros interesses que não a festa em si ou se constituir em pequenas notas em cantos de páginas com pouca expressão.

Em contrapartida, as poucas reportagens existentes em um dado ano podem vir com conteúdos significativos, anunciados em grandes manchetes e com a presença de fotos bastante expressivas. Outro exemplo importante que pode ser destacado em relação aos limites de um processo de quantificação refere-se ao anúncio de valores monetários para a promoção e organização da festa. Além da necessidade de considerar os limites de confiabilidade deste tipo de informação, torna-se coerente, também, considerar o contexto econômico do país nas três décadas, que, mediante graves processos inflacionários, colocou em circulação seis moedas diferentes, o que torna pouco prudente qualquer análise comparativa de valores.

Estes exemplos demonstram a necessidade de aliar diferentes dados e, assim, o desafio posto com as diferentes evidências e indícios que envolve, também, o exercício permanente de qualificação desses dados quantitativos.

Nesse processo, além da verificação de dados que se encontravam explícitos no conjunto de fontes, a atenção também foi voltada para os silêncios, para a seleção do que seria informado e do que não se tornaria notícia. Concordo com Frank (1999, p.113), para quem “os lapsos, os esquecimentos, silêncios e esforços de ocultação são também objetos de história e devem ser analisados”. Mesmo referindo-se o autor à utilização da fonte oral, acredito que esses mesmos detalhes devem ser observados nas fontes escritas. Os processos

de exclusão de determinados fatos foram, dessa forma, observados, o que chamou a atenção também para as “exclusões” igualmente presentes nas diversas tentativas de inclusão de manifestações, pessoas, grupos ou instituições, empreendidas ao longo dos anos pelos veículos pesquisados.

### **1.3 Os jornais como fontes**

A escolha do jornal como fonte principal da pesquisa considerou a sua possibilidade privilegiada de construção e veiculação de discursos acerca da manifestação estudada, considerando, também, todo um contexto social de produção e disseminação de informações do próprio veículo. Concordo com o entendimento de Viera (2007), para quem o jornal pode ser entendido como lugar de produção, veiculação e circulação de discursos, assumindo função importante no processo de formação das representações sobre o mundo.

Entendo, assim, o jornal, como testemunha de uma época, como um instrumento capaz de refletir o espírito de um tempo, mesmo que carregado de interesses e motivações diversas. Sobre isso, reitero a impossibilidade da neutralidade e parcialidade de quaisquer fontes consultadas, já que, são sempre construídas com alguma intencionalidade e, de certa forma, sempre dialogam com o contexto histórico em que foram criadas, diferentes, ainda, do contexto do pesquisador, que, como lembra Sirinelli (1999, p.78), vive em um ambiente intelectual e ideológico próprio, ou seja, em um contexto histórico de sua época, “estando, assim, ligado por múltiplas fibras ao seu tempo e à comunidade a qual pertence”.

A opção do jornal como fonte principal também considerou a especificidade da própria pesquisa. A temporalidade, formada por três décadas de uma história recente, fez com que o jornal se mostrasse uma fonte mais acessível e mais capaz de demonstrar as continuidades e rupturas da relação mercado-tradição. Pensando nas possibilidades concretas da pesquisa, o jornal poderia abarcar, ainda, diversas reportagens e outras produções contendo entrevistas com participantes da festa, além de textos produzidos pelos mesmos, como crônicas e colunas de opinião.

Posicionamentos do poder público também poderiam ser verificados, com publicações diversas, além de outros indicativos importantes, como patrocínios de empresas privadas, procura pela cidade no carnaval, venda de ingressos e abadás e a própria veiculação da ideia de tradição e dos discursos em torno dela. Como aponta Vieira (2007, p.13), a imprensa permite uma “ampla visada da experiência cidadina: dos personagens ilustres aos

anônimos, do plano público e privado, do político ao econômico, do cotidiano ao evento [...]”. A partir da imprensa, ressalta o autor, podemos encontrar projetos políticos e visões de mundo e vislumbrar “a complexidade dos conflitos e das experiências sociais” (*idem*).

Sobre o trabalho com o jornal, Luca (2008, p.112) chama a atenção para o fato de a sua utilização como fonte ter sido bastante controversa entre os historiadores. Segundo a autora, não se pode desprezar o peso da tradição dominante durante o século XIX e início do século XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos. O historiador, “senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas do seu tempo”. Neste contexto, ressalta Luca, os jornais pareciam pouco adequados, pois continham “registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões”.

Como discutido anteriormente, o estudo do tempo livre e das formas de diversão passou a ser valorizado com a crítica historiográfica que conferiu legitimidade a novos temas e fontes de pesquisa, assim como, a própria abordagem do tempo presente. A consideração do jornal como produtor de conhecimento histórico também faz parte desse movimento de renovação dos temas, problemáticas e procedimentos metodológicos da disciplina (LUCA, 2008).

Em relação à tendenciosidade deste veículo de informação, concordo com Vieira (2007, p.16) quando defende que esta possibilidade não justifica a recusa da fonte para a pesquisa, “uma vez que não partilhamos da crença de que existem documentos fidedignos, capazes de expressar objetivamente a realidade”. Para o autor, o que importa não é discutir se determinada notícia veiculada pela imprensa é verdadeira ou falsa, mas sim o entendimento dos “motivos que levaram a defender determinadas teses, bem como o desvelamento das estratégias discursivas mobilizadas para sustentá-las e, assim, persuadir o seu público leitor” (*idem*).

No caso deste trabalho, resta assumir que os interesses, de fato, interessam, pois, para a compreensão dos discursos que estiveram presentes nas transformações da festa ouropretana nas três décadas propostas considerar as intenções por detrás dos textos, torna-se fundamental.

Esta escolha parte também da percepção de que alguns detalhes importantes para a pesquisa, talvez, não fossem apreensíveis em outras fontes, como por exemplo, a associação no espaço físico das reportagens com as mais diversas formas de patrocínios, questão de grande relevância para se pensar a consolidação de um mercado na festa. Além da gama de

possibilidades vislumbradas também pela materialidade do jornal, como a tipografia, as ilustrações, os temas, a linguagem e a natureza do conteúdo que se relaciona ao público que se pretende atingir, como aponta Luca (2008), outros aspectos podem ser inferidos, “quando compreendemos os enunciados presentes no impresso como intervenções de um agente social interessado em orientar formas de pensar, de sentir e de agir” (VIEIRA, 2007, p. 16).

Torna-se importante considerar, assim, que a produção da matéria jornalística, como também ressalta Viera (2007, p.16), pode tornar coisas visíveis ou invisíveis, criar efeitos de verdade e de objetividade sobre mitos e conferir plausibilidade a posições absurdas, criando um lugar de “luzes e de sombras”. As várias utilizações da ideia de tradição nas fontes consultadas sobre a festa ouro-pretana e a sua relação com a construção da imagem do carnaval e da própria cidade, atrelada, ao mesmo tempo, ao desenvolvimento e consolidação de um mercado do entretenimento e de uma indústria turística, são exemplos das várias possibilidades abarcadas pelo uso do jornal.

Desta forma, o meu entendimento sobre a contribuição do jornal como fonte para a pesquisa história corrobora com a opinião das autoras Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, no livro *O bravo matutino*, citado por Luca (2008, p.118). Para essas autoras, a escolha do jornal justifica-se pelo entendimento da imprensa essencialmente como “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”, negando-se, portanto, as perspectivas que a compreendem como “mero veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere”. Nesse caso, é preciso considerar que tanto o lugar de produção do veículo jornalístico, em articulação permanente com a sociedade e com o tempo em que se insere, repercute e interfere na construção das matérias, quanto também o contrário, o próprio jornal tem o potencial de influenciar na construção de valores, normas e representações de uma dada sociedade, o que contribui para alargar as possibilidades de interpretação de um objeto específico a partir de sua análise.

Assim, longe de uma análise ingênua sobre essas possibilidades, torna-se prudente reconhecer que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”, como ressaltado por Luca (2008, p.139). Mas, a autora também enfatiza a função do historiador que, por meio das ferramentas metodológicas que dispõe, pode problematizar a “identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento”, questão que, para Luca, está “longe de ser exclusiva do texto da imprensa”. Sobre essa questão, Viera (2007, p.16) sugere que compreendamos o jornal pela metáfora do espelho. Ele reflete a

realidade, mas com distorção e refração, cabendo ao pesquisador estudar “o funcionamento desse sistema de espelhamento que, discursivamente, confere sentidos às coisas, às ações, às palavras ditas e não ditas”.

Nesse caso, recorro às recomendações de Frank (1999, p.117), para quem “a mediação é necessária”. Segundo o autor, ela passa pela “reflexão crítica sobre o tempo e pela colocação do depoimento na perspectiva da espessura da duração, aquela do passado próximo, mas também menos próximo e longínquo”. Para o autor, essa consideração é que faz a “diferença fundamental entre ‘ história do presente’ e o trabalho sobre a ‘atualidade’, entre o historiador e o jornalista”. Por essa razão, é preciso realizar uma diferenciação entre a fonte escolhida – o jornal – e a pesquisa realizada, de abordagem histórica, atentando-se ao que Bernstein; Milza (1999, p.127) propõem:

restituir a evolução na duração que permite compreender por que o processo chegou a situação presente, dedicando-se a descrever as estruturas cujas transformações dão conta da emergência factual de fenômenos, cuja gênese se situa sempre a médio ou longo prazo.

Nos jornais pesquisados foi possível perceber a tensão entre os interesses jornalísticos, atrelados, muitas vezes, a projetos políticos e mercadológicos e a opinião de cronistas, entrevistados e leitores em geral. Por esse motivo, tão importante quanto perceber como eram construídos os festejos na cidade foi também identificar os discursos e os lugares ocupados pelas diversas manifestações no jornal, na materialidade exposta ou nas entrelinhas, compreendendo que este veículo de comunicação também reflete parte do espírito de uma época e de suas representações.

Importante destacar que a utilização dos jornais, assim como de quaisquer outras fontes, possibilita uma aproximação da realidade e não uma apreensão total. Concordo com o seguinte questionamento de Bloch (2001, p.73): “[...] o que entendemos efetivamente por documentos senão um ‘vestígio’, quer dizer, a marca, perceptível aos sentidos, deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar”? Ainda, segundo o autor, “todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja, no tempo, seu ponto de aplicação, irá beber sempre nos testemunhos dos outros uma grande parte de sua substância” (p.70). Nesse caso, sempre haverá uma seleção induzida pela especificidade de cada pesquisa que dependerá, em grande parte, das informações disponíveis e preservadas ao longo do tempo e da escolha de metodologias específicas, construídas no contato com as fontes.

No próximo subitem serão apresentados os dois principais jornais utilizados para a pesquisa, considerando a importância do conhecimento de suas especificidades para a compreensão das reportagens e demais produções que veicularam/veiculam ao longo do período estudado.

#### **1.4 O jornal Estado de Minas**

Este jornal é uma produção do grupo Diários Associados, uma empresa criada em 1924 e detentora, atualmente, de diversos veículos de comunicação nos segmentos “emissoras de televisão”, “rádios”, “revistas”, “internet” e “jornais”, dos quais destacam-se o Correio Braziliense (DF), Jornal do Commercio (RJ) e Diário Mercantil (RJ), além do Estado de Minas. Este foi criado em 07/03/1928 e se constituiu como um dos principais veículos de comunicação do estado mineiro. De circulação diária, atualmente possui vinte e oito cadernos, sendo que alguns deles se alternam durante os dias da semana. São eles: Primeiro caderno, Política, Nacional, Opinião, Internacional, Ciência, Economia, EM Cultura, Esportes, Gerais, Veículos, Agropecuário, Bem-viver, Divirta-se, Direito e Justiça, Feminino e Masculino, Guia de Negócios, Gurilândia, Informática, Pensar, Raggadrops, Turismo, TV, Classificados, Imóveis, Emprego, Hora Livre, Prazer EM Ajudar<sup>4</sup>.

Nos anos 1980, alguns desses cadernos foram observados, tais como: Primeiro Caderno, Política, Nacional, Opinião, Internacional, Economia, Esportes, Gerais, Veículos, Agropecuário, Feminino e Masculino, Negócios, Turismo, Classificados e Imóveis. Outros cadernos também existiram nesse período, como o “Dinheiro Vivo”, “Fim de Semana” e “Mulher”. Como os cadernos nessa época não eram tão demarcados como no período atual, várias reportagens transitavam entre um e outro e pequenas colunas com assuntos diversos faziam parte deles. Havia, por exemplo, uma parte que se destinava a noticiar as cidades do interior, presente em cadernos diferentes, como no Primeiro Caderno e no Caderno Gerais, assim como em pequenas colunas, como a Sociedade do Interior. As notícias sobre o carnaval se faziam presentes, em grande parte, nesses dois cadernos e, também, no Feminino e Masculino e no de Turismo. Nas décadas seguintes, continuaram predominando neste último e no Caderno Gerais.

---

<sup>4</sup> Informações contidas no site: <[www.diariosassociados.com.br](http://www.diariosassociados.com.br)>. Acesso em: 01 dez.2011.

Durante todo o período da pesquisa, observei uma grande ênfase no jornal em notícias com conteúdo político e econômico, sobretudo nos anos 1980, quando não havia uma segmentação tão detalhada de cadernos e as notícias se interpunham em vários espaços. Nesse momento, todos os acontecimentos noticiados pareciam estar ligados, de alguma forma, a estas questões consideradas mais importantes.

Havia também um forte direcionamento ideológico com um declarado apoio ao governo mineiro daquele período. Dois são os exemplos mais fortes que observei. O primeiro foi a exaltação do candidato à presidência da República, o então governador mineiro, Tancredo Neves, em 1985. O jornal se ocupou em estampar em grandes reportagens com manchetes garrafais, a sonhada “liberdade” que o povo brasileiro esperava adquirir com a eleição desse candidato. Sem sequer problematizar outros interesses por detrás de sua campanha e de sua posterior eleição, tratou o fato como um grande acontecimento, noticiando festas por todo o país e, principalmente, em Minas Gerais. Uma unanimidade sem contestação. O próprio carnaval foi noticiado como o “carnaval da vitória”, dada a proximidade da data com as eleições. Após a sua morte, no dia vinte e um de abril de 1985, como de se esperar, Tancredo foi noticiado como um mártir.

Outro exemplo é um conjunto de reportagens publicadas em 1987 sobre o então governador de Minas Gerais, Newton Cardoso. O conjunto de trinta e duas páginas exaltava o político com inúmeras propagandas de empresas privadas que, também, o homenageavam. Este último fato também foi percebido no caso do presidente eleito Tancredo Neves.

Além desses dois exemplos principais também é importante destacar um fato que chamou a atenção em se tratando, especificamente, do carnaval ouro-pretano. Algumas colunas sobre a festa foram assinadas por Ângelo Oswald, então secretário de Turismo e Cultura de Ouro Preto, eleito na década seguinte prefeito da cidade. Talvez, não por um acaso, a maior parte das reportagens desse período apoiava as iniciativas da Prefeitura Municipal e ocupava-se em promover o carnaval, independente de qualquer circunstância. Um exemplo foi o declarado apoio à iniciativa da Prefeitura em diminuir a verba das escolas de samba em alguns anos, justificada pelos problemas econômicos enfrentados pelo país. Os organizadores das escolas, que ficaram insatisfeitos e suspenderam os desfiles, foram noticiados como incompreensivos e insensíveis à situação daquele momento, enquanto a festa, fortemente marcada pelas escolas de samba na década de 1980, foi noticiada retirando-se a centralidade desta manifestação e exaltando-se o “resgate” do carnaval de rua, da espontaneidade. Deixou-se claro que a ausência dos desfiles em nada havia prejudicado a festa.

Nas décadas seguintes, o apoio às iniciativas da Prefeitura continuou, embora menos explícito e dividindo espaço com algumas críticas sobre o formato que a festa adquiria. Mas o que pôde ser observado em linhas gerais, nas três décadas, foi um jornal pouco problematizador em relação ao objeto estudado. Mesmo com o aumento do destaque ao entretenimento e ao lazer de forma geral, percebido pela criação de cadernos específicos para este fim, como o “EM cultura”, “Bem-viver”, “Divirta-se”, “RaggaDrops”, “TV” e “Hora livre”, além do caderno de “Turismo” que já existia, o jornal parece se preocupar mais em noticiar e divulgar eventos e destinos turísticos. Algumas crônicas presentes no caderno “EM cultura” se dedicaram a questionar os aspectos mercadológicos do carnaval brasileiro, com alguns textos voltados para Ouro Preto. Mas no conjunto total, pouco se problematizou e se problematiza sobre o carnaval, outras festas e formas de diversão em que a lógica do entretenimento está presente.

As próprias mudanças no formato do jornal, talvez, apontem para uma necessidade de adequação ao desenvolvimento do mercado dos meios de comunicação, acompanhando uma tendência de criação de novos estilos de consumo e de segmentação dos interesses dos consumidores por faixas etárias. O aumento dos cadernos, voltados de alguma forma para o entretenimento, pode demonstrar a valorização crescente da comercialização de festas e eventos (onde se inclui o carnaval) acompanhada da valorização de um estilo de vida jovem que, embora possa se mostrar bastante presente nos momentos de lazer, é um signo que se refere a todos os momentos da vida. Um exemplo é o caderno RaggaDrops que, segundo o *site*<sup>5</sup> do jornal Estado de Minas, “apresenta matérias e notas sobre assuntos de grande interesse do público adolescente e jovem, com textos leves, curtos e descontraídos, além de uma linguagem visual atraente”. No entanto, como já discutido anteriormente, a quantidade na ênfase de determinado assunto ou temática não implica necessariamente qualidade na abordagem dos conteúdos e nem comprometimento com a problematização das diversas matérias publicadas.

Já o jornal O Liberal, com menos reportagens, menos cadernos específicos e segmentados e menos ênfase na divulgação de festas, eventos e variadas formas de entretenimento, parece ter se construído com uma característica mais problematizadora e questionadora, devido à especificidade de sua criação e objetivos, como será demonstrado a seguir.

---

<sup>5</sup> <[www.diariosassociados.com.br](http://www.diariosassociados.com.br)>. Acesso em: 01 dez.2011.

## 1.5 O jornal O Liberal

Por meio de informações obtidas em visita realizada à sede deste jornal, no distrito de Cachoeira do Campo, pertencente à cidade de Ouro Preto, pude conhecer um pouco mais de sua história e extrapolar o conhecimento adquirido pelo estudo das diversas edições consultadas.

Segundo um dos seus atuais redatores, a sua primeira edição entrou em circulação no mês de agosto de 1988. É um veículo privado, criado por um radialista com experiência em outros veículos de comunicação e mantido, atualmente, por sua família. Seu objetivo inicial era possibilitar o atendimento ao público como serviço de informação e fiscalização do bem-estar social. Mantido em parceria com o poder público, o jornal é de distribuição gratuita e veicula notícias sobre as cidades de Ouro Preto, Mariana, Itabirito e distritos.

Quando surgiu, a periodicidade do jornal era quinzenal. Atualmente, uma edição engloba os acontecimentos de uma semana. Este fato torna-se importante para pensar a diferença significativa entre o número de reportagens disponibilizadas no jornal Estado de Minas e neste jornal, já que o primeiro, além de ter edições de todos os anos da década de 1980, é de circulação diária. Mesmo com maior veiculação de reportagens relacionadas especificamente a Ouro Preto no jornal local, a diferença permaneceu grande.

Sobre os conteúdos, também foi observado nos anos 1980 uma maior preocupação com assuntos políticos e econômicos. O carnaval começou a ganhar mais destaque nos anos 1990, juntamente com a afirmação do jornal como um dos principais veículos de comunicação da cidade de Ouro Preto e região. Ao longo dos anos, pôde ser percebida uma maior variedade de assuntos noticiados. Os cadernos não eram bem definidos, os principais assuntos tratados remetiam-se ao cotidiano das cidades e a acontecimentos mais gerais do país.

Algumas colunas marcaram presença durante praticamente toda a existência do jornal, tais como: “Carta aos tempos”, “Ponto de vista do Batista” e “Berro do bode Zé”, todas com algum caráter de denúncia, crítica ou questionamento de situações que aconteciam na região e no país. O carnaval figurou em várias destas colunas em diversos anos, recebendo, principalmente, inúmeras críticas sobre as modificações que sofrera ao longo do tempo, ora com um tom de saudosismo e de busca de um passado idealizado, ora com severos questionamentos dos lucros obtidos e do favorecimento de empresas privadas e do poder público. Nos anos 2000, esse caráter do jornal se acentua, aguçado, talvez, pelas grandes

mudanças que aconteceram no carnaval ouro-pretano, mais precisamente em meados do primeiro decênio. Surge, nesse momento, outra coluna que se ocuparia bastante do carnaval, a “Geleia Real”, mantida até o marco final da pesquisa. Embora aborde assuntos diversos, muitas críticas sobre a festa ouro-pretana foram publicadas, acompanhadas de charges que ilustravam o descontentamento.

Por outro lado, a parceria com o poder público, essencial na manutenção do jornal de circulação gratuita, divulgava propagandas produzidas pela Prefeitura Municipal que enalteciam o mesmo carnaval criticado. Em uma mesma edição, cartazes promocionais e entrevistas com o prefeito e o secretário de turismo que tinham como intuito promover a festa dividiam as páginas com reclamações, críticas e deboches sobre o formato do carnaval, bem expressos por meio das charges. Várias propagandas de empresas também foram publicadas, o que leva a considerar a parceria com outras iniciativas privadas e com os seus interesses. Também nessa relação, situações importantes foram percebidas, quando, em determinado ano, o jornal divulgou propagandas de uma cervejaria que seria uma das patrocinadoras da festa e, ao mesmo tempo, publicou um texto com severas críticas à interferência dessa marca em um dos blocos mais antigos da cidade.

Diante disso, observei que o jornal O Liberal transitava/transita mais entre a necessidade ou mesmo a vontade de apoiar as iniciativas do poder público e as inquietações vividas por moradores da cidade, representados, principalmente, por cronistas do jornal. Há também o reconhecimento, por parte do redator, de que sugestões e contribuições do público também são bem-vindas, mas com limites impostos pelos princípios de trabalho da linha editorial.

O fato de ser um veículo regional favorece maior ênfase aos problemas e necessidades de cada cidade e o carnaval, como é uma das principais festas da região, ocupa grande destaque nas fontes consultadas. O Estado de Minas, ao contrário, visa o alcance de informações de todo o estado, com a preocupação também em oferecer um panorama dos principais acontecimentos do país e do mundo, característica percebida com pouca frequência no “O Liberal”.

Feitas estas considerações, outra questão chamou a atenção ao longo da pesquisa: a diferença entre os diversos tipos de recursos jornalísticos na forma de exposição das notícias/informações sobre o carnaval ouro-pretano. No jornal Estado de Minas, a maior parte das reportagens e outras produções sobre o objeto estudado se ocupava apenas em noticiar os acontecimentos e divulgar a realização da festa nos vários anos, abordando sua estrutura, atrações, formas de hospedagem, preços de ingressos, postos de vendas, entre outros.

Nos anos 1980, a presença da Coluna Carnaval etc. e tal contava com contribuições de leitores e organizadores das diversas manifestações, como blocos, escolas e bailes. O “cantinho de página”, assim descrito pelo colunista responsável, permitia o diálogo entre participantes da festa, poder público e empresas privadas, com propagandas, reclamações, críticas e sugestões enviadas pelos próprios leitores. Esta coluna, mesmo com seus interesses e com o pequeno destaque recebido na formatação do jornal, parecia oferecer aos foliões de cada cidade, possibilidades de participação na veiculação das notícias e de intervenção em situações concretas. Já nas décadas seguintes, essa possibilidade parece ter regredido e se limitado, quase exclusivamente, à veiculação de informações. As falas dos integrantes de comunidades e participantes das manifestações carnavalescas foram bastante secundarizadas pelas entrevistas com turistas que elegiam Ouro Preto em cada ano, com textos pouco questionadores.

No jornal O Liberal, percebia-se também a veiculação de reportagens com o caráter meramente informativo, sem comprometimento com o conteúdo divulgado. Mas, por outro lado, havia uma grande abordagem da festa por meio de crônicas e colunas de opinião, como já mencionado, e a diferença desses recursos jornalísticos em relação a outros faz-se muito evidente. Sem engessar as diversas possibilidades de produção dos textos no jornal, as reportagens pesquisadas, de um modo geral, tinham o caráter informativo já descrito, com notícias corriqueiras e utilização de grandes manchetes e fotos chamativas. Já as crônicas e colunas de opinião mergulhavam nos acontecimentos com uma problematização dentro do contexto de sua realização, pensando em aspectos que transcendiam o imediatismo da notícia.

No jornal Estado de Minas havia a presença desses recursos em grande abundância, mas referindo-se, prioritariamente, a questões de ordem política e econômica e em âmbitos estadual e nacional. O carnaval recebeu, nos anos 1980, grande destaque por meio de um saudosismo romântico, da tentativa do resgate desesperado de outros tempos e, também, por meio de críticas ao viés mercadológico que se alastrava. O escritor Carlos Drummond de Andrade, reconhecido nacionalmente pelos seus textos em diferentes estilos literários, era um dos principais críticos do carnaval e de suas transformações. Mas, com uma abordagem mais voltada para um contexto mais abrangente de produção da festa, pouco de concreto foi oferecido para pensar as festas mineiras, como melhor fazia a Coluna Carnaval etc. e tal.

Considero importante o conhecimento sobre o contexto de produção e circulação de cada jornal estudado para evitar um olhar ingênuo com conclusões apressadas sobre os dados neles contidos. Como já abordado, torna-se importante a percepção das entrelinhas, do

contexto de produção e, também, dos silêncios. Concordo com Bernstein; Milza (1999, p.130) quando definem a imprensa não como “puro e simples reflexo da opinião, mas o resultado de uma mediação em que o conhecimento do meio de comunicação é essencial”.

De toda forma, o exercício realizado não esgota as possibilidades de interpretação dos jornais, ao contrário, apenas oferece uma lente para a compreensão e problematização dessas fontes, reconhecendo-se, assim, a impossibilidade de um levantamento completo de todas as suas características e de sua associação com o objeto estudado.

## 2 A TRADIÇÃO COMO INTEGRAÇÃO: OS ANOS INICIAIS DA DÉCADA DE 1980

Neste primeiro capítulo, pretendo apresentar e discutir como o carnaval ouro-pretano era noticiado no jornal Estado de Minas no início dos anos 1980, por meio de alguns indícios presentes nos conteúdos e formas de apresentação das reportagens e na própria composição do jornal. Atento-me, assim, à estrutura da festa; às formas de investimentos, públicos ou privados; às formas de promoção e divulgação; a evidências referentes à procura pela cidade e sua representatividade no cenário carnavalesco mineiro e à forma de participação das pessoas. Posteriormente, exponho as principais manifestações percebidas naquele momento, com especial destaque às escolas de samba, ao bloco Zé Pereira dos Lacaios e as influências cariocas de ambos. Por fim, problematizo as produções textuais publicadas na coluna “Carnaval etc. e tal”, importante veículo de comunicação entre o jornal e diversos participantes da festa carnavalesca em várias cidades mineiras.

Quando me refiro a um período inicial da década, abordo os anos de 1980, 1981, 1982 e 1983. Esta escolha observa transformações importantes na festa em relação ao ano de 1984, que parece proporcionar um novo momento para o carnaval. As diferenças percebidas levam, pois, ao levantamento de várias possibilidades representativas nos anos seguintes, como o progressivo reconhecimento do potencial turístico da festa, o aumento de sua divulgação nos meios de comunicação, como no próprio jornal pesquisado, assim como outras estratégias de promoção.

A entrada de novas formas de investimento, com uma abertura maior ao capital privado, também marca a passagem dos anos iniciais para a metade da década. No ano de 1984 há um considerável aumento das reportagens que retratam o carnaval ouro-pretano no Estado de Minas. Das quarenta e cinco matérias coletadas até esse ano, vinte referem-se apenas a 1984, noticiando, principalmente, a promoção da festa através do “Salão do Carnaval”, organizado pela UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e realizado no anexo do Museu da Inconfidência, assim como, a abertura oficial dos festejos com um baile em um hotel de Ouro Preto. Esta iniciativa, que até aquele momento parecia ser pioneira, contava também com a parceria de empresas da cidade que, no ano em questão, resolveram apoiar a festa.

Outro dado relevante é o anúncio de que 1984 seria o último ano em que os desfiles de escolas de samba e dos blocos aconteceriam na Praça Tiradentes, marco principal da cidade, onde se encontram o Museu da Inconfidência, a Escola de Minas, antiga sede do Governo da Província, e a estátua em homenagem a Tiradentes. Almejava-se que tais

manifestações acontecessem na Rua São José, com a intenção de fazer renascer uma tradição de carnavais passados. Nos anos anteriores, já havia uma tentativa de retornar os festejos para esta rua, empreendida pelos comerciantes locais, o que torna possível fazer uma relação entre a decisão da Prefeitura e o aumento dos investimentos privados no ano em questão.

Importante também é o anúncio pelo jornal do valor de cinco milhões de cruzeiros destinados pela Prefeitura para os blocos e escolas de samba para o ano de 1984, ressaltando um aumento em relação ao ano anterior de 400% <sup>6</sup>. Mais importante do que fazer especulações visando uma concretude que as fontes não oferecem a respeito desses valores é pensar no anúncio do aumento em relação aos anos iniciais e, principalmente, na preocupação do jornal, cada vez mais crescente, em retratar esses investimentos, juntamente com as ações da Prefeitura Municipal em prol de um desenvolvimento da festa. Acredito também não ser à toa o grande aumento de reportagens sobre o carnaval ouro-pretano justamente no momento em que a festa recebe novos investimentos.

Nos anos anteriores, nem sequer foi citada qualquer forma de patrocínio ou apoio de empresas privadas; os investimentos públicos também não eram muito noticiados e nenhum empreendimento com o intuito de promover a festa foi observado. No início da década, o carnaval de Ouro Preto era pouco retratado no Estado de Minas em relação a outras cidades mineiras, como Juiz de Fora e São João Del Rei, consideradas, na maior parte das fontes desse período, como as que teriam o principal carnaval mineiro. Apenas na próxima década que a festa em Ouro Preto começa a figurar, com mais veemência, entre as principais do Estado e do interior brasileiro.

Dois são os principais indicativos da menor popularidade da festa ouro-pretana em relação a outras cidades: a própria frequência de notícias veiculadas pelo principal jornal mineiro e a procura dos foliões, por meio da análise de reportagens que noticiavam a compra de passagens de ônibus para o interior mineiro.

Em se tratando das notícias publicadas, não apenas a quantidade chamou a atenção, mas, principalmente, o conteúdo das reportagens que enfatizavam a centralidade das duas cidades supracitadas. Estes são alguns exemplos de manchetes e fragmentos dos textos: “São João Del Rei anuncia o mais animado carnaval” <sup>7</sup>; “São João Del Rei promete o maior

---

<sup>6</sup> TURISMO e cultura: o tema de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 1984. 16.146, primeiro caderno, p. 14.

<sup>7</sup> SÃO João Del Rei anuncia o mais animado carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1984. 16.140, Caderno Turismo, p.6.

carnaval de Minas”<sup>8</sup>; “São João Del Rei como sempre faz o melhor carnaval mineiro”<sup>9</sup>; “Samba carioca ajudará escola de Juiz de Fora”<sup>10</sup>; “... a cidade continua se preparando para o melhor carnaval de Minas Gerais”<sup>11</sup>. Nesta reportagem, é ressaltada a ligação desta cidade com o carnaval do Rio de Janeiro ao “manter contato com empresas interessadas em levar para Juiz de Fora, turistas estrangeiros que não tenham conseguido ingresso para bailes cariocas”, além de um intercâmbio de integrantes de escolas de samba, como o apoio recebido pela bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel no ano de 1980<sup>12</sup>. Outra reportagem também oferece indícios da popularidade desta festa: “Arquibancadas da Rio Branco já rendem 200 mil”<sup>13</sup>.

De mesma relevância também era a disposição das reportagens. Quando noticiados, os carnavais de São João Del Rei e Juiz de Fora ocupavam grande espaço nas páginas do jornal dedicadas ao tema. Muitas fotos também eram utilizadas, em tamanho bastante ampliado, aumentando o destaque destas festas e contribuindo para diferenciá-las das outras cidades, divulgadas com menor expressão.

Outro fator importante em relação a essas duas cidades é que praticamente todas as reportagens que se referiam aos seus carnavais traziam informações sobre a programação completa dos festejos, estrutura, preços de ingressos, entre outros. Da mesma forma, esses dados também se faziam presentes na divulgação do carnaval de Belo Horizonte. Na verdade, a maioria das reportagens sobre o carnaval veiculadas pelo Estado de Minas, na década de 1980, referia-se ao carnaval da capital mineira.

Mas, é preciso levar em consideração que o jornal é editado nesta cidade e que houve uma tentativa realizada pela Prefeitura Municipal, durante todo o ano de 1980, de emplacar o carnaval de Belo Horizonte entre os principais do estado e do país. Alguns exemplos: “A Secretaria Municipal de Turismo realiza esforço para demonstrar que em BH pode haver um carnaval razoável de rua...”<sup>14</sup>. O secretário de turismo de Belo Horizonte “garante que o carnaval deste ano redimirá o fiasco dos anos anteriores, marcando o início de

<sup>8</sup> SÃO João Del Rei promete o maior carnaval de Minas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 fev.1984. 16.142, Primeiro caderno, p.18.

<sup>9</sup> SÃO João Del Rei como sempre faz o melhor carnaval mineiro. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 mar.1984. 16.153, Caderno Pequenos anúncios, p.2.

<sup>10</sup> SAMBA carioca ajudará escola de Juiz de Fora. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 jan.1891. 15.290, Primeiro caderno, p.20.

<sup>11</sup> FELIZ lembrança vai abrir o carnaval de Juiz de Fora. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev.1980. 15.005, Primeiro caderno, p.24.

<sup>12</sup> *Idem*.

<sup>13</sup> ARQUIBANCADAS da Rio Branco já rendem 200 mil. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 jan.1980, 14.995, Primeiro caderno, p. 10.

<sup>14</sup> INCENTIVO ao carnaval de rua. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev.1980. 15.015, Caderno Turismo, p.7.

uma nova era do reinado de Momo”<sup>15</sup>; “Dar um carnaval condizente com a sua condição de terceira capital do país é o objetivo da Prefeitura”<sup>16</sup>; “A secretaria de turismo afirma ‘estar lutando para realizar um bom carnaval em Belo Horizonte, [...], entretanto, ao que parece poucos ficarão na capital para assistir aos prometidos desfiles e encher os clubes [...]’”<sup>17</sup>; “... o secretário acredita que dentro dos próximos três anos, o nosso carnaval terá recuperado o prestígio antigo”<sup>18</sup>.

Ao que indicam as fontes dos períodos posteriores, esse prestígio, se é que existiu, não conseguiu ser recuperado, tendo em vista, a progressiva diminuição do número de reportagens e do enfoque ao carnaval belo-horizontino nas décadas seguintes.

Estes exemplos citados contrastam com a forma como o carnaval de Ouro Preto era noticiado. Ao contrário da exaltação de Juiz de Fora e São João Del Rei por meio da veiculação de uma programação detalhada e estruturada, percebida também em Belo Horizonte na tentativa de convencer os foliões do sucesso da festa, em Ouro Preto as características mais divulgadas referiam-se a ideia de tradição contida na festa, como as seguintes reportagens indicam: “Carnaval em Ouro Preto é tradição”<sup>19</sup>, “[...] histórica e turística cidade”<sup>20</sup>, “Carnaval de Ouro Preto e suas tradições”<sup>21</sup>. O nome “Vila Rica” também era utilizado para se referir ao passado<sup>22</sup> e a maior parte das reportagens preocupava-se em divulgar o bloco Zé Pereira dos Lacaios e sua centenária existência: “Clube dos Lacaios, atração de Ouro Preto”<sup>23</sup>, “Ouro Preto, com seu legendário clube dos lacaios”<sup>24</sup>, “Os lacaios, cem anos de animação em Ouro Preto”<sup>25</sup>, “Zé pereira abre a grande folia em

<sup>15</sup> SAIA às ruas: o secretário de turismo jura que este ano vai ter carnaval. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 16 fev.1980. 15.016, Caderno ‘2’, p.8.

<sup>16</sup> CARNAVAL, a cidade convidada a brincar. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 27 fev.1981. 15.334, Caderno Turismo, p.1.

<sup>17</sup> RODOVIÁRIA já não tem passagens. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 15 fev.1981. 15.325, Primeiro caderno, p.8.

<sup>18</sup> NAS ruas da cidade, o carnaval traz de volta a alegria dos velhos tempos. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 15 fev.1980. 15.015, Caderno Turismo, p. 8.

<sup>19</sup> TRADIÇÃO. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 26 jan.1980. 14.998, Primeiro Caderno, p.8.

<sup>20</sup> SOCIEDADE do Interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 22 fev.1983. 15.832, Primeiro caderno, p.16.

<sup>21</sup> CARNAVAL de Ouro Preto e suas tradições. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 12 fev.1982. 15.578, Primeiro caderno, p.5

<sup>22</sup> CARNAVAL em Vila Rica. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 31 jan.1980. 15.002, Caderno ‘2’, p. 3.

<sup>23</sup> CLUBE dos Lacaios: atração de Ouro Preto. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 27 jan. 1980. 14.999, 1980, Primeiro caderno, p.22.

<sup>24</sup> O REI Momo é o nosso guia pelos caminhos de Minas. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 15 fev. 1980. 15.015, Caderno Turismo, p.1.

<sup>25</sup> OS LACAIOS, cem anos de animação em Ouro Preto. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 08 fev. 1980. 15.009, Caderno Turismo, p.8.

ouro Preto”<sup>26</sup>, são alguns exemplos. Mesmo as reportagens que davam ênfase a outros assuntos que não abordavam o bloco tinham o apelo à sua história como chamariz da notícia.

Importante destacar que as notícias sobre o carnaval da cidade de Ouro Preto, embora destacassem a especificidade da festa pautada nas características descritas acima, dividiam espaço com o anúncio dos festejos em várias outras cidades do interior mineiro. Além dos já destacados carnavais de Juiz de Fora e São João Del Rei, ganhavam grande destaque as festas nas cidades de Montes Claros, Vespasiano, Lagoa Santa, Caeté, Nova Lima, Poços de Caldas, Betim, São João Nepomuceno, Formiga, Rio Novo, Pouso Alegre, Passos, Lavras, entre outras. Era possível perceber uma descentralização na divulgação destes variados carnavais (sem considerar os dois principais já citados) e várias dessas cidades eram mais noticiadas do que Ouro Preto.

Nesses anos iniciais, o reduzido número de reportagens aliava-se também à disposição das mesmas no jornal. No geral, eram pequenas notícias, quando não, breves notas. Quando recebia maior enfoque, o carnaval de Ouro Preto ganhava destaque misturado aos das outras cidades históricas, como parte de um “pacote de antiguidades”. Apenas uma única reportagem do ano de 1981 dedicou toda uma página para a festa ouro-pretana, com fotos de escolas de samba misturadas a paisagens aleatórias da parte histórica da cidade. Algumas poucas ocupavam meia página ou espaço menor, a maior parte em colunas laterais ou próximas à margem inferior. Poucas reportagens também vinham ilustradas por fotos e, quando isso acontecia, as escolas de samba eram as principais representantes, mesmo quando o título da reportagem referia-se ao bloco Zé Pereira dos Lacaio.

Este fato pode ajudar a construir algumas hipóteses: o pouco engajamento do jornal Estado de Minas em oferecer uma leitura mais ampliada das manifestações ouro-pretanas, levando-se em consideração que o carnaval desta cidade não era o foco das notícias da época; e o que o próprio veículo de comunicação entendia por carnaval nos anos 1980, talvez quase um sinônimo dos desfiles das escolas de samba cariocas, devido também à grande veiculação dessas manifestações nas notícias de outras cidades do interior mineiro e do país.

Outro indício que pode demonstrar a pouca procura pela cidade de Ouro Preto, no período em questão, é o conjunto de reportagens que abordavam a venda de passagens para a festa no país e no interior do estado. Ouro Preto não fazia parte do conjunto de cidades mais procuradas pelos foliões que se deslocavam para as festas, tendo como referência a rodoviária

---

<sup>26</sup> E O ZÉ PEREIRA abre a grande folia em Ouro Preto. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 02 jan.1983. 15.791, Caderno Turismo, p.2.

de Belo Horizonte. Torna-se prudente destacar que esse não era o único meio de deslocamento de pessoas para o interior e que foliões de outros estados poderiam também participar do carnaval de Ouro Preto chegando por outros caminhos que, não necessariamente, passassem por Belo Horizonte. Uma reportagem do ano de 1981, por exemplo, anunciou que Ouro Preto havia recebido mais turistas do Rio e de São Paulo do que de Belo Horizonte<sup>27</sup>.

Mas, além do fato de esta ter sido uma reportagem isolada, sem outras que pudessem reforçar tal fato, e diante de tantas reportagens que noticiavam a compra de passagens e o seu rápido esgotamento para diversificados destinos mineiros, a ausência de Ouro Preto como um dos lugares procurados em meio ao anúncio de tantas outras cidades não poderia passar despercebida. Sem dúvidas, constitui um importante indicativo, se consideramos ainda a proximidade desta cidade com a capital mineira, cerca de 100 km.

Nas inúmeras reportagens que se ocupavam em noticiar os principais destinos e as condições de aquisição das passagens, como venda antecipada e levantamento dos destinos com bilhetes esgotados, as cidades mais disputadas estavam sempre em evidência: “Os locais mais procurados são São João Del Rei, Tiradentes, Poços de Caldas, Araxá, Caxambu e São Lourenço”<sup>28</sup>. Outra reportagem também citava os destinos mais procurados do interior mineiro, como São João Del Rei, Juiz de Fora, Lavras, Pouso Alegre, Poços de Caldas, Formiga, Montes Claros, Nova Lima, Diamantina, Pedro Leopoldo e mais vinte e quatro cidades, de uma lista que não comportava Ouro Preto<sup>29</sup>. Outras reportagens produzidas no início da década reforçam esse fato, como no ano de 1983, em que é anunciado que o maior movimento ocorria para as cidades de Pirapora, São João Del Rei, Lavras e Diamantina<sup>30</sup>.

Importante ressaltar que estes são apenas alguns dos inúmeros indicativos que podem ser utilizados para perceber a procura e a movimentação do carnaval ouro-pretano no início da década. Mesmo considerando outras possibilidades, acredito que a combinação da frequência e do conteúdo das reportagens com os informes acerca da venda de passagens pode ser um indício de uma pequena representatividade e popularidade da festa de Ouro Preto neste período, com um fluxo de turistas bem inferior a muitas cidades mineiras.

---

<sup>27</sup> AINDA o carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 mar. 1981. 15.338, Caderno Turismo, p.3.

<sup>28</sup> NÃO há passagens, nem ônibus extra. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 fev. 1981. 15.325, Primeiro caderno, p.8.

<sup>29</sup> FILAS e confusão na rodoviária. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 jan.1981. 15.335, Primeiro caderno, p.7.

<sup>30</sup> PASSAGENS estão quase esgotadas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 fev.1983. 15.827, 1983, Primeiro caderno, p.6.

Após esta contextualização, serão abordadas as principais manifestações percebidas nos anos iniciais da década de 1980 para estabelecer um diálogo posterior com o que se perceberia na festa nos próximos períodos.

## **2.1 Os primeiros anos da década de 1980 e suas principais manifestações**

O bloco Zé Pereira dos Lacaio divide as atenções desse período com o desfile das escolas de samba, a manifestação mais citada no conjunto total das fontes. Com menos representatividade, também eram divulgados outros blocos caricatos, como a Charanga do Carlota, a Bandalheira, o Balanço da Cobra, o Zé Pereira do Palácio Velho, Quem não é não entra e o Banjo de Prata. Alguns aparecem sem muita expressão, tentando uma possível consolidação na festa nesses anos iniciais da década.

Aparecem, também, no conjunto das reportagens, os chamados “bailes populares”, que aconteciam nas ruas, sobretudo na Praça Tiradentes, principal referência ouro-pretana. Esses bailes eram promovidos pela Prefeitura Municipal por intermédio da Secretaria de Turismo e Cultura e consistiam, basicamente, em apresentações de bandas e conjuntos musicais da região. Bailes de caráter privado também ocorriam com frequência durante o início da década em alguns clubes da cidade, como o Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM), o Aluminas e o XV de Novembro.

De toda forma, as fontes consultadas mostram que, no início da década de 1980, as manifestações com maior expressividade eram, de fato, as escolas de samba e o bloco Zé Pereira dos Lacaio, retratado, quase sempre, como a mais antiga agremiação carnavalesca do país. Este bloco costumava abrir o primeiro dia dos festejos, para logo depois, darem-se início os desfiles das escolas. Assim, as diversas reportagens encontradas sobre o tema se dividiam, especialmente, em notícias sobre essas duas manifestações, desde os seus preparativos até o resultado final de sua participação no carnaval em cada ano.

Antes de iniciar a discussão sobre cada uma delas no contexto específico de Ouro Preto, acredito ser importante contextualizar uma característica comum a ambas: as suas influências cariocas. Essa constatação ajuda a compreender as transformações que a festa ouro-pretana enfrentaria nas próximas décadas e a vinculação com a ideia de tradição, principalmente em se tratando do bloco.

Embora a temporalidade desse trabalho abarque os anos finais do século XX e iniciais do século XXI, compreender como estas manifestações constituíram-se em períodos

anteriores, em meio a tensões e motivações diversas, pode trazer elementos para pensar o objeto em sua contemporaneidade. Não é objetivo estabelecer uma origem, mas dialogar com alguns interesses e algumas contradições que incentivaram, ora o silenciamento, ora a visibilidade e a divulgação destas manifestações carnavalescas.

### **2.1.1 As escolas de samba**

A grande popularidade das escolas de samba no carnaval de Ouro Preto nos anos iniciais da década de 1980, representadas pelo expressivo número de reportagens veiculadas no Jornal Estado de Minas, não pode ser encarada como um dado isolado.

Nesse mesmo período, o carnaval carioca era veiculado como a grande referência de carnaval no Brasil. Difícil não remeter as escolas de samba ouro-pretanas à influência das escolas cariocas e do que se convencionou ser o carnaval no Rio de Janeiro ao longo de sua história. Os nomes, a conformação dos desfiles, a utilização de alas, tipos de fantasias e carros alegóricos, assim como, a necessidade de premiação de uma vencedora, são apenas alguns dos muitos indicativos das semelhanças. Mas, não somente a cidade de Ouro Preto seria influenciada pela criação carioca, e sim, grande parte do país, em um processo iniciado bem antes.

O Rio de Janeiro, antiga capital do Brasil, era, no século XIX, a principal porta de entrada das inovações que vinham da Europa. Em se tratando da festa carnavalesca, não é à toa que essa cidade é considerada, senão a principal no país, uma das mais importantes, pois, ao que indica a bibliografia que se destina ao carnaval brasileiro, foi a primeira a receber as influências europeias, tão diferentes dos antigos festejos vivenciados anteriormente no Brasil, que delineariam uma nova forma de brincar nos dias precedentes à Quaresma.

Araújo (2008) observa que a cidade do Rio de Janeiro seria, particularmente, uma grande receptora das novidades estrangeiras e, também, irradiadora destas para o restante do país. Com relação ao carnaval, a autora relata que a cidade tornou-se um centro de aprovação, adoção e difusão deste divertimento, “de maneira a constituir-se, no plano interno, um modelo a ser imitado no que diz respeito às novas maneiras de festejar” (p.121). Ferreira (2004) também aponta a cidade do Rio de Janeiro como um lugar privilegiado de importação de um carnaval mais civilizado, vindo da Europa e elaborado por parte da elite nacional, capitaneado pelas classes dominantes. Para o autor, o carnaval carioca seria o modelo copiado por todos os grandes centros urbanos do país, mesmo não passando por situações idênticas.

Assim como diversas manifestações foram importadas e reelaboradas na antiga capital, outras surgiram a partir da própria especificidade da cidade e do poder de criação de seus habitantes. Um destes exemplos seria, justamente, as escolas de samba, que segundo Ferreira (2004):

foram um produto cem por cento carioca, surgido através da articulação das muitas influências negras de macumbas, candomblés e batuques, temperadas pelos encontros de grupos carnavalescos pelas ruas do Rio de Janeiro e de toda uma gama de interesses políticos, sociais e econômicos.

O autor ressalta que, nos finais dos anos 1920, grupos de samba compostos por alguns rapazes que cantavam suas músicas numa espécie de conjunto musical conhecido como “samba de morro” começaram a adquirir visibilidade na imprensa e na elite intelectual da época, “desejosa de entrar em contato com a ‘verdadeira’ cultura do povo brasileiro”. (p. 338). Mesmo inevitavelmente mesclado a características do carnaval europeu, como o desfile e as fantasias das grandes sociedades, começava-se a se gestar uma festa com características próprias.

Ferreira (2004), também aponta que, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, tomou um grande impulso a ideia de uma expressão única para o Brasil, e assim, tudo o que pudesse representar a essência da mistura das “raças” que formavam o país era enaltecido. A valorização crescente do nacionalismo nos anos 1930 e dos interesses na criação de uma festa genuinamente popular em que, cada vez mais, buscava-se destacar as raízes negras, fez com que os grupos de “samba de morro”, apropriando-se também de algumas das características dos cordões e blocos, fossem conhecidos como “escola de samba” (FERREIRA, 2004). O autor cita o exemplo da música “Brasil Pandeiro”, composta por Assis Valente em 1940, que coroou esse movimento através da associação da imagem do país com o pandeiro, símbolo do samba. Os trechos da música, como “chegou a hora dessa gente bronzeada mostrar seu valor” e o incentivo ao Brasil para esquentar seus pandeiros e iluminar seus terreiros, tornariam, segundo Ferreira (2004), o Rio de Janeiro e todo o país, território do samba.

Neste contexto, as escolas de samba ganhariam mais destaque com o passar dos anos, não somente como projeto governamental de valorização de uma identidade nacional,

mas, também, com as ações da mídia impressa, que promoveria, cada vez mais, suas atividades, sendo responsáveis, também, pelos primeiros concursos entre elas <sup>31</sup>.

Como enfatizado no início deste capítulo, as escolas de samba eram noticiadas como as principais manifestações carnavalescas em todas as cidades de Minas Gerais retratadas no jornal Estado de Minas. Estavam presentes na maior parte das fotografias e manchetes do carnaval. Alguns exemplos: “Feliz lembrança vai abrir o carnaval de Juiz de Fora” <sup>32</sup>; “Escolas de samba já elogiam PBH” <sup>33</sup>, “Carnaval terá 32 escolas sambando na Afonso Pena” <sup>34</sup>, “Desfile de passistas, o ponto alto de Vespasiano” <sup>35</sup>; “Carros alegóricos no carnaval de Uberaba” <sup>36</sup>, “Mocidade Unida comanda o carnaval de Piumhi” <sup>37</sup>, “A Unidos do Bairro de Fátima abre o desfile em Ponte Nova” <sup>38</sup>, “Pouso Alegre institui prêmios para escolas” <sup>39</sup>, “Quatro escolas em desfile no carnaval de Barbacena” <sup>40</sup>, “Escolas de samba: o toque maior do carnaval de Poços de Caldas” <sup>41</sup>.

Em Ouro Preto, isso não era diferente. Mesmo com o bloco Zé Pereira ocupando a maior parte das manchetes, sendo mais relacionado à história da cidade e à ideia de tradição, o conteúdo relacionado às escolas ocupava a maior parte das reportagens, com uma utilização bem mais significativa de recursos fotográficos. A diferença entre a quantidade de reportagens e a ênfase no conteúdo entre uma e outra manifestação era pequena, mas ainda assim, podia

---

<sup>31</sup> Segundo Ferreira (2004): “A festa carnavalesca do ano seguinte (1932) seria um verdadeiro marco na história do carnaval brasileiro por sua oficialização promovida pelo prefeito Pedro Ernesto. No projeto da Prefeitura estava incluído um concurso de músicas carnavalescas que acabou por ser chamado de Concurso de Sambas. Apesar do caráter oficial do evento, sua organização correria a cargo dos órgãos da imprensa, sempre ativa e interessada em promover disputas entre os grupos carnavalescos. Entretanto, ao que parece, nenhum dos grandes periódicos se interessou em organizar uma disputa específica entre ‘escolas de samba’ - nome pelo qual os grupos de samba já começavam a ser conhecidos -, e o jornal Mundo Esportivo, recém-criado, acabaria ocupando esse espaço”.

<sup>32</sup> Feliz lembrança era o nome de uma das escolas que participavam do carnaval de Juiz de Fora: FELIZ lembrança vai abrir carnaval de Juiz de Fora. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev.1980. 15.005, Primeiro caderno, p.24.

<sup>33</sup> PBH é a sigla de Prefeitura de Belo Horizonte: ESCOLAS de samba já elogiam PBH. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 jan.1981. 15.309, Primeiro caderno, p.7.

<sup>34</sup> CARNAVAL de BH. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 fev. 1980. 15. 007, Primeiro caderno, p.4.

<sup>35</sup> DESFILE de passistas: o ponto alto de Vespasiano. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jan. 1980. 14.999, Caderno Pequenos anúncios, p. 13.

<sup>36</sup> CARROS alegóricos no carnaval de Uberaba. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev.1980. 15.011, 1º caderno, p.20.

<sup>37</sup> Mocidade Unida era o nome de uma das escolas de samba da cidade de Piumhi: MOCIDADE Unida comanda o carnaval de Piumhi. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 fev. 1980. 15.007, Primeiro caderno, p.14.

<sup>38</sup> A UNIDOS do Bairro de Fátima abre o desfile em Ponte Nova. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. *idem*.

<sup>39</sup> POUSO Alegre instituiu prêmios para as escolas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev. 1980. 15.005, Primeiro caderno, p.24.

<sup>40</sup> QUATRO escolas em desfile no carnaval de Barbacena. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980, *idem*.

<sup>41</sup> ESCOLAS de samba, o toque maior do carnaval de Poços de Caldas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980, *idem*.

demonstrar a relevância das escolas de samba para o carnaval ouro-pretano nos anos iniciais da década de 1980.

Ouro Preto inicia esta década com cinco representantes: Império do Morro de Sant'Ana, Unidos do Padre Faria, Imperial de Ouro Preto, Sinhá Olímpia e Inconfidência Mineira (ESIM). Uma reportagem do jornal Estado de Minas oferece indícios de que estas escolas já marcavam presença no carnaval da cidade em anos anteriores. Ao citá-las, completa a informação com os dizeres: “são as cinco ricas e tradicionais escolas de samba que concorrem, todo ano, para o encantamento de todos que participam do carnaval de Ouro Preto, desfilando, oficialmente, nas três noites, diante da comissão da Praça Tiradentes”<sup>42</sup>.

Em algumas edições das Agendas Culturais constam as datas de fundação de cada uma delas: a Império do Morro Sant'Ana é a mais antiga, datada de 1957. As demais são da década de 1970: a Unidos do Padre Faria do ano de 1970, a ESIM do ano de 1972, a Imperial de Ouro Preto do ano de 1974, e a Sinhá Olímpia de 1975.

Nos anos iniciais da década, o número de escolas variou um pouco, ora cinco, como em 1980, ora quatro em 1981, com a saída temporária da Imperial de Ouro Preto que retorna no ano seguinte. Segundo as reportagens, o ano 1982 segue com seis escolas, pois também passa a contar com a Acadêmicos de São Cristóvão, que tem como data de fundação, o ano de 1980. Segundo uma das fontes consultadas, esta escola desfilou pela primeira vez no ano de 1981, mas sem participar do concurso oficial<sup>43</sup>.

Embora as escolas de samba fossem bastante noticiadas nesse período, poucas foram as reportagens que se preocupavam em contar a sua história e o início de sua participação no carnaval. Os nomes de metade delas remetem aos bairros de onde surgiram, como a Império de Morro Santana, a Unidos de Padre Faria e a Acadêmicos de São Cristóvão. As outras três remetem à história da cidade e de seus moradores. A Inconfidência Mineira foi criada no bairro Antônio Dias, a Imperial de Ouro Preto, nome que remete ao título de “Imperial cidade” conferido por D. Pedro I em 1823<sup>44</sup>, foi criada por moradores dos bairros Rosário e Pilar e a Sinhá Olímpia, uma homenagem à Dona Olímpia, uma senhora tida como importante personagem da cidade, foi criada por moradores do bairro Saramenha.

Mesmo não se percebendo ainda uma programação bem estruturada, pode-se notar que as diversas manifestações aconteciam a partir do desfile das escolas, que se tornavam uma

---

<sup>42</sup> CARNAVAL etc. e tal. : Tradição. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 mar. 1980. 14.999, Primeiro caderno, p.12.

<sup>43</sup> AS ESCOLAS, para ganhar ou vencer. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 1981. 15.327, Caderno Turismo, p.1.

<sup>44</sup> Informação coletada no site da Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Disponível em: <<http://www.ouopreto.mg.gov.br>>. Acesso em 20 de nov. de 2010.

referência. Os blocos, tendo como principal atração o Zé Pereira dos Lacaiois, realizavam seu desfile em momento anterior às elas e logo após o término de sua passagem iniciavam-se os bailes nas ruas e nos clubes da cidade.

Várias são as reportagens que demonstram a importância das escolas, representadas como uma das atrações mais esperadas pelos ouro-pretanos, e que, de certa forma, demarcavam os outros festejos. Uma delas, do ano de 1980, anunciava que o Centro Acadêmico da Escola de Minas, o Clube Ouro Preto, o Social Aluminas e o Aluminas de Saramenha promoveriam bailes, que começariam logo após o desfile das escolas e do Clube dos Lacaiois <sup>45</sup>.

No ano de 1981, a notícia do retorno do Clube XV de Novembro ao carnaval ouro-pretano demonstra também a relação dos bailes com a apresentação das escolas. Segundo a reportagem, a diretoria do clube, restaurado no ano anterior, cuidaria de todos os detalhes para “reviver seus bailes, que varam a madrugada de Ouro Preto após o desfile das escolas” <sup>46</sup>. Também os blocos saíam às ruas em horário combinado com o delas, como demonstrado no trecho desta reportagem: “No sábado, eles (os blocos) estarão na Praça Tiradentes e nos outros dias apresentam-se antes do desfile oficial das escolas” <sup>47</sup>.

Interessante perceber que, embora provavelmente houvesse um horário estipulado para esses desfiles, era pouco importante a rigidez de um tempo cronometrado. Outros exemplos, além das escolas, demonstram essa pouca preocupação com um tempo organizado ou com a divulgação do mesmo: “Bailes populares à noite e à tarde” <sup>48</sup>; “Na virada da noite é hora dos bailes” <sup>49</sup>. No ano de 1982, os bailes dos clubes eram anunciados “até o sol raiar” <sup>50</sup>. As matinês aconteciam “durante o dia” e em todas as noites antes do início do carnaval as baterias das escolas saíam pelas ruas centrais.

Do conjunto de reportagens deste início da década apenas em duas havia a preocupação em divulgar o horário dos desfiles do bloco Zé Pereira e das escolas de samba, mas sem detalhes muito precisos sobre o tempo destinado a eles, atendo-se à apenas informar o início, entre 19h e 20h, e no caso de uma das reportagens, o término previsto, às 2h. Mesmo

<sup>45</sup> SERÃO filmadas as festas de Momo em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 1980. 15.016, Caderno Pequenos anúncios, p.5.

<sup>46</sup> OSWALDO, Ângelo. Carnaval em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 1981. 15.009, Caderno Turismo, p.1.

<sup>47</sup> *Idem*.

<sup>48</sup> CLUBE dos Lacaiois: atração de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 jan. 1980. 14.993, Primeiro caderno, p.22.

<sup>49</sup> CARNAVAL em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.327, Caderno Turismo, p.1.

<sup>50</sup> O CARNAVAL de Ouro Preto e suas tradições. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev.1980. 15.578, Caderno Turismo, p.5.

em uma reportagem que anunciava que a festa ouro-pretana seria filmada por cinegrafistas do país e do exterior não havia a divulgação de uma programação para que os possíveis telespectadores pudessem se inteirar<sup>51</sup>.

Outros indícios também apontam a importância das escolas de samba para a festa ouro-pretana no início da década de 1980, como em uma reportagem do ano de 1982 que anunciava que a Praça Tiradentes seria “pequena para acolher milhares de foliões”, enchendo-se de “luzes e cores” para assistir aos desfiles das seis escolas concorrentes<sup>52</sup>. O detalhamento na caracterização dos desfiles e a presença de notícias periódicas sobre ensaios, premiações, verbas disponibilizadas, entre outras, também testemunhavam a favor da relevância das escolas para Ouro Preto. Após a realização do carnaval de 1980, o desfile da escola vitoriosa, Inconfidência Mineira, foi assim retratado:

[...] um *show* de apresentação, tanto na parte de fantasias quanto na evolução de passistas. A bateria, com Fernando no apito, foi sensacional, com um novo repique e um ritmo quente que fizeram com que o povo presente à Praça Tiradentes não poupasse aplausos à escola, aplausos, aliás, que não faltaram durante os três dias de Carnaval<sup>53</sup>.

Em outro trecho de reportagem, também é possível pensar o que representavam as escolas e como eram noticiadas naquele momento:

Na terça-feira a ESIM levou à Praça para completar a alegoria, uma liteira carregando uma dama de antigamente. Era transportada por elementos caracterizando os escravos. Isto mostrava o tempo de Chico Rei. Além da liteira, a Inconfidência Mineira mostrou, ainda, um carro alegórico que também caracterizava o enredo e, por ter sido a última escola a desfilar, Ouro Preto teve um excelente fim de carnaval<sup>54</sup>.

O final da última frase do trecho destacado demonstra como o sucesso do carnaval estava relacionado ao desfile das escolas, ao afirmar que Ouro Preto teve um “excelente final de carnaval” com o bom desfile da Inconfidência Mineira que, posteriormente, sagrou-se campeã.

<sup>51</sup> SERÃO filmadas as festas de Momo em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 1980. 15.016, Caderno Pequenos anúncios, p. 5.

<sup>52</sup> MUITA gente procura hotéis de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1982. 15.582, Primeiro caderno, p.14.

<sup>53</sup> INCONFIDÊNCIA, campeã de OP. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 fev. 1980. 15.018, Primeiro caderno, p.6.

<sup>54</sup> CLUBE dos Lacaios: atração de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 jan. 1980. 14.993, Primeiro caderno, p. 22.

No ano de 1983 esse destaque recebido pelas escolas é também bastante perceptível. Em uma reportagem, destacava-se que “há muito elas vem trabalhando para o carnaval e prometem maior brilhantismo ainda. [...] Têm crescido a cada ano procurando mostrar sempre entusiasmo e originalidade”<sup>55</sup>.

A partir dessas fontes é possível perceber que, no conjunto total das reportagens desse período, falar de carnaval em Ouro Preto implicava, quase sempre, falar também das escolas de samba, devido à grande presença dessa manifestação na maior parte das notícias destinadas à festa ouro-pretana e à ênfase conferida a ela nos conteúdos dos textos e fotografias. É inegável, assim, que o desfile das escolas do Rio de Janeiro se tornaria uma grande influência do carnaval ouro-pretano neste período, mesmo com as especificidades da própria cidade e de seus moradores. Assim como as escolas de samba, o bloco Zé Pereira dos Lacaios também teria sua origem no carnaval carioca, tema do próximo subitem.

### 2.1.2 O Zé Pereira dos Lacaios

Segundo os autores Maria Clementina Cunha (2002), Felipe Ferreira (2004) e Patrícia Araújo (2008), uma brincadeira carnavalesca com o nome de Zé Pereira surgiu nas ruas do Rio de Janeiro em meados do século XIX. Embora Ferreira (2004) aponte controvérsias em relação à data de seu surgimento<sup>56</sup>, afirma que é consenso entre a maior parte dos estudiosos de que a brincadeira começou no Brasil quando certo José Nogueira desfilou pelas ruas do Rio de Janeiro durante os dias de carnaval batendo um grande bumbo. Ainda, segundo o autor, há versões de que o nome estaria relacionado ao próprio José Nogueira, enquanto outras relatam que esse costume é anterior e teria vindo de Portugal, “onde grupos chamados de Zé Pereiras, compostos de rapazes tocando bumbos, desfilavam durante os dias de carnaval, principalmente nas pequenas aldeias do norte do país” (FERREIRA, 2004).

Embora o próprio Ferreira (2004, p.210) afirme que nenhuma versão acerca do surgimento desta manifestação tenha sido comprovada, o autor caracteriza a brincadeira “pela batida, ao estilo europeu, de tambores e taróis, diferenciando-se, desse modo, dos chamados batuques negros que utilizavam outros tipos de instrumentos de percussão”. Outra caracterização fornecida por este autor refere-se à vestimenta dos seus integrantes: “um grupo

<sup>55</sup> OURO Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 jan. 1983. 15.814, Primeiro caderno, p. 4.

<sup>56</sup> Ferreira aponta os estudos de três autores como exemplo dessa controvérsia. Eneida de Moraes, para quem essa manifestação teria se originado em 1846; Luiz Edmundo, com a data de 1852 e Hiram Araújo, que cita como possíveis datas, os anos de 1846, 1848 e 1952.

de homens vestidos com roupas usadas (ou mesmo trapos) tocando grandes surdos e arrastando em torno de si animados foliões atraídos pela barulhada” (2004, p.210).

A utilização dos instrumentos de percussão também é destacada por Cunha (2002, p. 374) nesta passagem em que descreve parte do carnaval carioca na segunda metade do século XIX:

[...] foliões avulsos envergando fantasias como diabinhos, princeses, dominós e palhaços, mortes, caveiras, morcegos, entre muitos mascarados de vários tipos e qualidades dedicavam-se ao velho hábito da injúria carnavalesca: habilidosos dançarinos negros e mulatos, caracterizados como velhos de enormes cabeças, exibiam sua perícia pelas esquinas, ao som de palmas de assistência casual ou da percussão de algum Zé Pereira que acompanhassem pelas ruas.

Pela descrição da autora percebe-se a multiplicidade de manifestações presentes na folia carnavalesca carioca desse período e a caracterização principal do Zé Pereira, que se misturava às outras formas de brincadeiras pelas ruas. Ferreira (2004) chega até a mencionar que qualquer grupo de foliões reunidos e batendo tambores era chamado de Zé Pereira. Segundo ele, a brincadeira podia contar com outros instrumentos, mas a sua principal característica era o barulho produzido e o caráter anárquico do conjunto. Ainda, segundo o autor, tamanha era a repercussão desta forma de brincar o carnaval que as grandes sociedades também passariam a incorporar em seus préstitos grupos de músicos e foliões identificados como “Zé Pereiras”, que passariam a ser anunciados, com destaque, nos jornais da época (FERREIRA, 2004).

Constatando também este fato, Cunha (2002) cita em seu texto “Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século”, a transformação da brincadeira originada das ruas em um espetáculo teatral, referindo-se ao “Zé Pereira Carnavalesco”, escrito e encenado por Francisco Correa Vasques em 1869. A autora observa que o espetáculo misturava os bumbos do folguedo com as frases de uma canção de uma revista francesa, encenada na Corte pouco tempo antes e levada aos palcos com uma nova letra preparada para as vésperas do carnaval:

Viva o Zé Pereira  
Que a ninguém faz mal,  
e viva a bebedeira  
nos dias de carnaval.  
Zim, balala! Zim, balala!

E viva o carnaval!<sup>57</sup>

Cunha (2002, p.373) interpreta a bebedeira como sinônimo da animação atribuída aos grupos, inofensiva e ingênua, e o “zim balala” como a sua característica principal, fazendo referência aos “grandes bumbos e tambores executados por homens fortes e dispostos, que marcavam o ritmo musical dançando nas ruas, transformado, no palco, em uma espécie de marca registrada dos dias de Momo”.

O folgado carioca foi também bastante evidenciado no jornal Estado de Minas e no jornal O Liberal. Várias reportagens ocuparam-se em descrever as possíveis origens do Zé Pereira. Como não há variações consideráveis entre as histórias contadas pelos dois veículos, utilizo o seguinte trecho como exemplo:

A literatura existente sobre o carnaval descreve o Zé Pereira, ou melhor, o José Nogueira de Azevedo Paredes, um humilde sapateiro, com oficina montada na Rua de São José, 22, Rio de Janeiro, como um homenzarrão amorenado e simpático a toda prova, olhos brejeiros, bigode curto e aparado a capricho, cabelo grisalho com corte à escovinha, barba sempre bem escanhoadá, musculatura de atleta, peito farto de cabelos, calça de brim pardo apertada com amplo abdome por uma estreita correia – sonegação ao suspensório que era o habitual da época – possuidor de ar saudável e sempre risonho. Foi numa segunda-feira de carnaval, em 1852, que José Nogueira saiu à rua com um grupo de amigos, ao som de zabumbas e tambores alugados às pressas para uma passeata. José, talvez por ser o mais forte da turma, abarcou-se com o bumbo, enorme e pesado, que era chamado na sua terra de ‘Zé Pereira’<sup>58</sup>.

A reportagem, sem autoria definida, aproxima-se das características das versões descritas por Ferreira (2004), tais como os instrumentos de percussão e a origem humilde do precursor do bloco nas ruas cariocas. A associação com o popular vai ao encontro da pesquisa de Cunha (2002). Segundo esta autora, algumas dessas características eram também descritas por memorialistas, para os quais os grupos de Zé Pereiras eram frequentados, exclusivamente, por portugueses brutos que “esmuravam tambores e consumiam pipas e pipas de vinho” (p.379).

A manifestação do Zé Pereira, tomando como referência as características descritas pelos autores, assemelhava-se muito mais ao entrudo<sup>59</sup> do que à festa carnavalesca

<sup>57</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: \_\_\_\_\_ (org.). CARNAVAIS E OUTRAS FRESTAS. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 371- 417.

<sup>58</sup> ZÉ Pereira: personagem e música. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1980. 15.017, Primeiro caderno, p.6.

<sup>59</sup> Segundo Araújo (2008), em seu estudo sobre as festas populares e os festejos de entrudo em Minas Gerais no século XIX, o entrudo é considerado a primeira manifestação carnavalesca no Brasil, e seria, no início do século

que se almejava construir. Os costumes portugueses foram considerados pela elite intelectual brasileira, principalmente nos anos finais do século XIX, sinônimos de atraso e de um passado colonial que o país precisava se afastar para encontrar uma identidade própria e se inserir nos processos de modernização dos países europeus tidos como mais avançados (fator que seria um dos responsáveis pela aceitação e pelo sucesso do carnaval veneziano em terras brasileiras). Mas, percebe-se pelos estudos de Cunha (2002), que era preferível a veiculação de um “ingênuo” folguedo português de origem camponesa do que os perigos oferecidos pela cultura negra. Esta mesma que, nos anos iniciais do próximo século, iria ser valorizada por meio do “samba de morro” como expressão de uma identidade genuinamente brasileira, como já mencionado.

Assim, houve a construção da imagem de um Zé-Pereira igualitário, que serviu a propósitos semelhantes aos das escolas de samba no decorrer do século XX. Segundo Cunha (2002), essa imagem seria fiel a um processo de crescente fusão e depuração cultural, formando uma identidade tipicamente brasileira expressa pelo carnaval mais do que qualquer outra ocasião coletiva. Como aponta a autora, “condenado em suas origens e práticas de classe - coisa de operários, desocupados e prostitutas -, ele pôde ser transformado em um ícone do próprio carnaval, incorporado a formas mais seletas de brincadeiras para funcionar como um símbolo da universalidade da folia” (p. 380) <sup>60</sup>.

Referindo-se às contradições dessa imagem do Zé Pereira carioca, Cunha (2002) faz observações que não servem apenas a essa manifestação em específico, mas a outras práticas carnavalescas que fariam parte de todo um movimento de condenação/aceitação; de valorização de um passado idealizado e de modernização; de criação de uma identidade que fosse capaz de selecionar e utilizar parte dos elementos da cultura carnavalesca criada e

---

XVII, o momento em ele entra em cena no calendário festivo colonial. Segundo a autora, o seu significado seria “entrada” e uma hipótese de sua criação é que estaria ligado a festejos portugueses como forma de comemoração do início da primavera, antes do Cristianismo. Com o tempo, foi incorporado ao calendário cristão, atendendo aos próprios interesses da igreja, e recebeu uma data fixa, passando a designar os dias de despedida da carne e o início do período quaresmal. Uma das brincadeiras comuns, nesse momento, consistia em jogar água e farinha nas pessoas que passavam nas ruas, incrementada no século XIX pelos limões de cheiro. O entrudo, considerado por muitos o precursor do que chamamos hoje de carnaval, era, na verdade, uma manifestação diferente, embora com princípios comuns pautados pela característica do “carnavalesco”, descrita por Bakhtin (2008, p.9) como uma paródia da vida ordinária e uma “lógica original das coisas ao avesso”. Ambas as manifestações, assim, coincidiram no tempo, passaram a ser comemoradas em um mesmo período do ano e se misturaram em alguns momentos históricos com interesses diversos. É comum em todas as fontes, a confusão entre estas duas formas, utilizadas como sinônimo. Mas, na verdade, o entrudo, considerado bárbaro, insalubre e imoral, foi progressivamente substituído pela suposta civilidade, progresso e modernidade associados ao carnaval.

<sup>60</sup> Outra possibilidade apontada por Cunha (2002, p.380) que pode ter contribuído para a noção de igualdade gerada pelo Zé Pereira era a sua associação a uma “válvula de escape”, momento transitório de suspensão das normas e hierarquias e de concessão de espaço à plebe rude, como era comum no período”.

recriada nas ruas da cidade para incorporá-los a uma imagem idealizada de um país que almejava ter suas próprias raízes. Mas, como bem aponta a autora:

[...] nem tudo é tão simples como parece. A oscilação entre a disposição de incorporar símbolos coletivos nascidos da alegre ‘alma’ popular e a rejeição radical de algumas de suas dimensões frequentou muito cedo as pautas das elites e dos ‘homens de letras’ preocupados em desenhar uma identidade para a nação. Em meio à ambiguidade política que sempre cercou uma noção como esta, o Zé Pereira prestava-se à positivação por outro bom motivo: em anos de aguda tensão racial e social em torno da causa da abolição que se avultava, ele parecia ter uma origem menos comprometedora que os temidos batuques africanos. Memorialistas ou folcloristas como Vieira Fazenda atribuíram seu aparecimento a reminiscência de tradições rurais portuguesas, evocando folganças coloniais vindas de Portugal e suas tradições rurais, mas nenhum traço da África ou do cheiro das senzalas (2002, p.376).

Cunha faz menção ao período anterior à abolição da escravidão, momento em que o entrudo ainda disputava espaço com a nova forma de brincar nos dias precedentes à Quaresma, trazida da Europa, representada principalmente pelos bailes mascarados e pelas grandes sociedades da elite. A autora também destaca a metade do século XIX como um momento em que o Zé-Pereira ganha visibilidade nos palcos e nos jornais, embora lembre que uma coisa era a sua caricatura em um espetáculo e outra era encontrá-lo nas ruas da cidade, experiência que aos olhos da elite podia parecer sem graça e até perigosa.

Indo ao encontro das observações de Ferreira (2004), Cunha (2002) também aponta que, nas primeiras décadas do século XX, alguns intelectuais encontravam uma identidade brasileira que se confundia com o ‘popular’, mas em suas formas purificadas das más heranças. Segundo a autora, “viam evolução (onde só havia diferença) entre formas como os Zé-Pereiras e os ranchos” (p. 384). Ressalta que, décadas mais tarde, essa cadeia se completaria com as escolas de samba e com a valorização de uma cultura negra, “celebradas como legítima expressão da alma brasileira, na qual a folia ocorreria em paralelo com o ‘progresso’ do próprio país” (p. 384).

A função identitária conferida ao Zé Pereira no Rio de Janeiro torna-se importante para elucidar o que representaria esse bloco no contexto ouro-pretano, surgido, nesta cidade, poucos anos depois. O desafio de pensar o presente e seu passado recente, tomando por base princípios construídos em um tempo mais remoto, permite desnaturalizar a ingenuidade e, até mesmo, certa pureza original, compreendendo as manifestações carnavalescas em sua historicidade e, permitindo, desta maneira, a construção de um olhar mais crítico.

Além da importância em si desta forma de participação no carnaval ouro-pretano, o conhecimento dos seus diferentes contextos históricos pode fornecer novas possibilidades

de interpretação das fontes, com um olhar menos simplista dos processos, principalmente sobre as que utilizam descrições deste passado para abordar o presente, encontradas com bastante frequência. Essas questões me parecem importantes para pensar um movimento em longo prazo que retira e coloca em cena, permanentemente, determinadas manifestações, produzidas por interesses e pelas sensibilidades de uma época. Neste sentido, outra questão importante é pensar como a história do Zé Pereira ouro-pretano serviria também à forte construção de uma identificação e à promoção da cidade, através do carnaval.

A versão construída em Ouro Preto recebeu o nome de Zé Pereira dos Lacaio e embora guarde evidentes relações com a brincadeira carioca, adquiriu contornos específicos. Para além do som da percussão, bonecos gigantes e lampadários também seriam bastante representativos nas ladeiras da cidade.

Com menos destaque no conteúdo geral das reportagens e nas imagens utilizadas pelos jornais para caracterizar o carnaval de Ouro Preto do que as escolas de samba, o bloco<sup>61</sup> Zé Pereira dos Lacaio estava presente na maior parte das manchetes e das referências ao passado histórico da cidade e da festa, associado, com mais frequência, à ideia de tradição. O bloco parecia ser importante para chamar a atenção do leitor para as notícias sobre a festa ouro-pretana, mesmo que o conteúdo da reportagem, muitas vezes, não correspondesse às letras grandes das manchetes.

Contudo, o bloco também era veiculado como uma das principais atrações do carnaval da cidade. Os festejos de 1980 eram assim noticiados: “O ponto alto é o centenário Zé Pereira dos Lacaio, a mais antiga agremiação carnavalesca do país. O bloco abre o carnaval da cidade, desfilando no sábado, às 20h, na Praça Tiradentes [...]”<sup>62</sup>. Havia também a sua associação com as próprias escolas: “O centenário Clube dos Lacaio e seis escolas de samba desfilam domingo à noite na Praça Tiradentes, abrindo o carnaval de Ouro Preto”<sup>63</sup>.

Como já mencionado no subitem sobre as escolas de samba, as outras manifestações principais do início dessa década eram, de certa forma, demarcadas pelo desfile delas. Os blocos desfilavam antes e os bailes aconteciam depois de sua apresentação. Mas, dada a grande ênfase ao Zé Pereira nas reportagens e à sua ligação com a história da cidade,

---

<sup>61</sup> A opção por referir a esta manifestação como um bloco parte da observação de que este termo é o mais utilizado nas reportagens, nas Agendas Culturais e nos informativos da Prefeitura Municipal no período em que se insere a temporalidade desta pesquisa. Outros termos também foram observados e vale à pena serem considerados: *club* ou clube, curso e sociedade - que parecem remeter ao período de sua criação - e agremiação carnavalesca. As reportagens não se preocupam em explicar a escolha por cada uma delas, como também não apresentam nenhuma referência ou parâmetro para tal utilização.

<sup>62</sup> OS LACAIOS, cem anos de animação. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 fev. 1980. 15.009, Caderno Turismo, p.8.

<sup>63</sup> *Idem*.

ele não poderia ser considerado um bloco como os demais. Prova disso era a sua função de abrir a festa. Era ele o primeiro a desfilarem. Se as escolas pareciam ser importantes por servirem de referência à apresentação das outras manifestações, em um período em que ainda não era apresentada uma programação detalhada, não se pode negar, também, a importância do bloco responsável em iniciar o carnaval.

Essa função, combinada com uma grande ênfase às características do bloco e à sua história, bastante ressaltadas pelas reportagens, pode oferecer indícios sobre a sua representatividade. A bateria, os bonecos gigantes, o piquete de cavalaria e os carros alegóricos que acompanhavam o cortejo (embora esses dois últimos já tivessem sido abolidos na temporalidade dessa pesquisa) eram bastante recorrentes. A reportagem a seguir caracteriza com detalhes os personagens do bloco e a forma como desfilavam pelas ruas da cidade:

À frente, saem em disparada os cariás, pequenos demonetes que tiram faíscas da calçada com seus tridentes e põem a meninada em algazarra, gritando ‘Zé Pereira’. Depois, vem a Baiana e os Catitões, enormes bonecos que gingam bizarramente, enquanto os clarins anunciam o avanço da bateria, subindo a ladeira de Antônio Dias em direção à Praça e à Rua São José. Grandes lampadários com velas acesas são outra marca dos tempos antigos, conservada pelo Clube dos Lacaíos<sup>64</sup>.

Outras reportagens também destacam essas características: “[...] os gigantescos bonecos – os cariás, a Baiana e o Zé Pereira - fazem ainda a alegria da criançada, que grita ‘Zé Pereira’ em coro para acompanhar a estrondosa bateria”<sup>65</sup>. Intitulada “Os Lacaíos, cem anos de animação em Ouro Preto”, esta reportagem também anuncia que o bloco, desde o seu surgimento, está a subir e descer ladeiras, “com seus enormes lampadários de velas, o ritmo inconfundível do Zé Pereira, os diabretes Cariás abrindo alas por entre o povo e a meninada e os gigantescos bonecos, as baianas e os Catitões, gingando na frente do cortejo”<sup>66</sup>. Outras reportagens também destacam estas características do bloco, ressaltando que, apesar das mudanças em seu desfile, continuava sendo uma atração para a cidade e seus visitantes.

Sobre estas características, uma questão importante é apontada por Lopes (2004, p.126). O Zé Pereira ouro-pretano também foi representante dos discursos de formação da nacionalidade brasileira: “[...] a figura do catitão, associado ao português (já que é um boneco com bigodes), e a baiana, simbolizando a mulata ou a negra, reafirmam a miscigenação das

<sup>64</sup> LACAÍOS, cem anos de animação. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 fev. 1981. 15.327, Caderno Turismo, p.1.

<sup>65</sup> E o Zé Pereira abre a grande folia em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 jan.1983. 15.795, Caderno Turismo, p.2.

<sup>66</sup> *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980, 08 fev. 1980. 15.009, Caderno Turismo, p. 8.

raças, os traços da cultura [...]”. Esta constatação contribui para pensar os diversos usos implícitos na valorização de uma manifestação cultural em um tempo histórico determinado, importante para pensar a função desempenhada pelo Zé Pereira dos Lacaio no período desta pesquisa.

Uma evidência que também demonstra a relevância do bloco para o carnaval ouro-pretano era o seu destaque em reportagens que tratavam das festas carnavalescas que aconteciam em Minas Gerais, como esta: “São João Del Rei e Juiz de Fora disputando o prestígio do maior carnaval mineiro, Ouro Preto, com seu legendário Clube dos Lacaio...”<sup>67</sup>. O texto, que evidenciava a notoriedade das duas cidades mineiras, citadas como principais no carnaval mineiro, destacava Ouro Preto através do seu Zé Pereira.

Mesmo com algumas imprecisões, a maior parte das fontes consultadas concorda sobre a forma como o bloco surgiu em Ouro Preto e várias eram as reportagens que se ocupavam de contar a sua trajetória. O Zé Pereira teria sido criado “quando os serviçais do Palácio dos Governadores<sup>68</sup> da Província de Minas resolveram organizar uma agremiação para brincar no entrudo”<sup>69</sup>. O termo lacaio seria uma alusão aos funcionários considerados bajuladores. Ressaltava-se que a criação tinha o objetivo de “lançar em Minas o ritmo do Zé Pereira em moda nas festas do entrudo na Corte do Rio de Janeiro” e introduzi-lo “nos animados préstitos da Rua São José”<sup>70</sup>.

Esta versão divulgada nos anos 1980 é também a mais afirmada nas décadas seguintes pelo Estado de Minas, pelo jornal *O Liberal* e pelos outros jornais que passaram a fazer parte da pesquisa. Utilizando como exemplo uma reportagem do jornal *O Liberal*, de 1993, o bloco foi também anunciado como criação dos empregados do Palácio dos Governadores da Província de Minas Gerais, que resolveram introduzir “no famoso Entrudo da capital mineira, um ritmo que havia empolgado o carnaval do Rio de Janeiro<sup>71</sup>”. Seguindo este exemplo, uma edição do *Jornal Diário da Tarde* do ano de 1995 também relata que os lacaio “trouxeram para Minas o ritmo que, naquela época, fazia sucesso no carnaval do Rio de Janeiro<sup>72</sup>”.

---

<sup>67</sup> O REI momo é o nosso guia pelos caminhos de Minas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev. 1980. 15.018, Caderno Turismo, p.1.

<sup>68</sup> Ouro Preto, até a criação da cidade de Belo Horizonte no final do século XIX, era a capital de Minas Gerais e o Palácio dos Governadores ocupava o prédio onde, desde 1876, encontra-se a Escola de Minas que, atualmente, pertence à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

<sup>69</sup> OS LACAIOS, cem anos de animação em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 fev. 1980. 15.009, Caderno Turismo, p.8.

<sup>70</sup> *Idem*.

<sup>71</sup> CARNAVAL 93. *O Liberal*, Ouro Preto, 09 fev. a 19 fev.1993. 113, p.8.

<sup>72</sup> EM Ouro Preto a folia organizada. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 21 fev. 1995.

Na década seguinte, um informativo da Prefeitura Municipal, veiculado no *site* oficial deste órgão, também reforça essa versão: “A tradição do carnaval ouro-pretano remete ao século XIX, quando o primeiro bloco, organizado por funcionários do Palácio do Governador, desfilou pelas ladeiras: o Zé Pereira dos Lacaiois, que existe até hoje<sup>73</sup>”.

Outras versões que extrapolam as informações anteriores também são frequentes. O bloco continuaria tendo sua origem entre os funcionários do Palácio, mas para iniciar uma disputa com outro grupo carnavalesco da cidade de Ouro Preto, os Machadinhos, formado por pessoas de grande representação social. Segundo as fontes que contam essa história, o nome “lacaiois” era um apelido pejorativo dado aos empregados do Palácio pelos próprios integrantes dos Machadinhos. Os empregados, assim, teriam fundado o seu clube, “autointitulado ironicamente de Lacaiois”<sup>74</sup>. Essa versão é mantida no anúncio de uma exposição que aconteceria em Belo Horizonte no ano de 1987, cujo tema principal era o bloco<sup>75</sup>.

Nos anos 2000, a versão continuou sendo transmitida. Uma reportagem do jornal Estado de Minas do ano de 2004 complementa a informação contida na Agenda Cultural do mesmo ano<sup>76</sup>. Os dois veículos ressaltam a rivalidade entre os grupos e as características do Zé Pereira: a utilização de fraques, cartolas e lanternas, que seriam um deboche aos funcionários considerados puxa-sacos.

Outros indícios também ajudam a pensar a forma de surgimento dos Lacaiois, como a veiculação da principal versão aqui apresentada em situações em que o bloco recebera homenagens, contando com a presença de seus integrantes. No ano de 2007, uma homenagem da Prefeitura Municipal foi noticiada pelo jornal O Liberal: “O grande troféu da noite foi entregue pelo prefeito Ângelo Oswaldo e o vice Reinaldo Figueiredo ao Salvador Gentil, em comemoração aos 140 anos da agremiação carnavalesca mais antiga do Brasil”<sup>77</sup>. O senhor homenageado era o presidente do bloco no ano em questão, função que ainda exerce atualmente.

As homenagens recebidas pelo bloco também ajudam a compreender a sua data de criação, que pelas reportagens varia entre os anos de 1846, 1857, 1864 e 1867. Apesar de todas concordarem que o bloco originou-se em Ouro Preto a partir da manifestação carioca, como apresentado anteriormente, a data de criação na antiga capital mineira não é bem

---

<sup>73</sup> Ver:< [www.ouropreto.mg.gov.br](http://www.ouropreto.mg.gov.br)>. Acesso em 20 de nov. de 2011.

<sup>74</sup> CLUBE dos Lacaiois desfila em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar.1984. 16.151, Caderno ‘2’, p.4.

<sup>75</sup> CARNAVAIS. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 fev.1987. 16.979, p.7.

<sup>76</sup> UMA farra histórica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 fev. 2004. Caderno Especial, p.24.

<sup>77</sup> TROFÉU Zé Pereira emociona representantes de blocos. *O Liberal*, Ouro Preto, 19 fev. a 25 fev. 2007. 733.

precisa. Mas, entre as quatro datas várias evidências indicam o ano de 1867 como a mais provável, como a própria homenagem citada anteriormente feita ao seu presidente, que considera esse ano.

Em 1982, a decoração do carnaval nas ruas centrais da cidade teve como tema as principais características do bloco: os bonecos gigantes e os lampadários, sugerindo seu ano de criação:

O carnaval de Ouro Preto vai prestar este ano uma homenagem ao tradicional ‘Club dos Lacaios, a mais antiga sociedade carnavalesca do Brasil. Ele será o tema da ornamentação da cidade. Desfilando há 115 anos em Ouro Preto, os Lacaios são formados pelos empregados do Palácio dos Governadores da Província de Minas, que resolveram sair nos festejos do Entrudo de 1867 [...]’<sup>78</sup>.

Estas formas de homenagem foram percebidas em outros anos, colaborando, também, para a compreensão do papel que essa manifestação desempenhava no carnaval da cidade de Ouro Preto, juntamente com a preocupação em contar a sua história pelos jornais, fato pouco percebido nas reportagens sobre as escolas de samba e demais manifestações.

Em outras reportagens corriqueiras sobre o carnaval de Ouro Preto, a data de 1867 é também anunciada: “O bloco Zé pereira dos lacaios, criado em 1867, mantém suas características originais: catitões e cariás, grandes bonecos e pequenos diabinhos com lanças que tiram faíscas das pedras do calçamento, lanternas de velas, clarins, taróis e tambores”<sup>79</sup>.

Em uma das edições da Agenda Cultural do ano de 2004 a data é reforçada: “Desde 1867 que, a duras penas, com luxo ou simplicidade e com paradas em época de guerras mundiais, o Zé Pereira sai às ruas, animando a comunidade ouro-pretana”. Também nos informativos da Prefeitura referentes ao carnaval do ano de 2011<sup>80</sup> consta o ano de 1867 como data de criação do bloco. Outro forte indício é a publicação dessa versão no livro “Festejos tradicionais mineiros: registros de fé e do folclore” (2011) da autora Deolinda Alice dos Santos, moradora de Ouro Preto e pesquisadora das festas da cidade.

O mais importante em relação à data de criação do bloco é a veiculação da sua centenária existência, o que é consenso em todas as fontes, associada ao anúncio frequente de ser ele o mais antigo do país. Pensando em manifestações carnavalescas que se aproximam das características referidas ao Zé Pereira ouro-pretano é notório que várias outras podem ter

<sup>78</sup> TAVEIRA E OLIVEIRA. As cidades históricas em ritmo de carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 jan. 1982. 15.548, Caderno Turismo, p.3.

<sup>79</sup> EM OURO Preto, a folia organizada. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 21 fev.1995.

<sup>80</sup> Informações coletadas no *site*: [www.ouropreto.mg.gov.br](http://www.ouropreto.mg.gov.br). Acesso em: 05 de maio de 2011.

surgido antes dessa data, como o próprio Zé Pereira carioca, que pelas fontes inspirou a criação dos Lacaio.

Talvez, a versão ouro-pretana seja a que se mantém ativa por um período maior de tempo, tendo em vista que as outras possam ter sido extintas. De fato, em nenhuma das bibliografias consultadas sobre o carnaval brasileiro que abordam o Zé Pereira carioca ou outras manifestações com características parecidas há referência a uma existência atual. Porém, esta constatação não anula uma possibilidade contrária, sendo preciso considerar também que blocos de outra natureza existentes nas diversas regiões do país podem ser mais antigos.

No entanto, a referência a 1867 é de suma importância para pensar como esta noção de um passado longínquo remetido a ideia de tradição passa a ser bastante utilizada nos próximos anos, como uma das principais marcas de uma festa que possui características bastante diferentes do reverenciado tempo do entrudo.

### **2.1.3 Os bailes nas ruas e nos clubes e os blocos caricatos**

As inúmeras reportagens pesquisadas, referentes ao início da década de 1980, demonstram que não somente de escolas de samba e Zé Pereira vivia o carnaval ouro-pretano. Embora menos expressivas no conjunto total de fontes, outras manifestações se faziam presentes, como os bailes populares, os bailes em diversos clubes da cidade e outros blocos carnavalescos.

Por meio das diversas notícias veiculadas percebe-se que os bailes populares consistiam em apresentações de conjuntos musicais em alguns pontos da cidade, onde a população podia participar gratuitamente. No ano de 1980, algumas reportagens demonstram algumas de suas características.

[...] tome baile! Bailes populares por todo lado, à noite e de dia, que o povão gosta e ginga bonito nos salões. A orquestra do maestro Odilon Vilas-Boas inicia um sambão quente-ferendo e o povão, que vai sambar este ano até cair, responde de cá, com um ritmo de deixar qualquer um abobalhado <sup>81</sup>.

Pelo trecho destacado pode-se perceber a sua abrangência, o público frequentador e o tipo de apresentação musical que acontecia no ano em questão. Segundo outra fonte, também do ano de 1980, os bailes aconteciam durante as tardes e as noites de carnaval, na

---

<sup>81</sup> CARNAVAL etc. e tal. *Estado de minas*, Belo Horizonte, 27 jan. 1980. 14.999, Primeiro caderno, p.12.

Praça Tiradentes e no Largo dos Contos, localizado à Rua São José, no centro da cidade <sup>82</sup>. No ano seguinte, o maestro também era o responsável pela música, mas com a diferença de que a banda tocava no Largo dos Contos seguindo até o Largo da Alegria, para “resgatar as festas que ali tanto rolaram em outros carnavais” <sup>83</sup>.

Por esta fonte tem-se a impressão de que a banda não ficava em ponto fixo, mas andava pelas ruas das cidade. Segundo essa mesma reportagem, a Rua São José, “antigo quartel-general dos foliões do século passado” <sup>84</sup>, era o principal lugar, onde, em um período anterior, aconteciam as festas de carnaval:

O carnaval de Ouro Preto era na Rua São José. Melhor dizendo, a Rua São José era o carnaval de Ouro Preto. Depois, a festa subiu para a Praça Tiradentes e lá está instalada com todas as suas cores e artifícios. A Rua São José ficou sendo o reduto de blocos e foliões autônomos que, aos desfiles da Praça, preferem o vaivém espontâneo entre o Largo dos Contos e o Largo da Alegria, assim batizado por ser o ponto secular de começo e fim dos cortejos <sup>85</sup>.

Mas, com o apelo dos comerciantes da São José, no ano de 1981, os bailes se estenderiam até esta rua, havendo também a promessa de também as escolas de samba por lá passarem, “combinadas entre si para evitar o encontro das alas no meio do caminho”. A reportagem em questão trazia um exemplo das reivindicações a favor do deslocamento da festa: “É preciso acabar com esse carnaval na Praça! – exclama o comerciante Ramiro Neves, profundo conhecedor das tradições e dos brios da rua, sendo a São José, por excelência, a Rua de Ouro Preto” <sup>86</sup>.

Já, no ano de 1982, havia alguns indícios sobre a não permanência dessa mudança na festa. Nenhuma das reportagens desse ano faz qualquer menção à realização dos bailes nos trechos entre o Largo dos Contos e o Largo da Alegria, na Rua São José. Ao contrário, todas voltam a referir-se à Praça Tiradentes como o lugar tanto dos desfiles das escolas quanto de realização dos bailes, com a mesma banda dos anos anteriores: “No sábado, dia 18, um grande baile animado pela orquestra do maestro Odilon Vilas Boas abre a folia total na Praça Tiradentes” <sup>87</sup>. Outra, também enfatiza a continuidade da festa com a centralidade na Praça:

<sup>82</sup> SERÃO filmadas as festas de Momo em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 1980. 15.016, Caderno Pequenos anúncios, p.5.

<sup>83</sup> OSWALDO, Ângelo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte. Carnaval em Ouro Preto. 15.327, Caderno Turismo, p.1

<sup>84</sup> *Idem*.

<sup>85</sup> *Idem*.

<sup>86</sup> *Idem*.

<sup>87</sup> O carnaval de Ouro Preto e suas tradições. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1982. 15.578, Primeiro caderno, p.5.

“Domingo, segunda e terça de carnaval, os desfiles começam às 19h na Praça Tiradentes e vão até às 2h da manhã, seguindo-se a orquestra do maestro Odilon<sup>88</sup>”.

No ano seguinte, 1983, a única menção que se tem sobre os bailes populares é a confirmação de que aconteceriam na Praça Tiradentes após os desfiles das escolas, de sábado à terça- feira. Não há quaisquer referências às características desses bailes, como descrito com mais ênfase nos anos anteriores, o que pode demonstrar um enfraquecimento dessa manifestação ao longo da década de 1980 ou confirmar o lugar secundário que ela ocupava no carnaval da cidade de Ouro Preto no período em questão, mais preocupado com as escolas de samba e o Zé Pereira dos Lacaíos.

Além dos bailes populares também era comum na cidade a realização de bailes em diversos clubes. Os mais citados pelas reportagens foram o Aluminas, o XV de Novembro e o Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM), com destaque para os dois últimos. O CAEM, como o nome já evidencia, promovia bailes para os estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto. O nome faz menção a uma das escolas mais antigas da Universidade, criada em 1876, antes mesmo da inauguração da UFOP em 1969 e da posterior incorporação da escola a essa instituição (CARVALHO, 2002). O XV de Novembro foi assim descrito por uma das reportagens do Estado de Minas:

Neste carnaval, Ouro Preto vai recuperar outro ponto tradicional, com a volta dos famosos bailes do Clube XV de Novembro, fundado em 1924, que há dez anos não eram organizados. O presidente Antônio Quilão, Cardoso, Chicão e Tofaneto, da diretoria do XV, cuidam de todos os detalhes para que o clube, restaurado no ano passado, possa reviver seus bailes, que varam a madrugada de Ouro Preto após o desfile das escolas<sup>89</sup>.

Outra reportagem do ano de 1982 demonstra a importância desses clubes para o carnaval da cidade: “O carnaval de Ouro Preto promete muita animação nas ruas e nos clubes. O tradicional Clube XV de Novembro está anunciando bailes, bem como o Centro Acadêmico da Escola de Minas”<sup>90</sup>.

O clube Aluminas, fundado em 1941 pela empresa de nome “Alumínio Minas Gerais”, existente ainda hoje na cidade,<sup>91</sup> teve maior destaque recebido quando foi associado

<sup>88</sup> AS CIDADES históricas em ritmo de carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 jan. 1982. 15.548, Caderno Turismo, p. 3.

<sup>89</sup> LACAÍOS, cem anos de animação. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 fev. 1981. 15.327, Caderno Turismo, p.1.

<sup>90</sup> *Idem*.

<sup>91</sup> Informações obtidas no *site* da empresa: <<http://www.clubealuminas.com.br>>. Acesso em: 04 de maio de 2011.

à escola de samba Sinhá Olímpia, que ao que indica a reportagem abaixo possuía relação com o clube:

A Aluminas também torce para o êxito do carnaval de rua e quer ver a escola de samba 'Sinhá Olímpia', campeã do ano passado, repetir o grande feito. Não é menor a confiança de um de seus fundadores, Jésus Mazoni, bem como de seu presidente, Jefferson Oliveira, além do presidente da Associação Atlética Aluminas, Anselmo Pereira.<sup>92</sup>.

Além dos bailes nos clubes e dos bailes populares, outros blocos caricatos também eram retratados nas diversas fontes consultadas. Os mais citados eram a Charanga do Carlota, a Bandalheira, o Balanço da Cobra, Quem não é não entra, o Zé Pereira do Palácio Velho e o Banjo de Prata.

A Charanga do Carlota esteve presente na maior parte das fontes referentes ao início da década de 1980. Com “características de verdadeira escola” e “famosa pelo ritmo de sua bateria”<sup>93</sup>, era considerada um bloco, pois não participava do concurso. Assim, percebe-se um critério que a diferenciava das outras escolas de samba neste período: o desfile sem a vinculação à avaliação de critérios definidos, visando à eleição de um vencedor: “A Charanga do Carlota, fundada por Carlos Lisboa, é uma história à parte, já que não participará do concurso, sem deixar por menos em matéria de garra na valente bateria comandada por Chica”<sup>94</sup>.

Descrita também como bloco pela maioria das reportagens, a Charanga do Carlota parece ter vigorado como uma das principais manifestações desse tipo no carnaval de Ouro Preto. Este fato pode ser constatado pelo grande número de menções a ela no conjunto total das reportagens sobre os blocos e as escolas e, também, por uma homenagem recebida pela Prefeitura da cidade no ano de 1980, juntamente com o Zé Pereira: “Em Ouro Preto, a Secretaria de Turismo e Cultura entregará um troféu aos Lacaiois, assinalando sua participação no carnaval desde 1867, além de marcar, também com um troféu, o décimo aniversário da Charanga do Carlota”<sup>95</sup>.

Outro bloco que também tinha a característica de não participar de nenhuma forma de concorrência era a Bandalheira, conforme apontado na seguinte reportagem: “Há,

<sup>92</sup> EM SARAMENHA o melhor programa para o Rei Momo. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 09 fev. 1983. 15.823, p.16.

<sup>93</sup> SERÃO filmadas as festas de Momo em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.016, Caderno Pequenos anúncios, p.5.

<sup>94</sup> CIDADES históricas em ritmo de carnaval. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 8 jan.1982. 15.548, Caderno Turismo, p.3.

<sup>95</sup> SERÃO filmadas as festas de Momo em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.016, Caderno Pequenos anúncios, p.5.

ainda, as agremiações que não concorrem, porque preferem a descontração total, como é o caso da famosa Charanga do Carlota e da Bandalheira”<sup>96</sup>. Este bloco também figurava como um dos mais importantes em Ouro Preto nos anos iniciais da década de 1980, com inúmeras reportagens que abordavam sua presença na programação geral da festa:

Entre os blocos, destaca-se a Bandalheira, da qual o Carnaval ouro-pretano não abre mão. Um grupo de rapazes arregimenta-se sob o comando de Virgílio do Rosário, enverga uniforme com penicos como capacetes e sai para as ruas no infernal alarido de velhos instrumentos buscados nos sótãos e porões da cidade. Depois vem o Balanço da Cobra, fundado pela professora Cida, serpenteando uma cobra colossal na frente dos mais divertidos foliões da cidade<sup>97</sup>.

Outras reportagens também destacam o bloco e suas características: “[...] a Bandalheira faz a alegria do povo ao satirizar uma banda marcial furiosamente tocando velhos e desajeitados instrumentos”<sup>98</sup>. Em praticamente todas as outras reportagens, ela é citada junto aos demais blocos que compõem o carnaval ouro-pretano da época.

Dez agremiações participam da grande festa. Após os Lacaiois, vem o Zé Pereira do Palácio Velho, a Charanga do Carlota e a Bandalheira, seguindo-se as escolas de samba Império do Morro de Sant’Ana, que está comemorando seu jubileu de prata, a Imperial de Ouro Preto, Unidos do Padre Faria, Sinhá Olímpia, Inconfidência Mineira e Acadêmicos de São Cristóvão. Mas há, ainda, uma novidade: o tradicional Banjo de Prata, um dos blocos mais famosos do velho carnaval ouro-pretano, volta apresentar-se após quase trinta anos de ausência<sup>99</sup>.

Neste trecho, dois pontos se destacam. O primeiro é a junção de todas as escolas que participariam do carnaval de 1982 com os principais blocos da época, como se fizessem parte de um mesmo conjunto. Interessante constatar que não havia uma separação exata entre blocos e escolas - embora já constatada a diferença entre eles em relação à participação no concurso - e nem uma programação estruturada com divisões rígidas do que era uma coisa e outra. Nesta reportagem supracitada, o critério que parecia valer para classificar todas estas manifestações como “agremiações que participam da grande festa” é o desfile que realizavam nas ruas da cidade, o que parecia ser o ponto alto do carnaval pela ênfase percebida nas fontes.

<sup>96</sup> MUITA gente procura hotéis de Ouro Preto. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 17 fev. 1982. 15.582, 1982, Primeiro caderno, p.14.

<sup>97</sup> *Idem*.

<sup>98</sup> O CARNAVAL de Ouro Preto e suas tradições. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 12 fev. 1982. 15.578, Primeiro caderno, p. 5.

<sup>99</sup> *Idem*.

O outro ponto a ser destacado é o retorno do Banjo de Prata, que segundo a reportagem, estava há quase trinta anos sem desfilar no carnaval ouro-pretano. Em outras reportagens esse retorno é também evidenciado: “Outra apresentação tradicional ficará por conta do Banjo de Prata, um velho cordão que já fez a glória do velho carnaval ouro-pretano e retornou no ano passado, graças ao esforço do Sr. Pedro Marambaia e dos jovens da Rua Nova e da Rua do Chafariz”<sup>100</sup>; “O Banjo de Prata, uma das mais famosas sociedades do velho carnaval ouro-pretano, voltou a desfilar, lembrando os tempos de curso na Rua São José”<sup>101</sup>.

É possível perceber que, apesar de terem sido menos retratados em relação às escolas de samba e ao Zé Pereira, estes blocos eram também considerados importantes para a festa, como demonstraram algumas reportagens que procuravam retratar a sua participação em cada ano.

Os blocos são organizados por jovens estudantes e artistas. A Charanga do Carlota, uma verdadeira escola, famosa pelo ritmo de sua bateria, a Bandalheira, o Balanço da Cobra e o Quem não é não entra estão entre os melhores e, todos os anos, a população aguarda, com expectativa, aquilo que irão inventar para o carnaval. No sábado, eles estarão na Praça Tiradentes e nos outros dias apresentam-se antes do desfile oficial das escolas, indo depois para a tradicional Rua São José, onde no passado funcionava o quartel-general carnavalesco”<sup>102</sup>.

O bloco Balanço da Cobra aparece com mais expressão no ano de 1983, com destaque para a sua possível criadora: “[...] a professora de Botânica da UFOP, Maria Aparecida Zurlo já fez a sua convocação geral para a organização do ‘Balanço da Cobra’, um bloco que já tornou tradição na terça-feira gorda”<sup>103</sup>. As reportagens não oferecem mais detalhes acerca de sua constituição e formas de participação, ele é apenas noticiado como “o mais animado e colorido” daquele ano.

O outro bloco supracitado, o “Quem não é não entra”, é apenas descrito junto aos outros blocos<sup>104</sup>. No ano de 1982, a sua animação foi destacada como no caso do Balanço da Cobra em 1983, mas nenhuma outra característica foi ressaltada: “Saem ainda pela cidade o Zé Pereira do Palácio Velho da Encardideira, a Charanga do Carlota, com sua famosa bateria

---

<sup>100</sup> *Idem.*

<sup>101</sup> MUITA gente procura hotéis de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1982. 15.582, Primeiro caderno, p.14.

<sup>102</sup> OS LACAIOS, cem anos de animação em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 fev. 1980. 15.009, Caderno Turismo, p.8.

<sup>103</sup> E O ZÉ Pereira abre a grande folia em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 jan. 1983. 15.795, Caderno Turismo, p.2.

<sup>104</sup> SERÃO filmadas as festas de Momo em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.016, Caderno Pequenos anúncios, p.5.

e a Bandalheira, além de inúmeros blocos caricatos, dos quais o mais animado é o ‘Quem não é, não entra’”<sup>105</sup>.

Nesta reportagem, outro bloco é apresentado, o Zé Pereira do Palácio Velho, criado a partir do antigo Zé Pereira dos Lacaio. O clube “inspirou um grupo de jovens do Palácio Velho da Encardideira a criar um novo Zé Pereira, que pelo segundo ano se apresentará na Praça Tiradentes”<sup>106</sup>. O nome do bloco refere-se a uma localidade em Ouro Preto que abriga ruínas de uma construção do que teria sido, no período colonial, um palácio. Uma reportagem do ano de 1983 também evidencia essa relação dos dois blocos e algumas de suas características: “[...] a tradição não corre risco, porque o Zé Pereira do Palácio Velho reúne crianças e jovens do bairro da Encardideira, sob o comando de Adão, ex-integrante dos Lacaio, que decidiu fundar um Zé Pereira infantil, a fim de assegurar a continuidade do clube”.

Pelas fontes apresentadas, pode-se concluir que as principais manifestações presentes no carnaval ouro-pretano no início dos anos 1980 eram as escolas de samba e o Zé Pereira dos Lacaio, seguidos dos bailes populares, dos bailes nos clubes e de outros blocos caricatos que também desfilavam pelas ruas da cidade.

No próximo subitem será apresentada a coluna “Carnaval etc. e tal”, responsável em divulgar as principais manifestações carnavalescas das cidades mineiras. O carnaval ouro-pretano foi noticiado em várias de suas produções, que também se mostraram importantes para compreender as mudanças posteriores na festa e a própria veiculação da mesma pelo jornal Estado de Minas.

## **2.2 A coluna “Carnaval etc. e tal”**

O primeiro ponto que chama a atenção no jornal Estado de Minas, no início dos anos 1980, é o caráter bastante coadjuvante da festa carnavalesca no conjunto de reportagens. Em uma visão geral, mesmo considerando-se algumas variações decorrentes da inclusão de cadernos específicos em cada dia da semana, pode-se perceber uma conformação bastante voltada para as notícias de caráter político e econômico. Após os informes internacionais e sobre fatos corriqueiros da cidade de Belo Horizonte, uma ou duas páginas eram destinadas às notícias das cidades do interior, ainda no Primeiro Caderno. Era nesse espaço que, no período

<sup>105</sup> CIDADES históricas em ritmo de carnaval. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 08 jan. 1982. 15.548, Caderno Turismo, p.3.

<sup>106</sup> O CARNAVAL de Ouro Preto e suas tradições. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 12 fev. 1982. 15.578, Primeiro caderno, p. 5.

do carnaval, destacavam-se, prioritariamente, reportagens sobre a festa. Algumas também se encontravam em colunas de opinião e crônicas, sobretudo, as que lamentavam as mudanças nas características do carnaval e, até mesmo, em grandes reportagens que se preocupavam em contar a história da festa de uma forma geral, como se todas as manifestações brasileiras coubessem no mesmo pacote de importação europeia.

Outras notícias também podiam ser encontradas no caderno “Pequenos Anúncios”, “Fim de semana” e “Feminino e Masculino”, que, dentre outros assuntos, continham sugestões de roupas e alimentação para os dias de folia e críticas sobre a nudez da mulher, considerada exagerada naquela época. Outro caderno em que o carnaval recebeu bastante destaque foi o de “Turismo”, mas com maior preocupação em divulgar um destino turístico do que com a festa em si, atrelada a propagandas de agências de viagens e hotéis.

Várias reportagens espalhadas no corpo de algumas edições misturavam o tema do carnaval com assuntos políticos, como “carnaval da abertura”<sup>107</sup>, no momento em que se almejava a abertura política do país, ou “carnaval da vitória”<sup>108</sup>, referindo-se a vitória de Tancredo Neves nas eleições indiretas de 1985. Outro apelo forte era a associação com a identidade do povo brasileiro: “o carnaval aqui é um estado permanente de espírito e mesmo que os horizontes sejam foscos, os olhos estão sempre brilhantes, regados à cerveja, à pinga ou a uma piada [...]”<sup>109</sup>.

Mesmo com todas as possibilidades apontadas, a festa em si era um assunto secundário na estrutura do jornal, que, em meio às grandes notícias mundiais, às medidas econômicas, aos líderes políticos e aos conflitos internacionais frequentes no período, destacava as “pessoas comuns”, com mais ênfase, nas páginas policiais.

Um exemplo deste fato, que pode servir para perceber as possíveis transformações na veiculação das reportagens e do próprio carnaval no decorrer das três décadas de pesquisa, é a capa. Raríssimas vezes, as edições dos meses de janeiro, fevereiro ou março destacavam na primeira página notícias referentes à festa. Quando isso acontecia, normalmente, eram pequenas notícias no canto ou na parte inferior e quando havia maior destaque, o espaço era ocupado pelas escolas de samba cariocas. Aliás, escrevia-se com mais ênfase sobre o carnaval do Rio de Janeiro do que sobre as cidades mineiras. Ainda que, em matéria de quantidade, Belo Horizonte ganhasse, não em função de seu prestígio, mas pelo fato de ser nesta cidade a

---

<sup>107</sup> CAETANO, Marcelo. Desencanto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1981. 15.336, Caderno Fim de semana, p.1.

<sup>108</sup> SECRETARIA prepara o carnaval da vitória. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 jan. 1985. 16.416, Primeiro caderno, p.8.

<sup>109</sup> MAURÍCIO, José. As ilusões fantasiadas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev. 1983. 15.818, Caderno ‘2’, p.1.

sede do jornal Estado de Minas, a maior parte das crônicas e colunas de opinião referia-se ao Rio de Janeiro, como as que procuravam discutir as vantagens do modelo carnavalesco carioca ou criticar os discursos por trás de suas constantes inovações, como a criação do sambódromo em 1984.

Mas, ainda, era pouco perceptível o grande valor de mercado que o entretenimento adquiriria nas décadas seguintes. Mesmo já se reconhecendo o potencial lucrativo do carnaval, sobretudo, o carioca e o soteropolitano (que começava a ganhar força neste momento), a ênfase na festa, de um modo geral, ainda era pequena. Sobre esta questão mercadológica, em meio à promoção e à “oficialização” crescente do carnaval e sua associação com os lucros de um turismo desejado, muitas críticas se faziam presentes, destacando-se as do cronista Carlos Drummond de Andrade que escreveu vários textos sobre o carnaval. No início da década, esse autor já criticava a perda da espontaneidade da festa popular, o alto gasto do poder público em nome do turismo e, principalmente, o “oficialismo” das escolas de samba cariocas<sup>110</sup>. Outros textos criticavam a cópia do modelo carioca pelas outras cidades do país e a possível “perda de espaço do povo nas ruas<sup>111</sup>”.

Atrelado aos graves problemas econômicos que o país enfrentava, o carnaval era também fortemente noticiado como um momento de extravasamento. As várias crises inflacionárias e os sucessivos fracassos do Estado em estabilizar a economia brasileira num período de intensa troca de moedas, tornavam frequentes a associação do carnaval com a possibilidade de um esquecimento temporário dos problemas do país: “De aperto em aperto de desafogo em desafogo, de encanto a desencanto, mesmo com a inflação em alta e com o moral em baixa, está vindo o carnaval, a salvação da pátria brasileira [...]”<sup>112</sup>.

Outras reportagens também enfatizaram essa função do carnaval, como uma entrevista de um deputado ao jornal Estado de Minas criticando a restrição de verba pela Prefeitura para a festa em Belo Horizonte: “[...], pois se o povo já não tem o pão, vão tirar-lhe o circo?”<sup>113</sup> Outras manchetes e trechos de reportagens são bastante significativos:

Carnaval é som, é luz, é alegria, é a catarse de todas as frustrações<sup>114</sup>.

<sup>110</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Carnaval, uma causa perdida. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev. 1981. 15.332, Caderno ‘2’, p.1.

<sup>111</sup> FARIA, Raquel. O delírio das massas continua. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 4 mar 1984. 16.154, Caderno Fim de semana, p.6.

<sup>112</sup> NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Saudações carnavalescas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1981. 15.320, Primeiro caderno, p. 16.

<sup>113</sup> FERAZ, Paulo. Circo. *Estado de Minas*, 24 fev. 1980. 15.021, Caderno Fim de semana, p.1.

<sup>114</sup> CARNAVAL é som, é luz, é alegria. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev. 1980. 15.017, Caderno Feminino, p.1.

[...] válvula de escape que nos acode uma vez por ano, nos tornando mais suportáveis, menos amargos e mais leves para comportarmos a avalanche que nos espera durante o resto do ano<sup>115</sup>.

O certo é que o carnaval continua sendo terapia de massa, mesmo se gastando uma nota para frequentar um clube e tomar umas<sup>116</sup>.

O samba é ainda uma das poucas esperanças do povo brasileiro<sup>117</sup>.

[...] está chegando a hora em que o lindo povão brasileiro vai esquecer as desavenças, as críticas, os maus momentos e tudo mais... É este o momento que temos para alegrar nossos corações<sup>118</sup>.

Carlos Drummond de Andrade também se dedicou bastante em criticar a utilização da festa para mascarar os problemas do país: “Enquanto o pessoal se esbalda, não pensa na crise econômica, não repara que a comida mais simples aumentou de preço no decorrer da semana e tem lá tempo e cabeça para pensar numa coisa chamada dívida externa?”<sup>119</sup> Outros autores também criticavam a utilização da festa pelo Governo com o propósito de “controlar e organizar as massas”<sup>120</sup>.

Em meio às reportagens que procuravam destacar esse valor de compensação da vida cotidiana, a coluna “Carnaval etc. e tal” chamou a atenção. O autor, que assinava com o nome de Zé Tamborim, procurava relatar em um pequeno espaço informativo, publicado diariamente e iniciado, normalmente, um mês antes do início das festas, notícias relacionadas a ensaios de escolas de samba, concursos de rei e rainha do carnaval, letras de sambas-enredo e os resultados das disputas. Notícias sobre blocos caricatos, bailes e informativos sobre patrocínios e estrutura das festas também eram divulgadas, porém, com menos enfoque, o que também contribui para a compreensão da importância das escolas de samba durante toda a década de 1980. Embora a coluna ultrapasse a temporalidade eleita para esse capítulo, optei em discuti-la nesse momento, pensando nas relações que guarda com as principais manifestações ouro-pretanas nesse período e com as próprias características da festa, de forma geral.

<sup>115</sup> NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Pirômetro da folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1981. 15.336, Primeiro caderno, p.12.

<sup>116</sup> NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1983. 15.826, Primeiro caderno, p.12.

<sup>117</sup> NOTAS do dia: dinheiro. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1984. 16.151, Primeiro caderno, p.5.

<sup>118</sup> CARNAVAL etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 fev. 1987. 15.986, p.10.

<sup>119</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Carnaval, uma causa perdida. *Estado de Minas*, 14 fev. 1981. 15.322, Caderno ‘2’, p.1.

<sup>120</sup> FARIA, Raquel. O delírio das massas continua. *Estado de Minas*, 04 mar. 1984. 16.154, Caderno Fim de semana, p.6.

O principal fator que chama a atenção nesta coluna é a interlocução entre o escritor e os integrantes das diversas manifestações noticiadas. Um dos seus propósitos era justamente este diálogo, onde os leitores enviavam ao Zé Tamborim informações, convites, recados e, também, reclamações sobre a falta de cumprimento de algum acordo com as Prefeituras Municipais. Em contraponto, notícias do poder público eram também veiculadas, a fim de promover o carnaval de cada cidade e o próprio órgão.

Para isso, havia no final da coluna o endereço para correspondências, quase sempre acompanhado de um forte apelo do colunista para que as pessoas participassem. O autor tomava partido, demonstrava predileção por determinadas escolas, fazia propaganda de clubes e seus bailes, assim como, de atrações oferecidas pelas Prefeituras, o que levantou questionamentos sobre os interesses da coluna e a seletividade das informações: divulgação de notícias sobre as diversas manifestações mineiras ou interesse puramente mercadológico e político? Creio que cabe um pouco das duas possibilidades. Difícil não perceber a intenção por detrás de algumas notas com uma linguagem popular aparentemente despretensiosa, mas a grande variedade de cidades noticiadas, que iam além dos circuitos das consideradas principais de Minas Gerais, e a publicação de críticas e reclamações que, por vezes, contrapunham ou criticavam os órgãos públicos ou privados promovidos em outros momentos, tornaria simplista uma análise condenatória.

De fato, a coluna parecia possibilitar a participação de muitas pessoas que, por outros meios, talvez não tivessem outras maneiras de se manifestar neste jornal, um dos principais do estado. Assim, chama a atenção este diálogo entre jornal e leitor, onde os blocos, escolas e clubes tinham os nomes de seus representantes mencionados com frequência nas tiras informativas. Neste sentido, outro questionamento pode ser suscitado: reforço da ideia de um carnaval passivo ou mostra da integração popular, da capacidade criativa e do poder de organização das pessoas? Creio que também cabe um pouco das duas possibilidades.

A seguir, alguns exemplos coletados na produção da coluna durante toda a década de 1980:

Atenção, atenção foliões de todas as Minas Gerais. Está na hora de limpar a garganta, tirar o pigarro, reforçar os pulmões, porque este carnavalesco mostra pra vocês, neste cantinho de página, o melhor samba-enredo do carnaval/80<sup>121</sup>.

O carnaval 80 está pegando fogo, moçada. [...] A Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes anunciou que os prêmios desse ano serão de, pelo menos, quase o dobro do ano passado. Quer notícia melhor do que esta, malandro?<sup>122</sup>.

<sup>121</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 jan. 1980. 15.001, Primeiro caderno, p.8.

<sup>122</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 02 fev. 1980. 15.004, Primeiro caderno, p.8.

E Vespasiano, como é que vai? [...] A querida cidade está 'botando para quebrar' e não é de hoje que se ouve nos bairros que o ensaio geral da moçada esse ano vai atrair multidões de foliões [...] Olha a escola de samba Improvisados do Ritmo preparando o samba [...] <sup>123</sup>.

Se existe mulher que entende de samba esta é Sebastiana Mizaelda, pois é uma das poucas em Minas que, a frente do povão alegre, puxa a corda e põe uma escola de samba na rua [...] <sup>124</sup>.

Estou recebendo notícias dessa maravilhosa e simpática Santa Luzia [...] <sup>125</sup>.

Folião, uma de minhas paixões é a azul e branco de Juiz de Fora [...] <sup>126</sup>.

O Departamento de turismo da Prefeitura de Santa Bárbara, juntamente com o comércio local, que é bacana como quê, está incentivando o carnaval da cidade [...] <sup>127</sup>.

Onde estão os maiores e os carnavalescos do interior lindo que até agora não se manifestaram? <sup>128</sup>

Alô, alô, Jeferson de Oliveira. Como está para este ano a lindíssima escola de samba Sinhá Olímpia? <sup>129</sup>

Ê, coisa boa é carnaval de Ouro Preto, gente fina! Para este ano teremos um desfile da minha protegida, a escola de Samba Inconfidência Mineira <sup>130</sup>.

Ouro Preto vai promover o maior carnaval de todos os tempos [...] Parabéns para o pessoal sambista da Prefeitura [...] <sup>131</sup>.

Vera Lúcia e Antônio Carlos, respectivamente, rainha e rei Momo do carnaval passado, ainda esperam receber os troféus que por direito conquistaram, além dos cachês. Alô, alô Secretaria Municipal de Turismo de Ouro Preto. Com a palavra! <sup>132</sup>

Alô, alô pessoal dos barracões! Costureiras, está chegando a hora! <sup>133</sup>

[...] é no carnaval que o operário e o desempregado, o favelado e o desprezado, o pobre e o humilde mostram que são lindos. Lindos porque a partir de hoje se transformam no mestre sala e na porta-bandeira <sup>134</sup>.

Abraços para alguns dos melhores sambistas do mundo [...]: Márcio Oliveira, do clube Itaporã, lá de Esmeraldas, Edimar, da Imperatriz Arcoense, da minha queridíssima cidade de Arcos [...] <sup>135</sup>.

<sup>123</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.005, Primeiro caderno, p.17.

<sup>124</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.008, Primeiro caderno, p.8.

<sup>125</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.009, Primeiro caderno, p.8.

<sup>126</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 1980. 15.011, Primeiro caderno, p.9.

<sup>127</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev. 1981. 15.312, Primeiro caderno, p.6.

<sup>128</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 fev. 1983. 15.816, Primeiro caderno, p.7.

<sup>129</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev. 1983. 15.818, Primeiro caderno, p.7.

<sup>130</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1983. 15.826, Primeiro caderno, p.6.

<sup>131</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev. 1984. 16.138, Primeiro caderno, p.6.

<sup>132</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 1985. 16.448, Primeiro caderno, p.6.

<sup>133</sup> CARNAVAL etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 fev. 1987. 15.986, p.10.

<sup>134</sup> *Idem*.

<sup>135</sup> CARNAVAL etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 jan. 1988. 17.258, p.13.

Percebe-se nos exemplos, certa passividade atribuída ao povo, misturada a um romantismo atrelado ao momento do carnaval, como se este fosse capaz de neutralizar as diferenças do cotidiano. Percebe-se, também, até um reforço das hierarquias sociais na medida em que se reconhece que o “pobre, o desprezado e o humilde” ganham um poder temporário. Mas é inegável, também, a possibilidade de participação das pessoas e a mostra de seu protagonismo na construção das diversas festas, como também, a veiculação de suas críticas, reclamações e interesses.

Em relação à cidade de Ouro Preto, a coluna chamou a atenção para a menção constante a nomes de pessoas criadoras e organizadoras de escolas, blocos, bailes ou que participavam de outra forma da festa. Não apenas prefeitos, secretários de turismo e cultura e artistas recebiam destaque, mas também as pessoas da comunidade. A referência a diversos nomes de pessoas comuns que contribuíam para a construção do carnaval pode se constituir em uma evidência para também se pensar as características da festa neste período.

Em outras reportagens do jornal havia também essa menção, embora com menos evidência. Um dos presidentes do bloco Zé Pereira dos Lacaiois, o Sr. Geraldo Pinto da Rocha, era um dos maiores destaques<sup>136</sup>. Em uma das reportagens destacava-se a sede da agremiação e a documentação “guardada com carinho no sobrado da Ladeira de Santa Efigênia”<sup>137</sup>. Outra integrante ou colaboradora do bloco também foi mencionada: “Abrindo o desfile, como todos os anos, o tradicional Zé Pereira. [...]. Aliás, a turma, já por 40 anos, tem Lídia Marota como costureira”<sup>138</sup>.

Outros blocos também tinham alguns de seus integrantes representados nas páginas do jornal. A Charanga do Carlota com seu fundador Carlos Lisboa, “o compositor, poeta e pintor Vandico”<sup>139</sup> e Chica, comandante da “valente bateria”. O Balanço da Cobra, com a professora de Botânica da UFOP, Maria Aparecida Zurlo e o Banjo de Prata, “um velho cordão que já fez a glória do velho carnaval ouro-pretano” que voltou a desfilar em 1982, com “o Sr. Pedro Marambaia e os jovens da Rua Nova e da Rua do Chafariz”<sup>140</sup>.

Em se tratando das escolas de samba, mesmo com a clara influência do carnaval carioca, percebida a partir da descrição dos desfiles, da necessidade de premiação e do próprio

<sup>136</sup> CIDADES históricas em ritmo de carnaval. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 8 jan. 1982. 15.548, Caderno Turismo, p.3.

<sup>137</sup> O CARNAVAL de Ouro Preto e suas tradições. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 12 fev. 1982. 15.578, Primeiro caderno, p.5.

<sup>138</sup> NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 fev. 1983. 15.821, Primeiro caderno, p.26.

<sup>139</sup> E O ZÉ Pereira abre a grande folia em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 jan. 1983. 15.795, Caderno Turismo, p.2.

<sup>140</sup> *Idem*.

nome que designa as manifestações, nota-se uma grande relação com a comunidade, com os bairros e as pessoas que as organizavam, trazendo uma especificidade da própria cidade. Outra questão a ser considerada é a possibilidade de participação dos diversos foliões que, gratuitamente, assistiam aos desfiles na Praça Tiradentes, noticiada em 1983 como “pequena para os milhares de pessoas que ali compareceram”<sup>141</sup>. O exagero da fala comprova o sucesso das escolas como uma das principais formas de manifestação carnavalesca em Ouro Preto, sinalizando, também, o caráter público da festa.

Em relação aos blocos e aos bailes populares, também pode ser percebida esta característica: “Ouro Preto conserva até hoje uma folia de Momo das mais autênticas, sem ter perdido a espontânea manifestação popular”<sup>142</sup>. Em outra, do ano de 1982, há o destaque para os bailes e para a amplitude da festa no território ouro-pretano.

[...] haverá animados bailes até o sol raiar, o que acontece também na Praça Tiradentes sob o comando do maestro Odilon Vilas Boas. Do Padre Faria às Cabeças, de Saramenha ao Morro de São Sebastião, a cidade transforma-se numa grande festa e anuncia mais um carnaval que por sua originalidade e descontração, ocupa lugar de destaque entre os principais do país<sup>143</sup>.

Neste trecho de reportagem é possível perceber a menção a quatro bairros da cidade de Ouro Preto que não fazem parte do conjunto do centro histórico. Esta referência me fez remeter às observações de Brandão (1989, p.46) sobre a constituição da cidade de Ouro Preto e sua divulgação. Segundo o autor, existe outra cidade oculta aos turistas, a periferia, construída pelo ciclo do ouro e, recentemente, pelo ciclo do alumínio, muito diferente da “cidade ‘oficialmente’ reconhecida como existente apenas no interior de seu circuito histórico”. Nesse caso, torna-se relevante pensar a abrangência da publicação da festa nesse momento, que não priorizava apenas o centro, mas regiões periféricas, assim como, pessoas simples das comunidades.

Outra fonte também contribui para a compreensão das formas de participação no carnaval neste período: “[...] o samba tem adeptos entre homens, mulheres e crianças. Ali o batuque vai até alta da madrugada, e todo mundo acha bom demais, e pede bis quando as baterias e as orquestras param”<sup>144</sup>.

<sup>141</sup> MUITA gente procura hotéis de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1982. 15.582, Primeiro caderno, p.14.

<sup>142</sup> OS LACAIOS, cem anos de animação em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 fev. 1980. 15.009, Caderno Turismo, p.8.

<sup>143</sup> MUITA gente procura hotéis de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1982. 15.582, Primeiro caderno, p.14.

<sup>144</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1980. 15.017, Primeiro caderno, p.6.

Assim, a Coluna “Carnaval etc. e tal”, junto a outras reportagens publicadas, ofereceu elementos importantes para pensar o carnaval ouro-pretano nesse período e sua veiculação. Da mesma, ajudou a pensar como se dava a participação das pessoas, tanto na festa propriamente dita, quanto na produção do jornal Estado de Minas.

Diante do exposto neste capítulo, pode-se concluir pelas fontes pesquisadas que o carnaval ouro-pretano, no início dos anos 1980, foi marcado, especialmente, por diversas manifestações criadas e organizadas pelos moradores da cidade, evidenciando um período em que a festa pareceu significar uma construção coletiva das pessoas. Era um carnaval pouco noticiado em relação a outras cidades mineiras e, talvez, pouco procurado por pessoas de fora. Não havia, também, grande preocupação do jornal em evidenciar os investimentos da Prefeitura, embora ficasse claro nesse momento que era ela a maior promotora da festa. Também, nenhum grande empreendimento foi observado e nenhuma forma de patrocínio ou apoio de empresas privadas foi noticiada.

Sobre essas questões torna-se relevante fazer uma observação. A inexistência da veiculação de investimentos mercadológicos nas páginas do jornal não significa que eles não existiram naquele momento. A própria conformação dos desfiles das escolas, com premiações para as vencedoras, pode revelar algumas intenções nesta direção, principalmente, se lembrarmos das influências do carnaval carioca. Este fato leva a outra importante consideração: o reconhecimento de que não é objetivo do trabalho ir à busca de possíveis origens do surgimento de um mercado na festa, e sim, estudar como, em um determinado momento específico, levando-se em consideração o contexto do lazer e entretenimento do país e do próprio carnaval ouro-pretano, a festa se transformou frente às iniciativas mercadológicas.

Além da busca por uma suposta origem não fazer parte do objeto proposto, seria preciso também reconhecer as fragilidades dessa investida, se levarmos em consideração que a festa carnavalesca já chegou ao Brasil mercadorizada. A festa europeia, como lembra Burke (2002, p.35), já no início do período moderno, era pautada por uma crescente comercialização: “Cada vez mais turistas chegavam à Veneza para ver o carnaval, e o festival se tornou, [...] um espetáculo para eles”. Se pensarmos nos festejos que aconteciam no país antes da chegada do carnaval, algumas brincadeiras do período do entrudo já contavam com a comercialização de limões-de-cheiro e outros artefatos, como relata Silva (1969), no livro “Ouro Prêto”.

Assim, importa destacar características específicas da festa no momento estudado. Com o seu caráter prioritariamente gratuito, era uma festa bastante vivenciada nas ruas da

cidade, com os desfiles de blocos e escolas como pontos principais. Não havia, ainda, ou pelo menos não era divulgada uma programação detalhada das manifestações, o que contribuiu para pensar em certa espontaneidade e flexibilidade. O controle do tempo, fundamental em qualquer empreendimento mercadológico mais estruturado, não parecia tão importante para a festa.

Sobre a ideia de tradição, pode-se perceber nesses anos iniciais uma relação intrínseca ao próprio sentido de existência da festa e a uma noção relativa de antiguidade. Alguns blocos remetiam ao século XIX e ao início do século XX e uma das escolas de samba havia sido criada nos anos cinquenta do século passado. Como a noção de tempo é relativa e, da mesma forma, a construção da ideia de tradição, para as pessoas que participavam da festa no início da década de 1980 uma manifestação, fruto de três décadas passadas e que ainda se mantinha em grande atividade naquele momento presente, poderia, sem nenhum problema, receber o rótulo de tradicional. Assim, nesse período, a tradição era uma característica da festa, fundada na existência histórica das manifestações principais do período, que, ao que sugerem as fontes, contavam fortemente com a participação das próprias pessoas da cidade, onde o ponto principal de encontro eram as ruas e ladeiras.

A menção constante ao bloco Zé Pereira dos Lacaios relacionada à ideia de tradição mostrou-se importante para pensar o desenvolvimento de um processo de identificação com a história do carnaval e da cidade a partir desse bloco, que delinearía, nos anos seguintes, estratégias importantes de veiculação e promoção da festa. O caráter popular, a ingenuidade e a originalidade atribuídas a ele nesse momento, características presentes no próprio carnaval da época, exerceriam uma importante função.

### **3 A TRADIÇÃO COMO IDENTIDADE: MEADOS DA DÉCADA DE 1980 A MEADOS DOS ANOS 1990**

Neste capítulo, seguindo o propósito do capítulo anterior e já contando com informações de como era a festa carnavalesca em Ouro Preto nos iniciais dos anos de 1980, procuro apresentar e discutir as transformações que este carnaval sofreria no período posterior, mais precisamente, entre os anos de 1984 e 1996. Para isso, foram analisados: o crescimento da festa por meio de sua divulgação pelo jornal Estado de Minas e por meio do aumento da procura por foliões, comparando-se com os anos anteriores no mesmo veículo; o desenvolvimento do turismo em Ouro Preto e suas relações com a construção de um novo carnaval; as principais manifestações percebidas na festa neste período, problematizando mudanças importantes, como a transição das influências cariocas, prevalecentes no primeiro capítulo, para a festa mecanizada de Salvador, destacando-se o som nas ruas e os blocos caricatos.

Há um crescimento considerável no jornal Estado de Minas do enfoque ao carnaval ouro-pretano neste período, tendo como pico o ano de 1984 e, posteriormente, o início da próxima década. Dos anos 1980 para os anos 1990 há o começo de uma mudança na proporção e na composição das reportagens: de pequenas notícias que se ocupavam, principalmente, em retratar as escolas de samba e o bloco Zé Pereira dos Lacaiois, para grandes manchetes e reportagens sobre o surgimento de outros blocos, do som mecânico nas ruas (a “janela elétrica”) e da “janela erótica”, marcas principais deste período.

O tratamento da festa carnavalesca, de um modo geral, não muda muito em relação ao período anterior. Ainda é veiculada, fortemente, como um momento de compensação dos problemas da vida cotidiana, relacionada com os graves problemas econômicos que ainda perdurariam no país. A abertura política de 1982, com a eleição de governadores pelo voto direto, havia suscitado a campanha pelas Diretas-já, iniciada com um conjunto de manifestações que agitariam o país em 1984. Embora a emenda tenha sido derrotada na câmara, não se podia ignorar o recado da sociedade: “O barulho das ruas cessara, mas seus ecos ainda podiam ser ouvidos nos gabinetes onde se decidia o sucessor do último presidente do ciclo militar” (PILAGALLO, p.22, 2009).

No entanto, mesmo com o fim do regime militar e com as esperanças da população reacendidas em torno da eleição de Tancredo Neves em 1985, a inflação herdada do governo de Figueiredo era muito preocupante. Com a morte repentina do presidente e com o despreparo de seu vice, José Sarney, a situação tendia a se agravar. No início de 1986, o

índice de inflação chegaria a 500% (*idem*). Dentre as inúmeras medidas fracassadas de contenção da inflação neste período, o país mudou de moeda cinco vezes, entre 1986 e 1994: cruzado, cruzado novo, cruzeiro, cruzeiro real e real. Esta última era a principal promessa do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, mas, ainda, não seria suficiente para melhorar a situação econômica do país e de seu povo nos meados da década de 1990 (*ibidem*).

Neste cenário de crises e instabilidades, o carnaval, embora presente em algumas matérias de capa e em páginas inteiras dedicadas à festa em todo o país ocupando maior destaque que nos anos anteriores, continuava fortemente retratado para se referir a questões políticas e econômicas, figurando, ainda, como secundário na apresentação e na conformação geral do jornal. Percebe-se, neste período, um crescimento mais acentuado do carnaval de Salvador e de suas influências pelo resto do país, aumentando também as críticas a esse modelo. Permaneciam as condenações à folia carioca, intensificadas pela criação do sambódromo em 1984. Neste momento, Minas Gerais e o carnaval de algumas de suas cidades históricas começam a ganhar mais destaque. O aumento do reconhecimento do valor de mercado do carnaval e de seu potencial turístico seriam alguns dos responsáveis pelas mudanças que viriam.

Nos anos 1990, percebe-se uma progressiva redução da menção aos nomes das pessoas que organizavam os blocos, as escolas, os bailes nos clubes e também daquelas que participavam do carnaval de forma geral, mandando notícias de sua cidade ao jornal. Também é possível perceber, nesse momento, um aumento do anúncio de empresas privadas, assim como, um crescimento considerável das entrevistas com turistas que iam a Ouro Preto no carnaval.

O motivo para a escolha de 1984 como marco inicial para pensar esta segunda fase do carnaval de Ouro Preto deve-se à percepção de mudanças significativas neste ano, referentes a um aumento da procura pela cidade no carnaval, seguida de um possível crescimento de sua popularidade; ao anúncio de estratégias de promoção da festa pela Prefeitura Municipal, assim como, a veiculação de investimentos privados; e ao aumento considerável do número de reportagens sobre o carnaval ouro-pretano neste período, no jornal Estado de Minas.

O primeiro ponto que chama a atenção é justamente este último. Do total de quarenta e cinco reportagens coletadas no período entre 1980 e 1984, este ano, sozinho, somava vinte. A princípio, pode parecer inocente relacionar o número de reportagens publicadas com um aumento de expressão do carnaval. Mas, combinando-se com as outras

evidências apontadas, possibilidades concretas podem ser oferecidas para pensar mudanças, tanto do carnaval ouro-pretano, quanto da forma como ele era noticiado.

Não me parece coincidência o aumento de reportagens, justamente, no ano em que a Prefeitura de Ouro Preto promoveu o “Salão do Carnaval”, uma exposição com o intuito de contar a história da festa na cidade, realizada no anexo do Museu da Inconfidência. A mostra era composta por “alegorias, fantasias, instrumentos musicais, fotos antigas, obras de artistas plásticos, tudo sob um fundo sonoro de marchas e sambas reproduzidos de discos 78 rotações da década de 1930” e integraria um projeto do Instituto de Artes e Cultura da UFOP<sup>145</sup>. Outra manchete também destacava o evento: “Ouro Preto conta a história do carnaval”<sup>146</sup>. Esta iniciativa, além de possibilitar “um levantamento sobre a memória do carnaval da cidade”<sup>147</sup>, poderia, também, sinalizar a intenção da Prefeitura Municipal em divulgar o carnaval ouro-pretano e, com isso, inaugurar um novo momento para a festa.

Outras iniciativas colaboram para pensar uma possível tentativa de mudar a estrutura do carnaval, como a participação de empresas privadas como patrocinadoras ou apoiadoras da festa: “O presidente da associação comercial destacou o apoio da Alcan ao carnaval deste ano através de doações a todas as escolas, a fim de possam aprimorar, ainda mais, o seu desempenho no carnaval de Ouro Preto”<sup>148</sup>. Outro fato marcante foi a realização de um coquetel de abertura do carnaval em um hotel da cidade, assim noticiado:

Logo mais, no hotel Estrada Real, do empresário Carvalho, o coquetel de abertura do carnaval deste ano, iniciativa do citado empreendimento e da Prefeitura. Foram convidados empresários, agentes de viagens, políticos, autoridades e jornalistas, pois é desejo do hotel e da municipalidade dar nova dimensão ao carnaval, bem como, outras promoções que a histórica e turística cidade comporta. Taí uma deliberação digna de aplausos, pois, até então, nada praticamente se fazia para ativar o sistema promocional da cidade, ficando naquela de esperar ou confiando demasiadamente no seu potencial. Hoje em dia existe concorrência, oferecimento e tudo mais para se buscar os turistas, exigindo-se, portanto, projetos nesse sentido<sup>149</sup>.

Outras reportagens também se ocuparam em destacar o evento supracitado, apoiando a iniciativa. Noticiava-se, também, que as garotas que concorrerem à eleição de

<sup>145</sup> OURO Preto abre amanhã salão do carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 1984. 16.146, p.18.

<sup>146</sup> OURO Preto conta a história do carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 mar. 1984. 16.157, Primeiro caderno, 1984.

<sup>147</sup> OURO Preto abre amanhã salão do carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 1984. 16.146, p.18.

<sup>148</sup> OURO Preto já saiu no rastro da folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 1984. 16.146, Caderno Turismo, p.2.

<sup>149</sup> NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 fev. 1984. 16.141, Primeiro caderno, p.12.

rainha do carnaval seriam apresentadas no coquetel que a Prefeitura e o hotel Estrada Real promoveriam.

É importante ressaltar que iniciativas como estas já poderiam ter acontecido em período anterior, mesmo antes da temporalidade proposta pela pesquisa, o que torna necessário ressaltar não apenas os acontecimentos em si, mas o fato de se tornarem notícia, pensando na ênfase na festa em dado período. É muito significativa a mudança de enfoque no carnaval ouro-pretano de 1980 a 1984, justamente no momento em que passa a contar com as iniciativas citadas. Neste caso, é preciso levar em consideração o que envolve a publicação de uma reportagem, quais interesses e benefícios o anúncio de tais iniciativas pode significar não apenas para o anunciante, mas para o próprio jornal.

Percebe-se na reportagem citada anteriormente uma clara intenção em modificar a projeção atual do carnaval, considerada insuficiente para promover a cidade, tendo como possibilidade, o incentivo ao turismo. Não me parece sem propósito o tema do carnaval de 1984 noticiado pelo jornal Estado de Minas: “Ouro Preto: turismo e cultura”. Na mesma reportagem, anunciava-se que o Prefeito José Leandro Filho investiria mais no seu carnaval de rua, com um aumento de cerca de 400% em relação ao ano anterior<sup>150</sup>.

Esta relação entre carnaval e turismo começa a ser bastante perceptível nas reportagens sobre Ouro Preto, aumentando consideravelmente nos anos iniciais da década de 1990. Todavia, o processo pareceu ter começado a se delinear bem antes, como procurarei demonstrar a seguir. Parte dos acontecimentos que serão discutidos tem a data pertencente ao período delimitado pelo capítulo anterior, mas, entendendo que o que se delinearía nos anos seguintes faz parte de um processo, não faria sentido que fossem desmembrados para atender à demarcação temporal dos capítulos.

### **3.1 O desenvolvimento do turismo e a (re) construção do carnaval**

Para compreendermos o incentivo ao desenvolvimento do turismo em Ouro Preto e sua relação com o carnaval torna-se importante contextualizar o lugar que o turismo ocupava (ou que buscava ocupar) no cenário brasileiro e mineiro.

A constatação do incentivo ao desenvolvimento do setor turístico no Brasil, em Minas Gerais e, especialmente, em Ouro Preto no período da pesquisa, tornou-se um fator de

---

<sup>150</sup> TURISMO e cultura: o tema de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev.1984. 16.146, p.14

grande importância para se pensar a construção de um mercado da festa na cidade e de um imaginário sobre o seu carnaval.

Segundo as fontes consultadas, uma das grandes possibilidades de desenvolvimento econômico para o Brasil nos anos 1980 era o turismo. Em uma das reportagens do jornal Estado de Minas, fica claro o grau de importância que vinha sendo atribuído a esse setor: “A partir de 1974, o turismo caracterizou-se, no contexto mundial, como a atividade econômica mais rentável após o petróleo, superando a indústria do aço, dos armamentos e do automóvel, que eram as mais poderosas do planeta”<sup>151</sup>.

Duarte (2009, p.78) observa que a indústria turística mundial se desenvolveu, de forma galopante, a partir dos anos sessenta do século passado, por meio das novas tecnologias e do incremento de conquistas sociais que “vieram a criar uma série de condições, tais como, facilidade de deslocamento, tempo livre e existência de uma classe média com poder aquisitivo [...]”. A autora associa esses fatores a um aumento massivo da riqueza e da renda disponível com a “mudança nos estilos de vida e nos comportamentos” (p.40), ressaltando que o setor turístico, em um primeiro momento, deu-se “de forma massiva nos países industrializados e mais ricos, por razões óbvias” (p.41). Demonstra, ainda, o grande crescimento do setor turístico no mundo inteiro entre 1960 e 1994, um período em que grande parte da temporalidade dessa pesquisa se insere. Utilizando de informações da Organização Mundial do Turismo (OMT), destaca que, nesse período, a chegada de turistas no mundo todo aumentou quase 800 por cento, passando de 69 milhões em 1960 a 537,4 milhões em 1994.

Esse reconhecimento, de certo modo, justificava a necessidade do Brasil em aumentar os investimentos nesse setor, apelando, principalmente, ao turista estrangeiro, que, segundo as diversas reportagens sobre o assunto, era quem teria as melhores condições de movimentar a economia brasileira. Um desses fatores era a grande desvalorização do cruzeiro, moeda da época, em relação ao dólar. Uma reportagem do Jornal Estado de Minas aborda exatamente essa questão, ao noticiar uma campanha de uma empresa de aviação brasileira nos Estados Unidos: “Com um dólar, você compra quarenta e três notas de um cruzeiro. Já imaginou o que poderá fazer com esse dinheiro no Brasil”?<sup>152</sup> Os estrangeiros eram, assim, anunciados como “um público diferenciado que tinha dinheiro e poderia contribuir para o desenvolvimento de nossa cultura”<sup>153</sup>.

---

<sup>151</sup> EMPRESA turística. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1980. 14.979, Caderno de Turismo, p.4.

<sup>152</sup> PARA atrair turistas, um Brasil diferente nos EUA. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 jan. 1980. 14.985, Caderno Pequenos Anúncios, p.4.

<sup>153</sup> *Idem*.

Em outra reportagem, percebe-se esta relação entre a mádesvalorização do cruzeiro e as propagandas de incentivo ao turismo estrangeiro, principal aspiração das campanhas que emergiam.

A inflação, que tantos malefícios causa à economia brasileira, em apenas um ponto poderá, paradoxalmente, contribuir para as soluções que o país espera este ano, a fim de se recompor financeira e economicamente. É que ela favorece o desenvolvimento do turismo estrangeiro, criando condições mais atraentes para os fluxos internacionais<sup>154</sup>.

Nesta, do mesmo jornal, intitulada “O turista deve ser tratado no país a pão-de-ló”, o então ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Pena, afirmou que o pão-de-ló deveria, ainda, vir acompanhado de um tapete vermelho, porque o turista iria “ajudar no equilíbrio da balança de pagamentos do Brasil”<sup>155</sup>.

Em uma grande quantidade de fontes com o mesmo conteúdo ficou clara a preocupação em se criar campanhas de promoção do Brasil no exterior, esquemas para fiscalizar hotéis brasileiros, a criação de seguros de viagem<sup>156</sup> e outros incentivos, como a criação de linhas de créditos para financiar turistas americanos que desejassem visitar o Brasil, em esquemas de excursões<sup>157</sup>.

O incentivo ao turismo estava ligado, portanto, à necessidade de buscar novas formas de desenvolvimento para o país. Como já problematizado, o Brasil enfrentou uma grande crise econômica na década de 1980. No final da década de 1970, embora possuísse um dos maiores parques industriais dos países em desenvolvimento, o Brasil sofria com o impacto do aumento nos preços do petróleo, da aceleração nas taxas de juros internacionais e do lento crescimento das exportações mundiais. A dívida externa brasileira aumentava consideravelmente, tendo como uma das suas consequências principais, a elevação dos preços e uma inflação que perdurou por longos anos (LUNA; KLEIN, 2007).

Em muitas das fontes consultadas, era evidente a grande preocupação vivida pelo país nos anos 1980, em que praticamente todas as edições do jornal Estado de Minas, de circulação diária, abordavam essa temática. Anunciava-se o aumento dos preços,

<sup>154</sup> FORÇA do turismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 jan. 1983. 15.808, Primeiro caderno, p. 4.

<sup>155</sup> TURISTA deve ser tratado no Brasil a pão-de-ló. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 09 jan. 1980. 14.983, Caderno 2, p.4.

<sup>156</sup> AGÊNCIAS de turismo já têm plano especial de seguro. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 jan. 1980. 14.995, p.13.

<sup>157</sup> “A Embratur anunciou ontem uma linha de crédito de 50 milhões de dólares para financiar, a juros de 15,5 por cento ao ano, turistas norte-americanos que desejarem visitar o Brasil, com esquemas pré-estabelecidos de excursões.” In: PARA atrair turistas, um Brasil diferente nos EUA. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 jan. 1980. 14.985, p.4.

principalmente da indústria alimentícia, medidas políticas e econômicas para tentar frear a inflação a cada nova alta, como a tentativa de conscientizar a população em relação à necessidade de poupar: “Cada um deve olhar para si mesmo e ver se está fazendo tudo o que poderia fazer, cada um deve examinar suas despesas e ver onde pode economizar”, da mesma forma, “pessoas que gastam como se não houvesse amanhã devem adotar um novo comportamento”<sup>158</sup>.

Segundo uma das edições do jornal Estado de Minas, a inflação no Rio de Janeiro em 1980 alcançou a taxa de 110,2 % - “a maior já verificada até hoje na história no país”<sup>159</sup>. A mesma reportagem apontou como causas desse fato, a partir do Índice Geral de Preços (IGP) da Fundação Getúlio Vargas, fatores externos à economia nacional, entre as quais se destacava a forte elevação dos preços do petróleo.

Percebe-se, por meio das demais reportagens, que essa situação perpassava todo o país. Em uma das edições do ano de 1981 havia um balanço do ano anterior, em que se anunciava em Belo Horizonte, aumentos de alimentos de até 339%, como o caso do feijão, e observava-se que “comprar o mesmo produto pelo mesmo preço em dias diferentes foi quase impossível”<sup>160</sup>.

Em outra matéria do mesmo jornal, pode-se perceber, com mais clareza, a situação econômica que o Brasil enfrentava no marco inicial dessa pesquisa:

Findou-se o ano de 1980 sem que a política econômica do Governo apresentasse resultado positivo em relação aos seus objetivos de combate à inflação e equilíbrio da Balança de Pagamentos. Os índices oficiais da inflação, até o findar do ano, calculado segundo o IGP, apresentaram um crescimento de 98,52% de janeiro a novembro, permitindo a antecipação de um percentual aproximado de 120% de inflação anual, segundo as previsões do Departamento Econômico da Fiemg<sup>161</sup>.

Essa mesma reportagem também apontou o valor da dívida externa ao final desse mesmo ano, que chegava a 56 bilhões de cruzeiros, “apresentando um déficit na balança comercial de três bilhões de cruzeiros, 50% acima do limite máximo fixado pelas metas governamentais para este ano”<sup>162</sup>.

<sup>158</sup> A ÚNICA saída é produzir mais e poupar. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 jan. 1981. 15.305, Primeiro caderno, p. 6.

<sup>159</sup> INFLAÇÃO é a maior da história. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 jan. 1981. 15.290, p.1.

<sup>160</sup> PAGAMOS muito caro por tudo. E ficamos muito mais pobres. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 jan. 1981. 15.285, Primeiro caderno, p.5.

<sup>161</sup> 1981: só a vontade nacional será capaz de vencer crise econômica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1981. 15.287, Economia, p.1.

<sup>162</sup> *Idem*.

O próprio carnaval, como já mencionado no capítulo 1, parecia constituir-se em um momento de fuga para os problemas que a população brasileira enfrentava. Mesmo não compartilhando dessa perspectiva para a festa, ainda hoje perceptível, não se pode negar a existência desse discurso e, até mesmo, das diversas possibilidades de apropriação dos sujeitos por meio dele, já que a festa não se desconecta da vida cotidiana e de seus problemas, como bem lembra Brandão (1989). Nos dizeres a seguir, tem-se um parâmetro para compreender a relação entre o carnaval e a difícil realidade brasileira na época em questão:

Apesar das dificuldades trazidas pelo alto custo de vida, pela inflação galopante, pelos preços altos de tudo e sucessivos aumentos, a partir da gasolina, ainda há disposição do povo para a folia. O brasileiro não liga para essas coisas quando chega o reinado de Momo. O carnaval serve também para fazer esquecer as 'agruras da vida' <sup>163</sup>.

Segundo Duarte (2009, p.230), nos últimos meses de 1982, o Brasil era agraciado com “a maior dívida externa do mundo, 87 milhões de dólares”, gerando altos níveis de instabilidade. No ano de 1984, o jornal Estado de Minas anunciava que o ano anterior entraria para a história econômica do país e seria lembrado como um dos mais difíceis já experimentados pela sociedade brasileira, devido “às indefinições de ordem econômica, sucessivas alterações da lei de salários, diferentes indexações, alterações tributárias, que foram uma norma geral<sup>164</sup>”.

É possível constatar, pelas fontes consultadas, que esses problemas, em maior ou menor grau, perpassaram toda a década de 1980 e, dentre as formas de recuperação da economia brasileira, o incentivo ao turismo vigorava como uma das principais estratégias de movimentação financeira: “No Brasil, a importância do turismo vem também crescendo aceleradamente e, por isso mesmo, a União e os Estados cuidaram de preparar-se para garantir o maior rendimento possível ao setor” <sup>165</sup>.

Duarte (2009, p.371) aponta a década de setenta como período em que se desenvolveram no Brasil as “primeiras iniciativas governamentais de apoio e suporte às atividades turísticas”. Resultado de fatores circunstanciais, ocasionais e conjunturais para a autora, o desenvolvimento do setor não foi fruto de “uma política nacional de turismo, de um esforço organizado, planejado e sistematizado” (p.370). Ressalta, ainda, que o setor surgiu

<sup>163</sup> FOLIA no interior começou ontem. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 fev. 1982. 15.586, Primeiro caderno, p.12.

<sup>164</sup> O ANO de 1983 entrará para a história como o ano mais difícil do século. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 jan. 1984. 16.100, Primeiro caderno, p. 16.

<sup>165</sup> EMPRESA turística. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 14.979, Caderno Turismo, p.4.

como alternativa viável e importante de “desenvolvimento, geração de emprego e riqueza” (p.373), assim como demonstraram as diversas reportagens, e aponta, a década de 1980, como período em que o turismo alcançou valores importantes, com iniciativas promocionais dos governos dos estados, favorecendo um “aumento significativo no fluxo turístico [...]” (p.374).

No ano de 1986, o jornal Estado de Minas chama atenção para o “boom” do turismo no país. Segundo a reportagem, o setor, denominado “indústria sem chaminés”, estava vivendo o período mais destacado de sua história, “mostrando um desenvolvimento extraordinário em todos os segmentos, como a construção de novos hotéis, reformas nos já existentes, surgimento de novas agências de viagens”, entre outras melhorias<sup>166</sup>.

Em 1987, o turismo foi anunciado pelo mesmo jornal como o setor econômico com a maior perspectiva de crescimento para os próximos anos no país<sup>167</sup>. Confirmando os investimentos nesse setor, outra reportagem destacou que o referido ano foi denominado oficialmente pelo governo como o “ano nacional do turismo”<sup>168</sup>. Como estratégia publicitária, a Embratur vislumbrava conscientizar o brasileiro acerca dos benefícios derivados da atividade turística, já que este setor passou a ser anunciado como o quarto item da pauta de exportações<sup>169</sup>.

Em Minas Gerais, a preocupação com o turismo enquanto possibilidade de desenvolvimento econômico também crescia, agravada pelo fato desse estado ainda ter uma política nesse setor bem deficitária em relação a outros estados brasileiros. Percebe-se, pelas fontes, certo desespero pela busca tardia do que era visto como um desperdício de seu potencial turístico, relacionado, principalmente, às cidades históricas e ao Circuito das águas, como demonstrado na reportagem abaixo:

Minas Gerais concentrou-se, no último decênio, no desenvolvimento do setor secundário de sua economia, devendo agora investir no plano terciário, no qual o turismo aparece como uma das áreas mais propícias a um retorno imediato, tornando-se fator de dinamização socioeconômico. Mas o governo mineiro parece ainda não acreditar no turismo, apesar do extraordinário potencial do Estado, com suas cidades históricas e estâncias hidrominerais, pioneiras da indústria turística no Brasil. É lamentável que assim se proceda, quando o país precisa de divisas e o turismo interno e externo, calcado nos atrativos mineiros, pode contribuir de forma marcante para o reforço do erário estadual do Brasil<sup>170</sup>.

<sup>166</sup> TURISMO em alta. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 fev. 1986. 16.688, Primeiro caderno, p.2.

<sup>167</sup> A PARTICIPAÇÃO do turismo no PIB do Brasil. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 mar. 1987. 16.991, Caderno Turismo, p.3.

<sup>168</sup> 87: ano nacional do turismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 jan.1987. 16.942, Caderno Turismo.

<sup>169</sup> A PROGRAMAÇÃO do ano nacional do turismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 fev. 1987. 16. 970, Caderno Turismo, p.2.

<sup>170</sup> EMPRESA turística. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1980. 14.979, Caderno de Turismo, p.4.

Um exemplo desse fato é a tardia criação da Turminas em 1980, uma empresa pública vinculada à Secretaria de Estado da Indústria, do Comércio e do Turismo, destinada exclusivamente a “incrementar as ações de turismo em todo o território mineiro”<sup>171</sup>. O jornal Estado de Minas deixa claro que Minas Gerais era, até então, um dos poucos estados que não possuía um órgão para cuidar exclusivamente do turismo.

Esperava-se que o setor, dirigido por uma empresa pública, fosse capaz de criar, efetivamente, nas cidades chamadas polos turísticos, uma infraestrutura capaz de levar e reter o turista, já que um dos maiores problemas encontrados por alguns operadores de turismo, segundo pesquisas publicadas no jornal, era a sua situação precária de algumas cidades em relação a hotéis, restaurantes, guias turísticos, etc. Assim, dotar o Estado “de estrutura capaz de explorar, com eficiência e flexibilidade, as grandes possibilidades do setor<sup>172</sup>” era a principal função. Porém, somado ao atraso da criação da Turminas, outros problemas foram detectados, como o pequeno capital destinado à empresa, muito menor do que o investimento de outros estados brasileiros<sup>173</sup>.

No ano de 1983, as reportagens demonstraram possíveis avanços da indústria turística no cenário mineiro, o que também contribui para pensar o momento de transformações vivido por Ouro Preto.

Quanto a Minas Gerais, a indústria turística vem se tornando uma realidade, e é fundamental que tanto o governo do Estado quanto a Embratur não hesitem em investir no aprimoramento da infraestrutura mineira, de modo a que os fluxos internacionais aumentem sua presença nos polos formados pelas cidades históricas, grutas, rios e estâncias climáticas<sup>174</sup>.

Na citação acima, ressalta-se o início da década de 1980 como fundamental para o desenvolvimento do turismo mineiro, como também foi demonstrado em outras reportagens de mesma época que noticiavam a criação da Turminas. Da mesma forma, percebe-se, também, a valorização crescente das cidades históricas como polos de investimento nesse setor.

Em 1985, foi lançada em Belo Horizonte a campanha “Minas de Emoções Gerais”. Com o apoio da Embratur, a iniciativa tinha a finalidade de promover o turismo no

---

<sup>171</sup> ADETUR vira Turminas, empresa para ativar o turismo com força nova. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1980. 14.979, Caderno de Turismo, p. 3.

<sup>172</sup> EMPRESA turística. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1980. 14.979, Caderno de Turismo, p.4.

<sup>173</sup> *Idem*.

<sup>174</sup> FORÇA do turismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 jan. 1983. 15.808, Primeiro caderno, p.4.

interior do estado mineiro, principalmente, nas cidades históricas e no circuito das águas<sup>175</sup>. Percebe-se também, em outras fontes, uma grande recorrência a esses dois polos como promotores de uma imagem de Minas Gerais que se objetivava vender, fato importante para pensarmos no desenvolvimento que o turismo ouro-pretano experimentaria.

A cidade também se tornou alvo de divulgação nacional no exterior, como demonstra outra campanha da Embratur do mesmo ano. Foram utilizados cinco pôsteres com enfoques diversificados sobre o país, tais como o Brasil colonial com a imagem da cidade de Ouro Preto, o carnaval carioca, as praias da Bahia, Foz do Iguaçu e a Amazônia: “os apelos que mais sensibilizam os turistas estrangeiros, segundo o presidente da Embratur, Hermógenes Ladeira”<sup>176</sup>.

Mas, a utilização de Ouro Preto como imagem publicitária para Minas Gerais e para o Brasil, nos anos 1980, não significa que o desenvolvimento do turismo na cidade era significativo nesse período. Como observou Brandão (1989) no livro “Cultura na rua”, publicado em 1989, o turismo não possuía muita representatividade econômica para o município que tinha, como atividades principais, a indústria do alumínio e a Universidade.

No entanto, o carnaval desempenhou importante função como forma de promover as cidades mineiras, à medida que estas também começavam a ser promovidas como destinos turísticos. No ano de 1980, já havia a preocupação em atender aos turistas que chegavam a Ouro Preto para participar da festa: “A secretaria de Turismo dará toda a orientação aos turistas, a fim de encaminhar os interessados às pousadas e hotéis, ou a uma das diversas repúblicas estudantis da cidade”<sup>177</sup>.

No carnaval deste mesmo ano foi também anunciada a cobertura da festa pela televisão. O título de uma das reportagens do Estado de Minas, “Serão filmadas as festas do Momo em Ouro Preto”, demonstra grande probabilidade de este ser o primeiro ano em que isso ocorreu, ou pelo menos, de não ser um fato recorrente, verificado pelo aparente ineditismo contido na própria reportagem:

Jornalistas e cinegrafistas do Brasil e exterior preparam-se para fazer a cobertura do carnaval de Ouro Preto, considerado um dos mais animados e autênticos pela

<sup>175</sup> MINAS de Emoções Gerais: a campanha turística mineira. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 fev. 1985. 14.450, Primeiro caderno, p.11.

<sup>176</sup> PÔSTERS de Ouro Preto no exterior. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 jan. 1985. 16.417, Caderno Turismo, p.2.

<sup>177</sup> OS LACAIOS, cem anos de animação em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 fev. 1980. 15.009, Caderno Turismo, p.8.

participação de muitos blocos populares e do tradicional clube dos lacaio, fundado em 1867 pelos empregados do palácio do governador da província de Minas<sup>178</sup>.

A esta percepção soma-se o pouco enfoque na abordagem do carnaval ouro-pretano na época. O seu valor promocional somente começou a ser veiculado e estimulado nas páginas do jornal anos mais tarde, aliado a outras mudanças que se iniciariam.

Em 1983, a verba destinada à promoção do carnaval foi anunciada pelo Estado de Minas como mais de 10 vezes maior que no ano anterior<sup>179</sup>, sendo que, no ano de 1984, foi divulgado um aumento de 400% em relação a este ano. Como já mencionado, mais importante do que observar os valores em si devido às inconstâncias econômicas da época é atentar-se para os anúncios de aumento e da proporção que adquiriam. Estes fatores podem contribuir para a constatação do desenvolvimento de uma política mais forte voltada para o turismo e do reconhecimento progressivo da festa como um dos atrativos da cidade. O secretário de Turismo de Ouro Preto nesse período, Ângelo Oswaldo, afirmou na mesma reportagem que a festa “vem crescendo de ano para ano, recebendo milhares de turistas de todos os pontos do país e do exterior, que procuram justamente um carnaval mais autêntico, ligado às tradições dos festejos e à espontaneidade popular”<sup>180</sup>.

Percebe-se nesta fala, além do claro exagero no anúncio do número de turistas contabilizados pelo prefeito, a propaganda do carnaval por meio de suas características tradicionais. Na manchete de uma reportagem de página inteira do Estado de Minas que destacou o carnaval ouro-pretano entre outros do estado ficou clara a associação entre carnaval e turismo: “O carnaval está chegando e o turismo entra em ritmo de samba”<sup>181</sup>. Mesmo considerando que a vivência do turismo nem sempre é mediada por intervenções de um mercado específico, como também, pode não estar, necessariamente, atrelada à promoção das cidades, é preciso atentar-se para os fins econômicos e políticos, fortemente presentes no período em questão. A reportagem a seguir demonstra um pouco dos anseios da época:

[...] o carnaval requer planejamento e execução. Do contrário, como ainda vem ocorrendo na maioria das unidades mineiras, o evento tende a baixar, em decorrência dos que estão sempre procurando evoluir. Mesmo aqui pelas Gerais, além das cidades que já gozavam de fama momesca, outras andam perfeitamente conscientizadas de que o investimento se faz necessário para não ficarem no bloco

<sup>178</sup> SERÃO filmadas as festas de Momo em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 1980. 15.016, Caderno Pequenos anúncios, p.5.

<sup>179</sup> E O ZÉ Pereira abre a grande folia em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 jan. 1983. 15.795, Caderno Turismo, p.2.

<sup>180</sup> *Idem*.

<sup>181</sup> O CARNAVAL está chegando e o turismo entra em ritmo de samba. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 fev. 1983. 15.819, Caderno Turismo, p.1.

dos ‘acomodados’. Este ano, pelo menos mais umas 15 cidades saíram da letargia e investiram na alegria do povão, conseguindo excelentes resultados. O certo é que, doravante, com o aumento do potencial atrativo em mais cidades mineiras, aquelas que não aderirem, fatalmente, ficarão na saudade e sem carnaval, que agora, mais do nunca, é um ato público altamente válido para promover as cidades. Portanto, organização continua sendo essencial e o passo decisivo<sup>182</sup>.

Em relação a Ouro Preto, as diversas reportagens demonstraram a intenção de que a cidade se tornasse uma referência turística, apostando no potencial de suas festas com o carnaval ocupando um lugar de destaque. Pelo que indicam as fontes, o objetivo foi alcançado em longo prazo, com alguns efeitos já percebidos, ainda, nos anos 1980.

Em 1984, o jornal Estado de Minas anunciou que todos os hotéis e instalações de Ouro Preto encontravam-se lotados no período do carnaval. Nesse mesmo ano, foi possível perceber a associação do sucesso da festa com a participação da iniciativa privada, por meio da declaração de um dos diretores da escola de samba Imperial: “o carnaval de Ouro Preto, neste ano vai ser um dos mais animados da cidade e do interior de Minas Gerais, especialmente, por ter recebido o apoio da Alcan [...]”<sup>183</sup>. Além da participação da empresa citada, vale lembrar que, neste ano, ainda houve o aumento dos investimentos públicos e a promoção da festa em um dos hotéis da cidade. Esta última iniciativa pode ser pensada como uma estratégia diretamente voltada para o turismo.

Como abordado no capítulo 1, Ouro Preto era um destino pouco procurado no carnaval em relação a outras cidades mineiras no período anterior, tendo como base o anúncio da venda de passagens na rodoviária de Belo Horizonte. Em 1985, a cidade já começava a ser considerada a que tinha “a fama de apresentar a melhor celebração momesca de Minas”<sup>184</sup>, ao lado de São João Del Rei. Mesmo com o anúncio de que as escolas de samba não desfilariam no ano de 1985, devido a pouca verba destinada pela Prefeitura (uma das razões alegadas para tal ocorrência eram os problemas econômicos do país), o carnaval ouro-pretano foi citado pelo jornal Estado de Minas como um dos mais importantes do estado.

Em 1986, Ouro Preto foi citada como uma das cidades mais procuradas, junto a São João Del Rei, Pirapora, Diamantina e as estâncias hidrominerais<sup>185</sup>. Nesse ano, a Alcan, mais uma vez, contribuiu com a festa: “Metade do investimento do carnaval de rua foi dado

<sup>182</sup> NETO, Nicolau. Sociedade do interior. Estado de Minas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 mar. 1981. 15.340, Primeiro caderno, 1981.

<sup>183</sup> TURISMO e cultura: o tema de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev.1984. 16.146, p.14

<sup>184</sup> CARNAVAL em pane. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1985. 16.411, Caderno Turismo, p.3.

<sup>185</sup> PASSAGENS esgotadas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 jan. 1986. 16.658, Primeiro caderno, p.8.

pela Alcan, inclusive na criação, *layout*, arte final e impressão do lindo cartaz, algo realmente digno de até ser guardado como ‘souvenir’”<sup>186</sup>. Este apoio foi também anunciado em 1987.

Nesse ano, a procura pela cidade parecia continuar e o Estado de Minas preocupava-se em informar que ainda havia algumas vagas em ônibus em horários reduzidos<sup>187</sup>. Mais uma iniciativa de promoção do carnaval da cidade foi observada. Foi realizada uma exposição no Museu Mineiro, em Belo Horizonte, com o nome “A rivalidade dos velhos carnavais”, apresentando como tema principal, o bloco Zé Pereira dos Lacaio<sup>188</sup>. Segundo a mesma fonte, a mostra era constituída de fotografias, documentos, letras e músicas do passado.

Ainda em 1987, o jornal Estado de Minas anunciou que os hotéis da cidade não tinham mais condição de receber ninguém e que, “quem já esperava por isso, cuidou logo de trazer sua barraca de camping”<sup>189</sup>. Outra reportagem reforça a anterior: “Ouro Preto ficou lotada de turistas durante os dias momescos. Faltaram, inclusive, vagas em hotéis”<sup>190</sup>. Nesse mesmo ano, uma observação chamou a atenção em uma das reportagens: “o carnaval na cidade tem tudo e de tudo para todos, comprovando o seu espírito cosmopolita”<sup>191</sup>. Percebe-se, nesse momento, a vinculação do carnaval a uma característica que seria importante na próxima década: a sua capacidade de atrair a todos os gostos, de diferentes localidades, observando-se, assim, a construção de uma festa que fosse capaz de atrair maior número de pessoas.

No ano seguinte, houve mais uma crise envolvendo as escolas de samba, motivada pela insatisfação com a verba oferecida pela Prefeitura. Entretanto, a repercussão do carnaval podia ser percebida nos elogios à festa realizada nas ruas e no anúncio da grande participação de turistas, que se impressionaram com “a animação da folia ouro-pretana, que, proporcionalmente, é claro, podia ser comparada com a de Salvador ou de Recife”<sup>192</sup>.

Neste momento, mesmo com a continuidade da crise econômica que assolava o país e que se estenderia também nos anos seguintes, bastante agravada em Ouro Preto pelos prejuízos contínuos causados pelas chuvas, a cidade continuaria recebendo destaque entre os

<sup>186</sup> OURO Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 fev. 1986. 16.674, Primeiro caderno, p.18.

<sup>187</sup> ÔNIBUS extras começam a ser liberados na 3ª. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev. 1987. 16.977, p.7.

<sup>188</sup> CARNAVAIS. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 de fev. 1987, 16.979, Primeiro caderno, p.7.

<sup>189</sup> OURO Preto brinca na sua Praça Tiradentes. *Estado de Minas*, 01 de mar. 1987. 16.989, p.22.

<sup>190</sup> SEM vaga em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 de mar. 1987. 16.991, Caderno Turismo, p.3.

<sup>191</sup> NETO, Nicolau. Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 de fev. 1987. 16.987, Primeiro caderno, p.28.

<sup>192</sup> O SURPREENDENTE carnaval de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 fev. 1988, 17.284, Caderno Turismo, p.3; NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 1988. 17.288, p.20.

carnavais mineiros. No jornal *O Liberal*, também eram muito frequentes as reportagens sobre o carnaval e sua relação com o desenvolvimento do setor turístico, demonstrando, de forma mais particularizada, a realidade da cidade.

Um texto escrito pelo colunista Nylton Gomes Batista (1991) contextualiza a situação do turismo ouro-pretano no início da década de 1990, tendo por base, a história da cidade. O autor fala das consequências para a antiga Vila Rica da transferência da capital mineira para Belo Horizonte no final do século XIX. Segundo Batista, este fato causou um grande abandono de Ouro Preto, que quase teve o seu patrimônio descaracterizado<sup>193</sup>. Para o autor, a redescoberta da cidade é recente, ou seja, a preocupação com uma política preservacionista nem sempre esteve presente, assim como o reconhecimento da importância econômica do turismo, pois, mesmo em 1991, Ouro Preto ainda não estava sabendo aproveitar os possíveis benefícios desse setor que começava a crescer<sup>194</sup>.

Neste contexto, o turismo foi amplamente abordado no jornal *O Liberal* com o mesmo apelo ao desenvolvimento econômico visto nas reportagens do Estado de Minas, mas atrelado às necessidades locais. Em uma das reportagens, ganhou destaque a importância da melhoria da infraestrutura para possibilitar “uma melhor qualidade de vida para a nossa sofrida classe trabalhadora” e receber melhor “o turista nosso de cada dia”<sup>195</sup>. Nesta passagem fica difícil não remetermos “o turista nosso de cada dia” à expressão religiosa “o pão nosso de cada dia”. Segundo o colunista que assina a reportagem:

cada turista que vem a Ouro Preto vai embora levando de volta seus cruzeirinhos (ou dólares) no bolso. [...] Em outras palavras isto quer dizer que, atualmente, está havendo desperdício daquilo que poderia transformar em uma boa fonte de recursos que será útil na melhoria da qualidade de vida da população e na preservação do acervo arquitetônico barroco [...] <sup>196</sup>.

Pensando nesse lugar que as pessoas e a cidade possam, por ventura, passar a ocupar nos discursos em prol do desenvolvimento turístico, é que este se torna importante para pensar o objeto dessa pesquisa. Frente às dificuldades ainda enfrentadas, os anos iniciais da década de 1990 foram marcados por iniciativas de promoção do turismo em Ouro Preto. A

<sup>193</sup>Duarte (2009, p.489) também observa que a cidade sobreviveu a um longo período sem proteção oficial, “sofrendo fortes declínios econômicos provocados pela diminuição do ouro (meados do século XVIII) e pela perda da capital da província (final do século XIX)”. Segundo a autora, estes acontecimentos provocaram um acentuado êxodo populacional, “o que levou aos viajantes do final do século XIX e início do século XX a denominá-la ‘cidade fantasma’” (*idem*).

<sup>194</sup>BATISTA, Nylton. Opinião. *O Liberal*, Ouro Preto, 1 quin. jan. 1991. 48, p.2.

<sup>195</sup>TADEU, Ubirajara. O trem da história dos turistas em Ouro Preto. *O Liberal*, Ouro Preto, 25 jan.1993 a 02 fev.1993, p. 2.

<sup>196</sup>*Idem*.

organização de uma exposição de fotos, artesanatos, pinturas e outros trabalhos de arte “do vasto acervo ouro-pretano” em Belo Horizonte, no ano de 1992, pode ser um exemplo. O objetivo “era informar sobre o potencial artístico, cultural, natural e de infraestrutura da cidade e dos seus onze distritos”. O título da reportagem “Prefeitura de Ouro Preto investe no Turismo, na cultura e na tradição, apoiando e valorizando as manifestações do povo”<sup>197</sup>, começava a demonstrar a importância desse conjunto de representações – cultura, tradição e povo – para a consolidação de uma indústria turística, onde o carnaval seria uma das grandes formas de promoção.

Em 1993, segundo reportagem do mesmo jornal, foi realizada uma reunião entre os representantes das diversas áreas do turismo da cidade e o prefeito, com o intuito de buscar alternativas para a exploração desse setor. O principal entrave anunciado foi o descaso da administração pública que, segundo representantes do Conselho Municipal de Turismo, dificultava a implementação das ideias pensadas. O carnaval, realizado algumas semanas depois dessa reunião, parece já ter sofrido algumas intervenções, como ressaltado em uma reportagem do mesmo jornal:

Como decorrência do compromisso do prefeito de incentivar o turismo em Ouro Preto, a Secretaria Municipal de Turismo e Cultura organizou um programa especial para o carnaval que, ao mesmo tempo, estimulou a presença de turistas, mas também procurou integrar todos os órgãos municipais e estaduais na prestação de serviços públicos<sup>198</sup>.

As principais ações realizadas, segunda esta mesma fonte, foram: a confecção de folhetos explicativos; informações sobre trânsito e área de estacionamento; sanitários públicos; equipamentos de som e luz compatíveis com os espaços urbanos e com o público; e plantão de informação e de coordenação da festa.

O mesmo jornal anunciou que o carnaval de 1993 havia ganhado repercussão nacional como uma grande festa de rua, com a presença de centenas de turistas que lotaram todos os hotéis e restaurantes. A reportagem ainda ressaltou que a cobertura pela rede nacional de televisão colocou o carnaval de Ouro Preto junto aos demais carnavais do Brasil, com cenas das principais ruas da cidade sendo transmitidas para todo o país. Esta reportagem também confirmou o que já havia sido verificado na pesquisa com o jornal Estado de Minas: a fama carnavalesca de Ouro Preto é bastante recente. Mesmo com os indícios de que já havia uma cobertura televisiva em 1980, parece que, somente no início da década de 1990, a festa

<sup>197</sup> PREFEITURA de Ouro Preto investe no Turismo, na Cultura, e na Tradição, apoiando e valorizando as manifestações do Povo. *O Liberal*, Ouro Preto, 1 quin. jan. 1992. 73.

<sup>198</sup> CARNAVAL sem problemas. *O Liberal*, Ouro Preto, 20 fev. 1993 a 05 mar. 1993. 114, p.3.

começa a ser reconhecida como uma das principais do interior mineiro e brasileiro. A necessidade do desenvolvimento de uma indústria turística pode ser pensada, assim, como um marco importante da intensificação de um processo de mercadorização recente do carnaval.

Em outra reportagem do jornal *O Liberal*, destacou-se a ação da Secretaria Municipal de Turismo e Cultura que, no ano de 1994, havia promovido em todos os distritos “quase 300 festas religiosas, cívicas e populares, organizando outras festas tradicionais como o carnaval, a semana santa, o ‘vinte e um de abril’ e o festival de inverno”. A reportagem demonstrava a importância que o setor turístico adquiria no período em questão, a preocupação com a quantidade de eventos produzidos e um possível retorno lucrativo advindos dessa organização.

O título “Cidade vive um novo tempo com o turismo”, do ano de 1995, oferece pistas para pensar o recente reconhecimento desse setor. O texto parece comprovar essa percepção: “Revelando um expressivo crescimento do turismo, o Museu da Inconfidência de Ouro Preto foi visitado, em 1994, por 192.456 pessoas, o que representa um aumento de 91% em relação ao número de visitantes de 1993”<sup>199</sup>. A reportagem segue relatando que esse crescimento indicava um novo tempo para Ouro Preto, baseando-se, também, em outro indicador revelado pelo setor de câmbio da agência local do Banco do Brasil: o movimento de troca de dólar por turistas estrangeiros, que havia aumentado 57% em 1993, em relação a 1992, e 67% em 1994, com relação ao volume de trocas de 1993<sup>200</sup>.

A previsão da Secretaria de Turismo e de Cultura era de que, em 1995, o crescimento fosse ainda maior, em razão do Plano Real (que entrou em vigor em 1994); do Programa Turismo Competente, que visava a qualificação de profissionais e a melhoria da estrutura turística na cidade, em curso com o apoio do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da Associação Comercial de Ouro Preto; e da divulgação da cidade durante a reunião do Mercosul. Outras estratégias incluíam diretamente o carnaval, promovido junto à Semana Santa, Festival de Inverno, festas cívicas e religiosas.

No ano de 1995, foram anunciadas outras medidas adotadas para promover o turismo em Ouro Preto, como: restauração de igrejas; projeto de criação de um centro de convenções; qualificação de mão-de-obra; anúncios em jornais e rádios; criação de postos de informação; elaboração de novos tipos de folhetos turísticos (cartazes, folders, etc.); e conscientização da população sobre a importância do turismo. Em meio a estas iniciativas, foi anunciada, novamente, a organização de “festas tradicionais, como o carnaval”, “com o

---

<sup>199</sup> CIDADE vive um novo tempo com o turismo. *O Liberal*, Ouro Preto, 22 jan. a 28 de jan.1995. 193, p.3.

<sup>200</sup> *Idem*.

fornecimento de palanque, som, iluminação, transporte, patrocínio de bandas e outras formas de apoio, inclusive a divulgação das mesmas”<sup>201</sup>.

Neste ano, o mesmo jornal noticiou que a organização prometia ser um diferencial do carnaval: “Folia sim, mas infraestrutura e agilidade também”<sup>202</sup>. Foi ressaltado que o visitante que chegasse a Ouro Preto sentiria o clima logo na entrada: “funcionários da Prefeitura, vestindo camisetas do carnaval cultural 95 receberão os turistas, distribuindo-lhes folhetos com informações gerais”<sup>203</sup>.

Em 1996, assim noticiou o jornal *O Liberal*: “Saída para Ouro Preto está no turismo”<sup>204</sup>. Segundo a matéria, um diagnóstico econômico realizado pela Associação Comercial, pelo SEBRAE, pela Agência de Desenvolvimento de Ouro Preto (ADOP) e pela Prefeitura Municipal, concluiu que, em dez anos, a oferta de empregos proporcionada pela indústria diminuiu cinquenta por cento e essa mão-de-obra liberada ou foi para o garimpo ou para o turismo. O diagnóstico indicou este setor como uma das principais oportunidades de negócios para o desenvolvimento da cidade. Os dados comprovaram, também, o quanto é recente a preocupação com o estabelecimento de uma estrutura turística na cidade, considerando as suas possibilidades de geração de lucros ao município.

Torna-se difícil não associar as iniciativas citadas com a mudança de enfoque nas reportagens veiculadas sobre o carnaval da cidade. A amplitude alcançada, neste período, pode ser resumida na seguinte reportagem do Estado de Minas, do mesmo ano: “Ouro Preto faz do carnaval mais um chamativo turístico, atraindo para a cidade mais de R\$ 1 milhão de 25 mil turistas”<sup>205</sup>.

A continuação do texto chama a atenção para outro fato importante, já percebido anteriormente: “a cidade se desdobrava para agradar a todos os gostos”<sup>206</sup>. Esta necessidade demandava uma nova organização da festa e a melhoria da sua estrutura de acordo com uma percepção externa. Uma nova conformação do carnaval parecia, assim, começar a surgir com características específicas voltadas para o consumo de uma festa que se pretendia global, mas que precisava do diferencial do seu passado para se legitimar como destino turístico.

Em uma das reportagens do jornal *O Liberal*, o bloco Zé Pereira dos Lacaiois foi assim anunciado: “Atrás do mais antigo bloco carnavalesco do Brasil, só não vai quem não

<sup>201</sup> SECRETARIA presta contas na cultura e no turismo. *O Liberal*, Ouro Preto, 25 dez. a 14 jan.1995. 191

<sup>202</sup> NO carnaval Cultural, folia é organizada. *O Liberal*, Ouro Preto, 20 de fev. a 05 de mar. de 1995. 197, p.3.

<sup>203</sup> *Idem*.

<sup>204</sup> SAÍDA para Ouro Preto está no turismo. *O Liberal*, Ouro Preto, 01 jan. 1996 a14 jan. 1996. 237, p.3.

<sup>205</sup> KIEFER, Sandra. Ouro Preto já faturou R\$ 1 milhão com a folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 1996. Caderno Gerais, p.15.

<sup>206</sup> *Idem*.

quer perder o mais esplendoroso carnaval de Minas Gerais, a festa de Ouro Preto”<sup>207</sup>. Mas, vale ressaltar, em meio a palanques, sons mecânicos, decorações e decoradores importados para conferir ao específico da cidade, símbolos e exigências de um mercado universal.

Como observam Hall; Tucker (2004), a criação de um destino turístico envolve dar lugar ao desenvolvimento de uma representação deste destino dentro de um contexto de consumo e de produção de lugares, incorporados no sistema de capital global. Os autores ajudam a pensar a importância da veiculação de discursos sobre o passado histórico da cidade de Ouro Preto, ao afirmarem que as representações criadas passam a ser vendidas mais do que qualquer outro produto regional.

Em se tratando especificamente dos centros históricos, Duarte (2009, p.3) chama a atenção para o importante papel que as representações atribuídas a eles exercem na promoção do turismo, pois concentram em si, “muitos aspectos de caráter diverso e são reflexo da identidade dos povos”. A autora retrata as cidades históricas como lugares de inegável valor, únicos, “depósitos de um patrimônio no qual se registram [...] heranças que não resumem apenas em suas singulares arquiteturas e conjuntos urbanos, mas em outros bens móveis, documentais, intangíveis, etc.” (p.6). Por isso, reflete a autora, “a especial consideração por estas áreas turísticas, privilegiadas, de incalculável valor” (*idem*).

Indo ao encontro do que apontam Hall; Tucker (2004), Duarte (2009) também associa o crescimento turístico à oferta cultural dos destinos. Os gestores, segundo ela, “buscam, de todas as formas, incrementar, diversificar e fazer mais atrativa essa oferta para garantir êxito” (p.7). A autora ajuda a pensar o papel ocupado pelo carnaval ouro-pretano no desenvolvimento do turismo na cidade, ao observar que, para cumprir este objetivo, todo tipo de recursos, como meio ambiente, lazer, eventos e a própria cultura local são utilizados.

Duarte (2009, p.9) aponta a cidade de Ouro Preto como uma “das maiores riquezas da história brasileira e um dos mais importantes acervos barrocos do mundo” e reflete sobre a recente consciência da sociedade contemporânea acerca do valor do patrimônio herdado. Para a autora, o consumo do “voltar à história” tornou-se uma moda, com “consequências econômicas de ampla dimensão social” (p.74). Duarte (2009) contribui, ainda, para pensar a ideia de tradição relacionada a um passado longínquo, pois, segundo ela, quanto mais os bens culturais são ligados a uma origem longe no tempo, maior é a sua valorização. A tradição, nesse caso, pode se tornar apenas um signo, um elo entre o que se pretende vender e o que não se pode perder para não descaracterizar por completo a essência

---

<sup>207</sup>ATRÁS do Zé Pereira só não vai quem não quer. *O Liberal*, Ouro Preto, 29 jan. a 04 de fev.1996. 240, p.3.

de um produto (BURKE, 2008). Em várias reportagens citadas anteriormente, pode-se perceber a associação da necessidade de transformação do carnaval e demais festas ouropretanas ao signo “tradicional”, que, paradoxalmente, simboliza imutabilidade e respeito a uma continuidade histórica.

A ideia de tradição conferida aos centros históricos também parece colaborar para a ação e intervenção dos órgãos públicos e privados, pois, ao apelarem para o sentimento de orgulho e de pertencimento da população, chamam a atenção dos mesmos para a importância da preservação da cidade e do seu desenvolvimento, justificando-se, assim, a sua promoção via turismo. Esse apelo une-se a promessa de melhoria das condições da vida cotidiana, e assim, os lucros angariados são também justificados.

O próximo passo para a compreensão da festa neste período é a apresentação e discussão das principais manifestações noticiadas nos jornais pesquisados. A transição das influências cariocas para um modelo mais ligado à cidade de Salvador e a grande ênfase a outros blocos caricatos começam a relegar a um segundo plano as principais manifestações do período anterior, as escolas de samba e o bloco Zé Pereira dos Lacaios, embora este último fosse, cada vez mais, veiculado como um símbolo do carnaval da cidade e de sua história.

### **3.2 Dos clubes para as ruas, dos bailes populares para o som mecânico: A música baiana entra em cena**

No início da década de 1980, o carnaval da cidade de Salvador já começava a se tornar um dos mais destacados do país. Em meio ainda à grande ênfase no carnaval carioca, sobretudo, nas escolas de samba, os trios elétricos baianos ganhavam, cada vez mais, as páginas do jornal. Ferreira (2004, p.390) observa que, nos anos 1980, o carnaval de Salvador já era visto como “uma verdadeira marca registrada, um produto mercadológico organizado em bases profissionais e comerciais”. No Estado de Minas é possível perceber a divulgação progressiva deste carnaval, como exemplificam as seguintes manchetes e trechos de reportagens: “Carnaval: você já foi à Bahia?”<sup>208</sup>; “Carnaval eletrônico dos baianos”<sup>209</sup>; “Em Salvador, o mais animado carnaval do Brasil”<sup>210</sup>. Algumas, em tom de desaprovação: “Os

<sup>208</sup> CARNAVAL, você já foi à Bahia? *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 jan. 1981. 15.298, Primeiro caderno, p.8.

<sup>209</sup> DIVERSAS. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 fev. 1980. 15.009, 1980, Primeiro caderno, p.5.

<sup>210</sup> EM SALVADOR, o mais animado carnaval do Brasil, a folia já começou. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 fev.1985. 16.441, Caderno Turismo, p. 8.

trios elétricos são mais uma agressão à pureza original do carnaval<sup>211</sup>”; “Hoje, carnaval é para quem pode, o resto olha [...]. Os trios elétricos da Bahia vão atrair multidões como nunca”<sup>212</sup>.

Quanto mais se aproximava da década de 1990, mais destaque esse carnaval alcançava, tendo como um dos fatores principais, a criação do axé *music*, como destaca Machado (2011). Ouro Preto também receberia estas influências com muita aceitação, mas também com muitas críticas, percebidas, principalmente, no jornal *O Liberal*. Nesse veículo, a Bahia chega a ser chamada de “estado disfarçado de gravadora” e os trios elétricos, “uma papagaiada que deturpa o carnaval com sabor local”<sup>213</sup>.

A ideia de um comerciante de Ouro Preto, iniciada no começo dos anos 1980, parece ter sido o pontapé inicial para que uma nova forma de vivenciar o carnaval emergisse, tendo como características principais, o som mecanizado e a música baiana, em um novo espaço da cidade. Da Praça Tiradentes, o foco da concentração dos foliões passou a ser as principais ruas comerciais da cidade, a São José e a Direita. Outra iniciativa, idealizada no começo dos anos 1990, contribuiu para consolidar nesse período a transferência da centralidade da festa para essas ruas, assim como a preferência pela música baiana. Refiro-me às “janelas” de Ouro Preto.

### 3.2.1 A janela elétrica

Criada em 1982, a janela elétrica era composta, inicialmente, por sons mecânicos colocados nas janelas e sacadas de um estabelecimento comercial de Ouro Preto, localizado em uma das principais ruas da cidade, a São José. Com o tempo, recebeu uma estrutura própria, estendendo-se para outros pontos do centro histórico.

Nos anos anteriores, os comerciantes locais já haviam manifestado o desejo de que as festividades carnavalescas voltassem para esta rua, considerada o reduto dos antigos carnavais de Ouro Preto. Nostalgias à parte, difícil não observar o possível interesse mercadológico por detrás do saudosismo. Ao instalar os instrumentos eletrônicos, o comerciante não apenas levaria de volta à rua os velhos carnavais, mas levaria também o público para perto de seus produtos. Outros adeririam à iniciativa e o som mecânico se tornaria uma das principais marcas do carnaval ouro-pretano até o início dos anos 2000.

Em 1983, a janela foi assim noticiada no jornal Estado de Minas:

<sup>211</sup> OS TRIOS elétricos são mais uma agressão à pureza do carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 09 fev. 1983. 15. 823, Caderno ‘2’, p.7.

<sup>212</sup> AS ILUSÕES fantasiadas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev. 1983. 15.818, Caderno ‘2’, p. 1.

<sup>213</sup> O BERRO do bode Zé: trio elétrico. *O Liberal*, Ouro Preto, 2 quinz. 1990, 28, p.8.

A originalidade do carnaval de Ouro Preto ficou por conta de Eduardo Trópia, que colocou caixas de som nos austeros balcões da Rua São José e criou a ‘janela elétrica’, versão colonial mineira do trio elétrico baiano. Com isso, transformou a rua num salão de baile [...] <sup>214</sup>.

Percebe-se a sua clara associação com o carnaval da cidade de Salvador, já famoso nesse momento. A cidade mineira, impossível de comportar caminhões em suas ruas, improvisava com a mecanização do som por meio de suas janelas e sacadas. Além das estreitas ladeiras e da fragilidade dos casarões, outra característica da cidade, apontada por Duarte (2009), impossibilitaria uma exportação mais fiel do modelo baiano: apenas 5% do terreno do município é plano, enquanto 40% apresenta ondulações e 55%, solo montanhoso.

Em 1988 já se divulgava no jornal Estado de Minas que a música no carnaval de Ouro Preto “era feita pela chamada ‘janela elétrica’ (alto falantes instalados nas janelas e sacadas), montando-se um sistema especial de iluminação, que transformou a noite em pleno dia” <sup>215</sup>.

Embora tenha sido criada no início da década de 1980, seu maior sucesso se daria depois, instigado por mudanças importantes na sociedade e no carnaval de forma geral. As marchinhas já se mostravam decadentes em meados dos anos 1980, com a perda de expressão do rádio em relação à televisão e com o aparecimento de novos tipos de ritmos que entrariam no mercado fonográfico, tendo como exemplo, a difusão maciça de músicas internacionais. Aliado a esse fator, os clubes passariam a enfrentar grandes problemas, como a cobrança de direitos autorais das músicas tocadas e a dificuldade de arcar com os custos dos bailes, devido à situação econômica do país. O colunista Nylton Batista, do Jornal O Liberal, oferece alguns elementos para se pensar o momento delicado que se atravessava:

Os compositores foram esquecidos, foliões tiveram que se contentar com a repetição monótona de músicas dos carnavais passados [...] Ao mesmo tempo, pesadas taxas, cobradas pelo ECAD e pela ordem dos músicos restringiram a um pequeno grupo o número de clubes e associações em condições de realizar bailes com o mesmo sucesso dos de outrora. [...] Nas ruas também o carnaval sofreu com a falta da música e dos seus ‘profissionais’ tendo, em consequência, a imitação do carnaval carioca e das escolas de samba, e agora, do carnaval baiano com trios elétricos <sup>216</sup>.

Em Ouro Preto, a partir do ano de 1985, os clubes parecem começar a enfrentar maiores problemas. Neste ano, o jornal Estado de Minas anunciou que o clube Aluminas iria

<sup>214</sup> JANELA elétrica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 fev. 1983. 15.829, Caderno Turismo, p. 3.

<sup>215</sup> O SURPREENDENTE carnaval de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 fev. 1988. 17.284, Caderno Turismo, p. 3.

<sup>216</sup> BATISTA, Nylton. Opinião. *O Liberal*, Ouro Preto, 2 quin. fev. 1990. 28, p.3.

promover apenas um “embalo mecânico”<sup>217</sup>. O mesmo, em 1987 promoveria apenas matinês<sup>218</sup> e nos outros mais importantes - CAEM e XV de Novembro - não haveria carnaval<sup>219</sup>. Talvez, seja possível pensar em uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que os novos estilos musicais que surgiam, como a música baiana e o ritmo mecânico, contribuíram para a decadência dos bailes, os problemas enfrentados pelos clubes também contribuíram, progressivamente, para o aparecimento de novas formas de participação no carnaval. Creio que a janela elétrica foi impulsionada, em grande medida, por esta duplicidade, somada também às crises enfrentadas pelas escolas de samba em Ouro Preto, que deixaram de desfilar em alguns anos por falta de verba pública.

Outro acontecimento importante parece ter ajudado a consolidar o som mecânico no carnaval da cidade. Em 1984, resolveu-se retirar o foco do carnaval da Praça Tiradentes, transferindo parte da festa para a Rua São José. As justificativas publicadas no jornal eram pautadas pelo desejo de um “renascimento” do carnaval da cidade: “Antigamente os blocos populares saíam nas ruas São José. Nossa ideia é fazer renascer tal tradição [...]”<sup>220</sup>, escrevia o secretário de Turismo, Rogério Peret em entrevista ao Estado de Minas.

Na mesma reportagem havia também o anúncio de que no ano em questão a Prefeitura colocaria um conjunto tocando na São José e que os desfiles aconteceriam pela última vez na Praça Tiradentes: “O que acontece é que apenas uma minoria tem acesso aos palanques e o carnaval se torna, então, uma festa restrita, pouco participativa, o que não queremos. Queremos reviver o carnaval do povo”<sup>221</sup>, ressaltava, mais uma vez, o secretário. Embora as reportagens não estabeleçam nenhuma relação entre esta iniciativa e o anseio dos comerciantes locais em transferir a festa para a Rua São José, esta é uma questão que, a meu ver, não pode passar despercebida. No meu entendimento, esse conjunto de fatores citados seriam os principais responsáveis pelas transformações futuras nas manifestações carnavalescas de Ouro Preto.

Ao que indicam as reportagens, a mudança principal que se almejava iniciar em 1984 era com relação aos desfiles de blocos e à apresentação de conjuntos musicais, também anunciados como bailes populares, ainda presentes no carnaval ouro-pretano deste período.

<sup>217</sup> NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 05 fev. 1985. 16.439, Primeiro caderno, p. 18.

<sup>218</sup> CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1987. 16.974, Primeiro caderno, p.10.

<sup>219</sup> NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1987. 16.989, Primeiro caderno, p.22.

<sup>220</sup> OURO Preto fecha praça aos carros. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev. 1984. 16.137, Primeiro caderno, p. 6.

<sup>221</sup> *Idem*.

Em 1985, foi anunciado que conjuntos musicais tocariam “repertório momesco [...], com a Rua São José se tornando o centro da folia” <sup>222</sup>.

A janela elétrica seria um grande sucesso na década de 1990, como demonstra a seguinte reportagem: “À noite, nesses pontos, foram instaladas imensas caixas de som, de fazer tremer o centro histórico no ritmo da música baiana” <sup>223</sup>. A colocação da estrutura eletrônica nas ruas ultrapassaria a São José, chegando a outras ruas importantes do centro, como a Direita. Também chegaria ao bairro Antônio Dias e até a Praça Tiradentes, que havia perdido um pouco de seu prestígio com a novidade, receberia a sonorização. Nesse momento, a Prefeitura Municipal também se responsabilizaria pela montagem da estrutura, demonstrando a projeção que esta ideia havia alcançado na cidade.

Durante esse período, continuaram sendo realizadas apresentações de bandas e de conjuntos musicais em alguns pontos da cidade, mas a menção a essas manifestações diminuiu consideravelmente. Em algumas reportagens foram noticiadas em meio à própria estrutura mecânica: “Além dos blocos que trafegavam de dia pela cidade, em todas as noites momescas aconteceram os bailes, em pleno ar livre, em um trecho da Rua São José, compreendido entre a casa dos contos e a igreja do Rosário” <sup>224</sup>.

No ano de 1992, o jornal *O Liberal*, assim, noticiou a festa: “A cidade dança, canta e se diverte ao som vibrante que movimentava as ruas do centro, como por exemplo, na Rua São José, a famosa Janela Elétrica que é o principal palco do carnaval de rua” <sup>225</sup>.

Nas Agendas Culturais do ano de 1992 até o ano 2000, o som mecânico era uma atração bastante comum na programação da festa. A sua ausência pode ser sentida a partir do ano de 2001, com o surgimento de novas formas de participação e com a adoção de medidas importantes pela Prefeitura Municipal, envolvendo a estrutura do carnaval, assunto do próximo capítulo.

### 3.2.2 A janela erótica

As fontes pesquisadas apontam 1991 como possível ano de surgimento da janela erótica. Esta atração consistia na apresentação de danças sensuais na sacada de um bar,

<sup>222</sup> SOCIEDADE do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 jan. 1985. 16.417, Primeiro caderno, p. 14.

<sup>223</sup> IRREVERÊNCIA das peruas aquece e anima Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 1997. Caderno Gerais/Carnaval.

<sup>224</sup> O SURPREENDENTE carnaval de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 fev. 1988. 17.284, Caderno Turismo, p. 3.

<sup>225</sup> CARNAVAL 92: Ouro Preto. *O Liberal*, Ouro Preto, 1 quin. fev. 2002. 75, p.3.

realizadas, principalmente, por mulheres. A intenção era atrair os clientes com a novidade. Havia um toque de mistério, já que apenas as silhuetas das meninas apareciam no momento da dança, que era executada por detrás de um pano, com projeção de luz, por meio de holofotes:

Criada pelos artistas plásticos Sérgio Sanches e Júlio de Paula, a janela erótica é hoje uma atração à parte no carnaval de Ouro Preto. Proprietários de um bar [...], os dois decidiram inovar em 1991, porque a festa estava pobre e desanimada demais, segundo a avaliação deles<sup>226</sup>.

Nessa mesma reportagem, anunciou-se que, “enquanto as escolas e blocos desfilavam, cordões de sambistas desciam e subiam ladeiras e se aglomeravam na Rua Direita para ver mulheres e homens despidos na janela erótica”<sup>227</sup>.

Outra reportagem do jornal Ponto Final do ano de 1996 também contribuiu para caracterizar essa atração: “[...] na fachada de uma residência na famosa Rua Direita, a janela erótica vem conquistando seu espaço [...]. Na exibição, mulheres seminuas exibem suas silhuetas com sensualidade, conquistando grande número de admiradores<sup>228</sup>”. Com o tempo, homens também começaram a participar, havendo um período em que até os foliões puderam se exibir na janela com o pagamento de uma pequena quantia. Estabelecida inicialmente na Rua Direita, estendeu-se, também, para a Rua São José.

Nesse mesmo ano, o jornal Estado de Minas noticiou: “Berço da Inconfidência aplaude blocos e escolas, mas para pra ver mulher despida”<sup>229</sup>. Nessa reportagem, anunciava-se que, em Ouro Preto, tradição e ousadia caminhavam lado a lado e que na cidade cabia de tudo: “De um lado, o inocente bloco Zé pereira dos Lacaios mantém uma tradição que vem desde 1867. Do outro lado, homens e mulheres se despem e dançam atrás de uma tela iluminada enlouquecendo a galera que lota a velha ladeira”<sup>230</sup>.

Rosa (1998, p.140) também caracterizou essa manifestação em seu trabalho sobre o carnaval ouro-pretano: “uma exibição de corpos seminus atrás de uma cortina tomada por jogos de luzes coloridas. Ali, corpos, principalmente femininos, eram exibidos e expostos, dançavam-se e movimentavam-se em gestos sensuais e insinuantes”.

<sup>226</sup> JANELA erótica atrai foliões em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 fev. 1996. Carnaval, p.02.

<sup>227</sup> *Idem*.

<sup>228</sup> MILHARES de turistas no carnaval de Ouro Preto. *Ponto Final*, Ouro Preto, 23 fev. 1996. 2, p.3.

<sup>229</sup> HELENA, Mirtes. Tradição e ousadia agitam Ouro Preto. *Estado de Minas*, 19 de fev. 1996.

<sup>230</sup> *Idem*.

A importância desta janela para a festa e para as transformações que estavam acontecendo era notória naquele momento. Também estratégia de comerciantes, a janela contribuiu para o deslocamento da centralidade do carnaval da Praça Tiradentes para as ruas com maior concentração de lojas e bares da cidade. A concentração de foliões em frente à sacada para ver os “homens e mulheres despidos na janela erótica”<sup>231</sup>, sem dúvidas, possibilitava lucros para os bares que a promoviam. É possível considerar, até, que esta passou a se constituir em uma atração da própria janela elétrica, que na década de 1990, já não tinha um dono só.

Por esse mesmo motivo, é possível que a janela erótica tenha reforçado a presença da música baiana no carnaval de Ouro Preto, por ter se iniciado em um processo de mudança já em andamento nas ruas principais da cidade e por ter sido criada em um momento em que o carnaval de Salvador ganhava mais destaque em todo o país. Essa atração perduraria no carnaval ouro-pretano até o começo dos anos 2000, quando começou a perder expressão.

Acredito que as duas janelas tiveram um papel importante para a mudança de rumo do carnaval de Ouro Preto entre a metade das décadas de 1980 e 1990, contribuindo, efetivamente, com a transformação da programação da festa, dos seus espaços, do público e de suas principais manifestações.

### **3.3 O Zé Pereira e as escolas de samba: um reinado a perigo**

As escolas de samba ainda figuravam como uma importante manifestação do carnaval de Ouro Preto. Permaneciam as mesmas seis do período anterior: Inconfidência Mineira, Unidos de Padre Faria, Sinhá Olímpia, Unidos de São Cristóvão, Império do Morro Santana e Imperial de Ouro Preto. Apenas esta última se ausentou da festa nos anos de 1992 e 1994, mas sem maiores esclarecimentos nas fontes consultadas.

Na década de 1980, as escolas apresentaram alguns problemas, como em 1985 e em 1988, quando deixaram de desfilar por falta de verba pública, como já citado. No ano de 1985, o jornal Estado de Minas assim noticiou a situação: “[...] os diretores das escolas [...] querem mais dinheiro, alegando tanto as fabulosas despesas [...], quanto a fortuna que canalizam para as comunidades, através do turismo intenso”<sup>232</sup>. Em outra: “As seis escolas de samba de Ouro Preto não tiveram maturidade e compreensão com as atuais aperturas

---

<sup>231</sup> JANELA erótica atrai foliões em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 fev. 1996. Carnaval, p.02.

<sup>232</sup> CARNAVAL em pane. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1985. 16.411, Caderno Turismo, p.3.

financeiras em que vive a cidade e o país”<sup>233</sup>. Em 1988, a situação se repetiria: “A falta de dinheiro impede, mais uma vez, a apresentação de escolas de samba nas ruas da velha Vila Rica”<sup>234</sup>.

Três questões chamam a atenção nesses trechos de reportagem. A primeira é o posicionamento declarado do jornal Estado de Minas a favor da Prefeitura de Ouro Preto, o que ajuda a pensar tanto a função política do jornal, quanto a rede de interesses que começava a se formar em torno do carnaval da cidade, envolvendo poder público, mídia e iniciativa privada. O crescimento da festa e a veiculação de uma imagem positiva beneficiariam os três setores: o poder público, com a entrada maior de turistas na cidade e de novos investimentos; as empresas, com as propagandas realizadas durante a festa e nas páginas do jornal; e o próprio veículo, com a possibilidade de atração de novos anunciantes, ligados, direta ou indiretamente, ao carnaval. As próprias crises enfrentadas pelas escolas podem demonstrar uma progressiva falta de interesse em financiar essa manifestação, já que sua importância maior parecia estar ligada à comunidade e não aos turistas que procuravam Ouro Preto. Existentes em inúmeras cidades brasileiras e com características bem semelhantes ao carnaval carioca, não se configuravam como um atrativo turístico tão relevante, mesmo com as especificidades da cidade.

A segunda questão vai ao encontro dessa reflexão anterior. O jornal demonstrou o reconhecimento dos próprios integrantes das escolas sobre a importância das mesmas na promoção do turismo e na canalização de recursos para as comunidades. Esta constatação demonstra que os integrantes também participavam do jogo de interesses envolvido na realização do carnaval da cidade, além de confirmar a importância que o turismo recebia naquele momento. Contudo, as negativas de concessão da verba que almejavam pode ser mais um indicativo da perda de força das escolas no carnaval ouro-pretano e do pouco reconhecimento de que seriam, de fato, incentivadoras do turismo.

Como exemplo, no ano de 1988, foi anunciado pelo mesmo jornal que a cidade “esteve fervilhante com os ‘pulas-pulas’ quase que dia e noite, tendo como cenário as Ruas Direita e São José e a Praça Tiradentes. Na base do som mecânico, [...] o baile público acabou encobrendo as falhas, com os turistas e nativos achando tudo muito legal”<sup>235</sup>. As falhas

---

<sup>233</sup> SEM as escolas, Ouro Preto reativa tradição carnavalesca. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 de jan. 1985. 16.417, Caderno Turismo, p.2.

<sup>234</sup> OURO Preto não terá escolas desfilando por suas ruas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 de jan. 1988. 17.264, p.24.

<sup>235</sup> NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Ouro Preto, *O Liberal*, Ouro Preto, 24 de fev. de 1988. 17.288, p.20.

referiam-se à falta dos desfiles. Mas, como procurou demonstrar a reportagem, enaltecendo as outras atrações, esta ausência não havia prejudicado a festa.

Por fim, a terceira questão refere-se ao título da segunda reportagem citada, do ano de 1985: “Sem escolas, Ouro Preto reativa tradição carnavalesca”. Esta manchete aponta como o conceito de tradição é móvel, manipulável e interessado. Mesmo que se fundamente em certa imutabilidade conferida ao passado, torna-se um signo, uma ideia e um discurso que podem ser aplicados em várias circunstâncias. Nesse caso, a noção de tradição foi utilizada para mostrar ao leitor que, ao contrário do que pudesse parecer, a ausência das escolas foi positiva, já que possibilitou a recordação de formas mais “puras” e espontâneas de brincar o carnaval. Interessante é que, em várias reportagens do mesmo veículo, em outros anos, as escolas foram consideradas tradições legítimas da festa ouro-pretana, desconsiderando, até mesmo, suas influências cariocas.

Mas, como neste jogo de forças há também o poder das pessoas da cidade, as escolas de samba continuaram recebendo destaque nas páginas dos jornais na década seguinte. Até a metade dos anos 1990 ainda eram muito representativas as notícias que se referiam a elas, sobretudo, no jornal *O Liberal*, onde ocupavam grande parte das manchetes e fotografias. Nos outros jornais também continuavam muito presentes e em algumas edições das *Agendas Culturais* havia uma parte destinada a divulgar o tema de cada uma delas em cada ano, junto a um pequeno relato de sua história.

O bloco Zé Pereira dos Lacaiois continuou fortemente retratado como “a mais antiga sociedade carnavalesca do Brasil”, que “há mais de meio século desfila no carnaval de Ouro Preto, com seus cariás, ‘boi-da-manta’, catitões, ‘baianas’ e o particular toque de tambores e clarins [...]”<sup>236</sup>. Em 1984, o jornal *Estado de Minas* noticiou a sua participação na festa:

O desfile é aberto pelo Clube dos Lacaiois, às 20h30min e atrás segue o Zé Pereira dos meninos, o bloco dos grandes foliões de amanhã. E os blocos também desfilam no domingo, segunda e terça: Bandalheira, Clube dos Lacaiois, Zé Pereira do Palácio Velho, Charanga do Carlota, Banjo de Prata e Unidos de Vila Rica<sup>237</sup>.

Percebe-se, ainda, a sua função de abrir o carnaval da cidade, ressaltada, com frequência, em outras reportagens que abordavam a festa ouro-pretana, como mostra este

<sup>236</sup> A PROGRAMAÇÃO na capital e no interior. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1984. 16.136, Caderno Fim de semana, p.6.

<sup>237</sup> OURO Preto já saiu no rastro da folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 1984. 16.146, Caderno Turismo, p.2.

exemplo, do ano de 1987: “Abrindo, o tradicional Zé Pereira dos Lacaiois”<sup>238</sup>. O destaque ao bloco e à sua história permanecia, como já verificado na associação da festa com o turismo. Nos outros veículos, o bloco também recebeu um destaque especial nesse período, mais especificamente, no jornal do Brasil, Folha de São Paulo, Diário da tarde, Jornal Ponto Final e Jornal Galilé.

Porém, crescia também a ênfase nos demais blocos caricatos. Em relação ao número, poucas mudanças aconteceriam, mas a sua vinculação a uma especificidade da cultura ouro-pretana e a sua crescente veiculação midiática aumentariam a sua importância. Ainda continuavam bastante noticiados, além do Zé Pereira dos Lacaiois, a sua versão do Palácio Velho, a Bandalheira, o Banjo de Prata, o Balanço da cobra, o Charanga do Carlota e Unidos de Vila Rica. Outro bloco, criado em 1983, por integrantes de um time de futebol do bairro Rosário, o Vermelho i branco, também seria bastante noticiado.

No início da década de 1990, outros blocos começaram a ser citados nos dois principais jornais e também nas Agendas Culturais, como a Funerária, o bloco da Barra e o bloco do Caixão. Os primeiros, como os próprios nomes sugerem, foram criados, respectivamente, pelo dono de uma funerária no bairro Antônio Dias e por moradores de uma região de Ouro Preto. Já o último foi criado por moradores de uma das repúblicas da cidade. A observação da citação não indica que foram criados nesse momento, mas oferece possibilidades para pensar o grau de importância e representatividade que começaram a adquirir no período. Importante constatar o possível início de uma valorização da cultura carnavalesca republicana nesse momento, fato bastante relevante nos anos 2000.

Em meio ao destaque conferido ao Zé Pereira, os demais blocos eram cada vez mais noticiados e, também, atrelados ao significado da festa e a um jeito específico de brincar na cidade, coisa que as escolas de samba não conseguiam representar. Uma reportagem é bastante representativa deste fato: “Se as escolas realimentam o sentido do carnaval, os blocos caricatos são responsáveis pela preservação da tradição da festa como arte popular<sup>239</sup>”. Neste caso, o sentido pode se referir a uma ideia global de carnaval, já que o Rio de Janeiro, embora tenha começado a deixar de ser uma referência unívoca da festa, ainda exercia grande influência no país. Os blocos, ao contrário, portavam um sentido de história e identidade.

Na medida em que a projeção da festa crescia no estado e no país os blocos pareciam ganhar mais destaque. Em uma reportagem da Folha de São Paulo de 1992, o

---

<sup>238</sup> NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 fev. 1987. 16.987, p.28.

<sup>239</sup> A CIDADE é do samba. *Galilé*, Ouro Preto, fev.1996, p.6.

carnaval de Ouro Preto era assim caracterizado: “O turista poderá cair na folia e se divertir nos blocos e nos bailes de rua e praças, além de curtir os bonecos do Clube dos Lacaios [...]”<sup>240</sup>. No jornal do Brasil, em 1995, os blocos também foram destacados: “Outra atração são os blocos caricatos, que percorrem a cidade em marcha acelerada, com instrumentos curiosos e uniformes extravagantes”<sup>241</sup>.

No Diário da Tarde, “a excentricidade dos blocos que desfilam pelas ruas da cidade, integrando-se ao ambiente barroco”<sup>242</sup>, foi ressaltada, assim como, na Folha Metropolitana: “Os blocos caricatos fizeram a festa na Praça Tiradentes. Com muito humor e irreverência os animadíssimos foliões fizeram um bonito espetáculo”<sup>243</sup>.

O jornal O Liberal também começava a reconhecer a importância dos mesmos na caracterização da festa:

Os blocos caricatos no ‘sobe e desce ladeira’, os foliões mais ousados vestindo fantasias exóticas, as crianças: tudo contribuiu para aumentar o encanto do carnaval de Ouro Preto sob a luz do sol. À noite é hora de pular ao som mecânico (muita música baiana) da Rua São José”<sup>244</sup>.

Na citação acima, é possível perceber a menção aos blocos junto ao som mecânico nas ruas do Centro, que também alcançava grande projeção. Levando-se em consideração que ambas as atrações aconteciam nos mesmos lugares, uma questão chama a atenção: a relação entre o aumento dos investimentos privados na festa, a partir de meados dos anos 1990, e essas manifestações, reconhecidas, nesse momento, como maiores expressões do carnaval ouro-pretano.

Nesta reportagem do jornal O Liberal, do ano de 1994, havia a divulgação da marca de uma das empresas: “O melhor comprovante da animação do carnaval de Ouro Preto foi o desempenho em vendas da cerveja Brahma. A Brahma foi a cerveja do carnaval”<sup>245</sup>. No ano seguinte, havia novamente o destaque: “O patrocínio é da Brahma Chopp, que já armou suas barracas na rua...”<sup>246</sup>. Como já abordado, as ruas São José e Direita eram pontos comerciais importantes e centros de grande concentração de foliões. Nos anos seguintes,

<sup>240</sup> O CENTENÁRIO Zé Pereira abre o grande carnaval de Ouro Preto. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 fev.1992. Carnaval 92.

<sup>241</sup> FESTAS alternativas sacodem Minas Gerais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 fev.1995.

<sup>242</sup> EM OURO Preto, a folia organizada. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 21 fev. 1995.

<sup>243</sup> CARNAVAL em Minas mostra sua força. *Folha Metropolitana*, Ouro Preto, 2. quin. Mar.1995, p.7.

<sup>244</sup> CIDADE teve o melhor e mais tranquilo dos carnavais. *O Liberal*, Ouro Preto, 06 mar. 1995. 198, p.3.

<sup>245</sup> MORRO Santana campeã de 1994. *O Liberal*, Ouro Preto, 16 fev.1994 a 28 fev.1994. 152.

<sup>246</sup> OURO Preto já está pulando. *O Liberal*, Ouro Preto, 05 fev.1995. 195, p.8.

patrocinadores reconheceriam nos blocos que desfilavam nestas ruas sua principal forma de promoção.

Importante relatar que as modificações citadas não se estabeleceram de forma passiva, com a aceitação unânime que as páginas do jornal Estado de Minas tentaram demonstrar. No jornal O Liberal, algumas críticas foram publicadas, evidenciando certa insatisfação com um caráter cada vez mais oficial da festa:

[...] hoje o carnaval já não é mais a festa do povo para o povo, depois que os governos também se mascararam, vieram para as ruas e, vendo que a festa era boa para o exercício de suas tarefas não cumpridas em outros setores, passaram a controlá-la. Do controle à produção, foi o tempo suficiente de se organizarem no novo 'setor', via empresas próprias sob a bandeira do turismo [...] <sup>247</sup>.

A mesma reportagem faz uma ponderação importante: “[...] não poderia o carnaval permanecer estacionário ao longo do tempo, mesmo porque, sendo ele manifestação do estado de espírito do povo, de acordo ainda com a cultura e outras circunstâncias variáveis, teria também de passar por mudanças” <sup>248</sup>. Mas, para o autor, as mutações impuseram-se pelo controle oficial e intervenções de culturas externas e a espontaneidade se perdeu sob a organização oficial e os interesses da mídia. Conclui, apontando que o carnaval estava sendo “campo de prova, no qual as redes de televisão testam seu poder de domínio e as fábricas de cerveja disputam a maior fatia do mercado. Os folguedos momescos transformaram-se em espetáculo luxuoso, para inglês ver e tupiniquim exibir”.

Este descontentamento ainda era pouco veiculado, o que não significa que não correspondesse à realidade. Na década seguinte, as transformações na festa seriam mais intensas e mais estruturadas, provocadas com intenções bem claras. Nesse momento, textos como este supracitado seriam bastante frequentes. Por esse motivo, a problematização dessas tensões será abordada no próximo capítulo.

Diante do exposto, pode-se concluir que o carnaval ouro-pretano nesse período foi fortemente marcado pelas iniciativas em prol de um desenvolvimento turístico na cidade, inserido em um contexto nacional de fomento a esse setor, até então, bastante deficitário. No ano de 1984, acontecem mudanças importantes que refletiriam nos próximos anos dessa década e da seguinte. O aumento declarado dos investimentos públicos; a parceria com um hotel da cidade; a promoção da festa por meio do Salão do Carnaval; e a participação de

<sup>247</sup> BATISTA, Nylton Gomes. *O Liberal*, Ouro Preto, 02 de fev. a 14 de fev. 1994. 151, p.2.

<sup>248</sup> *Idem*.

capital privado, anunciado pela primeira vez neste ano, formaram um conjunto de fatores que seriam responsáveis em estabelecer um novo momento para a festa.

A pouca representatividade no jornal Estado de Minas no início da década foi substituída pelo anúncio frequente do carnaval ouro-pretano como um dos principais do estado, ocupando grandes manchetes e fotografias. No jornal O Liberal, a festa também era noticiada desta forma, como demonstra a seguinte reportagem: “O carnaval de Ouro Preto cresceu extraordinariamente em qualidade, quantidade de gente, vulto e expressão nacionais [...]. A ampla cobertura da imprensa local e nacional reitera essa avaliação [...]”<sup>249</sup>.

A procura pela cidade, verificada por meio da venda de passagens de ônibus, também aumentou consideravelmente. No início dos anos 1980, Ouro Preto nem sequer era citada como destino preferido dos turistas, já no período seguinte, figurava como um dos principais, com o risco recorrente de esgotamento das passagens. A festa também passou a contar com esquemas de estruturação e organização, com o claro intuito de facilitar a participação de turistas e tornar a festa uma das mais significativas do estado mineiro.

Sobre as principais manifestações, o período foi marcado por duas inovações, a janela elétrica e a janela erótica, responsáveis, junto com as iniciativas da Prefeitura, em descentralizar o carnaval da cidade, retirando o foco da Praça Tiradentes. As atrações e as medidas citadas contribuíram, no meu entendimento, para a perda de expressão das escolas de samba, causando um deslocamento das influências cariocas, bastante perceptíveis na festa nos anos anteriores, para um modelo baiano de carnaval, em alta nesse período. Também enfraqueceram os bailes nos clubes e os bailes populares. Estes foram, progressivamente, vinculados e associados à própria janela elétrica.

Com as inovações, os blocos caricatos que desfilavam nas principais ruas da cidade ganharam mais destaque e algumas hipóteses puderam ser pensadas: o sucesso do som mecânico e do carnaval baiano, já citado, que também tinha os blocos como uma importante manifestação; e a vinculação crescente dos blocos à especificidade da cidade.

O bloco Zé Pereira dos Lacaios, embora tenha perdido grande parte do enfoque que possuía nos anos anteriores, começava a desempenhar sua principal função percebida no decorrer desse trabalho: elo com o passado histórico da cidade de Ouro Preto, noção de grande importância para a consolidação das transformações almejadas.

Neste contexto, a ideia de tradição foi amplamente relacionada a uma identidade construída para o carnaval, em ambos os jornais. Em meio à expansão, era preciso frisar o

---

<sup>249</sup> CARNAVAL cultural foi um sucesso. *O Liberal*, Ouro Preto, 06 de mar. 1995 a 12 de mar. 1995. 198, p.6.

específico, uma identificação que justificaria a escolha pela cidade, como também, facilitaria a aceitação da população local, orgulhosa de suas raízes, às ações da Prefeitura. Esta estratégia seria o carro-chefe da promoção da festa ouro-pretana nas próximas décadas.

Mesmo sendo fundamentada e, de certa forma, construída por uma essência voltada ao particular, concordo com a acepção de Canclini (2003, pp.177;131) sobre a identidade: “construção imaginária que se narra”, [...] “poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas”. O apelo à identificação com a cidade e sua cultura local pode se constituir, assim, em uma importante estratégia de promoção da festa, já que, valorizar e divulgar o específico pode conferir status a uma manifestação dita tradicional, mas que, na verdade, comporta vários elementos de uma cultura globalizada, de uma identidade que ultrapassa o local.

Nos diversos discursos em prol do desenvolvimento turístico, emergiu uma necessidade de adequar a cidade a uma série de exigências para que esta se tornasse um atrativo, inserido em uma lógica global. Uma aparente contradição, se pensarmos que o que é veiculado com intuito de convencer as pessoas de que um lugar é especial (principalmente em uma cidade com as características de Ouro Preto), é exatamente a diferença. Aparente porque, nesse caso, a inovação é justamente veiculada com o aval da diferença, do específico, da cultura e da história locais, da narração de uma identidade, como apontou Canclini (2003).

De toda forma, as diversas fontes consultadas demonstraram que o carnaval ouro-pretano, nesse período, ainda era uma festa vivenciada, prioritariamente, nas ruas da cidade, com grande participação dos moradores junto aos visitantes, como resume essa reportagem: “Independentemente ou organizado sob as várias entidades carnavalescas, o ouro-pretano sai às ruas e ao lado dos turistas, que nessa época não são poucos, brinca o carnaval com nova roupagem”<sup>250</sup>. Porém, como problematizado, essas relações não se construíram sem tensões.

Na medida em que a década avança para o seu final há um expressivo crescimento da participação comercial e empresarial. Em meio a uma triste situação enfrentada pela cidade de Ouro Preto no ano de 1997, emergem novas possibilidades de investimentos e uma nova conformação da festa, diferente de tudo o que foi apresentado até o momento.

---

<sup>250</sup> VENHA viver o carnaval cultural. *O Liberal*, Ouro Preto, 12 de fev. a 19 de fev. 1995. 196, p.5.

#### **4 A TRADIÇÃO COMO PRODUTO: OS ANOS FINAIS DA DÉCADA DE 1990 A 2011**

Neste capítulo, abordo as principais transformações observadas na festa tomando por referência as informações dos capítulos anteriores. Procurei me atentar aos mesmos indicativos de crescimento do carnaval, mas, levando em consideração que cada momento possui suas próprias especificidades. Nesse sentido, este capítulo priorizará: a consolidação das iniciativas mercadológicas na festa, já iniciadas no período anterior; o aumento das ações de promoção do carnaval para torná-lo, declaradamente, o principal de Minas Gerais e consolidar a cidade como um destino turístico durante a festa; o surgimento de novos espaços e propósitos, por meio de justificativas e interesses diversos e, por vezes, contraditórios; e a emergência e consolidação de uma cultura carnavalesca republicana.

Procurei discutir como as recentes manifestações criadas por moradores das diversas repúblicas estudantis de Ouro Preto tornaram-se o principal símbolo da festa e uma de suas mais legítimas tradições. Nesta direção, apresento o contexto das outras principais manifestações carnavalescas da cidade, com especial destaque ao papel conferido ao bloco Zé Pereira dos Lacaios. Por fim, discuto as tensões presentes nas grandes transformações sofridas pela festa, em uma rede de interesses compreendida por moradores da cidade, poder público, moradores das repúblicas, empresas e comércio locais, investidores externos e turistas.

A escolha do ano de 1997 como marco inicial deste capítulo levou em consideração um fato importante ocorrido na cidade de Ouro Preto. As fortes chuvas do mês de janeiro causaram grande destruição em algumas partes da cidade. Já acostumada a enfrentar problemas deste tipo, comuns em boa parte das décadas de 1980 e 1990, Ouro Preto teve, em 1997, uma das mais graves enchentes e deslizamento de encostas de sua história recente, fato muito noticiado no período.

O carnaval, que seria realizado no mês seguinte, enfrentaria as consequências do desastre. Diversas reportagens do período anterior à festa colocavam em dúvida a realização da mesma, devido, entre outros motivos, à falta de verba da Prefeitura Municipal, já que havia muitos problemas emergenciais a serem resolvidos em toda a cidade.

Mesmo com o sucesso da janela elétrica e com a maior participação de comerciantes e empresas no carnaval, as escolas de samba ainda possuíam representatividade, e os bailes ou *shows* públicos promovidos pela Prefeitura Municipal ainda aconteciam na Praça Tiradentes. Pelo que indicam as fontes, essas manifestações ainda eram, em grande parte, financiadas por verbas públicas.

O jornal Tribuna de Mariana assim problematizou a situação que Ouro Preto vivenciava em 1997: “O prefeito José Leandro Filho foi colocado em uma encruzilhada: fazer um carnaval à altura do que reza as tradições ouro-pretanas ou atender ao município, que foi trágica e terrivelmente castigada pelas chuvas de janeiro <sup>251</sup>”.

Rosa (1998, p.42) também observou a grande dificuldade enfrentada pela cidade naquele momento. Segundo a autora “o mês de janeiro de 1997 [...] foi marcado pelas intensas chuvas que caíram em Minas Gerais. Nos primeiros dias, a cidade viveu um forte clima de tensão, quando as pessoas temiam desabamentos, inundações, etc.”. Houve, assim, grande expectativa sobre como aconteceria o carnaval daquele ano, se, de fato, chegasse a acontecer. Isso, pensando na festa promovida “oficialmente”, já que é preciso considerar as várias festas construídas pelas pessoas na cidade e, até mesmo, pelos visitantes, baseadas em outras incontáveis formas de brincar o período carnavalesco.

Resolvida a manutenção dos festejos, algumas mudanças importantes aconteceriam. A mais significativa foi a expressiva participação de empresas privadas como patrocinadoras ou apoiadoras da festa. A grande dificuldade enfrentada pela Prefeitura Municipal, advinda dos graves prejuízos causados pelas chuvas de janeiro, serviu de motivação e justificativa para que diversas empresas da região investissem na festa. Em anos anteriores já havia sido noticiada a participação da Alcan (1984, 1986 e 1987) e da Brahma (1994 e 1995), e é preciso considerar ainda, que outras empresas pudessem ter se envolvido com algum de tipo de ajuda ou patrocínio, embora não tenham sido divulgadas. Mas, a forma como a participação da iniciativa privada foi noticiada em diversas reportagens, pode demonstrar uma nova organização da festa a partir daquele ano:

Em Ouro Preto foi preciso os grandes prejuízos em decorrência das chuvas de início do ano, aliados à divisa pública deixada pela administração anterior, para que uma reformulação fosse implementada nos modos de custeio e realização do carnaval. O carnaval 97 deverá ser promovido em Ouro Preto sob o patrocínio de um *pool* de empresas (destacando-se Samarco, Alcan, Vale do Rio Doce, Brahma e Sesc). Com a participação empresarial que garanta os recursos, a alegria espontânea dos foliões poderá voltar a ser a grande energia na propulsão de um grande carnaval com sabor local [...] <sup>252</sup>.

Percebe-se, nesta reportagem do jornal O Liberal, o destaque às empresas e o incentivo à participação das mesmas no carnaval, como se fossem capazes de inaugurar um novo momento para a festa na cidade. A mudança na realização do carnaval, noticiada neste

<sup>251</sup> UM CARNAVAL com muito amor. *Tribuna de Mariana*, Mariana, fev.1997, p.7.

<sup>252</sup> TRÁFEGO em Ouro Preto durante o carnaval. *O Liberal*, Ouro Preto, 27 jan. a 02 fev. 1997. 284, p.8.

ano, contribui para diferenciá-lo em relação aos anos anteriores e para pensar as mudanças que aconteceriam nos anos seguintes. Pelo texto, pode-se concluir que a participação empresarial não era ainda algo tão comum, como também demonstrou esta reportagem:

A prefeitura terceirizou a organização dos festejos momescos e o empresário William Gomes, que está à frente do empreendimento, trabalha arduamente no sentido de sensibilizar a iniciativa privada para que contribua de maneira mais efetiva com o objetivo do bom êxito na realização da festa momesca<sup>253</sup>.

Outra reportagem do jornal Hoje em Dia também anunciou algumas das empresas já citadas: “Para mostrar ao Brasil inteiro que Ouro Preto está viva e que as enchentes de janeiro não afetaram sua área histórica, a prefeitura programou diversos desfiles e atividades neste carnaval, contando com o apoio da Alcan, SESC-MG, Brahma e Samarco mineração<sup>254</sup>”. No jornal local Opção Regional, também havia uma reportagem que destacava a participação de empresas, com o “patrocínio de comerciantes locais, coisa que está virando moda em Minas<sup>255</sup>”.

O jornal Estado de Minas também noticiou, neste mesmo ano, o apoio de empresas privadas. Embora não tenha citado com detalhes cada uma delas, demonstrou um indicativo da forte participação no carnaval: “A festa ficou mesmo por conta da iniciativa privada, e há quem critique o que se considera uma invasão da cidade pela propaganda de uma marca de cerveja”<sup>256</sup>. O jornal Tribuna de Mariana também contribuiu para pensar o contexto da participação das empresas, ressaltando que a festa havia acontecido com um custo bem reduzido do poder público, sendo comandada mais “pelo amor à camisa do que ao dinheiro”<sup>257</sup>. Segundo a mesma fonte, mesmo com os problemas, “paralelamente aos desfiles ocorridos, ficou a vibração do povo nativo e dos turistas, que lotavam as ruas da cidade monumento mundial [...]”<sup>258</sup>.

Ao mesmo tempo em que estas reportagens evidenciavam o crescimento da participação de empresas privadas na festa, também ofereciam indícios de que estes investimentos eram bastante recentes, devido ao tom de ineditismo dos textos, melhor

<sup>253</sup> OURO Preto levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima. *O Liberal*, Ouro Preto, 27 jan. a 02 fev. 1997. p.12.

<sup>254</sup> OURO Preto, muita irreverência. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 06 fev.1997. Caderno Turismo, p.1.

<sup>255</sup> REENCONTRO com a alegria. *Opção Regional*, Ouro Preto, 2 quinz. fev. 1997, p.3.

<sup>256</sup> SIQUEIRA, Márcia. Irreverência das peruas aquece e anima Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev.1997. Caderno Gerais, p.24.

<sup>257</sup> UM CARNAVAL com muito amor. *Tribuna de Mariana*, Mariana, fev. 1997 p.7.

<sup>258</sup> *Idem*.

demonstrado pelo jornal *O Liberal*, ao se referir às “reformulações” necessárias ao carnaval, e pelo jornal *Opção Regional*, ao se referir ao novo modismo que se iniciava em Minas.

Também as críticas recebidas naquele momento que demonstravam, por outro lado, uma insatisfação com as interferências privadas, podem ser indícios de uma nova conformação da festa. Junto a reportagens de apoio aos patrocinadores, que garantiriam a realização do carnaval mesmo com as dificuldades, uma delas faz uma forte crítica que se estende, também, às interferências de canais de televisão no carnaval ouro-pretano. Dois foram os motivos principais da reclamação publicada no jornal *O Liberal* e se referem a um dos blocos: a Bandalheira. Fundado por moradores da cidade, em 1972, este bloco era um dos mais representativos do carnaval de Ouro Preto até o momento.

A Bandalheira era uma referência da cidade, presente em toda a temporalidade da pesquisa. Mesmo nos anos posteriores, com o surgimento de um novo formato para a festa, continuou recebendo bastante destaque. A sua principal característica é a imitação de uma banda de música militar, mas com instrumentos desafinados e com um ritmo desajeitado. Rosa (1998, p.37) assim descreve o bloco:

O ritmo é a marcha militar, apesar da desarticulação musical dos instrumentistas com os seus instrumentos e a desarticulação dos instrumentos entre si. Corpos alinhados, passos firmes e moderados, desencontrados, mas acertados, parece um pelotão. No uniforme, penico na cabeça, papel higiênico no cinto, botas no pé. Partituras de mulheres nuas presas às costas [...], um enorme socador de pilão é a batuta do regente.

Na reportagem intitulada “Bandalheira ou brahmalheira”, a primeira crítica relacionava-se à veiculação da logomarca da cervejaria já citada em um dos acessórios principais do bloco, o penico:

No desfile da Bandalheira desse ano, podemos observar que a sobriedade do preto e branco foi quebrada por um surpreendente adereço que a maior parte da banda portava. Afixado nos penicos, que representam o que há de mais pitoresco na banda, estava o nome Brahma, em letras grandes e cor vermelha. Mesmo a ‘velha guarda’ da Bandalheira, que sempre propugnou pela observância dos ‘uniformes’ impecáveis, contra os acessórios risíveis e a descaracterização do bloco – mesmo a velha guarda – portava o símbolo da Brahma sem peso na consciência<sup>259</sup>.

Mas um bom motivo justificaria tal sortilégio penical. Aquela cervejaria doou à banda, segundo informou seu condutor, seiscentos reais, que garantiram a compra de 10 novos instrumentos musicais. Seiscentos reais... Para ver o tradicional bloco

<sup>259</sup> BANDALHEIRA ou brahmalheira? *O Liberal*, Ouro Preto, 03 mar. a 09 mar.1997. 288,

circulando por toda a cidade e reafirmando: ‘Este carnaval é mesmo da número 1’. Seiscentos reais... Quanta generosidade desinteressada!<sup>260</sup>

Rosa (1998, p.133) também observou a propaganda da marca de cerveja no bloco: “adesivos vermelhos foram afixados nos brancos dos penicos [...]”. Já a outra crítica veiculada no jornal *O Liberal* se referia a uma possível ação da Rede Globo na conformação do bloco, na alteração nas fileiras e no trajeto:

Outra questão [...] relaciona-se ao excesso de interferência da vontade da Rede Globo no desfile da Bandalheira, castrando-lhes a antiga mobilidade e soberania no andar, impondo-lhes roteiros de demoradas esperas. Não podemos subestimar a capacidade de transformar tudo o que toca em produto massificado e descartável. Suas bundinhas e garrafinhas já vulgarizaram demais o carnaval, e como não queremos uma Bandalheira aonde os negros vão para as últimas filas, saibamos restringir a atuação da Globo ao seu papel meramente informativo, precavendo-nos contra a estética racista e destruidora que ela veicula<sup>261</sup>.

Rosa (1998, p.76) também constatou a presença da rede de televisão durante todo desfile da Bandalheira no domingo de carnaval, do ano de 1997: “desde a concentração, registrando os diferentes momentos, até o encerramento”. Mas, a autora, por meio de suas observações, relata certa autonomia de seus integrantes à tentativa de imposição de um tempo cronometrado pela televisão, que acabou tendo que respeitar “o tempo estabelecido pelos componentes da Bandalheira, o tempo social do grupo” (p.82). As duas percepções, do autor do texto publicado no jornal e da autora da dissertação citada, mesmo diferentes, apontam, de certo modo, as tensões existentes na utilização do bloco como recurso publicitário e a sua veiculação midiática. Rosa (1998, p.77), constatou ainda, a grande ação da mídia no carnaval daquele ano, não apenas junto aos blocos, mas no seu contexto geral, e problematizou a cobertura da festa: “criam-se encenações [...] Na realidade, produzem-se encenações com imagens montadas, mas consumidas como se fossem espontâneas”.

Pode-se perceber no trecho de reportagem citado, outro ponto importante: a crítica às músicas baianas que faziam sucesso no período e ao suposto poder de massificação da mídia, que já se mostrava bastante presente no carnaval ouro-pretano. A bundinha e a garrafinha, alusões a duas músicas de destaque no momento, chegaram a Ouro Preto fazendo sucesso junto a outras melodias do axé *music*. Mas, longe de serem unanimidade, os conflitos, já verificados em anos anteriores, pareciam se intensificar:

---

<sup>260</sup> *Idem.*

<sup>261</sup> *Idem.*

A Bandalheira, felizmente, tem tudo para se manter autônoma e fiel às suas origens por muito tempo. Não somos da Timbalada. Nossos ‘músicos’ não precisam de propaganda global. A reposição de instrumentos e uniformes é mínima, tornando dispensáveis as verbas aniquiladoras do marketing. Saberemos, portanto, continuar Bandalheira pelo tempo afora, circulando pelo roteiro e ritmo definidos por nossa vontade soberana, e voltando a exhibir apenas o cocô de mentira em nossos valerosos penicos<sup>262</sup>.

A menção à Timbalada, banda baiana de sucesso na época, reforça certo desagrado à possível tentativa de adequação do bloco e do carnaval da cidade a um modelo externo. As críticas se estendiam e ofereciam indícios das rápidas transformações que aconteciam no carnaval da cidade, perceptíveis, principalmente, no jornal *O Liberal*, que, ora ocupava-se em defender a iniciativa privada, ora recheava as páginas de suas edições com duras críticas à festa e ao mercado que se gestava em torno dela.

Este jornal, por ser um veículo de comunicação exclusivo da cidade de Ouro Preto e região, pode oferecer uma melhor compreensão das tensões que se originavam com as mudanças no carnaval. Com textos escritos por pessoas que compartilham do cotidiano da cidade, foi possível perceber melhor o movimento que constrói a festa, permeado por interesses diversos, que serviam de motivação a falas contundentes de apoio ao poder público e a empresas privadas, como as mais diversas críticas e reclamações sobre uma possível descaracterização do carnaval e sobre os impactos do crescimento da festa na estrutura da cidade e no modo de vida dos seus habitantes.

O exemplo a seguir, ainda do ano de 1997, demonstra certa insatisfação com a presença da música baiana no carnaval e do modismo que ela representava naquele momento. A colunista Priscilla Almeida faz as seguintes observações sobre a festa daquele ano:

Ainda que não queiramos, aprendemos de cor e salteado as últimas danças importadas do ‘Estado disfarçado de gravadora’, Bahia. Quem não teve overdose de drogas, sofreu uma overdose de dança da bundinha. Qual será a dança do ano que vem? Com certeza nada que supere uma letra fácil, com movimentos ainda mais fáceis e provocantes<sup>263</sup>.

Nos anos finais da década de 1990, a janela elétrica ainda era uma atração bastante forte e a música baiana, principal estilo musical tocado nas caixas de som desde a idealização da estrutura mecânica, continuava embalando as noites de Ouro Preto. Talvez,

---

<sup>262</sup> *Idem.*

<sup>263</sup> ALMEIDA, Priscilla. Lança perfume. *O Liberal*, Ouro Preto, 24 fev. a 02 mar. 1997. 287.

com mais intensidade ainda, devido ao aumento das criações musicais nesse estilo, moda no período, e da difusão, em massa, pelos diversos meios de comunicação. Em uma reportagem do Estado de Minas, essas características foram ressaltadas: “Repetindo anos anteriores, a folia tomou conta das ruas Direita e São José e da Praça do cinema. [...] À noite, nesses pontos, foram instaladas imensas caixas de som, de fazer tremer o centro histórico no ritmo da música baiana<sup>264</sup>”.

Em 1998, o jornal *O Liberal* também retratou o “som mecânico no circuito da alegria e na Praça Tiradentes”<sup>265</sup> e a influência da festa baiana, em meio a outros ritmos: “Depois de tanta zueira de axé *music*, velhas marchinhas, pagodes e rala o tchan, é hora de sossegar um pouco o facho e vestir outra fantasia”<sup>266</sup>. No ano seguinte, o jornal Estado de Minas continuou mencionando a janela elétrica: “Durante a noite, as ruas São José, Direita e Praça Tiradentes pegaram fogo, ao som de muito axé, forró e sucessos do rock nacional”<sup>267</sup>. Em outra: “Depois dos blocos, os foliões vão se concentrar nas ruas São José e Direita para uma folia que só vai acabar, e com muito pesar, quando o sol já estiver a pino”<sup>268</sup>.

A janela erótica também continuou sendo bastante citada nos anos finais da década de 1990: “Costume há sete anos, ainda causa frisson nos expectadores<sup>269</sup>”. Em 1999, foi noticiada a sua realização em dois pontos diferentes da cidade: “Dois empresários resolveram montar suas telas, um na Rua São José e outro na Rua Direita, para o delírio dos foliões”<sup>270</sup>. Este trecho pode apontar o sucesso desta atração naquele momento e o possível retorno lucrativo aos estabelecimentos comerciais que a promoviam. Um indicativo do interesse comercial pode ser percebido na seguinte reportagem:

Se a janela erótica de Ouro Preto começou tímida, devido à falta de patrocínio, fechou a temporada disputadíssima. Um verdadeiro séquito de ‘Tiazinhas’ se revezava na sensualidade, arrancado suspiros dos marmanjos. Quando não estavam atrás da tela, portavam-se na sacada ao lado, mantendo o rebolado e distribuindo camisinhas para os foliões. Aliás, as saias curtas nas sacadas fazem tanto sucesso quanto a silhueta erótica<sup>271</sup>.

<sup>264</sup> SIQUEIRA, Márcia. Irreverência das peruas aquece e anima Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 1997. Caderno Gerais, p.24.

<sup>265</sup> CARNAVAL 300 anos. *O Liberal*, Ouro Preto, 01 mar. a 08 mar, 1998. 331.

<sup>266</sup> RESSACA. *O Liberal*, Ouro Preto, 01 mar. a 08 mar. 1998. 331.

<sup>267</sup> ARCE, Tacyana. Ano que vem tem mais. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1999. Caderno Gerais/Carnaval, p.23.

<sup>268</sup> ARCE, Tatyana. Energias renovadas, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 1999, Caderno Gerais/Carnaval, p. 24.

<sup>269</sup> SIQUEIRA, Márcia. Irreverência das peruas aquece e anima Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 1997. Caderno Gerais, p.24.

<sup>270</sup> ARCE, Tacyana. Ilusão erótica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev. 1999. Caderno Gerais/ Carnaval, p.22.

<sup>271</sup> OURO PRETO. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1999. Caderno Gerais/Carnaval, p.22.

Outra reportagem do mesmo ano também mostra alguns indícios do sucesso desta atração que “há anos arranca suspiros dos foliões, abusando da sensualidade”<sup>272</sup>. Segundo a mesma fonte, outra novidade era que, “pagando um ingresso de R\$ 1,00, o turista poderia conhecer os bastidores da ‘janela erótica’, onde foi montado um bar. Quem tiver bela silhueta e nenhuma vergonha também poderá dar seu *show*”<sup>273</sup>. O jornal Hoje em Dia também destacou a novidade, mas, de acordo com essa fonte, o preço a ser pago pelos turistas que quisessem “exibir-se por trás do biombo”, era de R\$ 3,00, com “direito a uma cerveja gelada”<sup>274</sup>.

Neste contexto dos anos finais da década de 1990, os bailes nos clubes foram mencionados apenas na Agenda Cultural de fevereiro de 1998, mas somente no clube XV de Novembro e no CAEM e sem muitos detalhes. As escolas de samba continuaram sendo citadas, principalmente no jornal O Liberal, mas com a contínua perda de representatividade em relação aos anos 1980, acompanhando uma tendência já verificada no capítulo anterior.

Em 1997, por falta de verba pública, devido aos problemas com as chuvas, elas não desfilaram, como já havia acontecido em outros anos. Nas Agendas Culturais, as escolas só aparecem no ano de 1998, com as seis representantes verificadas nos anos iniciais na pesquisa: Imperial, São Cristóvão, Padre Faria, ESIM, Morro Santana e Sinhá Olímpia, acompanhadas das mirins, Chapéu atolado e Princesa Isabel. No ano de 1999, só há menção às duas últimas na programação da festa, publicada na Agenda. O jornal Estado de Minas anunciou que as principais não iriam desfilar, “alegando dificuldades financeiras”<sup>275</sup>.

Alguns blocos que faziam sucesso em anos anteriores, como o Banjo de Prata e a Charanga do Carlota, foram praticamente esquecidos pelos jornais. O primeiro, ainda seguiu sendo citado nas Agendas Culturais, entre os anos de 1997 a 1999, junto aos demais que permaneceram e a outros que surgiram. Nesses anos finais, houve um grande crescimento do número de blocos na cidade, acompanhando a tendência de valorização dessa manifestação já apontada no capítulo anterior. Faziam parte desse novo conjunto, os blocos: Zé Pereira dos Lacaios, Bandalheira, Bandalheira mirim, Vermelho i Branco, Banjo de Prata, Perigosas Peruas, Diretoria, Bloco do Mato, Possuídos, Barra, Bloco da Calcinha, Gatas e Gatões, Confraria do Chopp, Arapreto, Funerária, Lajes, Pirata, Lama e Caixão. Os quatro últimos

<sup>272</sup> ARCE, Tacyane. Muita farra. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 fev. 1999, Caderno Gerais, p.1.

<sup>273</sup> *Idem*.

<sup>274</sup> JANELA erótica causa frisson. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 15 fev. 1999, p. 22.

<sup>275</sup> ARCE, Tacyana. Ilusão erótica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev. 1999 Caderno Gerais/ Carnaval, p.22.

eram formados por moradores de repúblicas de Ouro Preto, o que já demonstra um pequeno crescimento em relação aos anos anteriores, em que apenas o último havia sido citado.

Em 1997, em quase todas as reportagens do Estado de Minas, o destaque era para os blocos: “As ladeiras da histórica Ouro Preto ficaram ainda mais estreitas com a invasão de milhares de foliões que passaram pela cidade ontem, seguindo os tradicionais blocos carnavalescos”<sup>276</sup>. E ainda: “Durante o dia, a festa fica por conta dos blocos, que partem de diferentes pontos da cidade e acabam se encontrando na Praça Tiradentes”<sup>277</sup>.

O jornal Hoje em Dia do mesmo ano ressaltou também esta participação: “A irreverência é a marca registrada do carnaval de rua em Ouro Preto. [...] As ruas são invadidas por grupos de jovens fantasiados, figuras caricatas, estudantes de repúblicas, travestis e tipos populares”<sup>278</sup>. E ainda: “O carnaval esquentava o clima na tradicional Rua São José, com desfiles de grupos fantasiados e alegorias”<sup>279</sup>.

Uma reportagem do jornal O Liberal do ano de 1998, oferece alguns indícios sobre a perda de representatividade das escolas de samba e o crescimento da expressão dos blocos:

Perdeu bastante o brilho das escolas de samba que não se sentiram estimuladas a desfilar como nos anos anteriores. Entretanto, o carnaval espontâneo ganhou força com os blocos dos sujeitos, caricatos e outros improvisados, disputando espaço com a enorme multidão<sup>280</sup>.

No ano de 1999, este jornal enfatizou, ainda mais, a importância dessa manifestação: “A grande atração do carnaval de Ouro Preto é o desfile dos blocos caricatos que já estão prontos para entrarem na folia, sempre nos dias e itinerários tradicionais”<sup>281</sup>. No mesmo ano, o jornal Estado de Minas também se referiu a eles como principal atração<sup>282</sup>. Em uma de suas reportagens havia a seguinte manchete: “Blocos revelam a cara das Gerais”<sup>283</sup>. Em outra, o desfile foi caracterizado com “um *show* de descontração, harmonia e respeito”

<sup>276</sup> SIQUEIRA, Márcia. Irreverência das ruas aquece e anima Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 1997. Caderno Gerais, p.24.

<sup>277</sup> *Idem*.

<sup>278</sup> OURO PRETO, muita irreverência. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 06 fev.1997. Caderno Turismo, p.1.

<sup>279</sup> HOJE EM DIA, Belo Horizonte, 1997. Sem título, 06 fev. 1997. Caderno Turismo, p.05.

<sup>280</sup> CARNAVAL 300 anos. *O Liberal*, Ouro Preto, 01 mar. a 08 mar, 1998. 331.

<sup>281</sup> OURO Preto: carnaval 99. *O Liberal*, Ouro Preto, 01 fev. a 07 fev. 1999. 371. p. 9.

<sup>282</sup> OURO PRETO. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 jan. 1999. Caderno Gerais/Carnaval, p.36.

<sup>283</sup> ARCE, Tacyana. Blocos revelam a cara do carnaval das Gerais. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev.1999. Caderno Gerais/Carnaval, p.23.

<sup>284</sup>. Segundo a matéria “eles partiam quase ao mesmo tempo de todos os pontos da cidade e se encontravam na Praça Tiradentes, onde se saudavam e dividiam a atenção da multidão que participava da folia [...]” <sup>285</sup>.

Em se tratando das características gerais da festa, foi possível perceber que a sua programação era ainda pouco destacada pelos jornais nos anos finais da década de 1990. Nas Agendas Culturais, percebe-se, a partir do ano de 1997, horários definidos para os blocos, como já acontecia com as escolas de samba nos anos anteriores. Por exemplo, no domingo de carnaval, a Bandalheira iniciaria seu desfile às 14 horas, o bloco Perigosíssimas Peruas, às 15 horas e os blocos Caixão, Barra, Diretoria e Pirata, às 16 horas. Havia também, pela primeira vez, a publicação na Agenda do trajeto de cada um desses blocos, com as ruas que percorreriam.

A pesquisa realizada por Rosa (1998) no carnaval ouro-pretano dos anos de 1997 e 1998, traz alguns elementos importantes para a compreensão desse momento. A autora confirmou o destaque recebido aos blocos pelos meios de comunicação e ressaltou o centro histórico como lugar onde as principais manifestações do carnaval aconteciam:

[...] os blocos saem de suas sedes e vão ao centro, com o objetivo de alcançar a Praça Tiradentes, e depois, retornarem ao local da saída. A parte central da cidade torna-se um palco principal, utilizado para manifestações das diferentes organizações e desorganizações (p.13).

Apontou ainda, a sua inserção em uma programação maior, “estabelecida pelos organizadores oficiais da festa, os quais tentam estruturá-la ou ‘calendarizá-la’” (p.29). Como exemplo dessas iniciativas, a autora observou algumas características importantes percebidas em sua estrutura:

Palanques foram construídos na Praça Tiradentes e na Praça Reinaldo Alves de Brito. Nas ruas principais, onde os blocos e similares desfilavam, foram construídas armações de madeira, algumas para caixas de som e outras para uma rede de televisão. Banheiros móveis foram instalados em pontos estratégicos [...]. Holofotes colocados nas sacadas iluminavam as ruas/palcos (ROSA, 1998, p.99).

Contudo, diante dessas constatações, o carnaval ouro-pretano foi relatado como uma “festa diversificada e envolvente pela variedade de manifestações, como os blocos caricatos, os cordões e o famoso carnaval de rua” (1998, p.5). O período da noite era o

<sup>284</sup>ARCE, Tacyana. Ilusão erótica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev. 1999. Caderno Gerais/ Carnaval, p.22.

<sup>285</sup> *Idem.*

momento em que os foliões bebiam e dançavam nas ruas até o amanhecer, quando a música era desligada pela organização, “mesmo com as pessoas ainda querendo brincar” (p.51).

Para Rosa (1998), entre as motivações possíveis para a escolha de Ouro Preto pelos turistas, o carnaval de rua era uma das principais. Ao problematizar as interferências mercadológicas e midiáticas, concluiu que a festa não estava diretamente atrelada ao consumo de objetos, não havendo, também, um comércio bem estruturado. Ao comparar o carnaval ouro-pretano com outras cidades, observou que ali ainda havia um caráter mais próximo à coletividade, à gratuidade e à liberdade. “O caráter individual das manifestações espetacularizadas, aqui, não é o principal” (ROSA, 1998, p.92).

No ano 2000, pouca diferença foi percebida em relação aos anos anteriores. O maior destaque foi a continuidade do crescimento do número de blocos, verificado na Agenda Cultural e nos jornais. O Estado de Minas enfatizou que esse número havia subido para vinte e quatro<sup>286</sup> e que valia a pena conferir a “bizarra Bandalheira, a brava Charanga do Carlota, os blocos Necrotério, Funerária, Vermelho i Branco, Balanço da Cobra, Diretoria, Lajes e tantos outros espontaneamente formados ao longo dos anos”<sup>287</sup>. Os blocos formados por moradores de repúblicas se mantiveram em quatro, com a proibição do Bloco da Lama e a entrada, na programação, do Bloco da Praia.

O Estado de Minas também ressaltou que, depois de quatro anos de jejum, as escolas voltariam a desfilar<sup>288</sup>. Pelas reportagens dos anos anteriores, elas deixaram de participar oficialmente da festa em 1997 e 1999, mas a menção aos possíveis quatro anos de ausência pode confirmar a falta de recursos recebidos em 1998 e um enfraquecimento dessa manifestação já em 1996. No jornal *O Liberal*, foi também noticiado o seu esquecimento durante os últimos anos: “O carnaval de Ouro Preto é um conjunto completo de descontrações abertos a vários grupos. Um deles, esquecido há três anos, volta agora com força total, as escolas de samba [...]”<sup>289</sup>.

Neste ano, outro fato chamou a atenção: a preocupação com o barulho excessivo no carnaval da cidade, “cuja realização no centro histórico provoca discussões”<sup>290</sup>. Em uma reportagem do jornal *O Liberal* foi divulgada uma pesquisa realizada sobre os níveis de ruído no carnaval do ano anterior. O resultado foi apontado como muito alto em relação aos limites

<sup>286</sup> ARCE, Tacyana. Decretada a alegria em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 fev. 2000. Caderno Gerais/Carnaval, p.27.

<sup>287</sup> CRISTIE, Ellen. Ouro Preto quer 100 mil na folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 2000. Caderno Carnaval/Gerais, p.42.

<sup>288</sup> ARCE, Tacyana. Decretada a alegria em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 fev. 2000, Caderno Gerais/Carnaval, p.27.

<sup>289</sup> FINALMENTE, de volta o carnaval. *O Liberal*, Ouro Preto, 31 dez. a 06 jan.2000. 416, p.6.

<sup>290</sup> Limitando o barulho do carnaval. *O Liberal*, Ouro Preto, 21 fev. a 27 fev. 2000. 417, p. 9.

de tolerância e as recomendações dos técnicos aos organizadores foram: “distribuir de modo mais espaçado possível as caixas acústicas, reduzir o volume de som no centro histórico, estudar alternativas para evitar aglomerações excessivas [...]”<sup>291</sup>.

O som mecânico nas ruas da cidade ainda era destaque nos jornais e na programação da Agenda Cultural, junto com a janela erótica, “uma das marcas registradas do carnaval de Ouro Preto”<sup>292</sup>. Mas, as constatações referidas acima e o reconhecimento de outros problemas, interromperiam as noites e madrugadas embaladas pelo axé *music* nas principais ruas do centro.

Em 2001, o jornal Estado de Minas anunciou a pretensão de se criar uma área própria para eventos, pensada em razão do crescimento da festa nos últimos anos e dos impactos de grandes aglomerações de pessoas no centro histórico<sup>293</sup>. O jornal O Liberal também demonstrava a suposta preocupação do poder público com a proporção alcançada pela festa.

As medidas tomadas em conjunto pelo Executivo Municipal, por intermédio da Prefeita Marisa Xavier, e poder judiciário, por intermédio do juiz Magid Nauef Lauar, podem ser o ponto de partida para uma renovação do carnaval ouro-pretano, que cresceu muito em termos de público e se distorceu ao longo dos últimos anos<sup>294</sup>.

Foram realizadas duas principais modificações: 1) o deslocamento de algumas manifestações festivas para outros espaços da cidade, tendo como principal destino um bairro mais afastado do centro, a Barra; 2) a proibição do som mecânico no centro histórico. O jornal Estado de Minas ressaltou que, naquele ano, “grande parte do carnaval seria deslocado da Praça Tiradentes”<sup>295</sup>, junto às justificativas utilizadas para tal mudança, como o impacto dos trinta mil foliões esperados, que podiam ser comparados com o peso de cinquenta carretas de minério. Já, o jornal O Liberal, além de noticiar o fato, demonstrou total apoio à iniciativa:

A Prefeitura Municipal de Ouro Preto, dentro de uma política democrática e transparente, decidiu, junto à Liga das Escolas de Samba, Secretaria de Turismo, Secretaria de Agropecuária e Meio Ambiente, Procuradoria Municipal, Diretoria de Eventos e Corpo de Bombeiros, por criar dois novos espaços para atender os foliões e a população em geral: a Praia do Circo e a Barra [...] <sup>296</sup>.

<sup>291</sup> *Idem.*

<sup>292</sup> NO BATUQUE: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 fev. a 06 mar. 2000, Estado de Minas a bordo, p.12.

<sup>293</sup> PREFEITA quer criar uma área para eventos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 jul.2001. Caderno Gerais, p.21.

<sup>294</sup> O LIBERAL, Ouro Preto, 2001. Sem título, 12 fev. a 18 fev. 2001. 462, p.1.

<sup>295</sup> CARNAVAL sem barulho na histórica Vila Rica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 2001. Caderno Gerais/Administração/Política, p.22.

<sup>296</sup> CARNAVAL 2001. *O Liberal*, Ouro Preto, 05 fev. a 11 fev. 2001.461, p.1.

Em relação à proibição do som mecânico, o jornal anunciou que havia sido expedida uma ordem judicial pelo então juiz, Magid Lauar, “com o objetivo de preservar a segurança, tanto do público quanto do patrimônio da cidade”<sup>297</sup>. Segundo o documento apresentado pelo jornal, o som mecânico estaria proibido nas principais ruas e praças do centro da cidade, incluindo a Praça Tiradentes, a Praça Reinaldo Alves de Brito (Largo do Cinema), Silviano Brandão (Largo da Alegria), as ruas Conde de Bobadela (Rua Direita), São José, Senador Rocha Lagoa (Rua das Flores), entre outras.

Outras reportagens desse ano, publicadas pelo jornal *O Liberal*, apoiam com mais veemência a iniciativa da Prefeitura, afirmando que “as novas determinações têm o objetivo de disciplinar os folguedos momescos, [...] uma vez que a estrutura do centro histórico não suporta excessos de qualquer gênero [...]”<sup>298</sup>. A reportagem termina defendendo que Ouro Preto poderia produzir “um grande carnaval, alegre e atraente a todas as camadas sociais, sem incorrer na tentação de copiar o que vai por outros quadrantes nacionais”<sup>299</sup>. Retorna, com mais força nesse momento, a discussão iniciada em anos anteriores sobre a valorização de “um carnaval com a cara local”.

Em outra reportagem, evidenciava-se “o esgotamento do modelo atual”, que se revelava “perturbador”. Em meio às preocupações com o barulho excessivo, com os danos ao patrimônio e com as possíveis tragédias que pudessem ocorrer, havia a preocupação com a “arte carnavalesca”. Para isso, “ritmos e músicas estranhas aos folguedos momescos” deveriam ser desaconselhados, tornando, assim, o carnaval mais “autêntico e representante do modo de ser e da cultura da Região dos Inconfidentes”<sup>300</sup>.

Na única reportagem publicada após a realização da festa, no jornal *O Liberal*, afirmava-se que o “povão” havia gostado do carnaval na Barra<sup>301</sup>. Segundo a mesma, “o centro não foi esvaziado, mas desafogado com a dispersão dos foliões para outros pontos da cidade, permitindo, assim, mais conforto para todos”<sup>302</sup>. Afirmou-se, ainda, que nesse espaço foram realizados os desfiles das escolas de samba e outras agremiações e que houve um carnaval com “diferentes gostos em diferentes espaços da antiga Vila Rica”<sup>303</sup>. Porém, o pequeno número de reportagens sobre a festa desse ano, tanto neste jornal quanto no Estado

<sup>297</sup> SOM mecânico proibido. *O Liberal*, Ouro Preto, 12 fev. a 18 fev. 2001 462, p.6.

<sup>298</sup> O LIBERAL, Ouro Preto, 2001. Sem título, n. 462, 12 fev.a 18 fev.2001, p.1.

<sup>299</sup> *Idem*.

<sup>300</sup> É CARNAVAL. *O Liberal*, Ouro Preto, 2001. 19 fev. a 28 fev. 2001.406, p.1.

<sup>301</sup> POVÃO gostou da Barra. *O Liberal*, Ouro Preto, 01 mar. a 11 mar. 2001. 464, p.7.

<sup>302</sup> *Idem*.

<sup>303</sup> *Idem*.

de Minas, pode possibilitar outras interpretações, como a perda de representatividade do carnaval em razão destas mudanças, já que a fama do carnaval ouro-pretano construiu-se, nas décadas anteriores, por meio de sua parte histórica.

Um exemplo que pode representar a pouca expressão da festa, neste momento, é a escassa citação sobre as suas principais manifestações. No jornal Estado de Minas, houve apenas uma pequena menção aos blocos republicanos e às repúblicas, mas, sem nenhum detalhamento. O bloco Zé Pereira foi citado como uma “tradição preservada” da cidade e a janela erótica, “com direito até a uma pausa para imaginar [...] qual o segredo daquelas formas vislumbradas ao longe”<sup>304</sup>. O jornal O Liberal limitou-se a publicar a programação da festa, em que se podia observar a ênfase aos blocos, já percebida nos anos anteriores, o desfile das escolas de samba e os *shows* promovidos na Barra.

No ano seguinte, também foi observada a descentralização do carnaval com o deslocamento de algumas manifestações para outros espaços, com o bairro Barra ainda sendo o principal ponto alternativo: “A folia está chegando e na próxima semana todos estarão na Barra em Ouro Preto [...]”<sup>305</sup>. O jornal O Tempo também informou que haveria uma “intensificação do número de eventos em bairros e distritos da cidade”<sup>306</sup> e o jornal Tribuna Livre, alertou para o problema de superlotação do centro histórico<sup>307</sup>.

Permaneceu, ainda, a proibição do som mecânico nas ruas do centro da cidade, atrelada ao interesse crescente em banir estilos musicais que não condiziam com uma cultura carnavalesca que se almejava valorizar: “O carnaval oficial de Ouro Preto começou ontem, sem espaço para o axé *music* e o som mecânico, na tentativa de diminuir a concentração de pessoas no centro histórico”<sup>308</sup>. A mesma reportagem ressaltava a proibição da sonorização nas ruas Direita e São José, “marca tradicional do carnaval noturno na cidade”, e destacava a apresentação de “rodas de samba no Largo da Alegria e na Praça Reinaldo Alves de Brito, início e fim da Rua São José”<sup>309</sup>.

A tentativa de “limpar” a cidade das influências da música baiana e outros estilos não era uma iniciativa apenas de Ouro Preto. Ainda em 2002, O Estado de Minas noticiou um projeto idealizado pela Secretaria de Estado de Turismo chamado Minas Folia, que tinha

<sup>304</sup> FELIPE, Carlos. MINAS também tem, uai. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 fev. 2001. Caderno Turismo, p.4.

<sup>305</sup> O LIBERAL, Ouro Preto, 2002. Sem título, 28 jan. a 03 fev. 2002. 504, p.1.

<sup>306</sup> ROCHA, Murilo. Ouro Preto vai tirar carnaval do centro. *O Tempo*, Belo Horizonte, 11 fev.2002. p. 3.

<sup>307</sup> CARNAVAL descentralizado agitou Ouro Preto. *Tribuna Livre*, Ouro Preto, fev. 2002. p. 8.

<sup>308</sup> ARCE, Tacyana. Rock dá samba em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 09 fev. 2002, Caderno Gerais, p.15.

<sup>309</sup> *Idem*.

como objetivo “resgatar o autêntico carnaval mineiro”<sup>310</sup>. Segundo a mesma reportagem, o projeto estaria presente em oitenta e duas cidades do Circuito da Estrada Real<sup>311</sup>, que receberiam um “padrão para decoração”, abrangendo, “desde a entrada da cidade até o palco principal”<sup>312</sup>. Outras reportagens do Estado de Minas confirmaram a ação: “Diamantina e Ouro Preto abriram ontem o carnaval mineiro ao som de velhas marchinhas e bandas comportadas. O som está abolido ruas”<sup>313</sup>.

O jornal O Tempo também noticiou um “plano de ações para resgatar a tradição do carnaval no município”<sup>314</sup>, nesse mesmo ano. Contudo, a Prefeitura continuou organizando *shows* em pontos distantes do centro histórico, com uma programação que em nada se aproximava das intenções citadas. Nesse ano, foi anunciada a apresentação de uma das principais bandas de *pop rock* do estado: “[...] acontecerão diversos *shows*, com destaque para as bandas Kiloucura e Tianastácia”<sup>315</sup>.

Percebe-se, pela primeira vez, a contratação de uma banda de grande porte. Uma das reportagens do Estado de Minas noticiou que o *show* da banda Tianastácia tinha como expectativa receber mais de cem mil foliões<sup>316</sup>. Exageros à parte, já que esse número contrasta com a real condição espacial do local do evento, é preciso reconhecer a projeção que se esperava para o *show*. A sua realização pode ser considerada um importante acontecimento no carnaval da cidade, demonstrando também, sua complexa relação com o mercado, principalmente se for considerada a presença dessa banda em meio ao resgate da festa tradicional, como observado anteriormente.

Outra característica importante do ano de 2002 é a continuidade da ênfase aos blocos, com a maior parte das reportagens se ocupando em noticiá-los. Em meio às medidas restritivas, os blocos e escolas voltaram a desfilar na Praça Tiradentes e nas outras ruas do centro, “[...] ao contrário do ano anterior, em que houve uma tentativa frustrada de reestruturar o evento”<sup>317</sup>. Este retorno pode ter sido resultado da insatisfação dos foliões com as mudanças e da perda de representatividade do carnaval da cidade no ano anterior. Como já ressaltado, ele foi muito pouco noticiado no ano de 2001, nos dois jornais pesquisados.

<sup>310</sup> GENTE de Minas: Minas folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 2002, Caderno Gerais, p.24.

<sup>311</sup> Como ressalta Duarte (2009), o projeto da Estrada Real foi criado em 1999 pelo grupo FIEMG, com o objetivo de explorar as potencialidades turísticas das diversas regiões que compõem os caminhos ou rotas antigas, formadas pelos aventureiros em busca de riquezas, há mais de trezentos anos.

<sup>312</sup> GENTE de Minas: Minas folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 2002, Caderno Gerais, p.24.

<sup>313</sup> CARNAVAL 2002. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 09 fev. 2002. 22.040, p.1.

<sup>314</sup> ROCHA, Murilo. Ouro Preto vai tirar carnaval do centro. *O Tempo*, Belo Horizonte, 11 fev. 2002, p.3.

<sup>315</sup> OURO Preto dá grito de carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 fev. 2002. Caderno Gerais, p.19.

<sup>316</sup> ARCE, Tacyana. República da alegria. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 2002. Carnaval 2002, p. 25.

<sup>317</sup> OURO Preto dá grito de carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 fev. 2002. Caderno Gerais, p.19.

Com a intenção de atrair cerca de sessenta mil foliões e promover um grande evento, conforme noticiado pelo Estado de Minas, “a histórica Ouro Preto dá hoje o grito de carnaval [...], oficializando a abertura da folia com desfiles de blocos pelas ruas da cidade”<sup>318</sup>. Outra reportagem trazia uma entrevista com um dos foliões: “o negócio é ficar na rua até às seis horas, dormir até às quinze horas, quando começa o desfile dos blocos. Voltar a dormir lá pelas vinte e duas horas e voltar para a rua à uma hora da manhã”<sup>319</sup>. O jornal *O Liberal*, do mesmo ano, noticiou que “o grande entusiasmo dos foliões pôde [...] ser registrado nos blocos caricatos que subiram e desceram as ladeiras tricentenárias de Ouro Preto [...]”<sup>320</sup>.

Em 2003, o Estado de Minas anunciou que “a principal atração eram os blocos alegóricos, que espalham música e alegria pelas ruas históricas”<sup>321</sup>. No ano seguinte, noticiou-se que “as ruas foram tomadas pela multidão logo depois do almoço, hora em que os blocos começam a concentração para os desfiles”<sup>322</sup>. E ainda: “Desde sábado, o sobe e desce ladeira foi a rotina de quem pulou ao som dos blocos, numa farra histórica que agradou aos turistas de todos os cantos”<sup>323</sup>. No jornal *Diário da Tarde*, foi anunciado que o “desfile dos blocos, irreverentes e autênticos, mais uma vez, lotou o centro histórico”, “arrastando multidões de foliões [...]”<sup>324</sup>. No jornal *Tribuna Livre* ressaltou-se: “Em cada bloco um espetáculo à parte”<sup>325</sup>.

Em 2005, o jornal Estado de Minas anunciou que “o desfile dos blocos na Rua Direita levantou a multidão”<sup>326</sup>. Na mesma reportagem, enfatizou-se a possibilidade do encontro de “gente de todas as idades”, “no meio dos blocos, na porta dos casarões da cidade Patrimônio da Humanidade ou subindo as ladeiras [...]”<sup>327</sup>.

Do conjunto de reportagens que enfatizaram a importância adquirida pelos blocos no carnaval da cidade, um ponto merece destaque: o aumento daqueles criados por moradores de repúblicas. Em 2005, foram anunciados onze blocos na programação divulgada pela Agenda Cultural. Aos já citados Caixão, Pirata, Lajes e Praia, somaram-se o Tutu Maluco, o

---

<sup>318</sup> *Idem*.

<sup>319</sup> ARCE, Tacyana. República da alegria. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 2002, Carnaval 2002, p. 25.

<sup>320</sup> FOI só alegria no coração da gente. *O Liberal*, Ouro Preto, 18 fev. a 24 fev.2002. 506, p.7.

<sup>321</sup> PORTELA, Marcelo. Blocos são atração em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 2003. Caderno Gerais, p.18.

<sup>322</sup> SELEME, Ana Carolina. Samba para todo mundo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 2004. Especial, p.26.

<sup>323</sup> ALVES, Rafael. Uma farra histórica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 fev. 2004. Especial, p.24.

<sup>324</sup> GUIMARÃES, Elian. Onde a agitação faz história, *Estado de Minas*, 24 fev.2004. Caderno Cidades, p.2.

<sup>325</sup> CARNAVAL deste ano deixou saudades. *Tribuna Livre*, Ouro Preto, fev.2004. 195, p.1.

<sup>326</sup> WERNECK, Gustavo. Cupido invade festa de Momo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 fev.2005. Carnaval 2005, p.21.

<sup>327</sup> *Idem*.

Ladera, o 69, o Cabrobró, o Mesclado, o Ouopirô e o Vila dos Tigres. Esta constatação torna-se importante para a compreensão das características que a festa adquiriria nos próximos anos.

Nesta primeira metade dos anos 2000, as escolas de samba foram apenas citadas pelos dois principais jornais pesquisados, com a programação dos seus desfiles. Este fato, aliado à ausência de menção a elas pelos outros jornais, pode ser mais um importante indicativo do seu enfraquecimento no carnaval da cidade em meio à emergência simultânea de outras formas de participar da festa. “Bailes à fantasia nos clubes da cidade”<sup>328</sup> também foram citados pelo jornal O Tempo em 2002, mas sem maiores detalhes.

Neste período, permaneceram as tentativas de resgate de uma cultura carnavalesca original da cidade. Em 2005, o Estado de Minas anunciou a realização de *shows* no trecho que liga o Largo da Alegria até a Casa dos Contos, na Rua São José, com “artistas da região”, “já que a programação pretendia privilegiar a cultura local [...] recordando marchas antigas e composições de autores ouro-pretanos”<sup>329</sup>. No ano seguinte, o mesmo veículo publicou uma entrevista com o Secretário de Turismo e Meio Ambiente, Márcio Gomes. Segundo ele, não iria haver *funks* e sim marchinhas, “para lembrar os velhos e bons carnavais”<sup>330</sup>.

Uma dos maiores exemplos de promoção da cultura ouro-pretana, nesse momento, foi a participação do Projeto Candonguêro, anunciada pela primeira vez no ano de 2006:

Em Ouro Preto, hoje é dia de candongueiros. O projeto ‘Candonguêro – era uma vez o carnaval’ vai destacar a memória musical que sobrevive na centenária Vila Rica. Mais de 20 pessoas, todas ligadas à cidade, participam do projeto e se apresentam nos quatro dias de festa, na Rua São José, mais especificamente, no Largo da Alegria. A música, feita sob medida, tem ironia típica e batuque de primeira, garante Chiquinho de Assis, idealizador do projeto, que é coordenado pelo Núcleo de Pesquisa da Orquestra Experimental da Universidade Federal de Ouro Preto<sup>331</sup>.

Na mesma reportagem, ressaltou-se que a ideia do projeto era ser “um espaço alternativo dentro do carnaval de Ouro Preto”, já que, há algum tempo, havia se tornado nítida “uma modificação nos valores do carnaval, marcado por modismos”<sup>332</sup>.

Esta fala chama a atenção para um fato importante. Em meio à continuidade da política de valorização e promoção do carnaval local, os *shows* promovidos pela Prefeitura Municipal, fora do centro histórico, continuavam. Quanto mais projeção alcançavam estes *shows*, mais as tentativas de resgate pareciam se intensificar, o que pode demonstrar as

<sup>328</sup> ROCHA, Murilo. Ouro Preto vai tirar carnaval do centro. *O Tempo*, Belo Horizonte, 11 fev. 2002, p.3.

<sup>329</sup> BRASIL do carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 fev. 2005. Caderno Turismo, p.1.

<sup>330</sup> BATERIAS abrem o clima de folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 fev. 2006. Caderno Gerais, p.26.

<sup>331</sup> ANDRADE, Cristiana. Ironia e resgate da cultura. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 fev. 2006. p. 19.

<sup>332</sup> *Idem*.

tensões e contradições presentes na organização da festa, como também, no próprio veículo de informação. O maior exemplo foi a criação de um local próprio para a ocorrência de grandes eventos, consolidando as grandes transformações que a festa já experimentava.

#### 4.1 A criação do Espaço Folia

No ano de 2006, o estacionamento do Centro de Convenções da UFOP foi transformado, pela primeira vez, em um espaço destinado a ocorrência de grandes *shows*. Esta área, ampla, plana e afastada das principais e estreitas ruas do centro histórico, recebeu o nome de Espaço Folia. Criado pela Prefeitura Municipal, este local pode ser considerado um importante marco na festa ouro-pretana.

Acredito que as medidas de descentralização da festa tenham contribuído, significativamente, para a criação deste espaço, como também (e paradoxalmente), as próprias políticas de retirada de estilos musicais indesejados do centro histórico. Neste caso, a intenção de preservar as tradições no centro, cartão postal da cidade, pareceu não desconsiderar o retorno lucrativo que a realização dos *shows* poderia possibilitar, em meio às demandas de uma juventude sempre presente no município, seja no momento de realização da festa, ou no próprio cotidiano da cidade universitária.

Assim, o Espaço Folia foi criado para comportar grandes eventos, com uma estrutura provisória capaz de receber grande número de foliões e abrigar bandas de projeção nacional. Este espaço foi amplamente noticiado no ano de 2006 pelo Estado de Minas. Ao abordar as mudanças no carnaval ouro-pretano daquele ano, comunicou como a principal delas, “a Praça da Folia, que fica no estacionamento da Universidade Federal de Ouro Preto. No local, são esperados cerca de 10 mil foliões, um terço do público total [...]”<sup>333</sup>. A justificativa continuava sendo a necessidade de desafogar os pontos históricos e contribuir para a preservação da cidade, como apontou uma entrevista com o Secretário de Turismo Vittorio Lanari<sup>334</sup>.

Em outra reportagem do mesmo ano, intitulada “Axé em Ouro Preto”<sup>335</sup>, foi anunciado o lançamento do carnaval ouro-pretano no Café Cancun, uma casa de *shows* existente em Belo Horizonte nesse período. A festa, no Espaço Folia, seria preparada pela DM Promoções e contaria com *shows* de Jammil, André Lellis, Vira e Mexe e Alexandre Peixe,

<sup>333</sup> ANDRADE, Cristiana. Ironia e resgate da cultura. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 fev. 2006. p. 19.

<sup>334</sup> *Idem*.

<sup>335</sup> AXÉ em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev.2006. Caderno Cultura, p.3.

bandas e cantores conhecidos nacionalmente <sup>336</sup>. Outra reportagem, também do jornal Estado de Minas, ocupou-se em noticiar a novidade:

Além dos tradicionais blocos que enfrentam as ladeiras da cidade, *shows* de axé prometem animar os foliões. A grande inovação fica por conta do Espaço Folia, na Praça da Universidade, montado em parceria com a DM Promoções [...] Para certas áreas do local, como camarote e espaço vip, haverá cobrança de ingresso. Para quem faz questão da programação gratuita, haverá um telão exibindo os *shows* na Avenida Vitorino Dias <sup>337</sup>.

Esta reportagem aponta alguns aspectos importantes. O primeiro é o reforço ao estilo musical que seria privilegiado naquele espaço, o axé, seguindo uma tendência já observada, em anos anteriores, na sonorização mecânica e na promoção de *shows* na cidade. O segundo é a divisão do espaço em diferentes setores, com a criação do camarote e área vip e a cobrança de ingressos diferenciados, com a consequente separação das pessoas por critérios econômicos.

De fato, é importante ressaltar que esta separação já poderia existir antes da criação deste espaço, já que, também o espaço público das ruas, comporta diversas formas de segregação. Mas, a separação, aliada a uma estratégia de mercado, certamente inaugura um novo formato para festa, com a oferta de produtos diferenciados para estratos diferentes da sociedade. A própria promoção por uma empresa privada, especializada em grandes eventos, aponta para esta possibilidade.

O Estado de Minas, ao noticiar a grande procura por esta festa, anunciou que o ingresso começou a ser vendido a R\$ 60,00, alcançando R\$ 160,00 no penúltimo dia de carnaval. Segundo a mesma fonte, o camarote estava sendo vendido antes da festa por R\$ 200,00, no Shopping Quinta Avenida, localizado em Belo Horizonte <sup>338</sup>. Além de contar com a presença de uma empresa particular, a venda dos ingressos para *shows* que antes eram gratuitos, assim como a divulgação da festa em Belo Horizonte, também apontam para as mudanças nas suas características e para a projeção que se almejava alcançar.

O terceiro aspecto é a exibição dos *shows* em um telão na Avenida Vitorino Dias, bem próxima das ruas principais do centro histórico. Se a intenção era preservar o centro dos estilos que não se relacionavam à tradição da cidade, o que justificaria a exibição dos *shows*, completamente diferentes desta proposta, no telão? Se o intuito da descentralização era preservar o patrimônio e garantir a segurança dos foliões, como não considerar o risco da

<sup>336</sup> *Idem.*

<sup>337</sup> FOLIA nas ladeiras. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 fev. 2006. Caderno Turismo, p.3.

<sup>338</sup> *Idem.*

aglomeração de grande número de pessoas como acontecia com o som mecânico? Até mesmo a ampla divulgação da festa torna-se estranha aos propósitos de preservação da cidade e da cultura local.

O jornal *O Liberal* também noticiou a parceria entre a Prefeitura Municipal e empresa DM Promoções, ressaltando a realização de uma coletiva de imprensa com a participação do Prefeito Ângelo Oswaldo, do Secretário de Turismo e Cultura, Vittorio Lanari, e de outros membros do poder executivo e judiciário da cidade, junto a um representante da empresa DM. Nesta coletiva, foi divulgada a programação e as formas de cobrança de ingressos, com as mesmas informações veiculadas pelo Estado de Minas<sup>339</sup>.

No ano seguinte, a realização de *shows* no Espaço Folia continuou sendo bastante noticiada pelo jornal Estado de Minas: “mesmo com o abadá que dava acesso ao local custando entre R\$ 80,00 e R\$ 120,00, o espaço ficou lotado”<sup>340</sup>. Outra reportagem anunciou que, naquele ano, a DM promoções continuaria montando “estrutura no estacionamento do Centro de Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto para garantir comodidade e segurança ao folião”<sup>341</sup>.

No ano de 2008, uma situação chamou a atenção. O cartaz promocional da festa, com a chamada “Ouro Preto: Patrimônio da Alegria”, publicado no jornal *O Liberal*, continha a programação detalhada do carnaval<sup>342</sup> (FIGURA 1). A estrutura, com vários pontos divididos em diferentes espaços da cidade, e a preocupação estética na sua produção, são importantes indicativos da transformação da festa. Nesse mesmo cartaz, a relação mercado-tradição fica bastante evidente. O destaque era para as bandas de maior projeção que se apresentariam no Espaço Folia e, junto ao slogan da empresa DM Promoções, havia a propaganda da cervejaria Skol. As outras manifestações da cidade não foram destacadas, com exceção do Projeto Candonguêro. No entanto, o tema da festa remetia à especificidade histórica da cidade, “patrimônio da alegria”, demonstrando uma das funções exercidas pela ideia de tradição: elo com um passado que assegurava e legitimava as transformações da festa, pela capacidade de incluir tudo o que se produz e veicula na cidade, como parte de um mesmo pacote de antiguidades.

---

<sup>339</sup> OURO Preto, patrimônio da alegria. *O Liberal*, Ouro Preto, 23 jan. a 29 jan.2006. 681, p.3.

<sup>340</sup> ALVES, Rafael. Axé invade Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 2007. Carnaval 2007, p.7.

<sup>341</sup> ATRAÇÕES, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jan. 2007. Caderno Cultura, p.2.

<sup>342</sup> O LIBERAL, Ouro Preto, 2008. Sem título, 14 jan. a 20 jan. 2008, p.13.

**Patrimônio da alegria!!!**

**OURO PRETO 2008**

**PROGRAMAÇÃO CARNAVAL 2008 Centro Histórico**

**PRACA TRIDENTES**

**1º/2/2008 – sexta-feira**  
21h Abertura Oficial do Carnaval 2008  
Entrega da Chave da Cidade ao Rei Momo. Apresentação do 2º Perereca dos Laceras, Banda/Feira Folclórica Ouro-pretana, Banda da Polícia Militar de Minas Gerais. Show com a banda Os Bacanas

**2/2/2008 – sábado**  
22h Show com a Banda/Feira

**3/2/2008 – domingo**  
22h Show com as bandas Kizôzara e Swing Sedução

**4/2/2008 – segunda-feira**  
A partir das 20h. Desfile da Escola de Samba Mirim Princesa Isabel  
Desfile das Escolas de Samba Inconfidência Mineira, Escola de Samba São Cristóvão, Escola de Samba Santa Olímpia e Escola de Samba Padre Faria

**5/2/2008 – terça-feira**  
22h Show com a Banda Smerdash

**LARGO DA ALEGRIA**

**1º, 2, 3, 4 e 5/2/2008 – sexta a terça-feira**  
21h Projeto Cambonguinhos

**3 e 5 – domingo e terça-feira**  
15h Projeto Cambonguinhos  
Carnaval Infantil com participação da Banda Anjo

**LARGO DO CINEMA**

**1º, 2, 3, 4 e 5/2/2008 – sexta a terça-feira**  
21h Banda do Vibeiro

**PRACA ORLANDO TRÓPIA**

**1º, 2, 3 e 5/2/2008 – sexta, sábado, domingo e terça-feira**  
20h Sade Black – Hip Hop, Juremeiro e Atitude

**ESPAÇO FOLIA (PRACA DA UFOP)**

22h – abertura dos portões  
23h – início dos shows

**1º/2/2008 – sexta-feira**  
Jammi e Lima Nôites

**2/2/2008 – sábado**  
13h Bloco do Cadeio com a Banda Monozôico (RJ) e Banda Batucandum (RJ)  
23h Kizôzara e Manitu

**3/2/2008 – domingo**  
12h Bloco Caboclo com Farda Caroca e MC Pê  
23h Banda/Feira e Alexandre Pêra

**4/2/2008 – segunda-feira**  
13h Bloco da Praia com Mr. Cobra, Banda Água de Fogo e Di, Chuck  
23h Swing Sedução e Jeito Folclore

**5/2/2008 – terça-feira**  
14h Bloco do Mescado com a Bateria da Escola de Samba Padre Faria e Banda Vozes Virgens  
23h Os Tristes e A Zorra

**OSTRITOS**

**CACHOEIRA DO CAMPO**

**1º/2/2008 – sexta-feira**  
21h show com a banda Os Tristes

**2/2/2008 – sábado**  
21h show com a banda Os Bacanas

**3/2/2008 – domingo**  
21h show com o Grupo de Dança Swing e com a banda Smerdash

**4/2/2008 – segunda-feira**  
21h show com Juninho e Paquinha

**5/2/2008 – terça-feira**  
21h show com a banda Filhos de Minas

**ANTÔNIO PEREIRA**

**1º/2/2008 – sexta-feira**  
21h show Juninho e Paquinha

**2/2/2008 – sábado**  
21h show com a banda Rock Matte

**3/2/2008 – domingo**  
21h show com a banda Amigos do Forno

**4/2/2008 – segunda-feira**  
21h show com a banda Fundo de Panela

**5/2/2008 – terça-feira**  
21h show com Regisio Afonso e Banda Trindade

**SANTA RITA DE OURO PRETO**

**1º/2/2008 – sexta-feira**  
21h show com a banda Kokomora

**2/2/2008 – sábado**  
21h show com a banda Tandada

**3/2/2008 – domingo**  
21h show com a banda Os Bacanas

**4/2/2008 – segunda-feira**  
21h show com a banda Exatidão de Forno

**5/2/2008 – terça-feira**  
21h show com a banda Anã Loucura e Juninho e Paquinha

**RESPELE OS BLOCOS**

**BLOCOS DESFILAM NO CENTRO HISTÓRICO A PARTIR DAS 15h**

**Quinta-feira 31/1/08**  
• Bloco dos Lajes  
• Bloco Adrochum  
• Galas e Galões

**Sexta-feira 1º/2/08**  
• Banda/Feira Folclórica Ouro-pretana  
• 2º Perereca dos Laceras  
• Bloco Ressaca Elétrica

**Sábado 2/2/08**  
• Bloco do Vila dos Tigris  
• Diretoria  
• Bloco Pirata  
• Bloco 69  
• Banda/Feira Folclórica Ouro-pretana  
• Bloco Quorôfilo  
• Jesus Bom e Baça  
• Saratório Geral  
• Rangelosimas Penas  
• Bloco da Barra  
• Bloco Dentão  
• Bloco Ressaca Elétrica  
• 2º Perereca dos Laceras  
• 2º Perereca Almas  
• Bloco dos Chitudos  
• Bloco Os Possuídos

**BLOCOS DESFILAM EM CACHOEIRA DO CAMPO, A PARTIR DAS 15h**

**Sábado 2/2/08**  
• Bloco do Pijama  
• Bloco Em Cima  
• Bloco da Calpeirinha

**Domingo 3/2/08**  
• Bloco do 3º Idele  
• Bloco da Madrugada  
• Bloco Pira Tudo  
• Bloco do Pijama

**Segunda-feira 4/2/08**  
• Bloco dos Barbéiros  
• Bloco do Pijama

**Terça-feira 5/2/08**  
• Bloco do 2º Idele  
• Bloco Vira Folha  
• Bloco Pira Tudo  
• Bloco do Pijama

**Realização:** PREFEITURA OURO PRETO

FIGURA 1: Programação do Carnaval de Ouro Preto 2008.

FONTE: O LIBERAL, Ouro Preto, 2008. Sem título, 14 jan. a 20 jan. 2008, p.13

Entre as diversas mudanças percebidas com a criação do Espaço Folia, uma é bastante significativa: a utilização do abadá. A partir de 2006, essa forma de ingresso seria a mais usual no carnaval ouro-pretano. Além de o axé ter se tornado o principal estilo musical neste momento, também o abadá, grande marca dos trios elétricos baianos, chegou a Ouro Preto. De material barato, provisório e descartável, o abadá constitui hoje, uma das principais marcas da cultura jovem em diversas festas e eventos espalhados por todo o país. Um ingresso que, ao contrário do bilhete de papel que tem a função esgotada no momento da entrada em determinado evento, permite ingressar em uma rede de identificação e pertencimento. Esta roupa possui um inegável poder simbólico em categorizar os participantes da festa, estampando a aquisição do produto pelas ruas da cidade, marca que permanece durante todo o carnaval.

A meu ver, constitui uma grande estratégia de mercado, que aposta no valor de status dos produtos criados, no valor de comunicação e, principalmente, no valor de relação desses objetos (BAUDRILLARD, 2007), em uma lógica de consumo que utiliza bens para demarcar relações sociais (FEATHERSTONE, 1995). Em todos os anos em que foram noticiados os eventos promovidos pela Prefeitura no Espaço Folia, o abadá foi a forma de ingresso utilizada, com variações significativas de preços a cada ano.

Porém, nos anos finais da pesquisa, as reportagens demonstraram certo esgotamento deste formato adquirido pela festa. À medida que o Espaço crescia, as críticas e reclamações aumentavam, sobretudo, no jornal *O Liberal*, principalmente em se tratando do caráter particular dos eventos e dos estilos musicais. O Estado de Minas continuou citando, fortemente, as tentativas de “resgate” da cultura carnavalesca da cidade, já empreendidas nos anos anteriores.

Em 2010, foi anunciado neste jornal que os *shows* noturnos na Praça da UFOP não aconteceriam mais em parceria com a DM Promoções, “já que a empresa que promove os eventos cancelou as apresentações de axé e *funk* no período da noite”<sup>343</sup>. Outra reportagem do mesmo ano do jornal *O Liberal* complementou a informação: “Em 2010, o carnaval que acontece no estacionamento do Centro de Artes e Convenções terá os portões abertos aos foliões no período da noite”<sup>344</sup>. Os *shows* passaram a ser realizados por bandas da cidade, como na época dos bailes populares, e a participação das pessoas voltou a ser gratuita.

Em 2011, esta proposta permaneceu. O Espaço Folia passou a se chamar “Arena da Folia” e, segundo entrevista com o Secretário de Cultura e Turismo Chiquinho de Assis, publicada no jornal *O Liberal*, todas as bandas que se apresentariam seriam de pessoas da região, como forma de valorizar os moradores e movimentar a economia local<sup>345</sup>.

No entanto, em meio às promessas de promoção de uma cultura da cidade, o formato dos *shows* permaneceria o mesmo, inclusive, os que continuavam sendo realizados no centro histórico, o principal alvo da política de valorização da tradição da cidade. Mesmo havendo uma presença maior de outros estilos, mais voltados às raízes da festa ou a características desejáveis para a mesma, é preciso reconhecer a pouca expressão que essas iniciativas alcançaram. Este fato aponta para uma questão importante: o reconhecimento de que o carnaval que gerava lucros era mesmo aquele dos grandes *shows* das músicas da moda,

---

<sup>343</sup> ALMEIDA, Amanda. Blocos já agitam cidades históricas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 2010. Caderno Gerais, p.21.

<sup>344</sup> CARNAVAL com portões abertos na Praça da UFOP. *O Liberal*, Ouro Preto, 08 fev. a 14 fev. 2010. 885, p.1.

<sup>345</sup> CARNAVAL de Ouro Preto une memória e sustentabilidade com o tema ‘Vem pra rua brincar de novo’. *O Liberal*, Ouro Preto, 28 fev. a 06 mar. 2011. 938, p.1.

embora a propaganda da festa necessitasse, constantemente, remeter-se à tradição da cidade para promover um carnaval diferenciado, pelo menos na ideia.

Não pretendo negar os esforços da Prefeitura em valorizar a cultura local e nem afirmar que suas ações eram mediadas, apenas, por interesses mercadológicos. Mas, acredito que houve um progressivo reconhecimento de que os *shows* conferiam um retorno positivo à cidade, seja por meio do turismo ou pelo investimento das próprias pessoas que residem nela e que aprenderam a gostar dessa forma de carnaval, estudantes ou não.

Nesse caso, é preciso considerar, também, a difusão, em âmbito nacional, da cultura carnavalesca baiana como modelo para o restante do país. Como observa Ferreira (2004, p.390), o carnaval de Salvador se tornou um produto mercadológico, “organizado em bases profissionais e comerciais”, um evento exportável “na forma de folias que podem acontecer em qualquer lugar ou momento [...]”. De fato, Ouro Preto não estava alheia a essas influências, mas, se o real interesse era promover uma festa pautada na cultura da cidade, por que não fazer do estacionamento do Centro de Convenções da UFOP mais um dos espaços de promoção do carnaval antigo que se pretendia resgatar?

A seguir, ofereço algumas possibilidades para a compreensão dessa questão levantada, destacando a relação do Espaço Folia com a consolidação da cultura republicana como uma das maiores expressões do carnaval da cidade, anunciada como uma das mais legítimas tradições de Ouro Preto.

#### **4.2 A invenção de uma nova tradição: a cultura carnavalesca republicana**

A valorização crescente dos blocos e a sua veiculação como símbolo principal do carnaval da cidade de Ouro Preto guarda relações com o aumento dos investimentos privados. As formas de patrocínios cresceram nos anos finais da década de 1990, com as cervejarias se tornando as principais investidoras. Estas reconheceram nos blocos e no seu desfile, uma ótima oportunidade de negócios, com a divulgação de suas marcas, não apenas pelos canais de televisão e outros recursos midiáticos, mas nas próprias ruas da cidade. Uma publicidade móvel, capaz de levar o nome do produto aos principais pontos de concentração de pessoas.

O sucesso desta manifestação também se deve ao próprio contexto da época, marcado pela valorização da festa baiana, como já mencionado, e por sua associação aos eventos destinados à juventude, que, notoriamente, tiveram um grande potencial lucrativo reconhecido nos últimos anos. Atrélada ao surgimento de novas formas de participar do

carnaval, há a valorização de um público específico, em um contexto em que o entretenimento, pautado no consumo de mercadorias associadas à diversão (MARIN, 2009), estratifica-se em faixas etárias. Em relação à sua associação com a juventude, Rosa (2007) também observa que os diversos gêneros festivos são utilizados como atrativo para o público jovem, uma vez que assumem características e valores ligados a esse grupo social.

Indo ao encontro dessas considerações, Kehl (2004, p.89) oferece alguns indicativos que ajudam a compreender a grande valorização de produtos e serviços ligados a um ideal de juventude, entre os quais, encontram-se as festas. Para a autora, a condição jovem tornou-se, na atualidade, “um estado de espírito, um jeito de corpo, um sinal de saúde e disposição, um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir”. Ainda, segundo a autora, “ser jovem virou slogan, clichê publicitário, imperativo categórico – condição para se pertencer a certa elite atualizada e vitoriosa” (p.92).

À expansão e consolidação do axé *music* no carnaval ouro-pretano, iniciado, mais fortemente, em meados dos anos 1990, aliou-se uma característica importante da cidade de Ouro Preto: a sua condição universitária. No final da década, os jornais anunciavam mais de cem repúblicas estudantis existentes no município. Atualmente, segundo dados da UFOP, são mais de trezentas<sup>346</sup>.

Esta forma de moradia, seja pública (casas pertencentes à Universidade e cedidas aos estudantes), seja particular (casas alugadas pelos mesmos) não se constituíram na cidade como simples alojamentos estudantis. No ano de 2007, o então Reitor da Universidade - João Luiz Martins - assim descreveu as repúblicas de domínio federal, na reportagem publicada no jornal *O Liberal*:

Os imóveis destinados exclusivamente à moradia estudantil (as chamadas “repúblicas”), já existiam antes mesmo da criação da UFOP [...] Dessa forma, a história das repúblicas se confunde com a própria história da UFOP. Mais ainda, elas fazem parte da rica história da cidade de Ouro Preto, Patrimônio da Humanidade, pois, ocupam aqueles prédios que foram abandonados na cidade quando da mudança da capital mineira para Belo Horizonte. Figuram, hoje, como um marco vivo daquele episódio. Quem visita as repúblicas estudantis observa nas paredes das salas de visita os quadros de formatura de ex-alunos [...], que mantêm contato permanente com os atuais moradores. Os ex-alunos participam da vida das repúblicas, pois fazem doações e colaboram com as melhorias necessárias à permanência destes espaços [...]. É singular no país esta situação [...]<sup>347</sup>.

<sup>346</sup> Essa informação encontra-se no *site* da UFOP: <<http://www.ufop.br>> Acesso em: 05 de jun. de 2010.

<sup>347</sup> MARTINS, João Luiz. Nota da reitoria sobre a participação das repúblicas estudantis no carnaval de Ouro Preto. *O Liberal*, Ouro Preto, 12 fev. a 18 fev. 2007, p.2.

Antes da criação da UFOP, já existiam duas escolas de nível superior na cidade: a Escola de Farmácia e a Escola de Minas, criadas, respectivamente, em 1839 e 1876. No livro *Ouro Preto*, publicado em 1969, o autor Henrique Barbosa da Silva relata uma série de acontecimentos relacionados ao cotidiano dos moradores de repúblicas na cidade, que, segundo ele, estavam ali presentes desde a criação dessas grandes escolas citadas e de alguns outros centros educacionais. Ouro Preto, segundo o autor, tornou-se, no século XIX, “uma cidade verdadeiramente estudantil” (p.243). Em uma parte específica destinada aos estudantes, o livro relata uma série de brincadeiras e demais costumes que faziam parte da vida acadêmica no século passado.

Para Rosa (1998, p.25), as repúblicas são uma das singularidades da cidade, “famosas por festas, boates e hospedagem. Formam uma rede de sociabilidade [...]. As pessoas visitam-na, hospedam-se nelas e retornam trazendo amigos”. Neste contexto, a cultura republicana da cidade de Ouro Preto parece ter fornecido, com o passar dos anos, um ambiente propício para o sucesso dos novos carnavais que começaram a surgir, criações de grandes empresas que se especializaram no entretenimento que, assim como o poder municipal, perceberam o retorno lucrativo das festas locais tornadas eventos.

Dessa maneira, o crescimento da festa também estaria relacionado à consolidação da cultura republicana no carnaval de Ouro Preto. E um dos grandes indícios desse sucesso é o aumento bastante considerável do número de blocos criados pelos moradores das inúmeras repúblicas estudantis da cidade. Em 1995, apenas um desses blocos era citado na programação fornecida pela Agenda Cultural. Nos anos anteriores, nesse mesmo documento, os blocos republicanos faziam parte de um grupo chamado de blocos “independentes”, não havendo a discriminação de cada um deles. No início dos anos 2000, havia apenas quatro, já, em 2011, foram citados mais de trinta, sem contar os que poderiam não constar na programação oficial da Prefeitura.

As diversas reportagens também mostram indícios desse rápido aumento e da valorização crescente das repúblicas como um dos grandes símbolos do carnaval da cidade. Durante a década de 1980, os blocos formados por moradores dessas casas não eram sequer mencionados no jornal *Estado de Minas*. Nas reportagens do jornal *O Liberal*, do início da década de 1990, estas manifestações eram muito pouco noticiadas e, assim como acontecia nas Agendas Culturais, quando retratadas, apareciam dentro de um mesmo pacote de blocos independentes, sem uma diferenciação individual. A primeira citação de um bloco republicano no jornal *O Liberal* aconteceu apenas em 1993, referindo-se ao bloco do Caixão.

As repúblicas eram mencionadas, com mais frequência, como uma das opções de hospedagem oferecidas pela cidade.

Já, a partir do final dos anos 1990, noticiar o carnaval de Ouro Preto no jornal Estado de Minas significava, praticamente, falar dos blocos republicanos, que se tornaram quase um sinônimo da festa. Ainda em 1996, era possível perceber o destaque que as repúblicas começariam a receber: “Na rua direita, as repúblicas dão um *show* a parte de libertinagem, envolvendo jovens e adolescentes”<sup>348</sup>. Em outro trecho: “A rua direita era exclusividade das repúblicas de estudantes, principalmente à noite, onde uma corda os separava do resto da Praça Tiradentes”<sup>349</sup>. E ainda: “As repúblicas são um governo à parte, cada qual com seu presidente e organização, reconhecia o prefeito Ângelo Oswaldo. A prefeitura somente enviou às repúblicas um comunicado pedindo economia de água e respeito ao volume de som”<sup>350</sup>.

Nesse mesmo ano, o jornal do Povo destacava, em meio a outras manifestações da cidade, “os blocos de repúblicas da UFOP, que proliferam a cada ano”<sup>351</sup>. Em uma reportagem do jornal Galilé, também de 1996, anunciava-se: “Boa parte da folia estará nas mãos, e melhor ainda, nos pés dos foliões das Ruas Direita e São José e também dos ‘republicanos’”<sup>352</sup>.

Em 1998, a reportagem do Estado de Minas “Blocos nascem das repúblicas”<sup>353</sup>, chamava a atenção para a compreensão do carnaval ouro-pretano por meio de sua realidade histórica. A antiga capital mineira, como destacava o jornal, constituiu-se em um “importante centro cultural, e a partir do século XIX, também um foco de escolas e estudantes”<sup>354</sup>. Ainda, segundo a mesma reportagem:

como todo centro estudantil, a cidade viu nascer um rico folclore próprio e manifestações típicas que só existem nela. Um exemplo é a famosa festa do 12, que reúne, em Ouro Preto, ex-estudantes universitários de todo o Brasil. O carnaval, como não poderia deixar de ser, alinha uma grande parcela das manifestações e frutos da cultura estudantil ouro-pretana, através de seus blocos e charangas<sup>355</sup>.

<sup>348</sup> KIEFER, Sandra. Ouro Preto já faturou R\$ 1 milhão com a folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 1996. Caderno Gerais, p.15.

<sup>349</sup> *Idem.*

<sup>350</sup> *Idem.*

<sup>351</sup> CARNAVAL 96: O povo fez a festa. *Jornal do Povo*, Ouro Preto, 29 fev.1996. 5.

<sup>352</sup> A CIDADE é do samba. *Galilé*, Ouro Preto, fev. 1996.

<sup>353</sup> FELIPE, Carlos. Festa com perfume de antigamente. *Estado de Minas*, 29 jan.1998. Caderno Turismo, p.4.

<sup>354</sup> *Idem.*

<sup>355</sup> *Idem.*

Em 1999, a reportagem do Estado de Minas, intitulada “Repúblicas do samba” evidenciava a participação destas casas no carnaval <sup>356</sup>:

República combina com agitação, cerveja e festa. Durante quatro dias, a alegria e a irreverência moram nas mais de 100 repúblicas espalhadas pela antiga Vila Rica, onde tudo é permitido, principalmente abrir as pesadas portas seculares para os forasteiros <sup>357</sup>.

Em outra parte deste mesmo texto também era anunciado que “o carnaval de Ouro Preto tem a cara das repúblicas” <sup>358</sup>. Esta última frase confirma a mudança de enfoque nas manifestações ouro-pretanas, com as repúblicas tornando-se o principal símbolo da festa.

No jornal Diário da Tarde, do mesmo ano, as repúblicas também receberam destaque: “A festa que ganhou as ruas na madrugada se transferiu para as inúmeras repúblicas, geralmente lotadas, com muito som e bebidas geladas. Em cada porta, vários grupos fantasiados, ou não, extravasaram sua alegria” <sup>359</sup>.

Na próxima década, essa ênfase começa a crescer nos jornais. O Estado de Minas, assim noticiou a festa em Ouro Preto no ano 2000: “O carnaval de Ouro Preto tem a cara dos estudantes universitários” <sup>360</sup>. Esta mesma fonte anunciou o bloco do Caixão como um dos mais tradicionais <sup>361</sup>. Em 2001, o jornal Estado de Minas ocupou-se em explicar o termo republicano, como habitante ou hóspede de qualquer uma das repúblicas estudantis de Ouro Preto <sup>362</sup>.

No ano de 2003, o jornal O tempo também destacou o bloco supracitado: “Integrantes do tradicional bloco do Caixão arrastam multidões pelas ruas de Ouro Preto” <sup>363</sup>. O Diário da Tarde, no ano seguinte, noticiou o bloco da Praia e as festas no interior das repúblicas organizadoras: “hospedagem com direito a *shows* e boates, churrasco e almoço. [...] A festa se encerra nas repúblicas com o pop rock para descansar do carnaval” <sup>364</sup>.

No ano seguinte, o Estado de Minas anunciou: “Na tarde de ontem, milhares de pessoas subiam e desciam as ruas, empolgadas com os sons dos tambores, surdos e tamborins

---

<sup>356</sup> REPÚBLICAS do Samba. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev.1999. p.4,5.

<sup>357</sup> *Idem*.

<sup>358</sup> *Idem*.

<sup>359</sup> OURO Preto para todos os gostos. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 15 fev. 1999.

<sup>360</sup> NO BATUQUE: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 fev. a 06 mar. 2000. Estado de Minas a bordo, p.12.

<sup>361</sup> *Idem*.

<sup>362</sup> FELIPE, Carlos. Minas também tem, uai. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 fev. 2001. Caderno Turismo, p.4.

<sup>363</sup> CASTRO, Cynthia. Turistas ‘invadem’ Ouro Preto. *O Tempo*, Belo Horizonte, 03 mar. 2003. Caderno Minas, p.5.

<sup>364</sup> GUIMARÃES, Elian. Onde a agitação faz história. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 2004, p.2.

de grupos criados por repúblicas e que, tradicionalmente, desfilam pela cidade”<sup>365</sup>. E ainda: “Durante todo o dia, blocos caricatos e das repúblicas estudantis percorrem ruas e becos com muita alegria e irreverência”<sup>366</sup>. O bloco do Caixão recebia destaque novamente:

Na tarde de ontem, o bloco do Caixão, da república Necrotério, agitou a Rua direita, seguido por um cortejo de milhares de pessoas. Tentar andar na contramão do Caixão era quase impossível, e, apesar de toda confusão, o público era eclético, formado também por muitas crianças<sup>367</sup>.

Em 2005, foi anunciado pelo mesmo jornal o bloco Vila dos Tigres, formado, naquele momento, por dez repúblicas. Segundo a reportagem, o bloco reuniria cerca de mil e quatrocentas pessoas e o abadá custaria R\$ 30,00, com direito a participar da concentração, onde seriam distribuídas doze mil latinhas de cerveja<sup>368</sup>. O Estado de Minas também anunciou que o bloco do Caixão esperava a venda de quatro mil abadás e o consumo de cerveja calculado em trinta mil latinhas<sup>369</sup>.

Um ponto importante nestas reportagens é a divulgação da quantidade de cerveja que seria distribuída nas concentrações. Ainda nos anos finais da década de 1990, seria bastante comum a associação do crescimento da festa com o consumo desta bebida, como demonstraram algumas reportagens do Estado de Minas. Em uma delas, estimava-se um consumo de 750 mil latinhas no carnaval de 1999<sup>370</sup>. Em outra, do mesmo ano, foi noticiado o consumo médio de latinhas nas repúblicas por folião/dia, calculado em torno de vinte e cinco<sup>371</sup>. Este destaque à disponibilização e ao consumo de cerveja no carnaval ouro-pretano, além de servir como indicativo de crescimento da festa, ressalta o papel assumido pelas cervejarias no carnaval da cidade, uma das principais patrocinadoras nos anos 2000.

Nos anos seguintes, os blocos republicanos continuaram sendo bastante citados no jornal Estado de Minas: “Um dos mais animados blocos de Ouro Preto, o Mesclado arrasta mais de três mil foliões da república dos deuses até a Praça Tiradentes”<sup>372</sup>. E ainda: “Dezenas

<sup>365</sup> SELEME, Ana Carolina. Samba para todo mundo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 2004. Especial, p.26.

<sup>366</sup> ANIMAÇÃO promete atrair turistas de todo o Brasil. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 jan. 2004. Caderno Gerais, p.25.

<sup>367</sup> SELEME, Ana Carolina. Samba para todo mundo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 2004. Especial, p.26.

<sup>368</sup> BRASIL do carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 jan. 2005. Caderno Turismo, p.7.

<sup>369</sup> *Idem*.

<sup>370</sup> BLOCOS revelam a cara do carnaval das Gerais. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 jan.1999. Caderno Gerais/Carnaval, p.23.

<sup>371</sup> *Idem*.

<sup>372</sup> TUBINAMBÁS, Glória. Até o sol raiar. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 fev. 2007. Carnaval 2007, p.6.

de grupos de rua, formados, em sua maioria, por adolescentes, fizeram a festa nas repúblicas de estudantes e principais ruas da cidade, enquanto desfilavam até o Espaço Folia”<sup>373</sup>.

Contudo, os blocos republicanos alcançaram maior representatividade com a criação do já citado Espaço Folia. Mesmo tendo sido idealizado, inicialmente, pela Prefeitura Municipal, este espaço passou a abrigar também as concentrações dos blocos das repúblicas, contribuindo para que estes se tornassem a maior expressão da cultura carnavalesca de Ouro Preto. Em 2007 começou a ser anunciada no Espaço Folia, a realização de *shows* de alguns desses blocos no período da tarde, enquanto à noite, permaneciam os eventos promovidos pela Prefeitura: “À tarde de ontem [...] os visitantes tiveram a escolha de participar do bloco da Praia, [...] com seis mil integrantes movidos a cerveja e banda trazida de Salvador”<sup>374</sup>.

Esta reportagem aponta uma questão importante. A utilização do Espaço Folia por esses blocos alterou, significativamente, algumas de suas características principais, percebidas ao longo dos anos: a concentração. A descrição fornecida por Rosa (1998) sobre como se constituía este momento em 1997, ajuda a compreender as transformações. Citando como exemplo o bloco do Caixão, a autora aponta que:

Entre os diversos momentos do bloco, a concentração era o da chegada de antigos participantes e de novos integrantes. Iniciou-se por volta das treze horas e pelas dezessete horas a porta da república estava cheia e também a rua mais próxima, por onde o bloco iria passar, a rua Paraná, com pessoas vestidas de preto a esperar para agregarem-se ao bloco. O contato social acontecia por meio das bebidas, das conversas, do ensaio dos toques da bateria, do pintar dos rostos e cabelos. Situações que geravam aproximação entre pessoas da república, hóspedes, visitantes, curiosos, vizinhos, etc. (ROSA, 1998, p.114).

A maior característica desse bloco, nos anos 1990, era a roupa preta e os adereços fúnebres: “cabelos pintados com cores berrantes, perucas, pinturas nos rostos, bocas pretas com sangue escorrendo”, etc. (ROSA, 1998, p.110). A camisa era sua indicação principal: “sempre preta, mas a cada ano com uma arte diferente, desenhos de caveiras, caixões, sempre em alusão ao nome do bloco” (1998, p.110). A autora apontou a não-obrigatoriedade na aquisição da camisa e o caráter gratuito na participação do bloco.

Já nos finais da primeira década dos anos 2000, a camisa transformou-se em ingresso, o abadá, e o encontro na porta das casas transformou-se nos grandes *shows* para um número muito maior de pessoas. Boa parte dos turistas e moradores transformou-se em cliente.

---

<sup>373</sup> *Idem.*

<sup>374</sup> ALVES, Rafael. Axé invade Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 2007. p.7.

Em 2008, com a manchete “Ouro Preto vai ferver”<sup>375</sup>, o jornal Estado de Minas assim divulgou o carnaval da cidade: “Apesar de abrigar todas as idades, a festa histórica é feita essencialmente por jovens. Além de muitos turistas, o grande número de estudantes e repúblicas contribui para esse clima”<sup>376</sup>. Esta mesma reportagem apresentou uma descrição bem detalhada de como acontecia o carnaval republicano:

Nessa época, as repúblicas abrem as portas aos turistas e convidados para intermináveis festas e hospedagem, além da participação em alguns blocos. Os pacotes das repúblicas podem ser conferidos na internet e geralmente oferecem cerveja 24 horas, boates, dj’s, abadás dos blocos, e claro, dias e noites fervilhantes. É bom dizer que as instalações das repúblicas não são necessariamente confortáveis. É até possível que a cama do turista seja um colchonete, em meio a dezenas de outros. Para o pessoal descolado, acaba até sendo um divertimento a mais<sup>377</sup>.

Pode-se observar, por meio desta fonte, a diversidade de atrações oferecidas pelas repúblicas, além da hospedagem. Os “pacotes” criados pelos moradores não se diferenciavam muito entre as diversas casas, como pude perceber nas demais reportagens. A utilização da internet para a divulgação das atrações e, até mesmo para a venda das mesmas, passou a ser algo também comum nos blocos maiores. Além da criação de mais um canal de venda dos produtos, que colabora para pensar na amplitude alcançada por esse modelo de festa e na possibilidade de geração de lucros para os estudantes, pode-se associar a utilização da internet com o público que se pretendia atingir e com um carnaval que a cada ano parecia se “juvenilizar”<sup>378</sup>.

Sobre os fins comerciais das casas, na mesma reportagem havia uma matéria com uma entrevista com uma moradora de república. Segundo ela, “o pessoal das pousadas e hotéis pensa que nós [...] tomamos hóspedes deles. Por isso, ficam pressionando a Prefeitura para apertar o cerco contra as repúblicas, contra suas festas”<sup>379</sup>.

Em 2009, o mesmo jornal anunciou que a Prefeitura, já no ano anterior, havia começado a cobrar alvarás e taxas para autorizar as festas no interior dos imóveis, devido às grandes reclamações dos donos de hotéis e pousadas<sup>380</sup>. Nessa mesma reportagem, intitulada “Lucro fácil das moradias”, havia a explicação do Secretário Municipal de Fazenda para tal

<sup>375</sup> OURO Preto vai ferver. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 jan. 2008. Caderno de Turismo, p.9.

<sup>376</sup> *Idem.*

<sup>377</sup> *Idem.*

<sup>378</sup> Este termo advém do conceito cunhado por Dayrell e Gomes, como já abordado na introdução desse trabalho. Refere-se a um processo de “juvenilização” da sociedade, com a supervalorização atual das características e valores ligados à juventude, o que vai ao encontro das reflexões de Kehl (2004), já problematizadas.

<sup>379</sup> *Idem.*

<sup>380</sup> EVANS, Luciane. Lucro fácil nas moradias. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 nov. 2009. Caderno Gerais, p.20.

cobrança: “Fiscalizávamos somente os estabelecimentos comerciais, mas já que as moradias de estudantes geram impostos, uma vez que eles praticam hospedagem e venda de ingressos para *shows* abertos ao público, passamos a fiscalizar esses lugares”<sup>381</sup>.

O Secretário relatou, ainda, que a cobrança seria de 3% sobre o que era arrecadado, para cada serviço oferecido. Em se tratando do alvará, explicou que o definitivo custava em média R\$ 1,50 por metro quadrado do imóvel, destacando que uma casa histórica, possui, em média, quatrocentos metros quadrados. Assim, “não haveria ilegalidade no viés comercial das casas”, pois a arrecadação teria destinação pública, garantia a entrevista<sup>382</sup>.

Outra reportagem mencionava a programação das repúblicas como um “serviço que fazia um diferencial para os turistas, com festas privadas nas quais rolam cerveja, churrasco e apresentação de bandas”<sup>383</sup>, mais bem detalhada na seguinte reportagem do mesmo ano:

São mais de 300 repúblicas e muitas delas também promovem festas próprias, com programação diferenciada para os turistas. Geralmente, no cardápio das repúblicas consta cerveja liberada, durante todo o dia, churrasco, bandas, alojamento (leia-se, pequeno espaço para colocar um colchonete), camiseta personalizada e outros detalhes<sup>384</sup>.

Em 2010, as polêmicas sobre os serviços oferecidos pelas repúblicas continuaram e o jornal Estado de Minas chegou a anunciar a proibição da hospedagem nas casas que pertenciam à UFOP, por recomendação da justiça<sup>385</sup>. Mas, em reportagens posteriores, anunciou-se que “esta folia estaria mantida, com regras”, que envolviam um plano de prestação de contas sugerido pela UFOP, com a promessa de que os recursos seriam investidos na reforma dos bens<sup>386</sup>. Em 2011, surgiram as mesmas polêmicas e, mais uma vez, houve a manutenção da hospedagem: “Estudantes das cinquenta e oito repúblicas da Universidade Federal de Ouro Preto resolveram o impasse envolvendo a taxa de obtenção do alvará especial, que autoriza a comercialização de produtos e a recepção de turistas nas moradias”<sup>387</sup>.

---

<sup>381</sup> *Idem.*

<sup>382</sup> *Idem.*

<sup>383</sup> HISTÓRIA de suor, samba e alegria. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev. 2009. p. 7.

<sup>384</sup> DURÃES, Alfredo. Ladeira acima, ladeira abaixo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 fev. 2009, Carnaval 2009, Caderno Turismo, p.8.

<sup>385</sup> OURO Preto proíbe folia em repúblicas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 jan. 2010. Caderno Gerais, p.23.

<sup>386</sup> RESTRIÇÕES em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 jan. 2010. Caderno Gerais, p.25.

<sup>387</sup> AYER, Flávia. Minas põe o bloco na rua. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 fev.2011. Caderno Gerais, p.26.

O viés mercadológico das festas realizadas dentro das casas e dos blocos promovidos pelas repúblicas pode ser demonstrado, também, por uma mudança bastante significativa em outra de suas características principais, o desfile. Estes perderam o destaque que possuíam em anos anteriores, em razão do sucesso da realização dos *shows*, que acabaram se constituindo como uma atração independente (FIGURA 2), sem o antigo vínculo com o bloco que motivava o cortejo pelas ruas da cidade e o contato social, como ressaltado por Rosa (1998).

Outro motivo importante que contribuiu com esta perda relaciona-se às normatizações empreendidas pela Prefeitura Municipal, com a determinação de que os blocos só poderiam desfilarem com até duas mil pessoas, devendo também ser cadastrados com horários de saída controlados<sup>388</sup>. Uma entrevista publicada no jornal Estado de Minas do ano de 2010, com o Secretário de Cultura de Turismo, Gleiser Boroni, explicou que todos os blocos deveriam possuir alvará para sair, além de serem “responsáveis pela limpeza das ruas, bem como pela instalação de banheiro químico”<sup>389</sup>. Segundo a mesma fonte, os blocos também deveriam contratar pessoas responsáveis pela segurança: “Essas despesas que antes corriam por conta da Prefeitura, agora eles que arcam”<sup>390</sup>, disse o Secretário, que apontou, ainda, que, em razão das exigências, alguns blocos desistiram de desfilar<sup>391</sup>.

Além disso, diante das exigências e do negócio que se tornou os blocos, estes passaram a contar com cordões de isolamento e seguranças contratados (FIGURA 3). Deste modo, as manifestações, que antes comportavam a presença de qualquer pessoa que quisesse se aventurar pelas ladeiras, como relatado por Rosa (1998) e por diversas reportagens de anos anteriores, ficaram reservadas ao público pagante dos pacotes republicanos. Até blocos que não possuíam ligação com as repúblicas estudantis passaram a aderir a este modelo, como o bloco Diretoria, ficando também sujeitos às normatizações da Prefeitura (FIGURA 4).

---

<sup>388</sup> DURÃES, Alfredo. A ladeira vai tremer. ESTADO DE MINAS, Belo Horizonte, 19 fev. 2010. Caderno Turismo, p.8.

<sup>389</sup> *Idem.*

<sup>390</sup> *Idem.*

<sup>391</sup> *Idem.*



FIGURA 2: A concentração de um dos blocos republicanos, 2010.

FONTE: Acervo pessoal.



FIGURA 3: O cordão de isolamento no desfile do bloco do Caixão, 2011.

FONTE: Site da Prefeitura de Ouro Preto: <<http://www.ouropreto.mg.gov.br>>. Acesso em: 17 jun. de 2011.



FIGURA 4: Os abadá's no desfile do bloco Diretoria, 2009.  
 FONTE: Acervo pessoal.

Mesmo considerando a possibilidade de participação das pessoas no desfile sem o uso do abadá, seja assistindo ou seguindo o final do bloco, é preciso considerar a restrição que isso representa. A própria exigência da diferenciação entre quem veste ou não a roupa do bloco é um fator de separação entre o carnaval pago e gratuito, mesmo que ocorra no espaço “público” da rua.

A cultura carnavalesca republicana, nesse formato descrito, não se consolidou de forma descontextualizada. No meu entendimento, foi fruto das mudanças que começaram a acontecer no carnaval da cidade já no início dos anos 1980 com a janela elétrica que, além de levar os foliões para as Ruas Direita e São José, ainda contribuiu para a propagação de um modelo de festa baiano. A juventude, sempre presente na cidade, por meio da Universidade e das próprias repúblicas, também foi fator de grande importância para a consolidação do modelo atual da festa.

No entanto, a meu ver, o grande sucesso da festa republicana deu-se pela sua associação, pela mídia, pelos próprios moradores e pelo poder público (cada qual com seus interesses, como será apresentado no próximo subitem), à ideia de tradição remetida à cidade, como o exemplo dessa reportagem, do jornal Estado de Minas: “Nas cidades históricas

mineiras, o carnaval aposta nas tradições locais para cativar o folião, como acontece em Ouro Preto com os blocos organizados pelas repúblicas de estudantes”<sup>392</sup>.

Em uma delas, as repúblicas foram associadas à história acadêmica da cidade, remetendo-se ao século XIX<sup>393</sup>. Em outra, relatou-se a irreverência dessas casas, espalhadas pela “antiga Vila Rica”, que abrem “as pesadas portas seculares para os forasteiros”<sup>394</sup>. Em algumas delas, estes blocos foram citados como os que originaram esse tipo de manifestação carnavalesca em Ouro Preto, silenciando os blocos já existentes há bem mais tempo, construídos pela população local, e conferindo, de certo modo, o status do antigo associado à cidade patrimônio.

Muitas outras reportagens poderiam servir como exemplo, pois esta foi uma fala frequente durante o final dos anos 1990 e na primeira década dos anos 2000, associada às propagandas e divulgações de *sites* e cartazes promocionais publicados nos jornais, como o exemplo da promoção da festa em 2008, que anunciava, em meio a grandes shows de bandas de axé, o tema: “Ouro Preto: patrimônio da alegria”.

Desta forma, os grandes *shows* fechados, iniciados em 2006, e os pacotes de festas e atrações dentro das repúblicas, vendidos como legítima tradição de Ouro Preto, suscitam questionamentos acerca da natureza de tradições criadas em determinados contextos. Hobsbawm (1997) observa que estas podem ser inventadas com alguma finalidade. Segundo o autor, elas tentam, sempre que possível, estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado e o utilizam como legitimador das ações, por meio do “contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar, de maneira imutável e invariável, ao menos alguns aspectos da vida social”. (1997, p.10). Hobsbawm observa, ainda, que essas práticas podem ser de natureza real ou simbólica e o passado histórico na qual são inseridas não precisa ser remoto, “perdido nas brumas do tempo”, caracterizando-se por uma continuidade bastante artificial (p.9).

Assim, percebemos uma dupla função na invenção das tradições, apresentada por Hobsbawm e também por Ranger, Trevor-Roper e Cannadine (1997), em seus estudos sobre todo um conjunto de práticas criadas em um período determinado de tempo e em países diferentes, como Inglaterra, Escócia e África, sobretudo nos séculos XIX e XX: a tentativa de imutabilidade e, ao mesmo tempo, de transformação. Deste modo, a construção de uma

<sup>392</sup> REIS, Sérgio Rodrigo. Arrastão de alegria. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 2007, p. 9.

<sup>393</sup> FELIPE, Carlos. Festa com perfume de antigamente. *Estado de Minas*, 29 jan.1998. Caderno Turismo, p.4.

<sup>394</sup> REPÚBLICAS do Samba. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev.1999. p.4,5

tradição, baseada em um suposto passado histórico, fundamenta e legitima ações em prol da transformação, do progresso e também do mercado.

Em se tratando, especificamente, da relação mercadológica, Trevor-Roper (1997) cita como exemplo a criação do famoso e “tradicional” *kilt* escocês, que, na verdade, como pôde concluir a partir dos seus estudos, foi uma invenção bem moderna de um industrial inglês. A diferenciação segundo clãs, que pode ser percebida até hoje por meio das cores utilizadas em cada tecido parece, segundo o autor, ter-se originado com a expansão de um mercado que passou a valorizar a competição entre as próprias tribos para criar produtos para cada uma delas. Trevor-Roper (1997, p.51) conclui que os tartans, nome do tecido de lã axadrezado com que se confecciona o *kilt*, diferenciados segundo clãs, “agora são usados, com entusiasmo tribal, por escoceses e supostos escoceses, desde o Texas até a cidade de Tóquio”.

Ao refletir sobre as mídias e as novas tecnologias recreativas, Canclini (2008) também observa que, para elas, as tradições interessam como referência para reforçar o contato simultâneo entre emissores e receptores. Para o autor, a referência à tradição pode ser um esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje, um referente histórico e um recurso simbólico contemporâneo, que possa estabelecer, assim, uma conexão com o passado.

Desta forma, a inclusão das atuais festas republicanas na história de Ouro Preto, faz com que as pessoas consumam uma ideia, fortemente vinculada ao valor da tradição, embora, visivelmente, suas características sejam encontradas em qualquer manifestação daquela natureza em qualquer outro evento contemporâneo. Neste caso, a venda da inovação, assim como a sua aceitação, precisa se aliar a símbolos do passado, capazes de conferir uma ideia de originalidade e autenticidade e, ao mesmo tempo, permitir a possibilidade de participação em algo exclusivo, que só existe naquele lugar. A tradição, assim, torna-se também um produto diferenciado, o valor simbólico de uma materialidade que é, na verdade, efêmera, criada por meio dos símbolos de uma moda reciclável.

O valor material e imaterial do conjunto patrimonial da cidade de Ouro Preto também parece conferir valor e legitimidade às transformações, inseridas em um mesmo conjugado de signos oferecidos pela história do lugar. Como bem observou Rosa (1998, p.20), Ouro Preto não é uma típica cidade interiorana: “Na Praça central não há canteiros de flores e o verde das árvores, não há um jardim, mas a estátua do mártir da Inconfidência Mineira, Tiradentes”. O seu passado, misturado a importantes acontecimentos históricos do país, reais ou mitificados, contribui para que tudo nesta cidade carregue o peso do

“tradicional”. Em se tratando do carnaval, Rosa (1998, p.88) já havia observado nas edições de 1997 e 1998, a sua associação ao patrimônio cultural, “com significados da tradição embutidos na sua caracterização”.

Em meio a grandes manchetes e fotos que associavam o carnaval ouro-pretano à festa republicana com seus blocos e *shows*, noticiava-se também, com grande destaque, em todos os jornais consultados, o bloco Zé Pereira dos Lacaios, fortemente associado às tentativas de resgate da cultura “original” da cidade. O bloco continuava abrindo o carnaval, como demonstrou uma reportagem do Estado de Minas de 2007: “Em Ouro Preto, depois da entrega simbólica das chaves da cidade ao rei Momo, na abertura oficial do carnaval, a Praça Tiradentes foi tomada pelo bloco Zé Pereira dos Lacaios [...]”<sup>395</sup>.

Outras reportagens anunciaram o bloco como uma das principais atrações, ressaltando a sua existência por mais de cem anos e a afirmação bastante recorrente de ser o mais antigo do Brasil. Mas esta ênfase contrastava com o real conteúdo das matérias, que, na maior parte das vezes, destacava bem mais os blocos das repúblicas e os *shows* e atrações promovidos pela Prefeitura em vários pontos da cidade. O bloco parecia servir, assim, como um elo entre um passado que se pretendia “resgatar” e a ideia de tradição que se pretendia promover. Mesmo nos anos 2000, várias edições da festa contaram com homenagens ao bloco, principalmente na decoração da cidade, utilizando seus bonecos gigantes, como aconteceu em 2011 (FIGURA 5).

As escolas de samba, embora com as especificidades de cada bairro em que foram criadas e de cada grupo de foliões que as constituíam, eram, notadamente, muito semelhantes às escolas do Rio de Janeiro, pelo menos no propósito. Já o Zé Pereira dos Lacaios, mesmo reconhecendo-se também as suas origens cariocas, possuía uma história de criação mais relacionada aos costumes de Ouro Preto e a sua permanência centenária parecia conferir importância e autoridade. Outro fator pode ser pensado: as escolas ouro-pretanas são uma construção muito recente, a primeira data de 1957 e a maior parte das outras, da década de 1970.

Acredito na possibilidade de que, quanto mais uma criação, seja ela carnavalesca ou não, aproxima-se do tempo presente, mais difícil vinculá-la e veiculá-la à identidade do povo que a construiu. Os *shows* privados e os oferecidos pela Prefeitura teriam menos ainda esse poder de identificação com uma tradição da cidade. O sentimento de identidade e a ideia

---

<sup>395</sup> TUPINAMBÁS, Glória. Momo reina nas cidades de Minas. ESTADO DE MINAS, Belo Horizonte, 17 fev.2007. Carnaval 2007, p.2.

de tradição são, assim, noções fortemente relacionadas ao tempo, embora não precisem dele para se constituir.



FIGURA 5: Decoração na Praça Tiradentes em homenagem ao bloco Zé Pereira, 2011.

FONTE: Site da Prefeitura de Ouro Preto: <[http:// www.ouropreto.gov.br](http://www.ouropreto.gov.br)>. Acesso em: 5 de jun. de 2011.

Como já foi destacado no primeiro capítulo, em Ouro Preto, antes de existir o carnaval que se aproxima do que conhecemos hoje, outra manifestação, herdada dos portugueses, era a mais comum, o entrudo. O objetivo não é reconstruir a história dessas manifestações, mas perceber o movimento que as colocaram ou retiraram da cena social, assim como os pretextos e intencionalidades. Acredito ser este movimento fundamental para pensar como discursos são criados e sensibilidades são forjadas para atender a objetivos diversos, construídos em cada contexto histórico.

O que importa nesse momento é perceber que a brincadeira do entrudo em praticamente nada se assemelhava às brincadeiras de carnaval que aconteciam nos países europeus considerados mais “civilizados”, como França e Itália, e, em determinado momento histórico, foi considerado uma prática bárbara e incivilizada aqui no Brasil, pois, o país precisava se modernizar e criar uma cultura nacional própria, que o diferenciasse das raízes coloniais.

Assim, diante das transformações que necessitavam ser empreendidas, houve a tentativa de uma substituição progressiva do entrudo pelo carnaval. Nesse momento, o

passado, sinônimo de atraso e barbárie, precisava ser abandonado. A festa precisava ser modernizada e adequada ao século XX que se aproximava. Como observa Araújo (2008, p.18), ao longo de quase todo o século XIX, é possível apontar uma “progressiva ação movida contra esse divertimento e a construção paulatina da imagem de um festejo ‘grosseiro’”. A autora ainda ressalta a importância de se estabelecer relações entre “a consolidação do Estado imperial, difusor e implementador de um ideário de progresso e civilização do país, e as manifestações festivas” (p.118).

Já nos finais do século XX e início do seguinte, percebo, ao pesquisar o carnaval ouro-pretano em seu passado recente, um movimento contrário de “tradicionalização”, de um retorno ao passado para legitimar a festa. O mesmo passado que, outrora foi condenado, hoje é mitificado e tido como uma das maiores qualidades da festa. Não raro, o entrudo, tão bárbaro e incivilizado em épocas anteriores, é utilizado hoje como propaganda de uma festa que se quer legítima, principalmente quando associada ao bloco Zé Pereira dos Lacaio, tornado um dos produtos turísticos mais vendidos na festa atual, em meio a *shows* de *axé music*, *funk* e *abadás*. Uma ideia de tradição fundada em uma produção discursiva que, na sua aparente imutabilidade e no valor de um passado intangível, transforma-se para atender a diversos interesses.

Também compreendo a constante menção ao bloco centenário como uma grande prova de seu progressivo esquecimento e da preocupação em manter um elo com o passado que fosse capaz de justificar a realização da festa atual e, em grande medida, justificar as suas transformações. Por outro lado, uma nova tradição é criada. Como o discurso não precisa do tempo “real” para se legitimar, a festa republicana também se torna uma legítima tradição da cidade de Ouro Preto. E nesse processo o Zé Pereira também tem outra importante função, pois, valorizar a tradição de uma manifestação ajuda a valorizar as restantes, mesmo que sejam invenções recentes, pois o que se ressalta não é o bloco em si, mas a ideia de tradição e o lugar.

O reconhecimento dessas possibilidades dos interesses que podem permear qualquer tentativa de “resgate” de uma tradição e até mesmo a vinculação desta ideia a criações bastante recentes torna-se importante para se pensar o que está em jogo em cada momento histórico. Como o exemplo do Zé Pereira, o bloco Bandalheira também continuou sendo muito divulgado, mas em meio às grandes reportagens sobre a festa das repúblicas e sobre os eventos criados pela Prefeitura que, a rigor, não se diferenciavam muito dos *shows* republicanos. Como exemplo, o Estado de Minas anunciou na manchete de uma grande reportagem sobre o carnaval ouro-pretano: “Bandalheira nas ladeiras”, porém o conteúdo do

texto e a foto utilizada, com jovens vestidos de abadás, pareciam promover, na verdade, outro carnaval <sup>396</sup>.

Neste contexto, os outros blocos foram pouquíssimos citados nesse período, alguns desapareceram quase por completo. Os maiores sobreviventes, em meio à valorização da “tradição” republicana, foram o Vermelho e Branco, o Balanço da Cobra e o Perigosíssimas Peruas, mas bastante camuflados pelos grandes *shows*, festas e pelos blocos com cordões de isolamento e abadás. As escolas de samba praticamente desapareceram das reportagens. Permaneceram durante quase todo o tempo as mesmas representantes, com a entrada da União Recreativa de Santa Cruz, em 2009. Até mesmo no jornal O Liberal, houve uma grande redução das reportagens que mencionavam, de alguma forma, as escolas. As manchetes e fotografias, quando não priorizavam os blocos republicanos, anunciavam os *shows* no Espaço Folia.

Assim, manifestações se transformam, somem ou aparecem, mas fica a ideia de tradição, pronta para conferir valor a outras criações. Resta saber quais serão as novas tradições que surgirão nos próximos anos.

A compreensão de que a relação mercado-tradição não se constrói de forma unilateral e, muito menos, passiva, fundamenta as discussões a seguir, suscitadas pela verificação de uma tensão constante entre comerciantes locais e empresas externas, entre moradores de repúblicas e donos de hotéis e pousadas, entre população residente e turistas, entre estilos musicais da moda e estilos musicais “legítimos”, enfim, entre antigo e novo, entre passado e presente.

### **4.3 A relação mercado – tradição no carnaval ouro-pretano: tensões**

A promoção do turismo na cidade por meio do carnaval intensifica-se no final dos anos 1990 e no início dos anos 2000, dada a grande projeção alcançada pela festa no cenário mineiro e nacional.

Em 1996, já era anunciado pelo jornal Estado de Minas que Ouro Preto havia arrecadado mais de R\$ 1.000.000,00 com o carnaval<sup>397</sup>. Mesmo reconhecendo as fragilidades de qualquer informação dos jornais sobre valores, o destaque ao lucro por si só já confere

---

<sup>396</sup> TUPINAMBÁS, Glória. Bandalheira nas ladeiras. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 mar. 2011. Especial, p.6.

<sup>397</sup> KIEFER, Sandra. Ouro Preto já faturou R\$ 1 milhão com a folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev.1996.

indicativos do crescimento do turismo no período, reforçados por outras reportagens que também passariam a destacar os ganhos, juntamente com o aumento do fluxo de turistas.

Nessa mesma reportagem, anunciava-se que Ouro Preto fazia do carnaval chamativo turístico e, assim, desdobrava-se para atrair a todos os gostos dos vinte e cinco mil turistas anunciados naquele ano. Percebe-se, nesse momento, uma mudança nos discursos sobre a festa. Há uma diminuição do apelo ao desenvolvimento da cidade e da melhoria da condição de vida da população por meio do carnaval e uma progressiva valorização do turismo pelos seus lucros imediatos, sem a preocupação de como e com quem seriam gastos.

Em 1997, na reportagem “Turismo perde muito dinheiro”<sup>398</sup>, do jornal Estado de Minas, há a constatação de que o carnaval daquele ano estava sendo o pior das últimas três décadas em virtude das chuvas, apesar do aumento do número de patrocinadores já citado anteriormente. A reportagem citou como fonte, dados fornecidos pela Associação de Guias de Turismo do município, credenciada, segundo o jornal, pela Embratur. Estes dados revelaram que, naquele ano, houve uma queda de 85% nos índices de ocupação em comparação com o ano de 1996. Uma entrevista com um funcionário da Secretaria de Turismo revelou que o prejuízo financeiro seria incalculável e que os recursos do carnaval haviam sido desviados para reconstruir os locais danificados pelas chuvas<sup>399</sup>. Em uma reportagem do jornal Tribuna de Mariana deste mesmo ano ressaltava-se que o carnaval da cidade havia sido bastante prejudicado, “face aos noticiários de televisões, jornais e rádios que conferiram ao município um extremo grau de calamidade”<sup>400</sup>.

Percebe-se nestas falas, uma preocupação maior com a possibilidade de geração de lucros com a realização da festa e até uma insatisfação com o desvio da verba que seria destinada ao carnaval para a resolução de problemas da cidade. Se um dos principais propósitos do desenvolvimento do turismo na cidade era favorecer o bem-estar da população, como apontado no capítulo anterior, então, a utilização da verba para sanar problemas tão graves como aquele, não deveria ser tão problemática. Deste modo, percebe-se uma mudança da função atribuída à atividade turística.

Em outra reportagem do jornal Hoje em Dia do mesmo ano fica mais evidente a preocupação central com a realização da festa, em uma clara tentativa de amenizar os prejuízos causados pelas chuvas e promover o carnaval da cidade:

---

<sup>398</sup> SIQUEIRA, Márcia. Irreverência das peruas aquece e anima Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 1997. Caderno Gerais, p.24.

<sup>399</sup> *Idem*.

<sup>400</sup> UM CARNAVAL com muito amor. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, fev.1997, p.7.

Quem pensou que Ouro Preto está triste e ‘derrubada’ quebrou a cara. A antiga capital de Minas está linda como nunca, sem nada que lembre as fortes chuvas do início do ano, que atingiram mais as periferias. A parte histórica não foi afetada. Todos os hotéis funcionam normalmente, assim como os restaurantes, bares, lanchonetes e todo o comércio<sup>401</sup>.

Pelo trecho destacado acima é possível perceber, claramente, a preocupação em garantir ao leitor que a parte principal da cidade, onde era realizada a festa, não havia sido afetada pelas chuvas, com tudo transcorrendo “normalmente”. Pouco importava, nesse caso, se as periferias haviam sido as mais atingidas, pois, pela reportagem, não pareciam fazer parte da cidade no momento do carnaval. Em outra: “Tendência da cidade em transformar-se em um big salão carnavalesco”, além do destaque aos patrocínios, anunciou-se também que “todo aparelho turístico da cidade, monumentos, hotéis, pousadas, bares, restaurantes e o seu rico e variado comércio se encontrariam em perfeito funcionamento”<sup>402</sup>.

Nesse momento, os números são bastante valorizados, como se por si só, fossem capazes de justificar os investimentos públicos na festa e atestar a sua qualidade. Em uma reportagem do jornal Estado de Minas do ano de 1999 anunciava-se que Ouro Preto arrecadaria em torno de 3,7 milhões de reais com o carnaval, o dobro do que arrecadava por mês<sup>403</sup>. Quinze mil turistas eram também anunciados por dia, fato também relatado pelo jornal Diário da Tarde, na reportagem “O balanço da folia: carnaval incrementa turismo e aquece economia de cidades históricas”<sup>404</sup>. Este veículo também divulgou a arrecadação do município em torno de 3,7 a 4 milhões de reais naquele ano, afirmando que, de acordo com informações obtidas na própria Prefeitura Municipal, esses valores seriam o dobro da arrecadação mensal, como anunciou o Estado de Minas. Ainda segundo essa mesma fonte, este valor perderia apenas para o Festival de Inverno, que tem a duração de cerca de um mês<sup>405</sup>.

Em 2004, outra reportagem intitulada “Cidades do interior lucram com a festa”, destacou a grande arrecadação por meio do carnaval em alguns municípios mineiros<sup>406</sup>. Segundo esta fonte do jornal Estado de Minas, enquanto o comércio formal amargava prejuízo em todo o estado ao longo do feriado, os destinos mais procurados (Diamantina,

<sup>401</sup> SOB o império da alegria. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 30 jan. 1997. Caderno Turismo, p.8.

<sup>402</sup> OURO Preto levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima. *O Liberal*, Ouro Preto, 27 jan. a 02 fev. 1997. 284, p.12.

<sup>403</sup> ARCE, Tacyana. Ano que vem tem mais. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1999. Caderno Gerais/Carnaval, p.23.

<sup>404</sup> O BALANÇO da folia. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 20 fev. 1999. Caderno Clipping, p.1.

<sup>405</sup> *Idem*.

<sup>406</sup> MENDES, Karla. Cidades do interior lucram com a festa. *Estado de Minas*, 19 fev. 2004. Caderno Gerais, p.23.

Ouro Preto, Pompéu e Tiradentes) poderiam faturar mais de R\$ 20 milhões<sup>407</sup>. Ouro Preto foi mencionada como a cidade preferida dos foliões. Em entrevista ao jornal, o presidente da Associação Comercial do município afirmou que Ouro Preto poderia arrecadar R\$ 8 milhões: “A melhoria é geral em todos os ramos ligados à festa, que têm aumento de mais de 60% no faturamento. As pousadas estão lotadas e muitas casas particulares foram alugadas”<sup>408</sup>.

Em 2008, também se chamava a atenção para os lucros da cidade nos dias de festa: “[...] a Secretaria de Cultura e Turismo de Ouro Preto estima que o comércio local lucrou cerca de 10 milhões nos cinco dias de folia, o equivalente a toda a arrecadação mensal do município”<sup>409</sup>. No ano de 2011, o mesmo jornal anunciou que o carnaval no interior de Minas Gerais despejaria “milhões de reais na economia de cidades, cuja fama da folia já ultrapassou as montanhas do estado”<sup>410</sup>. Em Ouro Preto, foi anunciado que, de acordo com cálculos da Prefeitura, a folia deveria movimentar cerca de R\$ 24 milhões<sup>411</sup>.

Mas, nesse momento, as promessas pautadas nas benfeitorias do turismo pareciam se enfraquecer. No meu entendimento, dois fatores podem ter sido decisivos. Um deles seria o processo gradual de melhora da economia brasileira, sobretudo, nos anos 2000. É certo que no final da década de 1990, o país ainda enfrentava sérios problemas econômicos, devido, principalmente, à crise mundial de 1997 e à dependência que o Brasil ainda possuía da poupança externa (PILAGALLO, 2009). Minas Gerais também estava em crise e, em 1999, o governador Itamar Franco “declarou uma moratória de três meses da dívida do Estado, incluindo a que tinha com o governo federal” (*idem*).

Assim como em todos os anos das três décadas pesquisadas, o carnaval era, também, momento em que se criticava a situação do país, como aponta uma reportagem do jornal Hoje em Dia, do ano de 1999: “Desemprego, crise e moratória não tiveram vez diante da alegria”<sup>412</sup>. No jornal O Liberal, do mesmo ano, foi anunciado um animado carnaval, mas com a ressalva de que o desemprego não deixava que a alegria fosse maior<sup>413</sup>.

Já no decorrer dos anos 2000, mesmo com a herança de uma grande dívida pública de anos anteriores, houve grande melhora de alguns indicadores sociais, como saúde e educação, e com o passar dos anos, a economia caminhou para um processo de estabilização.

---

<sup>407</sup> *Idem*.

<sup>408</sup> *Idem*.

<sup>409</sup> TUBINAMBÁS, Glória; LOBATO, Paulo Henrique. Ladeiras deixam saudade, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 fev. 2008. Especial, p.31.

<sup>410</sup> LOBATO, Paulo Henrique. Folia mineira com preços cariocas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 mar. 2011. Caderno Economia, p.13.

<sup>411</sup> *Idem*.

<sup>412</sup> TIAZINHAS e gringos caem na folia. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 1999. p.22.

<sup>413</sup> O LIBERAL, Ouro Preto, 1999. Sem título, 15 fev. a 28 fev. de 1999. 373, p.6.

Apesar de todos os problemas enfrentados no período de criação e implementação do Plano Real, a situação do país havia melhorado muito em relação aos anos 1980 e início dos 1990, quando o desenvolvimento do turismo como solução para “salvar” a economia brasileira e mineira, parecia fazer grande sentido.

Outro fator considerável que contribuiu para enfraquecimento do discurso benfeitor do turismo foram os questionamentos dos próprios moradores acerca dos possíveis benefícios da festa. Com o crescimento acelerado do carnaval, a cidade transforma-se muito em pouco tempo, problemas estruturais passam a ser cada vez mais frequentes nas reportagens e os lucros, não se divulga para onde exatamente são destinados. Parte da população, ao contrário das promessas, tem prejuízos, e a desculpa da festa para resolver problemas que o poder público deveria dar conta em outros momentos do ano, parece entrar em xeque.

Em uma reportagem do jornal do Povo do ano de 1998 ressaltava-se os problemas estruturais enfrentados pelos turistas no carnaval daquele ano: “Os visitantes se depararam com os problemas de infraestrutura naturais para uma cidade que tem uma população de cerca de 70 mil habitantes e que vê essa população triplicar; faltou água e faltaram mais sanitários [...]”<sup>414</sup>. Também no jornal Estado de Minas, no ano seguinte, há o relato de alguns problemas encontrados por aqueles que resolveram passar o carnaval na cidade:

Os turistas que escolheram Ouro Preto para o carnaval encontraram uma cidade cheia, mas com pouca infraestrutura para uma festa de massa. [...] as dificuldades em ser atendido nos bares e restaurantes eram grandes. A falta de banheiro público fez com que os proprietários cobrassem até 50 centavos para permitir o acesso. Foi o caso do bar Lampião, na praça principal da cidade, cujos miquitórios encontravam-se imundos. Além de pagar, o turista estava sujeito ao mau-humor do caixa que os tratava com grosseria. Faltaram também coletores de lixo espalhados pela região central<sup>415</sup>.

No jornal O Liberal, do ano de 1998, uma das reportagens criticava o grande número de turistas recebidos pela cidade no carnaval daquele ano. Segundo esta fonte a infraestrutura para atender aos turistas que se misturaram à população local foram “extremamente precárias”<sup>416</sup>.

---

<sup>414</sup> CARNAVAL de Ouro Preto repete sucesso. *Jornal do Povo*, Ouro Preto, 1 quin. mar.1998, 63.

<sup>415</sup> DURÃES, Alfredo. Ladeira acima, ladeira abaixo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jan. 1999. Caderno Turismo, p.9.

<sup>416</sup> CAMILO, Elisabeth Maria de Souza. Crítica ao carnaval 300 anos. *O Liberal*, Ouro Preto, 01 mar. a 08mar. 1998. 331

No início dos anos 2000, as críticas ultrapassavam questões básicas de infraestrutura e se referiam, também, à grande promoção da festa e ao aumento de sua projeção. Esse fato podia ser percebido nos dois principais jornais utilizados na pesquisa, mas com diferenças significativas no posicionamento dos autores dos textos e nas polêmicas geradas.

No ano de 2002, o jornal Estado de Minas publicou uma reportagem em que o autor do livro “Repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana”, Otávio Luiz Machado, escreveu sobre alguns conflitos entre o turismo e a população ouro-pretana. Segundo o autor, ao analisar o impacto de grandes festas na cidade, era perceptível a reação da comunidade quanto ao grande tumulto que elas causam, “o que leva, por exemplo, à saída de famílias inteiras neste período para outros locais, liberando a cidade para os turistas, e suas casas a criminosos”<sup>417</sup>.

O autor demonstrou a sua expectativa de que, contrariando esse fato, o turismo possa ser um motivo para a busca de melhor convivência. Para isso, defendeu que a população buscasse entender melhor as expectativas e diferenças dos turistas, enquanto estes deveriam procurar “respeitar as tradições, o patrimônio e, sobretudo, as pessoas desta maravilhosa cidade”<sup>418</sup>. A publicação dessa matéria chama atenção para os impasses que aconteciam entre moradores de Ouro Preto e os turistas que chegavam à cidade, principalmente, no período de grandes festas, como o carnaval, o Doze de Outubro e o Festival de Inverno.

Em contrapartida, anunciava-se também neste veículo, vários projetos empreendidos pela Prefeitura Municipal e pelo Governo do Estado de promoção do carnaval de Ouro Preto, visando atrair mais visitantes. Neste ano, foi noticiada uma proposta da Secretaria de Estado de Turismo chamada Minas Folia, como objetivo de “resgatar o autêntico carnaval mineiro”<sup>419</sup>. Esta proposta, já citada anteriormente, envolvia um padrão de decoração para mais de oitenta cidades do circuito da Estrada Real. Em 2003, a decoração também seria um destaque na organização e na promoção do carnaval ouro-pretano. Nesse ano, o tema foi “os antigos carnavais” e quem assinou foi o carnavalesco Joãozinho Trinta, famoso por suas criações nas escolas de samba cariocas<sup>420</sup>. No jornal O Liberal, este fato também foi noticiado:

---

<sup>417</sup> MACHADO, Otávio Luiz. O carnaval de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 fev. 2002. Opinião, p.7.

<sup>418</sup> *Idem*.

<sup>419</sup> MINAS folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 jan. 2002. Caderno Gerais, p.24.

<sup>420</sup> SEBASTIÃO, Walter. Herói da ópera popular. *Estado de Minas*, 06 fev. 2003. Caderno EM Cultura, p.1.

[...] Serão bonecos gigantes do Zé Pereira e outros personagens do mais tradicional bloco de Ouro Preto. As figuras terão mais de três metros e meio de altura e serão colocadas estrategicamente no centro histórico da capital barroca. O carnavalesco definiu os locais onde serão colocadas as figuras<sup>421</sup>.

Porém, esta estratégia de promoção da festa não escapou das críticas publicadas no jornal Estado de Minas. O colunista Mário Fontana, assim descreveu a iniciativa:

Com os bonecos grandes, pobres e horrorosos que a prefeitura de Ouro Preto colocou na Praça Tiradentes, a título de decoração carnavalesca sob a assinatura de Joãozinho Trinta, ela vai acabar ganhando de graça, na Semana Santa, uma compensação à altura. Os bonecos poderão ser usados na queimação de Judas. Tem tudo para fazer sucesso como Judas, o Abominável<sup>422</sup>.

Em outra reportagem de um veículo sem identificação, encontrado na Biblioteca Pública de Ouro Preto, as críticas foram mais intensas. O autor inicia o texto criticando a vinda do carnavalesco, questionando se o próprio ou a Prefeitura consideravam os ouropretanos “jecas e incompetentes também em matéria de folclore e arte”<sup>423</sup>. A intervenção “carioca-maranhense no histórico e tradicional carnaval local”<sup>424</sup> era de desagrado dos ouropretanos, segundo o autor. Ressaltou que o carnavalesco e a prefeita ainda não haviam descoberto que os moradores da cidade não gostam de enfeitá-la no carnaval, “por considerarem que o barroco é decoração mais que suficiente”<sup>425</sup>.

Apontando um “discurso para enganar caipira”<sup>426</sup>, o texto desconfia das justificativas para o trabalho do carnavalesco, como demonstra a seguinte passagem:

Para que os inventores do Trinta não criassem calos nos dedos, a Prefeitura lhes entregou a mão-de-obra de ‘aprendizes’. Tentavam passar à imprensa a ideia de que o Trinta ensinava artesanato ao povo. Demais... Em uma terra de artesãos em pedra sabão e madeira, ensinar a ‘esculpir’ isopor!<sup>427</sup>

Encerrou a reportagem, satisfeito, apontando que o feitiço havia voltado contra os feiticeiros: “Tão logo os ‘bonecóides’ de Trinta foram depenurados nos postes, o povo da terra gemeu de rir. Eram acachapados, ‘ajecados’, ridículos demais”<sup>428</sup>. Concluiu, citando a crítica do colunista Mário Fontana, do jornal Estado de Minas, desaconselhando a utilização

<sup>421</sup> JOÃOZINHO Trinta faz o carnaval de Ouro Preto. *O Liberal*, Ouro Preto, 24 fev. a 02 mar. 2003. 553, p.5.

<sup>422</sup> FONTANA, Mário. Judas. *Estado de Minas*, 09 mar.2003. Caderno Cultura, p.3.

<sup>423</sup> AO leitor. *Sem identificação*, 2003.

<sup>424</sup> *Idem.*

<sup>425</sup> *Idem.*

<sup>426</sup> *Idem.*

<sup>427</sup> *Idem.*

<sup>428</sup> *Idem.*

dos bonecos para a queimação de Judas. Relatou que a comunidade havia identificado neles pessoas que mereciam o respeito dos ouro-pretanos, sugerindo, ironicamente, que os seus parentes ou simpatizantes entrassem na justiça, “obrigando os ‘trinteiros’ a identificá-los, pois daria uma boa indenização por uso indevido de suas imagens”<sup>429</sup>.

Em 2004 foi noticiado novamente pelo jornal Estado de Minas que a Estrada Real seria o grande destaque do carnaval de Ouro Preto e Mariana<sup>430</sup>. Já em 2006, a preocupação com o turismo parecia mais presente. Neste ano, no anúncio pelos jornais da criação do Espaço Folia havia, também, a preocupação em atender a todos os gostos do público presente nas diversas atrações. A organização e o caráter eclético passaram a ser centrais na divulgação do carnaval: “Um dos roteiros de Minas mais procurados pelos turistas no carnaval é a cidade de Ouro Preto. Para atender bem a este público, a prefeitura vem organizando, desde o ano passado, a programação do carnaval 2006”<sup>431</sup>. Na seguinte reportagem, intitulada “Ouro Preto tem o carnaval mais eclético de todos os tempos”<sup>432</sup> ficou mais evidente a preocupação em atender a todos os tipos de públicos:

Músicas de Chiquinha Gonzaga, Paulinho da Viola, Jammil, Zé Pereira dos Lacaio, Babado Novo, Tati Quebra Barraco, Caetano Veloso, Chiquinho de Assis, Vandico, João Pedrosa e marchinhas de carnaval embalarão a folia em Ouro Preto. Sons para todos os gostos. Este foi o carnaval realizado pela Prefeitura de Ouro Preto que, desta maneira, atendeu aos turistas e aos ouro-pretanos, com o carnaval mais eclético de todos os tempos<sup>433</sup>.

Percebe-se na citação acima, a mistura de ritmos de blocos e bandas da cidade, como o axé, o *funk*, o MPB e as marchinhas, na tentativa de “atender aos turistas e ouro-pretanos”<sup>434</sup>. A partir desse ano, as reportagens com críticas sobre a festa aumentaram consideravelmente, aparentemente, na mesma proporção em que também aumentaram os investimentos para se atrair um maior número de turistas. A descentralização do carnaval, como já explicitado, teve como justificativa a proteção do centro histórico do grande número de pessoas que ali transitavam e permaneciam ao mesmo tempo, mas, por outro lado, utilizava-se a mesma proposta de descentralização como propaganda da festa, com o intuito de atrair mais turistas.

---

<sup>429</sup> *Idem.*

<sup>430</sup> FESTA celebra Estrada Real. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 jan. 2004. Caderno Gerais, p.25.

<sup>431</sup> OURO Preto, patrimônio da alegria. *O Liberal*, Ouro Preto, 23 jan. a 29 jan. 2006. 681 p.3.

<sup>432</sup> OURO Preto tem o carnaval mais eclético de todos os tempos. *O Liberal*, Ouro Preto, 06 mar. a 12 mar. 2006. 686, p.12.

<sup>433</sup> *Idem.*

<sup>434</sup> *Idem.*

No jornal *O Liberal*, acirravam-se as críticas. Em uma delas, ao retratar os problemas enfrentados na rodovia dos Inconfidentes, relatou-se a grande quantidade de turistas “atraídos pela propaganda das loucuras mil nas ladeiras da velha cidade, onde, por vários dias, reina alegria para uns e desespero para outros”<sup>435</sup>.

Nos próximos anos, aumentou a veiculação nas reportagens de propostas de promoção do carnaval e de incremento ao turismo por meio da festa. Em 2007, Ouro Preto foi citada no Estado de Minas como uma das cidades mineiras na “rota do turismo”<sup>436</sup>. Junto com Belo Horizonte, Diamantina e Tiradentes, a cidade foi considerada pelo Ministério do Turismo, destino de desenvolvimento turístico regional. Estas cidades fizeram parte de um grupo de destinos nacionais, recebendo investimentos técnicos e financeiros do Governo.

O carnaval apareceu em destaque na reportagem, em meio à constatação de que os principais eventos da cidade eram a Mostra de Cinema em junho, o Festival de Inverno em julho, o Festival de Jazz em setembro, a Feira de Joias em outubro, o Fórum das Letras em novembro, “além do tradicional carnaval”<sup>437</sup>. Nesta mesma reportagem, havia uma fala do Secretário de Turismo Vittorio Lanari: “Temos feito um trabalho forte nas culturas populares. Vamos tentar resgatar esses turistas”<sup>438</sup>.

Logo após a notícia, o colunista Paulo Paiva fez uma análise da inclusão das quatro cidades mineiras no mapa turístico do Governo Federal. Na sua visão, aquela era uma boa notícia para os mineiros, já que o turismo, ressaltado por ele como “indústria limpa”, era uma das que mais gerava emprego, serviços e renda. Ressaltou também que, durante anos, “o turismo foi tratado de forma amadora no país, incluindo Minas”. Concluiu, afirmando o potencial turístico de todas as regiões do estado e o “belo manancial” que poderia ser explorado<sup>439</sup>.

Por outro lado, a seguinte reportagem “Ouro Preto: risco e oportunidade”<sup>440</sup>, do autor Mauro Werkema ponderou sobre a situação enfrentada pela cidade durante o carnaval. Segundo o autor, “não há como deixar de preocupar-se com o que ocorre no carnaval de Ouro Preto. Ultrapassa-se a capacidade de carga da cidade com a presença de até trinta mil visitantes”<sup>441</sup>. Apontou a necessidade de respeitar as fragilidades da cidade que, segundo ele,

<sup>435</sup> O BERRO do Bode Zé. *O Liberal*, Ouro Preto, 19 fev. a 25 fev. 2007. 733, p.12.

<sup>436</sup> CHOUCAIR, Geórgia. Cidades mineiras na rota do turismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 set. 2007. Caderno Economia, p.12.

<sup>437</sup> *Idem*.

<sup>438</sup> *Idem*.

<sup>439</sup> PAIVA, Paulo. Análise da notícia. *Estado de Minas*, 01 set. 2007. Caderno Economia, p.12.

<sup>440</sup> WERKEMA, Mauro. Carta aos tempos: Ouro Preto, risco e oportunidade. *O Liberal*, Ouro Preto, 26 fev. a 04 mar. 2007, p.2.

<sup>441</sup> *Idem*.

tem “limites concretos quanto à população que pode abrigar sem produzir limiares perigosos quanto à segurança patrimonial e de pessoas [...]”<sup>442</sup>.

O autor também reconhece as ações da Prefeitura para desobstruir o centro histórico, mas relata que o fluxo de visitantes continua a crescer a cada ano “e a partir de certa hora os poderes públicos perdem o controle da cidade”<sup>443</sup>. Cita o carnaval do ano anterior, 2006, como exemplo: uma superpopulação parecia “não saber em que cidade estava”, pensando que “tudo é possível, sem freios e sem limites”<sup>444</sup>. Werkema (2007) concluiu propondo uma ação global de planejamento com apoio de órgãos públicos e demais setores da sociedade para que se controlasse melhor o carnaval. Apontou também o desejo de que as ações promovidas na cidade atraíssem um “turista mais qualificado quanto ao seu poder aquisitivo e quanto à conduta perante a cidade e seu acervo”, pois esse é o turista “que interessa à cidade e que pode estar sendo afastado de Ouro Preto”<sup>445</sup>.

O texto aponta alguns pontos importantes. Primeiro é o reconhecimento dos limites da cidade para comportar grande número de pessoas no período do carnaval, como já mencionado em outras críticas. O segundo ponto é o reconhecimento de uma grande presença de foliões justamente no ano anterior, que teve a inauguração do Espaço Folia e um aprimoramento realizado pela Prefeitura em outros locais da cidade, que passaram a receber variados estilos musicais. O terceiro refere-se à proposta de iniciativas de controle populacional na festa, mas com uma ressalva importante: não era qualquer turista que faria parte das restrições. Desejava-se, sim, a presença de turistas na cidade, mas aqueles com poder aquisitivo, diferentes de grande parte do público que passava o carnaval em Ouro Preto, formado por jovens e estudantes.

No ano seguinte, uma charge chama atenção para a sensação já apontada por Werkema em 2007, de que em Ouro Preto podia tudo no momento do carnaval. Um dos maiores símbolos da história da cidade, Tiradentes, aparece de braços abertos (FIGURA 6). O colunista Neto Medeiros, autor da charge, publicou em outra reportagem do mesmo jornal a presença de “turistas folgados, fazendo o que queriam”<sup>446</sup>. Apontou também questionamentos com relação à estrutura da festa, afirmando que, em Ouro Preto, tudo era “no mínimo, questionável”<sup>447</sup>.

---

<sup>442</sup> *Idem.*

<sup>443</sup> *Idem.*

<sup>444</sup> *Idem.*

<sup>445</sup> *Idem.*

<sup>446</sup> MEDEIROS, Neto. Geléia Real. *O Liberal*, Ouro Preto, 11 fev. a 17 fev. 2008, p.8.

<sup>447</sup> *Idem.*



FIGURA 6 – A estátua de Tiradentes com os braços abertos.

FONTE: MEDEIROS, Neto. O LIBERAL, Ouro Preto, 11 de fev. a 17 de fev. 2008, p.8.

Medeiros (2008) <sup>448</sup> também apontou sua preocupação com o valor gasto e com o destino do dinheiro arrecadado: “Uma das atrações ouro-pretanas é seu carnaval. [...] Hoje a folia é inspirada no costume baiano e aí a cidade é tomada por vários blocos dos mais diversos preços”. O autor ressaltou que durante os dias de festa são arrecadados milhões, “portanto, essa ‘grana’ tinha que ser devidamente fiscalizada” <sup>449</sup>.

Em outra reportagem do mesmo ano e veículo divulgava-se “o mais movimentado carnaval de Minas Gerais” <sup>450</sup>, com a estimativa de que cerca de trinta a quarenta mil foliões, entre moradores e visitantes, brincariam o carnaval nas ladeiras, ruas e praças da cidade. A mesma fonte também apontou as estimativas da Secretaria de Cultura e Turismo para o comércio de Ouro Preto durante os cinco dias de carnaval, um movimento aproximado de dez milhões de reais, “quase o equivalente à arrecadação mensal do município” <sup>451</sup>. Anunciou-se também que, segundo as mesmas estimativas, a Prefeitura deveria gastar cerca de setecentos

<sup>448</sup> MEDEIROS, Neto. Geléia Real. *O liberal*, Ouro Preto, 11 fev. a 17 fev. 2008, p.11.

<sup>449</sup> *Idem*.

<sup>450</sup> CARNAVAL de Ouro Preto tem ‘Zé Pereira’ tradicional e milhares de foliões nas ladeiras. O LIBERAL, Ouro Preto, 28 jan. a 03 fev. 2008, p.8.

<sup>451</sup> *Idem*.

mil reais para “organizar a infraestrutura necessária à organização do carnaval ouro-pretano”<sup>452</sup>.

Torna-se perceptível nesse momento uma situação parecida encontrada no jornal Estado de Minas quanto à exaltação dos valores arrecadados. Chama a atenção nessa reportagem a preocupação apontada por Medeiros (2008), que seria comum no jornal O Liberal com o passar dos anos: a informação de quanto se investe na festa, aliada a exigências de prestação de contas de quanto se arrecada e para onde são direcionados os recursos. Em outra reportagem do ano seguinte, foi publicada a preocupação do representante da Associação Comercial de Ouro Preto, Márcio Abdo de Freitas, em relação à necessidade de “uma prestação de contas detalhada da Prefeitura referente aos gastos feitos para a realização da festa”. Estimava-se que o investimento tenha gerado em torno de R\$ 1 milhão<sup>453</sup>.

Em contrapartida, o mesmo jornal que passou a publicar críticas frequentes ao carnaval ouro-pretano nos últimos anos, divulgava, intensamente, as propagandas da Prefeitura Municipal, que exaltavam os *shows* e convidavam os foliões para a festa (FIGURA 7). Além das propagandas, também eram bastante veiculadas entrevistas com funcionários públicos envolvidos na organização da festa. Na reportagem “Secretaria de Cultura e Turismo de Ouro Preto faz balanço positivo do carnaval 2009”<sup>454</sup>, foi publicada uma entrevista com o Secretário de Cultura e Turismo, Gleiser Boroni, ocasião em que afirmou que a Prefeitura havia cumprido “seu papel durante a festa, oferecendo a infraestrutura adequada aos foliões”<sup>455</sup>.

Entre as medidas destacadas pelo secretário estava a cobrança de alvará aos blocos, já que estavam, segundo ele, tornando uma “atividade econômica extremamente rentável”<sup>456</sup>. Para o secretário, a cobrança poderia ajudar a diminuir também o seu número, “que cresce a cada ano, o que incomoda muitos cidadãos ouro-pretanos”<sup>457</sup>. No subitem anterior, esta medida já havia sido anunciada junto a outras que surgiram nos anos seguintes, porém, a única redução observada foi em relação ao desfile. Ainda, como apontado, as restrições acabaram contribuindo para aumentar o potencial lucrativo desses blocos e torná-los uma referência na cidade, por meio dos grandes *shows* e das festas dentro das repúblicas.

---

<sup>452</sup> *Idem.*

<sup>453</sup> SECRETARIA de Cultura e Turismo de Ouro Preto faz balanço positivo do carnaval 2009. *O Liberal*, Ouro Preto, 02 mar. a 08 mar. 2009, p.7.

<sup>454</sup> *Idem.*

<sup>455</sup> *Idem.*

<sup>456</sup> *Idem.*

<sup>457</sup> *Idem.*

Também houve o reconhecimento, nesta entrevista, de que o formato atual da festa estava sendo muito criticado pelos ouro-pretanos, pois mesmo com a promoção de um “carnaval eclético”, os estilos dominantes continuaram sendo o *funk* e o *axé*<sup>458</sup>.



FIGURA 7 – Propaganda da Prefeitura Municipal sobre o carnaval de Ouro Preto do ano de 2008.  
 FONTE: O LIBERAL, Ouro Preto, 21 jan. 2008, p.9.

Ainda, segundo a reportagem, havia a intenção da Prefeitura em mudar esse formato, sugerindo-se uma proposta de valorização do carnaval tradicional, “de modo a agradar o público da cidade”<sup>459</sup>. Uma iniciativa citada foi a participação de Ouro Preto no projeto “Carnaval das Cidades Históricas”, do Governo de Minas, com o intuito de divulgar o evento nas cidades de Ouro Preto, Mariana e São João Del Rey nos moldes tradicionais<sup>460</sup>: “O real espírito do Projeto era de criar um produto com a intenção de alinhar as cidades para o próximo ano”<sup>461</sup>. Nesta reportagem, ainda constava o apelo do presidente da Associação Comercial de Ouro Preto, que pedia uma mudança do formato do carnaval. Ele frisou que, “a cada ano, um número maior de ouro-pretanos e, principalmente, comerciantes da cidade se sentem incomodados com a bagunça e a confusão criada pelos visitantes que são atraídos pelo atual modelo”<sup>462</sup>.

<sup>458</sup> *Idem.*

<sup>459</sup> *Idem.*

<sup>460</sup> *Idem.*

<sup>461</sup> *Idem.*

<sup>462</sup> *Idem.*

Neste ano, moradores de um dos bairros da cidade, onde se encontrava outro espaço transformado em concentração de alguns blocos de repúblicas, mobilizaram-se para tentar impedir a Prefeitura de fornecer o alvará para os blocos. Segundo uma das reportagens do jornal *O Liberal*, o grupo de moradores registrou denúncia ao Ministério Público e encaminhou carta ao prefeito, “expondo as razões dos moradores contra o carnaval naquele espaço”<sup>463</sup>. Uma das moradoras concedeu entrevista ao jornal e explicitou algumas das razões, dentre elas: “a área é residencial, com agravante de que bem defronte ao palco dos *shows*, na parte mais alta, se situa a UPA<sup>464</sup>, o que caracteriza também área hospitalar”<sup>465</sup>. Na mesma reportagem também foi explicitado parte do problema, que pode ser pensado em outras situações da cidade: “Carnaval gera expectativas no setor comercial – sempre ávido por oportunidades de ganho – e também conflitos com as populações colocadas à parte depois que a festa ganhou contornos diferentes e excludentes”<sup>466</sup>.

Em outra edição deste jornal, foi publicado o Termo de Ajustamento de Conduta para aquele espaço, chamado Minas Folia (FIGURA 8), assinado por organizadores dos blocos e pela Prefeitura. As principais normas estipuladas foram: o horário para as concentrações seria de 14:00h às 19:00h, tendo os organizadores até às 22:00h para deixar completamente o local; o volume do som não poderia ultrapassar os setenta e cinco decibéis; seguranças deveriam ser contratados e banheiros químicos instalados; o local e as adjacências deveriam ser totalmente limpos; uma ambulância deveria permanecer na rua com desfibrilador automático; e, por fim, os blocos deveriam disponibilizar e custear vagas em hotéis e pousadas para vizinhos que fossem idosos, crianças e enfermos com atestado médico e que se incomodassem com a festa, além de promover doação de dois mil reais para o Lar São Vicente de Paula<sup>467</sup>.

---

<sup>463</sup> BAIRRO Água Limpa se posiciona contra a zoeira total. *O Liberal*, Ouro Preto, 09 fev. a 15 fev. 2009, p.16.

<sup>464</sup> Unidade de Pronto-Atendimento (médico).

<sup>465</sup> *Idem*.

<sup>466</sup> *Idem*.

<sup>467</sup> REGULAMENTAÇÃO para o carnaval no Espaço Minas Folia. *O Liberal*, Ouro Preto, 16 fev. a 16 fev. 2009, p.3.



FIGURA 8: O espaço Minas Folia em uma área residencial, 2009.  
 FONTE: acervo pessoal.

Duas situações chamam atenção nesta regulamentação. A primeira é o poder de ação dos moradores, que forçaram a tomada de medidas que preservassem os seus direitos e atendessem aos seus interesses, o que, de fato, aponta para a necessidade de ampliação dos olhares que consideram as pessoas como reprodutoras do que é veiculado pela indústria do entretenimento ou como coadjuvantes em um processo de aceitação passiva.

Outra situação refere-se à arrecadação feita pelos blocos com as concentrações. O grande número de exigências, algumas com alto valor, como cobrir despesas com pousadas ou hotéis para moradores e a doação ao Lar citado, apontam para o grande lucro que os organizadores de blocos obtinham, pois arcar com todas essas despesas, somadas às outras, como estrutura interna e contratação de bandas, e ainda continuar realizando a concentração naquele espaço, pode demonstrar o quanto os *shows* eram rentáveis. E vale destacar que essa rentabilidade também se convertia para a Prefeitura, com a cobrança de alvará para cada bloco.

Sobre o formato da festa daquele ano, O colunista Nylton Batista (2009) também publicou críticas que se dirigiam ao poder público. Segundo ele, o carnaval de outros tempos não contava com “‘incentivo’ da Prefeitura e nem ‘alienígenas’ baixavam a Ouro Preto para

produzir a folia, pois esta já estava no espírito do povo, acumulada durante o ano para explodir naqueles três dias, e não toda a semana”<sup>468</sup>. O destaque feito à palavra ‘incentivo’, pelo próprio autor, pode demonstrar os interesses por trás da promoção de *shows* por este órgão e, até mesmo, a viabilização do carnaval republicano, como apontado anteriormente.

Para o autor, “depois de estatizado, municipalizado e dirigido por políticos, o carnaval virou sinônimo de cidade entupida de gente, sem água, muito barulho sob influências estranhas à cultura local [...]”<sup>469</sup>. Batista também relatou que a propaganda do carnaval tradicional foi enganosa, com o reduzido “espaço no Largo da Alegria”<sup>470</sup>.

Outra reportagem, intitulada “Carnaval 2009 de Ouro Preto será embalado pelo axé e pelo *funk*”<sup>471</sup>, também abordou esse fato com uma série de críticas, denunciando que, apesar das iniciativas de promover o carnaval tradicional por meio do projeto do Governo do Estado voltado às cidades históricas, “o axé, *funk*, *rock* ou sertanejo continuariam sendo os grandes destaques durante os cinco dias de festa”<sup>472</sup>. Mesmo sendo recomendada pela própria Prefeitura a execução de sambas e marchinhas nos locais públicos, o membro da Escola de Samba Sinhá Olímpia João Pedrosa, relatou que, na prática, não era o que acontecia.

Ainda segundo ele: “tá se vendendo um carnaval que não é de Ouro Preto mais. O carnaval de hoje é o da república e do abadá”, sendo “em mais de 70% badalação, abadá e barulho”. Quem chega de fora, não encontra “esse carnaval tradicional que está sendo anunciado na mídia”<sup>473</sup> (FIGURA 9).

Concluiu criticando a Prefeitura e seus interesses que, no seu entendimento, estariam voltados para a busca de visibilidade do carnaval: “O que ela está buscando é uma posição de destaque no ranking nacional de melhor carnaval [...], a política é vender imagem da cidade que enche”<sup>474</sup>.

O colunista Paulo Felipe Noronha, em seu texto “Teria o tempo corroído também o carnaval?”<sup>475</sup>, chama a atenção para a indústria construída em torno da festa, “mera produção em massa”. Segundo ele, por mais que se lute para manter viva a memória, o que impera é “o estilo das festas estudantis, dos forrós de beira de estrada, repetidas na rua em

<sup>468</sup> BATISTA, Nylton. Ponto de vista do Batista. *O Liberal*, Ouro Preto, 02 mar. a 11 mar. 2009, p.2.

<sup>469</sup> *Idem.*

<sup>470</sup> *Idem.*

<sup>471</sup> CARNAVAL 2009 de Ouro Preto ‘será embalado pelo axé e funk’. *O Liberal*, Ouro Preto, 16 fev. a 22 fev. 2009. p.11.

<sup>472</sup> *Idem.*

<sup>473</sup> *Idem.*

<sup>474</sup> *Idem.*

<sup>475</sup> NORONHA, Paulo Felipe. Teria o tempo corroído também o carnaval? *O Liberal*, Ouro Preto, 16 fev. a 22 fev. 2009. p.2.

versão inflada com trios elétricos [...]”. Para Noronha (2009) é o consumo que “dá o tom, de ‘popular para todos’ o carnaval não tem mais nada, ou como dizem os sábios do *funk* carioca, ‘cada um no seu quadrado’. Ou na área vip que lhe cabe”<sup>476</sup>. Mas, ao apontar estas críticas, ressalta, também, o caráter ambíguo das transformações da festa:

resta pensar que o pequeno sacrifício se reverterá em recursos para a cidade, muito destes moradores atinados para a oportunidade empresarial, quando alugam casas para as festividades, quando montam suas barraquinhas ou convertem o estabelecimento em qualquer bar temporário<sup>477</sup>.

Longe de uma visão ingênua sobre as possibilidades dos moradores serem beneficiados com a festa, já que nem todos têm esse interesse e, muito menos, as mesmas oportunidades “para montar suas barraquinhas” ou converter um estabelecimento em bar, principalmente porque demanda certa condição econômica, essa fala aponta para a complexidade do processo. Várias outras reportagens também retrataram a participação de moradores nas mais diversas funções criadas por meio da festa, além de opiniões favoráveis à realização da mesma no formato em que se encontra nos últimos anos, o que aponta para a insuficiência de qualquer interpretação unilateral, tomando o mercado como deturpador do carnaval e destruidor da cultura local.

Neste mesmo ano, foi publicado em uma das reportagens do jornal Estado de Minas que “a folia nas cidades históricas poderia ficar tão famosa quanto às mais tradicionais do país – Rio de Janeiro, Salvador e Recife”, demonstrando o que se almejava conquistar<sup>478</sup>. Em 2011, foi publicada a opinião de um leitor. Para ele, para que o carnaval mineiro se igualasse às cidades citadas, só faltava marketing, pois o “nosso carnaval é bastante rico, diversificado e, sobretudo, animado, e atrai turistas dos mais diversos rincões deste país [...]”<sup>479</sup>. Ouro Preto e Mariana seriam, para o leitor, “belíssimas cidades que emprestam sua história e cultura para abrigar um dos carnavais mais concorridos do estado”<sup>480</sup>.

---

<sup>476</sup> *Idem.*

<sup>477</sup> *Idem.*

<sup>478</sup> MELO, Bianca. Funk e rock banidos da folia em MG. ESTADO DE MINAS, 03 fev. 2009. Caderno Gerais, p.20.

<sup>479</sup> MACIEL, Sebastião Gonçalves. Cartas à redação. ESTADO DE MINAS, Belo Horizonte, 10 mar. 2011. Opinião, p.8.

<sup>480</sup> *Idem.*



FIGURA 9: O *funk* no “tradicional” carnaval de Ouro Preto

FONTE: MEDEIROS, Neto. O LIBERAL, Ouro Preto, 23 fev. a 01 mar. 2009.

Porém, em meio à tentativa de adequação a um padrão externo, as críticas continuavam cada vez mais veementes, mostrando a insatisfação de parte da população com a forma como a festa se encontrava, em cada ano pesquisado. Neto Medeiros, um dos colunistas mais críticos em relação à festa ouro-pretana, sintetizou bem as tensões presentes na cidade com a realização do carnaval:

Nossas ruas são tomadas por turistas “folgados”. Nossos tímpanos por sons de péssima qualidade. O carnaval de Ouro Preto deve ser repensado seriamente. O estresse do trânsito, o assassinato do carioca. A cidade histórica e suas ladeiras têm infraestrutura para receber tantos foliões? A gente passa o ano todo aqui e é obrigado a se sentir como estranhos durante a festa. Turistas vêm, e nos deixam a sujeira a ser lavada na quarta-feira de cinzas. Milhões se gastam e se arrecadam com isso tudo. Vemos o destino da grana? Há prestação de contas? Vende-se, como de praxe, na mídia nacional, o carnaval tradicional, mas a própria mídia sabe que não é bem assim. Está tudo errado. [...] Aqui, na cidade das contradições, vemos que as tradições são mantidas de acordo com a comodidade. **Skol Folia: a mistura de Minas com Bahia.** Abadás para todos os bolsos e gostos. Mc’s para lá. “Bundinha” para cá. E a gente fica pensando até quando ainda existirá a Bandalheira, o Zé Pereira... No meio do caos proporcionado por forasteiros, uma esperança brota no Largo da Alegria. O Projeto Candonguero [...]. Acho que nós, que somos daqui e pagamos os nossos impostos durante todo o ano, merecemos um pouco mais de respeito. O limite se aproxima. O dinheiro acima de tudo mostrará que não é o

melhor caminho. Tomara que nossa cidade não precise sucumbir para mostrar que não é assim que a banda deve ser tocada<sup>481</sup>

Este trecho da coluna traz alguns pontos importantes para pensar a festa no ano de 2009. O primeiro, já abordado, é o desconforto com os turistas que nem sempre respeitam a cidade e sua população, assim como a preocupação com a infraestrutura. Outro refere-se, mais uma vez, ao questionamento sobre o destino do dinheiro arrecadado, o que contribuiu, a meu ver, para o enfraquecimento do discurso do turismo como benfeitor para a cidade, embora ainda continuasse sendo empregado. Falou-se também dos abadás, comuns nesse momento e dos estilos que predominavam, o *funk* e o axé.

O autor também demonstrou o medo de se perderem manifestações da cultura local, como a Bandalheira e o Zé Pereira, que, nesse período, eram citados pelos jornais associados à ideia de tradição da cidade e da festa para promover um conjunto de eventos desconectados. Mas, como bem apontou o autor, a própria mídia sabia que não era assim, que uma coisa era o carnaval tradicional vendido e outra era a realidade.

Outro ponto de suma importância para se compreender as transformações da festa é a frase: “Skol folia: a mistura de Minas com Bahia”. Neste ano, a cervejaria citada foi a patrocinadora oficial do carnaval de Ouro Preto, assim como, de vários blocos de repúblicas. No cartaz promocional da Prefeitura, a frase citada pelo autor aparecia em destaque (FIGURA 10). Fica evidente o apoio da Prefeitura à “mistura redonda de Minas com Bahia”, mesmo com as inúmeras tentativas de valorizar o carnaval dito tradicional.

Difícil também não pensar nos interesses comerciais por trás dessa parceria. Ouro Preto, assim como outras cidades de destaque do carnaval brasileiro, passou a fazer parte do circuito chamado Skol Folia. Em 2009, a empresa criou uma latinha promocional com o nome dos blocos que patrocinava e, na entrada da cidade, havia um grande cartaz: “Bem-vindos ao Skol Folia”<sup>482</sup>. No ano seguinte, é possível perceber na foto de um dos *shows* do Espaço Folia (FIGURA 2, p.141), o patrocínio dessa cervejaria, nos balões que podiam ser avistados de vários pontos da cidade.

No ano de 2010 também foi lançado em Belo Horizonte o projeto já citado no ano anterior: “Carnaval das cidades históricas”<sup>483</sup>. Em uma reportagem do jornal O Liberal foi anunciado que, além dos municípios de Mariana, São João Del Rei e Ouro Preto, também passariam a integrar o projeto as cidades de Diamantina, Tiradentes e Sabará. O intuito do

<sup>481</sup> MEDEIROS, Neto. Geléia Real. *O Liberal*, Ouro Preto, 02 mar. a 08 mar. 2009. p. 9.

<sup>482</sup> Informações coletadas durante a realização da pesquisa “Lazer, mercado e corpo: um estudo sobre a juventude no carnaval de Ouro Preto”, 2009.

<sup>483</sup> CARNAVAL das cidades históricas é lançado em BH. *O Liberal*, Ouro Preto, 25 jan. a 31 jan. 2010, p.11.

projeto continuava sendo a valorização da “tradição regional”, aliada à preservação do “patrimônio cultural do estado” e ao incentivo do turismo. Em entrevista ao jornal, o Prefeito da cidade de Mariana ressaltou o propósito do projeto: “[...] a intenção é frear a importação da cultura de outras regiões que, apesar de louváveis, não podem apagar nossas tradições”<sup>484</sup>.

Também a Secretária de Turismo de Minas Gerais, Erica Drummond, falou sobre o projeto, ressaltando a importância do carnaval como “divulgador de um destino turístico”, garantindo que “de agora em diante, o Governo do Estado abraçará essa ideia”<sup>485</sup>. Ainda, segundo a reportagem, o projeto seria lançado na Praça da Liberdade, com apresentações típicas do carnaval de cada município, e posteriormente, “para a imprensa, operadores e agentes de turismo”<sup>486</sup>.



FIGURA 10: Cartaz promocional do carnaval de Ouro Preto, 2009, produzido pela Prefeitura Municipal.  
 FONTE: Acervo pessoal.

Em outra reportagem do mesmo ano, foi noticiado que a Prefeitura se esforçava para promover o “tradicional carnaval de rua, com marchinhas, confetes e fantasias, numa tentativa de estruturar o carnaval para atender a todos os gostos”<sup>487</sup>. E ainda: “Tentando aliar infraestrutura à diversidade, a cidade busca neste ano harmonizar a folia tradicional, onde

<sup>484</sup> *Idem.*

<sup>485</sup> *Idem.*

<sup>486</sup> *Idem.*

<sup>487</sup> PREPARATIVOS para o carnaval 2010. O *Liberal*, Ouro Preto, 18 jan. a 24 jan. p.6.

todos têm seu espaço para a diversão”<sup>488</sup>. Percebe-se, ainda, a ideia de promover uma festa que fosse capaz de atender a todos os gostos, mas com a roupagem de um carnaval tradicional. Em outra reportagem, isso fica mais evidente:

A diversidade será a marca do carnaval de Ouro Preto em 2010. Acostumada a receber turistas de várias partes do país e do exterior, a cidade contará com espaços especiais para ritmos musicais diversos, que vão das tradicionais marchinhas ao hip hop<sup>489</sup>.

A proposta da diversidade continuava em voga, com características que nada tinham a ver com os antigos carnavais da cidade. Percebia-se mais uma segregação de estilos, sendo as marchinhas e outras manifestações dos “antigos carnavais” apenas uma das possibilidades do que propriamente o tema da festa e o propósito principal. Parecia figurar mais como uma propaganda de um carnaval desejável para atrair turistas do que o que acontecia na realidade.

A propaganda do carnaval de 2010, produzida pela Prefeitura e publicada pelo jornal *O Liberal*<sup>490</sup> (FIGURA 11), demonstra uma mistura de “eventos” como atrações da festa. Observa-se, na parte inferior do cartaz, a logomarca do projeto “Carnaval das cidades históricas”, mas não há nada no restante dele que condiz com a proposta. As manifestações ditas tradicionais estão misturadas junto às demais, de modo que, quem não as conhece, não conseguiria identificar a diferença entre elas. Assim, parecem ser divulgadas dentro de um mesmo pacote da diversão, sob o mesmo signo do “tradicional”.

Em meio aos diversos *shows* e eventos promovidos, o reconhecimento crescente da expressão adquirida pelos blocos estudantis e outras manifestações construídas pelos moradores de repúblicas, levanta mais uma questão importante acerca de outro ponto de tensão frequente no carnaval ouro-pretano: a grande arrecadação das repúblicas estudantis com hospedagem e realização de *shows*. No ano de 2007, parece estourar uma discussão que já se fazia presente em anos anteriores, a legitimidade dos serviços e produtos oferecidos pelos moradores de repúblicas durante o carnaval. Em uma reportagem do jornal *O Liberal*, deste ano, foi publicada uma nota de esclarecimento do então Reitor da UFOP, que elucida bem o problema:

Neste momento em que se questiona a inserção das repúblicas no carnaval da cidade, impondo a elas uma cobrança de taxas e impostos para que os seus

---

<sup>488</sup> *Idem.*

<sup>489</sup> OURO Preto resgata as tradições do verdadeiro carnaval. *O Liberal*, Ouro Preto, 08 fev. a 14 fev. 2010, p.9.

<sup>490</sup> VEM aí carnaval Ouro Preto 2010. *O Liberal*, Ouro Preto, 15 fev. a 18 fev. 2010, p.5.

convidados festejem o carnaval de Ouro Preto, gostaríamos de reafirmar que o Estatuto das Repúblicas é claro quanto às regras de uso dos prédios destinados à moradia estudantil. Todos os moradores das repúblicas federais conhecem e estão cientes de que existe uma permissão no que diz respeito à recepção de convidados (familiares, ex-alunos, amigos etc.), mas também sabem que é vedado o uso do imóvel para atividades econômicas<sup>491</sup>.



FIGURA 11: Propaganda do carnaval, 2010.  
Fonte: O Liberal, Ouro Preto, 15 fev. a 18 fev. 2010, p.5

Neste ano, foi anunciado que a Prefeitura de Ouro Preto ia cobrar das repúblicas o ISSQN (Imposto de Serviço de Qualquer Natureza), atendendo a “uma antiga reivindicação dos donos de pousadas e hotéis da cidade, que saem prejudicados, pois não conseguem oferecer o mesmo preço praticado pelas repúblicas”<sup>492</sup>.

<sup>491</sup> MARTINS, João Luiz. Nota da reitoria sobre a participação das repúblicas estudantis no carnaval de Ouro Preto. *O Liberal*, Ouro Preto, 12 fev. a 18 fev. 2007, p.2.

<sup>492</sup> REPÚBLICAS que prestarem o serviço de hospedagem serão tributadas. *O Liberal*, Ouro Preto, 12 fev. a 18 fev. 2007, p.3.

Em 2010, chegou a ser anunciado que a venda dos pacotes pelas repúblicas federais estaria proibida. Mas, no ano seguinte, elas continuaram, mesmo com as restrições e polêmicas, o que leva ao questionamento: Se realmente a atividade comercial nas casas era um problema, por que não se proibia de uma vez por todas? Durante os quatro últimos anos foram várias as tentativas de normatizar a hospedagem e a venda de pacotes pelos moradores de repúblicas, com reuniões entre representantes da UFOP, os próprios moradores das casas, Prefeitura e Ministério Público. Contudo, ao que indicam as fontes, o carnaval republicano continuou praticamente com as mesmas características em todos esses anos.

Em um primeiro momento dá-se a impressão de que a polêmica envolvendo as repúblicas se relacionava apenas às insatisfações de donos de pousadas e hotéis, mas com a leitura atenta das reportagens que tratam do impasse é possível perceber que o problema vai muito além disso. Nos anos finais da pesquisa, fica mais perceptível a complexidade dessa questão. Não era tão simples propor a proibição das festas e vendas de pacotes, como sugeriu o Reitor da UFOP, pois não se podia desconsiderar a importância do carnaval republicano como forte propaganda da cidade.

Como já abordado, nesse momento, falar do carnaval de Ouro Preto nos jornais era quase a mesma coisa que falar das repúblicas, suas festas, *shows* e blocos. Estes, também contavam com grandes investimentos privados, também importantes para o município e para a divulgação da festa. Assim, não parecia ser interessante acabar com o carnaval das repúblicas por dois motivos: o primeiro porque este era o que atraía maior número de foliões à cidade; o segundo porque a Prefeitura também arrumou uma forma de lucrar com esse carnaval, com a arrecadação de impostos e com a entrada de capital na cidade.

Alguns exemplos podem fornecer indícios sobre os interesses na manutenção das festas republicanas. Em uma reportagem do ano de 2010 do jornal *O Liberal*, o Secretário de Turismo e Cultura fez um balanço sobre a festa e evidenciou, de forma sutil, certa insatisfação com a decisão da UFOP em proibir a hospedagem nas repúblicas. Segundo o secretário, “a UFOP, soberanamente [...] resolveu acatar a recomendação de proibição de hospedagem que, é de se ressaltar, apenas para o carnaval 2010 e ‘não para todo o sempre’”<sup>493</sup>. A partir dessa decisão, o secretário ressaltou que:

[...] as vivências nas repúblicas, não só nas federais como nas particulares, fazem parte do Patrimônio Imaterial de Ouro Preto, gerando empregos e renda para a nossa cidade. Uma vez que temos um carnaval eclético e para todos os gostos, é oportuno

---

<sup>493</sup> GLEISER Boroni, secretário de Cultura e Turismo de Ouro Preto, avalia o carnaval 2010. *O Liberal*, Ouro Preto, 15 fev. a 28 fev. 2010, p.7.

destacar que o carnaval republicano e os blocos estudantis são elementos importantes e atrativos [...] <sup>494</sup>.

Diante dos impasses, o Secretário sugeriu ainda, que se buscassem entendimentos no sentido de “tentar conciliar a folia, que atrai milhares de visitantes à Ouro Preto, não só no carnaval, mas em outras festas republicanas, buscando sempre o respeito aos limites e o sossego alheio” <sup>495</sup>.

No jornal Estado de Minas foi anunciado em 2011 que a hospedagem nas repúblicas estaria garantida, já que os estudantes concordaram em pagar a taxa de obtenção do alvará especial, “que autoriza a comercialização de produtos e a recepção de turistas nas moradias” <sup>496</sup>. Nenhuma outra reportagem desse ano se referiu à questão das repúblicas, o que pode oferecer a compreensão de que a situação se acertou conforme vinha caminhando nos últimos anos, com o pagamento e a prestação de contas por parte dos moradores.

Estas e demais constatações apresentadas nesse subitem apontam para a dinâmica da festa, para os vários motivos e interesses que permearam e permeiam a construção do carnaval nos últimos anos. Em meio às críticas da população e de empresários locais, a transformação da festa para o formato atual foi garantida e mantida pela própria Prefeitura, que, por vários anos, tentou “resgatar” os antigos carnavais e banir os estilos musicais considerados deturpadores da cultura local no centro histórico. Porém, ela mesma promovia nos seus *shows* particulares no Espaço Folia, em parceria com alguns dos principais blocos republicanos da cidade, os mesmos estilos que condenava. Estes foram, também, considerados parte da cultura da cidade e de sua tradição, pelos mesmos órgãos públicos e pelos jornais que, em outros momentos, criticaram a cultura do abadá e a perda de expressão das manifestações locais.

Os abadás e os *shows* de axé e *funk* continuaram intocados no seu espaço particular, enquanto outra parte da população e de visitantes exercia seu direito de escolha no “*self service* tradicional”, oferecido pela Prefeitura no centro histórico, mas que parecia possuir a mesma lógica de oferta de produtos e serviços do carnaval particular do Espaço Folia e das repúblicas. O “resgate” de uma tradição que pretendia atender a todos os gostos, incluindo o dos diversos turistas, levanta uma questão inevitável: que tradição seria essa? Pois se o objetivo era valorizar as manifestações locais que algum dia existiram na cidade ou as que ainda persistiam, como algumas bandas, blocos e o Zé Pereira, como promovê-las com a

---

<sup>494</sup> *Idem.*

<sup>495</sup> *Idem.*

<sup>496</sup> AYER, Flávia. Minas põe o bloco na rua. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 fev. 2011. Caderno Gerais, p.26.

promessa do eclético, se justamente o que as distingue e confere um valor específico é a singularidade? No mesmo sentido, a própria tradição que deveria ser “tão preservada” era utilizada para promover a festa e atrair maior número de turistas, fato que já havia sido condenado como prejudicial ao patrimônio da cidade e à segurança das pessoas.

Estas são questões, no mínimo, discutíveis e, talvez, não seriam tão contraditórias se fosse percebida uma medida eficaz de controle da população na festa e de restrição de atrações que fugissem do propósito da valorização da tradição construída na cidade, tão enaltecida nos diversos projetos e temas dos últimos carnavais. Ao contrário, foram promovidos vários *shows* e eventos simultâneos, com a manutenção do Espaço Folia e da atividade comercial dos moradores das repúblicas, juntamente com o propósito declarado de fazer da festa um atrativo turístico.

Assim, acredito que a ideia de tradição serviu, principalmente nos últimos anos em que as transformações foram mais significativas, para duas funções principais. A primeira seria a de convencer as pessoas da cidade de que a Prefeitura valorizava as manifestações locais e, com isso, tentar contornar os inúmeros embates que já haviam sendo travados com os moradores, que se sentiam de fora da festa. Nesse caso, além dos carnavais que tinham a tradição como tema, com o Zé Pereira e outras manifestações locais como propagandas, algumas medidas foram tomadas, como a abertura do Espaço Folia e a regulamentação da hospedagem e das festas nas repúblicas, embora estas, juntamente com os grandes *shows* em espaços fechados, tenham continuado sendo o centro da festa e com o próprio apoio/consentimento da Prefeitura.

A meu ver, essa tentativa de convencimento incluía, também, um forte apelo à identidade do ouro-pretano em relação as suas raízes, que tinha, além da finalidade de abafar as crises existentes, como bem demonstrou o jornal *O Liberal*, repassar a responsabilidade da preservação da tradição e do sucesso da festa às pessoas da cidade, enquanto o carnaval lucrativo acontecia em outros espaços, com a participação dos poderes público e privado.

O que, para mim, demonstra bem esse conjunto de contradições é o tema do carnaval 2011: “Vem pra rua brincar de novo” (FIGURA 12), como explicitou o jornal *Estado de Minas*: “No ano em que são comemorados os 300 anos da criação de Vila Rica, a folia em Ouro Preto faz jus à memória e à tradição dos antigos carnavais. A festa [...], será embalada por velhas marchinhas e por sambas-enredos consagrados”<sup>497</sup>.

---

<sup>497</sup> TUPINAMBÁS, Glória. Bandalheira nas ladeiras. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 mar. 2011. Especial, p.6.

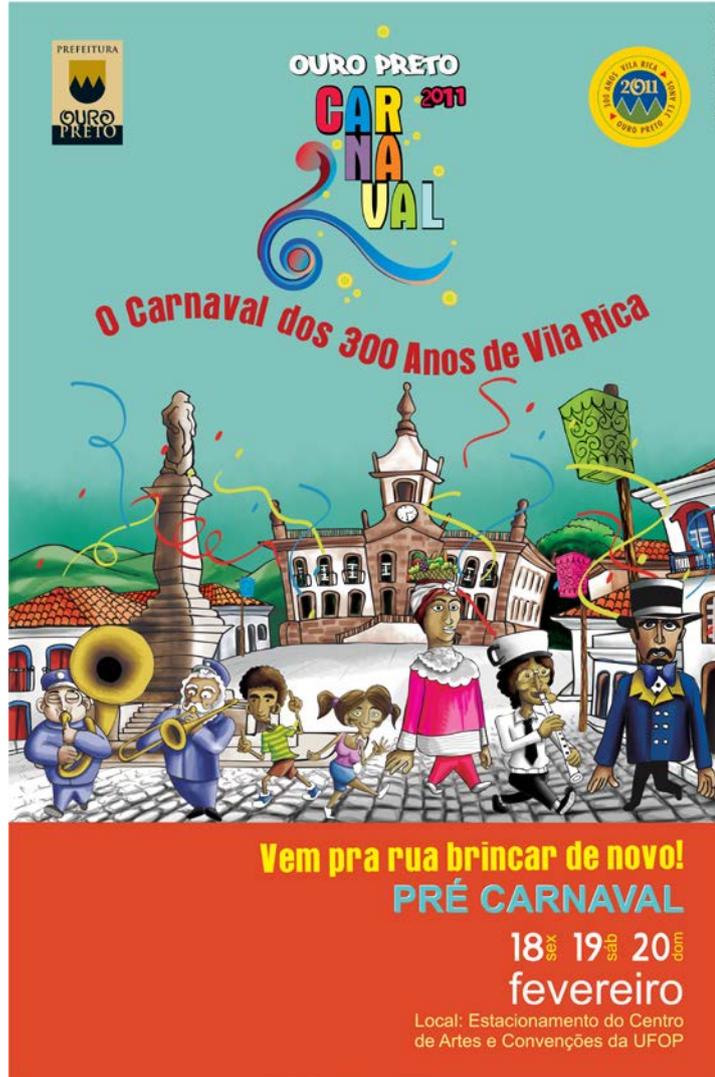


FIGURA 12: Cartaz promocional do carnaval, 2011.  
 Fonte: O Liberal, Ouro Preto, n. 935, 7 de fev. a 13 de fev. de 2011.

Este cartaz me possibilitou duas interpretações. A primeira seria a de um simples convite da Prefeitura para que as pessoas voltassem às ruas para brincar o carnaval, anunciando a sua chegada em mais um ano. Já a outra, teria o interesse pautado em um reconhecimento implícito, da própria Prefeitura, de que, nos últimos anos, havia retirado boa parte do carnaval da rua e, de certo modo, do alcance de parte significativa da população. Em meio às cobranças, às críticas ao modelo atual da festa, aos abadás, *shows* privados, pacotes de repúblicas e à presença exacerbada de turistas, o “vem pra rua brincar de novo” parecia amenizar os conflitos ao convidar o povo para o seu próprio carnaval e devolver a ele, pelo menos supostamente, o seu poder de participação. Os bonecos do Zé Pereira, o integrante da Bandalheira, a banda de música e as crianças, símbolos do carnaval nas ruas, contribuem para reforçar esse convite.

Outra questão que chama a atenção no tema escolhido pela Prefeitura é associação dos dizeres com a imagem do Zé Pereira dos Lacaios na decoração do carnaval da cidade. Em meio a um grande palanque e aos mesmos estilos de *shows* do Espaço Folia, embora mais simples (estes eram gratuitos), grandes bonecos foram colocados na Praça Tiradentes (ver figura 5, p.146), desconectados do que acontecia naquele espaço na maior parte do tempo. Assim, a tradição parecia legitimar as próprias transformações, já que o “real” carnaval, indiscutivelmente lucrativo, era, na verdade, outro, mas na mesma moldura barroca, bem expressa na figura 2 desse trabalho (p.141).

No ano início dos anos 1980, algumas inovações pareciam se misturar às tradições da cidade, num movimento normal de recepção a novas formas de participar da festa, trazidas de outros lugares e costumes. Nos anos 1990, a participação de iniciativas privadas aumentou consideravelmente, a festa demandou mais organização e estrutura e a tradição cumpriu papel fundamental para justificar a promoção e desenvolvimento da festa, via turismo. Mas, as diversas fontes consultadas demonstraram um carnaval ainda vivenciado, prioritariamente, nas ruas da cidade, seja pelo som da janela elétrica ou pela possibilidade de acompanhar os diversos blocos, republicanos ou os criados por moradores da cidade, nas ruas e ladeiras.

A pesquisa que realizei vai ao encontro do que observou Rosa (1998) nos carnavais de 1997 e 1998. Segundo a autora, o carnaval ouro-pretano não era estruturado de acordo com padrões de organização e administração da indústria do entretenimento. Havia uma diferenciação em relação às cidades do Rio de Janeiro e Salvador, já que em Ouro Preto não havia uma “divisão espacial claramente delimitada por cordas, arquibancadas ou outros instrumentos e a necessidade de um poder aquisitivo maior para participar dos espaços classificados como melhores.” (p.66). Mesmo reconhecendo que valores mercadológicos já se faziam presentes, na “certeza atual de que carnaval é negócio”, observou que não havia uma neutralização de poderes, pois o popular era “elemento constitutivo” (p.74).

Também não acredito nesta neutralização no formato atual da festa, haja vista os inúmeros posicionamentos críticos publicados nos jornais. Mas, os relatos da autora, aliados à pesquisa documental que realizei, demonstraram a existência de um processo intenso de mercadorização e espetacularização da festa, sobretudo, em meados da primeira década dos anos 2000. A participação nas ruas e a gratuidade das diversas manifestações foram sobrepostas por grandes *shows* fechados e pelos incrementados pacotes das repúblicas.

Um dos grandes sentidos da festa, observado também por Rosa (1998), o encontro entre moradores e visitantes nas ruas da cidade, nas concentrações e desfiles dos blocos, enfraqueceu-se, com os turistas transformados em clientes e com as camisas dos

blocos, antes acessórios opcionais, transformadas em abadás, vendidos *on line* nos seus *sites*, no circuito “Skol Folia”.

O carnaval ouro-pretano alcançou a expressão que já vislumbrava em meados da década de 1980. Passou a ser um dos destinos mais veiculados do estado, senão, o mais, dividindo o destaque com a cidade de Diamantina. Em uma avaliação feita pelo Secretário de Cultura e Turismo, do carnaval de 2010, encontra-se o seguinte relato: “Nesta data, Ouro Preto se torna um dos destinos mais visitados de Minas Gerais e do país, e por isso a Prefeitura [...] se empenhou ao máximo na preparação da Festa de Momo”<sup>498</sup>.

Nos anos finais da pesquisa, a tradição parecia tentar se encaixar em uma festa bastante distante do que os bonecões do Zé Pereira tentavam sugerir. Nesse sentido, chama a atenção, mais uma vez, a ideia de tradição vendida como algo que já não existe mais, apostando no saudosismo e no apego das pessoas ao passado e ao “legítimo”, mesmo que as manifestações que emprestam essa representação já tenham se modificado ao longo do tempo.

Não acredito em uma forma original, em uma cultura autêntica que deve se manter intocável ao longo do tempo, “museificada”, alheia às mudanças da sociedade e das próprias pessoas que nela constroem suas experiências. No meu entendimento, além de esta possibilidade ser impossível, acredito ser este um olhar bastante ingênuo. Concordo com Magnani (2003, p.26) quando pondera que:

mais relevante do que lamentar a perda de uma suposta autenticidade [...] é tentar analisar as crenças, costumes, festas, valores e formas de entretenimento na forma como se apresentam hoje, pois a cultura, mais do que a soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado.

Neste sentido, o primeiro ponto importante a ser considerado é que as mudanças que vem ocorrendo no carnaval estudado formam parte do seu próprio processo de construção, pois o passado histórico da cidade de Ouro Preto não apenas comunica-se com o “moderno” de outras localidades, mas também com a transformação da própria cidade que não está alheia às influências de um mundo interconectado.

Assim, é importante ressaltar que, embora o carnaval se relacione com a história da cidade, com o que se convencionou ser a sua celebração por ali e com o que ele representa para os seus moradores em relação aos seus hábitos e costumes, não está alheio às transformações empreendidas por um mercado que não aparece apenas em uma determinada época do ano, de forma isolada. Ao contrário, chega às suas casas através dos meios de

---

<sup>498</sup> GLEISER Boroni, secretário de Cultura e Turismo de Ouro Preto, avalia o carnaval 2010. *O Liberal*, Ouro Preto, 15 fev. a 28 fev. 2010, p.7.

comunicação, pelos inúmeros turistas que visitam Ouro Preto todos os dias, pelos estudantes de diversas origens que chegam para morar na cidade e pelos próprios moradores nos seus trânsitos constantes com a capital do estado e outras regiões que compartilham de alguns costumes diferentes.

As fronteiras, que em outros tempos delimitavam uma identidade mais ou menos estável para as pessoas que ali nasciam e passavam suas vidas com costumes aparentemente voltados para uma conformidade com as tradições locais, com a intensificação da globalização de mercados e culturas no período estudado, tornam-se fluidas e instáveis, não mais suficientes para delimitar, com precisão, o que é ser um cidadão ouro-pretano ou um cidadão de qualquer outra localidade. Esse processo não ocorre apenas em cidades históricas como Ouro Preto. Como observa Hall (2005), com as grandes mudanças econômicas, sociais e culturais da contemporaneidade, a identidade passa a ser uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação aos símbolos culturais a que somos representados a todo o momento, nas relações com diversas culturas que se encontram e se desencontram.

Em relação a essas transformações, Canclini (2003, p.45) observa as identidades, na atualidade, como “transterritoriais e multilinguísticas. [...] Estruturam-se menos pela lógica dos Estados que pela dos mercados [...]”. No processo que chama de hibridação, em um mundo fluidamente interconectado, “as sedimentações identitárias organizadas, em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se reestruturam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais” (2008, p. XXIII). Entende, assim, a cultura como “uma colagem de traços que qualquer cidadão de qualquer país, religião e ideologia pode ler e utilizar” (2003, p.32).

Estas questões também apontam para a complexidade das relações entre mercado e tradição. Apontam para a dinâmica do processo, para um jogo de forças e interesses. Neste sentido, as fontes mostraram uma tensão constante entre a população da cidade, moradores de repúblicas, donos de pousadas e hotéis, comerciantes locais, patrocinadores externos e poder público. As transformações da festa caminham, assim, sob muitos impasses e polêmicas entre o que representa o carnaval construído historicamente através dos séculos e o que precisa se adequar para atender a um mercado global.

Dessa forma, a realização da pesquisa também apontou para a necessidade de considerar que o processo de recepção dos sujeitos às experiências globais proporcionadas pela indústria do entretenimento não é neutro e nem linear, ao contrário, produz uma tensão constante. Mesmo que os modismos criados e recriados pelo mercado tenham a finalidade de unificar formas de diversão (ainda que apostando na diferenciação), criando formas de

identificação relacionadas com o que os produtos adquiridos representam socialmente, as formas de interpretação e apropriação dos mesmos são múltiplas, muitas vezes indo na direção contrária do que é proposto pelo mercado, incluindo as mais diversas formas de resistência. Este fato pôde ser verificado em diversas reportagens pesquisadas. Como observa Canclini (2003, p.59) é importante ver os processos de consumo como “algo mais complexo do que uma relação entre meios manipuladores e dóceis audiências”.

Pensando na complexidade desses elementos, problematizar os interesses do mercado envolve, também, considerar que a sua relação com a tradição não se constrói em um único sentido. Ao mesmo tempo em que culturas consideradas tradicionais são mercadorizadas, também, nesta relação, elas são divulgadas e reconhecidas. Como relata Canclini (2008) grande parte do crescimento e da difusão destas culturas se deve à promoção das indústrias culturais fonográficas, aos festivais de dança, às feiras e a divulgação pelos meios massivos. O autor também questiona onde está o poder nesta relação mercado-tradição e cita um exemplo que ilustra bem a situação da festa.

Onde reside o poder: nos meios massivos, nos organizadores das festas, nos vendedores de bebidas, artesanato ou souvenirs, nos turistas e espectadores dos meios de comunicação que se deixassem de se interessar desmoronariam todo o processo? Claro que as relações não costumam ser igualitárias, mas é evidente que o poder e a construção do acontecimento são resultado de um tecido complexo e descentralizado de tradições reformuladas e intercâmbios modernos, de múltiplos agentes que se combinam. (CANCLINI, 2008, p.262)

Nas edições do carnaval ouro-pretano de 1997 e 1998, Rosa (1998) já havia constatado um comércio criado especificamente para a ocasião, como uma forma de complementação da renda pela população: “Diversos bares foram montados, do mexidão, do macarrão, da pizza, da caipi-frutas e da água de coco, do sanduíche *self-service*, da garapinga, e, mais comuns, de cerveja, refrigerante e churrasquinho” (p.100), aproveitando a própria estrutura das casas comerciais. Em muitas das fontes que consultei, também foi bastante perceptível a criação de mercados formais e informais pelos moradores da cidade, a exemplo do que foi citado anteriormente, mas, também, com barracas próprias, espalhadas em diversos pontos da cidade, com autorização concedida pela Prefeitura. Informalmente, o comércio de vendedores ambulantes também foi constatado, assim como a atividade dos catadores de latinhas, também observada por Rosa (1998).

Mesmo que as relações não sejam igualitárias, é preciso pensar nos interesses que fazem parte da população apoiar a festa e fazer dela, uma fonte de complementação da renda e

de lucros. Este fato desconstrói a passividade e o conformismo atribuído, muitas vezes, à população local, chamando a atenção para a necessidade de se compreender o interior das relações. Rosa (1998, p.76) também contribui com outro exemplo. Segundo a autora, os blocos, nos anos de sua pesquisa, eram destaque nas reportagens e entrevistas, observando que: “Ao mesmo tempo, eles, conscientes desse valor, a utilizam em benefício próprio, com objetivo de ter, por exemplo, maior número de participantes no próximo ano, de ganhar força em relação aos outros blocos, de divulgar sua filosofia e de afirmar como tradição”. Neste caso, Rosa (1998) também se referia a um dos blocos considerados mais tradicionais na cidade: a Bandalheira.

Como aponta Canclini (2008, p.277), “a interação é mais sinuosa e sutil”. O autor utiliza como exemplo os movimentos populares, que também tem interesses em relacionar-se com o mercado, e os setores hegemônicos em manter o tradicional, “como referente histórico e recurso simbólico contemporâneo”. Canclini (*idem*) pondera que, “ante essa necessidade recíproca, ambos se vinculam mediante um jogo de usos do outro nas duas direções”.

Pensando em um contexto mais amplo, Ranger (1997, p.228), em seu estudo sobre a África Colonial, aponta como uma grande estratégia dos ingleses a criação de tradições para “gerar a autoridade e a confiança que lhes permitiram tornarem-se agentes de transformações”. O autor constata que os administradores ingleses puseram-se a inventar “tradições africanas para os africanos”, que, segundo ele, chegaram até a “superar os brancos em sua lealdade à coroa” (p. 220; p. 246). Mas, como o próprio autor observa, os africanos procuravam, na leitura dessas tradições, transformá-las de acordo com seus interesses, muitos, pautados nas novas possibilidades de desenvolvimento trazidas pelos brancos. Como exemplo dessa relação, Ranger (1997, p.260) faz a seguinte constatação: “os europeus acreditavam que os africanos pertenciam a tribos, os africanos criaram tribos às quais pudessem pertencer”. Certamente, essa criação era pautada por uma intencionalidade, fruto das experiências, ações e interesses dos próprios africanos.

Compreendo, assim, a importância de se perceber essa interação, nem apostando em um fatalismo e em uma neutralidade da ação dos sujeitos na relação com o mercado e nem depositando nos mesmos toda a responsabilidade dessa relação, como se todos fossem capazes de decifrar e problematizar da mesma forma as inúmeras estratégias mercadológicas, considerando, ingenuamente, que passaram pelo mesmo processo de formação.

Refletir sobre as possibilidades de cada um em ter condições de problematizar criticamente a sua relação com o mercado remete pensar em que condições os produtos se apresentam na sociedade, considerando suas diversas formas de estruturação de sentidos e

significados e os movimentos alternativos de contestação (MELO, 2006). Melo (*idem*) ressalta que o desafio central parece ser criar condições para que todos tenham acesso aos meios de produção cultural, “criar mecanismos para garantir constantes fluxos e contrafluxos culturais, encarando todos como potenciais produtores culturais, não somente consumidores” (p.32).

Nessa mesma direção, ao discutir sobre a arte e se referir a ela como aquilo que as pessoas sentem como arte, o autor traz um apontamento importante para se pensar as relações com o mercado. Para Melo (2006, p.35), é preciso questionar que condições os indivíduos possuem para que possam desenvolver ou não seu potencial de sentir, que segundo o autor tem “uma relação clara entre as condições objetivas (o econômico, as possibilidades de acesso, a oportunidade de experiências, os estímulos no decorrer da vida, por exemplo) e as vivências subjetivas”. Essas condições levantadas pelo autor talvez tenham também grande parcela na responsabilidade de tornar as pessoas mais ou menos preparadas para se relacionar criticamente<sup>499</sup> com a avalanche de coisas criadas, divulgadas e vendidas pelo mercado.

Hall (2006) também problematiza essas relações ao discutir sobre a polêmica “cultura popular”. Para o autor, as indústrias culturais têm, de fato, o poder de invadir e retrabalhar as contradições internas dos sentimentos e percepções, encontrando ou abrindo um espaço de reconhecimento naqueles que a elas respondem. A dominação cultural, assim, tem efeitos concretos, mesmo que não sejam “todo-poderosos ou todo-abrangentes” (p.239).

O autor refuta a ideia de que as formas e relações nas quais depende a participação nesse tipo de cultura, comercialmente fornecida, são manipuláveis e aviltantes, assim como a ideia de que a indústria cultural age sobre as pessoas como se fossem telas em branco. Mas, ao mesmo tempo, ressalta que, desconsiderar que essas formas comerciais impostas não influenciam em nada equivale a dizer que a “cultura do povo” pode existir como um enclave isolado, fora do circuito de distribuição do poder cultural e das relações de força cultural. O autor acredita, assim, que há uma luta contínua que:

ocorre nas linhas complexas de resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas (HALL, 2006, p. 239).

---

<sup>499</sup> Segundo Melo (2006, p.41) “... tudo pode ser acessado desde que os indivíduos sejam educados para exercer conscientemente seu direito de escolha.” E ainda “se a indústria cultural tem sucesso é também porque, articuladamente, consegue despertar prazer ao mesmo tempo em que induz a uma representação de prazer interessante para seus intuitos” (2006, p.62). Nesse caso é preciso problematizar constantemente essa relação.

Um exemplo que julgo importante para elucidar parte da tensão que observei em Ouro Preto entre moradores e visitantes, é o resultado de uma tese defendida em 2009, pela autora Antônia Reis Duarte. Um de seus objetivos era fazer um diagnóstico do turismo no município. Interessante destacar que, mesmo nos finais da primeira década dos anos 2000, ao contrário do que tentou demonstrar o imaginário construído em torno do turismo, principalmente pela Prefeitura, o setor ainda é uma atividade economicamente secundária, não se comparando aos resultados econômicos da indústria (DUARTE, 2009, p.325). O tripé, formado por mineração, universidade e turismo, observado por Brandão (1988) e Rosa (1998), permanece, mas com a mineração ainda se constituindo como a principal atividade.

A autora aplicou um questionário a seiscentas pessoas, entre moradores e visitantes, de variadas idades e condições sociais. Alguns dados chamaram a atenção: 44% opinaram que o turismo contribui para aumentar a renda da população, 32,5% julgaram que contribui pouco, 9,8% disseram que contribui muito pouco e 13,7 não responderam. Por esses dados, mesmo que a maioria tenha sido a favor, percebe-se que, a atividade turística como justificativa econômica, está longe de ser unânime na cidade. Outros dados são, ainda, mais representativos.

Separando a pesquisa entre moradores e visitantes, a autora concluiu que para os visitantes o turismo degrada em menor proporção o meio ambiente do que os residentes. Da mesma forma, os visitantes consideram o aporte econômico do turismo mais importante do que os próprios moradores e são eles, os turistas, os que mais creem nos efeitos positivos do turismo na cultura local. Enquanto em boa parte da temporalidade da pesquisa que realizei, o poder público, as iniciativas privadas e, até mesmo, os jornais, tentaram disseminar a promoção do turismo por meio do carnaval como um consenso na cidade, as diversas críticas publicadas e o resultado da pesquisa de Duarte (2009) mostram os dissensos e as contradições do processo e, de certo modo, o poder de contestação das pessoas e negação do que, muitas vezes, é veiculado, como beneficiador para elas.

Em se tratando de tradições inventadas com alguma finalidade, Hobsbawm (1997, p.316) também questiona até que ponto são manipuláveis. Embora aceite a existência de intenções em usá-las e inventá-las para manipulação, o autor faz uma reflexão importante:

Os gostos e as modas, especialmente na área do divertimento popular, podem ser 'criados', apenas dentro de limites bastante estreitos, têm de ser descobertos antes de serem explorados e modelados. Cumpre ao historiador descobri-los num sentido retrospectivo – também tentando entender por que, em termos de sociedades em

transformação, dentro de situações históricas em transformação, sentiram-se tais necessidades.

Concordo também com Magnani (2003, p.33), quando aponta que “interpretar a transformação apenas como resultado da influência descaracterizadora do sistema capitalista sobre um costume constitui, indubitavelmente, uma simplificação do fenômeno”, assim como também seria a posição contrária, que “vê na sobrevivência [...] um símbolo de resistência ou recusa do sistema”.

Assim, vejo como importante a preservação das manifestações produzidas na cidade, por seus moradores, fruto de seus costumes e histórias. O diálogo com outras culturas, outras criações e possibilidades não é somente inevitável, mas, a meu ver, desejável. O que importa é manter o olhar atento aos interesses, verificar se as injunções de mercado, se os interesses midiáticos e publicitários estão sobrepondo as criações locais e, principalmente, o direito das pessoas da cidade em participar de sua própria festa. No caso de Ouro Preto, observei que não apenas sobrepõe, mas se utiliza as mesmas manifestações, que ora são esquecidas, como atrativos de uma festa que se pretende legítima. Uma moda retrô, “imbuída no prestígio da antiguidade e das origens” (LE GOFF, p.177, 2003). Nesse caso, acredito ser imprescindível questionar o papel que a tradição exerce, para desnaturalizar a pureza e ingenuidades com que as estratégias mercadológicas, muitas vezes, associam-se a esta ideia, para, na verdade, inventar novas tradições com o aval que esta noção oferece.

De fato, é preciso refletir, levando-se em consideração o contexto em que se insere o carnaval ouro-pretano, o grande negócio que gira em torno do lazer e do entretenimento na atualidade. Como observa Duarte (2009, p.5), a indústria do lazer constitui um setor econômico de forte dinamismo, uma “importante fonte de riqueza”. Marin (2009), ao problematizar a indústria do entretenimento, associa a diversão ao uso de aparatos de todos os gêneros ofertados pelo mercado. Segundo a autora, o entretenimento assumiu uma “importância crucial pela capacidade de incluir a todos, de diferentes idades e gêneros, diferentes estratos sociais, lugares e regiões do mundo [...]” (p.228). Essa constatação ajuda a pensar a oferta de várias atrações no carnaval ouro-pretano, com o intuito de atrair a todos os gostos, pautado pela promessa de valorização do eclético.

Canclini (2008, p.357) ajuda a compreender essa importância adquirida pelo lazer e o entretenimento na sociedade atual, ao fazer a seguinte constatação: “Os símbolos do prestígio que são menos encontrados na cultura clássica (livros, quadros, concertos) são

transferidos aos saberes tecnológicos [...], aos lugares de lazer que consagram a aliança das tecnologias avançadas com o entretenimento”.

Pensando nesse contexto, encerro essas reflexões com a sugestão de Magnani (2003): o lazer serve para pensar a sociedade. Pode se constituir em um olhar privilegiado para se refletir sobre os modos de organização social e as transformações de uma cultura. Nesse sentido, atribuo às manifestações festivas a mesma importância, acentuada, principalmente, por uma necessidade bastante urgente no meu entendimento, de desnaturalização da ingenuidade e da pureza ainda muito associadas a esses momentos. Esta visão, pautada por um imaginário de que os campos da diversão e do entretenimento não merecem a seriedade de estudos e questionamentos, perpetua e legítima, sutilmente, os mais diversos interesses, como os mercadológicos. Estes, muitas vezes, sem nenhum comprometimento com o lugar tornado destino turístico, a festa tornada produto e as pessoas tornadas clientes. E no caso de Ouro Preto, mais legitimados ainda, pela ideia de que tradição não se discute.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo compreender as principais transformações no carnaval da cidade de Ouro Preto no período compreendido entre os anos de 1980 a 2011, relacionadas à presença do mercado na festa e sua relação com a veiculação da ideia de tradição. Para isso, foram utilizados como fontes, os jornais Estado de Minas, o jornal O Liberal e as Agendas Culturais produzidas no município, além de outras reportagens encontradas em Ouro Preto.

No primeiro capítulo, que abrangeu os anos iniciais da década de 1980 (1980-1983), foi percebida uma festa mais relacionada às criações da população local, com grande presença de duas principais manifestações: as escolas de samba e o bloco Zé Pereira dos Lacaios. O jornal Estado de Minas, por meio da coluna Carnaval Etc. e tal e de outras reportagens presentes em outros espaços destinados à divulgação dos festejos, publicava, com frequência, notícias sobre blocos, escolas, bailes em clubes, bailes populares, entre outros, contando também com a presença de informações, sugestões e reclamações enviadas pelos leitores/participantes da festa. Mesmo reconhecendo os interesses deste canto de página, em que propagandas de empresas privadas e dos poderes públicos eram também veiculadas, assim como a própria visão idealizada e romântica do carnaval, foi preciso reconhecer a oportunidade de participação das pessoas na composição da coluna, o que de certa forma, demonstrou certo protagonismo das mesmas no carnaval da cidade.

Nesse momento, a festa ouro-pretana era pouco divulgada no jornal Estado de Minas em relação a outras cidades mineiras, como São João Del Rei e Juiz de Fora, veiculadas como principais destinos carnavalescos de Minas Gerais. Ouro Preto também não se destacava entre as cidades mais procuradas pelos foliões e não foi percebida nenhuma menção a investimentos privados. A ideia de tradição relacionava-se, sobretudo, às duas principais manifestações citadas, o Zé Pereira e as escolas de samba. Quase um sinônimo das mesmas e de outras criações locais, era mais associada ao tempo de criação e à permanência ao longo das gerações, intrínseca no próprio sentido de existência da festa (o sentido usual do termo).

Já no segundo capítulo, que procurou discutir um período compreendido entre meados da década de 1980 a meados da década seguinte (1984-1996), foi percebida a participação de empresas privadas como patrocinadores ou apoiadoras da festa, atreladas a formas de promoção do carnaval por meio de alguns eventos.

Nesse período, almejava-se que a cidade se tornasse um dos principais carnavais do estado, e de fato, começou a ganhar mais visibilidade nos jornais, sendo também noticiado como um dos destinos mais procurados pelos foliões. Outras manifestações surgiram ou começaram a ganhar mais destaque nesse período, como a janela elétrica e a janela erótica. Estas, iniciativas de comerciantes locais, ofereceram indícios de uma nova conformação da festa e do reconhecimento do seu potencial lucrativo. Houve, também, a difusão de uma cultura carnavalesca baiana, por meio do axé *music* tocado nas caixas de som, enquanto as escolas de samba perderam, notadamente, espaço e expressão. Os blocos criados pela população local e por moradores de repúblicas também passaram a ser bastante divulgados e evidenciados nas páginas do jornal, como maiores símbolos de um novo carnaval que começava a surgir.

Nesse momento, houve uma grande valorização do turismo como forma de desenvolvimento da cidade de Ouro Preto, inserida em um contexto nacional de promoção desse setor como forma de movimentação da economia.

O carnaval, considerado uma das principais festas ouro-pretanas, começou a ser veiculado como possibilidade de arrecadação de recursos para cidade, com maior destaque no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. A ideia de tradição passou a ser difundida com forte apelo a uma identificação do ouro-pretano às origens históricas da festa, como principal característica e qualidade do carnaval. Nesse momento, a festa começava a se organizar em meio ao mercado que se gestava em torno do entretenimento e do carnaval. O centenário bloco Zé Pereira dos Lacaios parecia iniciar o seu principal papel percebido durante a pesquisa: elo entre uma festa que se pretendia global e as características específicas que a diferenciava.

Por fim, no terceiro capítulo, que compreendeu o ano de 1997 ao ano de 2011, o carnaval ouro-pretano alcançou enorme projeção nos jornais. De coadjuvante, no início dos anos 1980, passou a ser considerado o melhor carnaval do estado nos anos 2000. No jornal Estado de Minas, o carnaval de Ouro Preto estava, praticamente, em todas as reportagens que tratavam a festa mineira e nacional. Os blocos continuaram sendo noticiados como principais manifestações e, nesse momento, das escolas de samba quase não se falava mais. O som mecânico nas ruas da cidade cedeu lugar para os *shows* realizados pela Prefeitura Municipal em sua política de descentralização, que culminou, em 2006, na criação do Espaço Folia. Junto a essas medidas, foram realizadas várias tentativas para “resgatar” a tradição carnavalesca da cidade, abolindo na região central, estilos musicais considerados deturpadores

da cultura ouro-pretana, como o axé e o *funk*. Paradoxalmente, estes eram os estilos mais tocados nos *shows* promovidos pela Prefeitura no Espaço Folia e outros lugares.

Com o sucesso do carnaval na forma de grandes *shows*, os blocos republicanos se consolidaram como a maior expressão da cultura carnavalesca da cidade, veiculados quase como sinônimo da própria festa. As concentrações, antes momento de encontro entre moradores das casas, pessoas da cidade e turistas, como observou Rosa (1998) no final da década de 1990, transformaram-se em grandes produções em locais fechados, com a cobrança de altos valores, traduzidos pela aquisição do abadá e pelos pacotes oferecidos pelas repúblicas.

A promoção da festa por meio do turismo continuou, porém, bastante enfraquecida. Um dos motivos foram os inúmeros questionamentos acerca dos benefícios do carnaval para a cidade, por meio da percepção de vários problemas estruturais, como o seu crescimento acelerado, e a própria constatação de que os principais benefícios não envolviam a população, mas, empresas externas. Questionou-se, assim, principalmente no jornal O Liberal, os gastos com a festa e a arrecadação, exigindo-se uma prestação de contas detalhada a cada edição. Em meio a tantas outras críticas apresentadas no decorrer do trabalho, percebeu-se que as grandes transformações sofridas pelo carnaval ouro-pretano aconteceram e, ainda, acontecem em meio a muitas tensões.

Moradores da cidade questionam os estudantes das repúblicas, que também são criticados por comerciantes locais e donos de pousadas e hotéis que, por sua vez, cobram soluções da Prefeitura. Esta, na aparente tentativa de conformar os moradores e promover a festa, propõe a valorização da cultura local e, para amenizar os conflitos com empresários locais, passa a cobrar alvará e impostos dos moradores de repúblicas, o que também se constituiu em possibilidade de arrecadação municipal. Ao mesmo tempo, este órgão pareceu ter reconhecido que a festa republicana seria, nos anos 2000, uma das maiores propagandas do carnaval de Ouro Preto.

Os conflitos foram, assim, mediados, sem pôr fim ao carnaval dos abadá. Justamente aquele do axé e do *funk* que foi, ao mesmo tempo, amplamente combatido no centro histórico, nas políticas de valorização da tradição. Esta ideia passou a ser veiculada como um dos produtos do carnaval da cidade. Um diferencial que precisava ser mantido e ressaltado em meio a tantas transformações e jogos de interesse; um atrativo turístico, que contrariava os próprios prognósticos da Prefeitura e de moradores da cidade que alertavam para os riscos da grande concentração de pessoas durante o carnaval.

E nesse processo, o próprio carnaval republicano, dos abadás e pacotes de atrações, tornou-se uma tradição, sendo assim veiculado pelos autores das reportagens dos jornais e, também, em entrevistas realizadas com funcionários da Prefeitura Municipal e da UFOP. Ao relacionarem a festa com a criação das Escolas de Farmácia e de Minas, no século XIX, contribuíram para justificar e legitimar o carnaval das repúblicas perante a população local e os turistas. Nesse sentido, mesmo os grandes *shows* produzidos em locais fechados, eram promovidos como parte da tradição de Ouro Preto que, assim como tudo na cidade, impunha a responsabilidade de ser respeitado e preservado.

Esse carnaval tornava-se mais legítimo, ainda, quando misturado ao bloco Zé Pereira dos Lacaio que, dentre as suas funções identitárias exercidas ao longo da história, afirmava-se, nesse momento, como o grande elo entre uma festa que precisava se modificar para ser rentável e um passado que conferia validade histórica. Um dos símbolos da universalidade da folia no Rio de Janeiro e em Ouro Preto, nos finais do século XIX, continuou exercendo essa função, mas deslocando-se dos interesses governamentais de construção de uma nação igualitária para uma construção identitária orientada pelo mercado. Uma distinção “para enfrentar os efeitos massificadores da divulgação” (CANCLINI, 2008, p.37).

Assim, o trabalho apontou uma rede de interesses nas transformações do carnaval ouro-pretano ao longo das três décadas estudadas, formada por população local, moradores das repúblicas, comércio e empresas locais, investidores externos e poder público. Percebeu-se, pelas fontes, uma forte intenção em tornar o carnaval de Ouro Preto um destaque entre os demais do estado, fato alcançado nos anos 2000, em que passou a ser veiculado como o principal de Minas Gerais. Nesse processo, a Prefeitura Municipal, gestora da festa “oficial”, promovia em outros espaços o que tentava excluir das ruas principais.

Dentre essas transformações observadas, foi notório que houve diminuição da possibilidade de participação da população local durante as três décadas, sobretudo, no período compreendido pelo terceiro capítulo. A gratuidade e a brincadeira nas ruas da cidade, marcas ainda muito presentes no final dos anos 1990, foram menos percebidas nos anos finais da pesquisa. A percepção de que o carnaval poderia ser uma grande fonte de lucros impulsionou estratégias de estruturação, organização e controle da festa, assim como o incentivo a investimentos externos. Assim, de fato, verificou-se a construção progressiva de um carnaval que tinha como base, características das grandes festas carnavalescas do país, mesmo reconhecendo-se os limites impostos pela própria cidade.

Nesse processo, a espontaneidade das criações populares, embora servisse como propaganda de uma festa original, não era produtiva. Os temas dos carnavais de 2008 e 2009: “Ouro Preto: patrimônio da alegria” dialogavam com a presença da festa no circuito “Skol Folia”. Em 2011, o convite para “brincar na rua de novo” e os bonecões do Zé Pereira na decoração do carnaval, dialogavam com a grande estrutura de palcos e com os *shows* da moda.

Longe de uma aceitação passiva, a opinião dos moradores da cidade pôde ser percebida em várias reportagens, seja na crítica de redatores do jornal local O Liberal, seja por meio de entrevistas e reclamações publicadas nos dois veículos pesquisados, principalmente a partir de meados dos anos 1990. Outra forma de perceber esse poder de reação foram as próprias medidas anunciadas pela Prefeitura, como a abertura do Espaço Folia em 2010 e a gratuidade dos *shows* promovidos por esse órgão, assim como as regulamentações das concentrações que aconteciam em áreas residenciais.

Contudo, o trabalho apontou a força do mercado na festa da cidade, dialogando com a projeção alcançada pelas formas de entretenimento pautadas na cultura festiva jovem, assinalando também, o quão seria ingênuo equiparar o poder de ação de todos os envolvidos na construção da festa. Reconhecer a força de intervenção da população no carnaval mostrou-se essencial, mas, sem dúvidas, apostar em um poder de ação igualitário, seria fantasioso e simplista.

Esta visão, a meu ver, contribui para mascarar e legitimar injustiças, discriminações e as mais diversas relações desiguais de poder. Da mesma forma, acontece com a utilização da ideia de tradição sem nenhuma problematização. Assim, seria como retirar o carnaval e os demais momentos de lazer de uma realidade em que existem sim, fortes interesses mercadológicos pautados por uma intenção global, com uma grande tendência a pouca ou nenhuma preocupação com as questões próprias de uma localidade. Como observa Melo (2003, p.23), ainda é necessário “questionar um mercado claramente seletivo, somente acessível em toda a sua plenitude aos privilegiados economicamente, e a ação da indústria cultural, cada vez mais forte, propagando uma visão de cultura linear, superficial e unidimensional”.

Concordo com Melo (2006, p.62) sobre a impossibilidade de pensarmos em “enquadramentos lineares, nem do ponto de vista da manutenção da ordem social, nem do ponto de vista da superação”. Para o autor, o lazer é uma experiência cultural, que não pode ser medida “apenas mecanicamente pela base econômica, nem tampouco, é livre e idealizada

[...]” (2003, p.55). Aponta a necessidade de identificarmos os movimentos e as dinâmicas “no âmbito da cultura, da resistência e da contra resistência” (*idem*).

Ao observar as dicotomias do processo, o movimento, as tensões e flexibilidades da jaula que limita e possibilita ações de diferentes sujeitos e instituições em tempos específicos, como apontou Ginzburg (2006) ao refletir sobre a cultura, o trabalho mostrou a necessidade de desnaturalizar as ações da indústria do entretenimento nos momentos festivos, assim como, a própria ideia de tradição. Como aponta Marin (2009, p.228), “o entretenimento não é uma categoria neutra”, assim como a tradição, com seu caráter construído e teatralizado (CANCLINI, 2008). A naturalização, segundo Marin (2009, p.221), pode afastar os processos racionais, favorecendo a percepção do entretenimento como “elemento natural e não como produto [...]”.

Assim, a ideia de tradição serviu, principalmente, a três funções: 1) justificativa para as transformações, especialmente no capítulo 2, em que esta ideia, relacionada a uma identidade “narrada” para a festa, foi utilizada para desenvolver o turismo na cidade e propor uma nova organização; 2) elo com o passado, já que diante das transformações que visavam promover o carnaval e torná-lo um atrativo turístico com signos globais, a recorrência à tradição conferia legitimidade histórica; 3) valor aos novos produtos criados, pois, o novo formato da festa precisava se diferenciar no mercado em que se inseriu, servindo a ideia de tradição como uma qualidade, um símbolo de *status*.

As duas últimas funções foram percebidas, principalmente, nos dois últimos capítulos, mas, torna-se importante destacar que as ideias se intercalaram em vários momentos, não deixando também de existir, em menor grau, nos anos iniciais da década de 1980.

Pode-se concluir que a ideia de tradição foi essencial para as mudanças percebidas no carnaval da cidade, justamente (e, paradoxalmente) pela imutabilidade conferida ao passado e por certo consenso de que tradição não se discute.

As diversas manifestações observadas, incluídas em um mesmo pacote tradicional, porém, cada vez mais desconectadas entre si, chamaram a atenção para a problematização da dinâmica da festa e para o questionamento dos interesses das mudanças. Como sugere Rosa (2007), torna-se importante perguntar se as inovações são fruto das necessidades do grupo ou comunidade local, ou se são estabelecidas, simplesmente, para satisfazer o mercado.

Como apontei no início deste trabalho, muitas são as possibilidades de compreensão e problematização dos inúmeros carnavais que compõem a cultura carnavalesca

ouro-pretana, e aqui, vislumbro apenas uma dessas possibilidades, com os seus limites. Refletindo sobre um contexto mais amplo, quem sabe, a pesquisa possa contribuir para pensar outras situações semelhantes em que tal fato ocorre, mesmo considerando as especificidades da cidade de Ouro Preto e qualquer outro lugar. Almejo, assim, suscitar questionamentos capazes de oferecer novos parâmetros que extrapolem os grandes carnavais do país, como Rio de Janeiro e Salvador. Acredito que o estudo histórico das relações entre mercado, poder público, participação popular e mídia, aqui, mais bem representada pelos próprios jornais, pode oferecer possibilidades importantes para pensar o carnaval e, também, o lazer e o entretenimento no contexto atual.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amanda. Blocos já agitam cidades históricas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 2010. Caderno Gerais, p.21.

ALMEIDA, Priscilla. Lança perfume, nº 287. *O Liberal*, Ouro Preto, 24 fev. a 02 mar. 1997.

ALVES, Izabela Ferreira. A festa é para todos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 fev. 2006. Caderno Gerais, p.23.

ALVES, Rafael. Uma farra histórica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 fev. 2004, Especial, p.24.

\_\_\_\_\_. Axé invade Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 2007. Carnaval 2007, p.7.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Carnaval, uma causa perdida. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev.1981. 15.332, Caderno '2', p.1.

ANDRADE, Cristiana. Ironia e resgate da cultura. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 fev. 2006. p. 19.

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

ARAÚJO, Patrícia. *Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; FAPEMIG; FCC, 2008.

ARCE, Tacyana. Ano que vem tem mais. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev.1999. Caderno Gerais/Carnaval, p.23.

\_\_\_\_\_. Muita farra. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 fev. 1999. Caderno Gerais, p.1.

\_\_\_\_\_. Blocos revelam a cara do carnaval das Gerais. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev.1999. Caderno Gerais/Carnaval, p.23.

\_\_\_\_\_. Ilusão erótica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 fev. 1999. Caderno Gerais/ Carnaval, p.22.

\_\_\_\_\_. Energias renovadas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 1999. Caderno Gerais/Carnaval, p. 24.

\_\_\_\_\_. Decretada a alegria em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 mar. 2000. Caderno Gerais/Carnaval, p.27.

\_\_\_\_\_. Rock dá samba em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 09 fev. 2002. Caderno Gerais, p.15.

\_\_\_\_\_. República da alegria. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 2002. Carnaval 2002, p. 25.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ALUMINAS. Disponível em:  
<<http://www.clubealuminas.com.br>>. Acesso em: 04 mai.2011.

AYER, Flávia. Minas põe o bloco na rua. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 fev. 2011. Caderno Gerais, p.26.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da História*. Especialidades e abordagens. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BATISTA, Nylton. Opinião, 28. *O Liberal*, Ouro Preto, 2 quin. fev. 1990, p.3.

BATISTA, Nylton. Opinião, 48. *O Liberal*, Ouro Preto, 1 quin. jan. 1991, p.2.

\_\_\_\_\_. Ponto de vista do Batista. *O Liberal*, Ouro Preto, 02 mar.a 11 mar. 2009, p.2.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2007.

BEBIANO, Rui. *Temas e problemas da História do Presente*. Disponível em:  
<<http://www1.ci.uc.pt/pessoal/rbebiano/docs/estudos/hrecente.pdf>> Acesso em: 06 nov.2010.

BERNSTEIN, Serge; MILZA, Pierre. Conclusão. In: CHAVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. *Questões para a História do Presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p.127-130. BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. FGV: Rio de Janeiro, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.

BRASIL, MINISTÉRIO DO TURISMO. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

BURKE, Peter. O carnaval de Veneza. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.) *Carnavais e outras frestas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Unicamp, Cecult, 2002. p.27-36.

\_\_\_\_\_. *O que é história cultural?* 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1996.

CAETANO, Marcelo. Desencanto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1981. 15.336, Caderno Fim de semana, p.1.

CAIXÃO, bloco do. Disponível em: [www.blocodocaixao.com.br](http://www.blocodocaixao.com.br). Acesso em: 05 de maio de 2011.

CAMILO, Elisabeth Maria de Souza. Crítica ao carnaval 300 anos. *O Liberal*, Ouro Preto, 01 de mar. a 08 mar. 1998. 331.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 6 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CANNADINE, David. Contexto, execução e significado do ritual: a Monarquia Britânica e a 'Invenção da tradição', 1820 a 1977. In: HOBSBAMN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *A escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. 2 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

CASTRO, Cynthia. Turistas 'invadem' Ouro Preto. *O Tempo*, Belo Horizonte, 03 mar. 2003. Caderno Minas, p.5

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Funarte/Editora UFRJ, 1994.

CHAUVEAU; Agnés; TÉTARD, Philippe. Questões para a história do presente. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999;

CHOUCAIR, Geórgea. Cidades mineiras na rota do turismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 set. 2007. Caderno Economia, p.12.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras frestas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Unicamp, Cecult, 2002.

CRISTIE, Ellen. Ouro Preto quer 100 mil na folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev.2000. Caderno Carnaval/Gerais, p.42.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; GOMES, Nilma Lino. *A juventude no Brasil*. In: Observatório da juventude: Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2009.

DIÁRIOS ASSOCIADOS, Estado de Minas. Disponível em: <[www.diariosassociados.com.br](http://www.diariosassociados.com.br)>. Acesso em: 01 dez.2011.

DUARTE, Antônia Reis. *Desenvolvimento do turismo cultural da cidade histórica de Ouro Preto (Minas Gerais – Brasil), Patrimônio da Humanidade*. 2010. Tese (Doutorado em Geografia). Universidad de Las Palmas de Gran Canaria . Las Palmas de Gran Canaria.

DURÃES, Alfredo. Ladeira acima, ladeira abaixo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jan. 2009. Caderno Turismo, p.8.

\_\_\_\_\_. A ladeira vai tremer. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 fev. de 2010. Caderno Turismo, p.8.

EVANS, Luciane. Lucro fácil nas moradias. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 Nov. 2009. Caderno Gerais, p.20.

FARIA, Raquel. O delírio das massas continua. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, nº 16.154, 4 mar. de 1984. Caderno Fim de semana, p.6.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FELIPE, Carlos. Festa com perfume de antigamente. *Estado de Minas*, 29 jan. 1998. Caderno Turismo, p.4.

\_\_\_\_\_. Minas também tem, uai. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 fev. 2001. Caderno Turismo, p.4.

FERRAZ, Paulo. Circo, nº 15.021. *Estado de Minas*, 24 fev.1980. Caderno Fim de semana, p.1.

FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

\_\_\_\_\_. *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FONTANA, Mário. Judas. *Estado de Minas*, 09 mar.2003. Caderno Cultura, p.3.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAVEAU, Agnès; TETÁRD, Philippe (Orgs.). *Questões para a História do Presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 103-117.

GINBURG, Carlo. PROVAS E POSSIBILIDADES À MARGEM DE 'IL RITMO DE MARTÍN GUERRE, DE NATALIE ZENON DAVIS. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *A micro história e outros ensaios*, Lisboa: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das letras, 1991. p. 143-179.

\_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GUIMARÃES, Elian. Onde a agitação faz história. *Diário da Tarde*, 24 fev.2004. Caderno Cidades, p.2.

HALL, Michael, TUCKER, Hazel. Tourism and postcolonialism: an introduction. In: \_\_\_\_\_ (orgs). *Tourism and postcolonialism: contested discourses, identities and representations*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HELENA, Mirtes. Tradição e ousadia agitam Ouro Preto. *Estado de Minas*, 19 de fev. 1996.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. A produção em massa de tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 271-316

\_\_\_\_\_. O sentido do passado. In: HOBSBAWM, Eric. J. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.p. 22-35.

JAMESON, Fredric. *Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios*. 4.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. *Juventude e sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Cidadania, 2007, p.89-114.

KIEFER, Sandra. Ouro Preto já faturou R\$ 1 milhão com a folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 1996. Caderno Gerais, p.15.

LE GOFF, Jacques. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAVEAU, Agnés; TÉTARD, Philippe (Orgs.). *Questões para a História do Presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

\_\_\_\_\_. *História e memória*. 5 Ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LIMA, Darli. 70.000 turistas! Ouro Preto é um sucesso! *O Liberal*, Ouro Preto, 12 mar. a 18 mar. 200. 465, p.8.

\_\_\_\_\_. Carnaval em Ouro Preto, 90 mil visitantes? Que benefícios trouxeram? *O Liberal*, Ouro Preto, 18 fev. a 24 fev. 2002. 506, p.9

LOBATO, Paulo Henrique; TUPINAMBÁS, Glória. Ladeiras agitadas, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev. 2008. Especial, p.27.

\_\_\_\_\_. Folia mineira com preços cariocas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 mar. 2011. Caderno Economia, p.13.

LOPES, Tânia Fedotovas. *Ouro Preto: o drama social do direito ao patrimônio*. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UNICAMP, Campinas.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p.111-153.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN; Herbert S. O Brasil desde 1980. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

MACHADO, Ana Flávia Martins. *Carnaval de Salvador: identidade cultural de mercado*. Comunicação oral, Colóquio Festas e socialidades. Fafich, UFMG, 2011.

MACHADO, Eduardo de Andrade. *História do tempo presente: um desafio possível*. Disponível em: <[http://www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=5310&Itemid=147](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=5310&Itemid=147)>. Acesso em: 05 mai 2010.

MACHADO, Otávio Luiz. O carnaval de Ouro Preto. *Estado de Minas*, 07 fev. 2002. Opinião, p.7.

MACIEL, Sebastião Gonçalves. Cartas à redação. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 mar. 2011. Opinião, p.8.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3 ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Apresentação. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e sociedade: Múltiplas relações*. Campinas: Alínea, 2008.

MARIN, Elizara Carolina. Entretenimento: uma mercadoria com valor em alta. *Movimento*. UFRGS: Porto Alegre, v.15, n. °2, abril/junho de 2009.

MARTINS, João Luiz. Nota da reitoria sobre a participação das repúblicas estudantis no carnaval de Ouro Preto. *O Liberal*, Ouro Preto, 12 fev. a 18 fev. 2007, p.2.

MATOS, Érlon André. Carta aos tempos: E viva o bloco. *O Liberal*, Ouro Preto, 19 fev. a 25 fev. 2007, p.2.

MAURÍCIO, José. As ilusões fantasiadas, nº 15.818. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev. 1983. Caderno '2', p.1.

MEDEIROS, Neto. Geléia Real. *O Liberal*, Ouro Preto, 11 fev. a 17 fev. 2008, p.8.

\_\_\_\_\_. Geléia Real. *O Liberal*, Ouro Preto, 28 jan. a 03 de fev. 2008, p.11.

\_\_\_\_\_. Geléia Real. *O Liberal*, Ouro Preto, 02 mar.a 08 mar. 2009, p.9.

MELO, Bianca. Funk e rock banidos da festa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev. 2009. Caderno Gerais, p.20.

MELO, Victor Andrade de. *Lazer e minorias sociais*. São Paulo: IBRASA, 2003.

\_\_\_\_\_. *A animação cultural: conceitos e propostas*. Campinas: Papirus, 2006.

\_\_\_\_\_. *Esporte e lazer: conceitos: uma introdução histórica*. Rio de janeiro: Apicuri, 2009.

MENDES, Karla. Cidades do interior lucram com a festa. *Estado de Minas*, 19 fev.2004. Caderno Gerais, p.23.

MINISTÉRIO DA CULTURA; INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HUMANO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Ouro Preto. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12622&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>>. Acesso em: 27 set.2009.

MORAES, Eneida de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

NETO, Nicolau. Sociedade do interior: Saudações carnavalescas, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1981. 15.320, Primeiro caderno, p. 16.

\_\_\_\_\_. Sociedade do interior: Pirômetro da folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar.1981. 15.336, Primeiro caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. Sociedade do interior. Estado de Minas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 mar.1981. 15.340, Primeiro caderno, 1981.

\_\_\_\_\_. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 fev. 1983. 15.821, Primeiro caderno, p.26.

\_\_\_\_\_. Sociedade do interior: Carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1983. 15.826, Primeiro caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. Sociedade do interior: Ouro Preto, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 fev. 1984. 16.141, Primeiro caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 05 fev. 1985.16.439, Primeiro caderno, p. 18.

\_\_\_\_\_. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 fev. 1987. 16.987, p.28.

\_\_\_\_\_. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1987.16.989, Primeiro caderno, p.22.

\_\_\_\_\_. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 1988. 17.288, p.20.

NORONHA, Paulo Felipe. Teria o tempo corroído também o carnaval? *O Liberal*, Ouro Preto, 16 fev.a 22 fev. 2009, p.2.

OSWALDO, Ângelo. Carnaval em Ouro Preto, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 fev. 1981.15.009, Caderno Turismo, p.1.

PAIVA, Paulo. Análise da notícia. *Estado de Minas*, 01 set. 2007. Caderno Economia, p.12.

PILAGALLO, Oscar. *A história do Brasil no século 20 (1980-2000)*. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

PORTELA, Marcelo. Blocos são atração em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar.2003. Caderno Gerais, p.18.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. Disponível em: <[www.ouopreto.mg.gov.br](http://www.ouopreto.mg.gov.br)>. Acesso em: 20 nov.2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO; Penna, Júlio Cezar. *Agendas Culturais*, 1992; 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RANGER, Terence. A invenção da tradição na África Colonial. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 219-232.

REIS, Sérgio Rodrigo. Arrastão de alegria. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 fev. 2007, p.9.

RIOUX, Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnés; TÉTART; Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 119-126.

ROCHA, Murilo. Ouro Preto vai tirar carnaval do centro. *O Tempo*, Belo Horizonte, 11 fev. 2002, p.3.

ROSA, Maria Cristina. As festas e o lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007.

\_\_\_\_\_. *Inter-relações de turistas e moradores: um olhar através das manifestações corporais no carnaval de Ouro Preto*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, São Paulo, 1998.

SANTOS, Deolinda Alice dos. *Festejos tradicionais mineiros: Registros da fé e do folclore*. Ouro preto: Empresa das Artes, 2011.

SEBASTIÃO, Walter. Herói da ópera popular. *Estado de Minas*, 06 fev. 2003. Caderno EM Cultura, p.1.

SELEME, Ana Carolina. Samba para todo mundo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 fev. 2004. Especial, p.26.

SILVA, Henrique Barbosa da. *Ouro Prêto*. Belo Horizonte, 1969.

SIMONE, Magali. Carnaval em Ouro Preto resgata tradição. *O Tempo*, Belo Horizonte, 02 mar. 2003, p.10.

SIQUEIRA, Márcia. Irreverência das peruas aquece e anima Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 fev. 1997. Caderno Gerais, p.24.

SIRINELLI, Jean-François. Ideologia, tempo e história. In: CHAVEAU, Agnès; TETÁRD, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 73-92.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. *Lazer, mercado e corpo: um estudo sobre a juventude no carnaval de Ouro Preto*. Monografia (Especialização em Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2009.

TADEU, Ubirajara. O trem da história dos turistas em Ouro Preto. *O Liberal*, Ouro Preto, 25 jan. 1993 a 02 de fev. 1993. 3, p. 2.

TAVEIRA E OLIVEIRA. As cidades históricas em ritmo de carnaval. N 15.548. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 de jan. 1982. Caderno Turismo, p.3.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TORRES, GUI. Agenda. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 fev. 2009. Caderno RaggaDrops, p.6.

TREVOR-ROPER, Hugh. A invenção das tradições: a tradição das Terras Altas da Escócia. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

TUPINAMBÁS, Glória. Balanço da cobra festeja 30 anos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 fev. 2006. Especial, p.24.

\_\_\_\_\_. Até o sol raiar. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 fev. 2007. Carnaval 2007, p.6.

\_\_\_\_\_. Momo reina nas cidades de Minas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev, 2007. Carnaval 2007, p.2.

\_\_\_\_\_. Ladeiras deixam saudade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 fev. 2008. Especial, p.31.

\_\_\_\_\_. Farra nas ladeiras. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 fev.2009. Carnaval 2009, p.30.

\_\_\_\_\_. Bandalheira nas ladeiras. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 mar. 2011. Especial, p.6.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Disponível em: <<http://www.ufop.br>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

VAZ, Alexandre. Lazer, indústria cultural, biopolítica. In: ISAYAMA, Hélder; LINHALES, Meily Assbú. *Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer* (Orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. P.19-40.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio (org.). *Cinco estudos em história da educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007. p. 11-40.

WERKEMA, Mauro. Carta aos tempos: Ouro Preto, risco e oportunidade. *O Liberal*, Ouro Preto, 26 fev. a 04 mar. 2007, p.2.

WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Lazer, cultura, indústria cultural e consumo. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; STOPPA, Edmur Antônio; WERNECK, Christianne Luce Gomes. In: *Lazer e mercado*. Campinas: Papirus, 2001. (Fazer/Lazer). p.45-70.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Lazer, história e pesquisa: reflexos sobre os significados de recreação e de lazer no Brasil e emergência de estudos sobre o assunto (1926-1964). In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Orgs.) *IV Seminário "O Lazer em Debate"*. Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2003, p. 65-76.

WERNECK, Gustavo. Grupo invade festa de Momo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 fev. 2005, Carnaval 2005, p.21.

WERNECK, Gustavo; AUGUSTO, Leonardo. Alegria até debaixo d'água, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 fev. 2005, Carnaval 2005.